



BELLES & MOBSTERS BOOK FIVE

RAPHAEL



EVA WINNERS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

**PROIBIDA A VENDA DESTE LIVRO. É PARA USO GRATUITO. DE FÃS
PARA FÃS**

RAPHAEL

BELLES & MOBSTERS

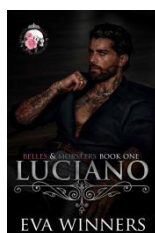
Livro Cinco

DARK MAFIA ROMANCE

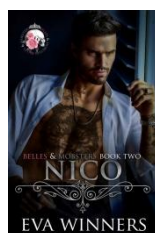




The Den of Sin
Prequel (Distribuído)



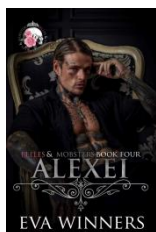
Luciano – *Livro Um*
(Distribuído)



Nico – *Livro Dois*
(Distribuído)



Cassio – *Livro Três*
(Distribuído)



Alexei – *Livro Quatro*
(Distribuído)



Raphael – *Livro*
Cinco (Lançamento)



Sasha – *Livro Seis*
(Brevemente)



Luca – *Livro Sete*
(Brevemente)



Tally

Metis

Jewell Designs

Novembro 2023

Playlist

‘Nightmare’ – Halsey
‘Sweet Little Lies’ – bülöw
‘Devil In Me’ – Halsey
‘I Feel In Love With The Devil’ – Avril Lavigne
‘Death of Me’ – PVRIS
‘Die For Me (feat. Future & Halsey)’ – Post Malone,
Halsey, Future
‘Janie’s Got A Gun’ – Aerosmith
‘Havana (feat. Young Thug)’ – Camila Cabello, Young
Thug
‘Señorita’ – Shawn Mendes, Camila Cabello
‘South of the Border (feat. Camila Cabello e Cardi B)’ –
Ed Sheeran, Camila Cabello, Cardi B
‘Memories’ – Maroon 5
‘Liar’ – Camila Cabello
‘I Hate You, I Love You (feat Olivia O’Brien)’ – Gnash,
Olivia O’Brien
‘Like I’m Gonna Lose You’ – Jasmine Thompson
‘Thousand Eyes’ – Of Monsters and Men
‘El Diablo’ – Elena Tsagrinou

Sinopse

Raphael Santos.

Um criminoso.

O diabo.

O homem era definitivamente suave e carismático. A maneira como ele olhou para mim me fez estremecer, mas seus olhos sacudiram algo dentro de mim.

Eu o odiava com cada fibra do meu ser. A família dele destruiu a minha. Seu pai iniciou uma reação em cadeia que nunca poderia ser desfeita. A família Santos governava o submundo da Flórida. Eles eram poderosos, cruéis e implacáveis.

O meu já governou D.C.

Ele pode ter segredos, mas eu tenho meus próprios segredos. Um garoto inocente que protegerei até meu último suspiro.

Meu filho.

Raphael elabora um plano para conseguir o que nós dois queremos e, sem outras opções, eu concordo com relutância. Mesmo que eu saiba que haverá consequências, independentemente do resultado.

Mas em sua escuridão, um fogo arde mais intensamente.

A paixão fica mais quente.

O amor fica mais forte.

Agora, não temos escolha a não ser terminar isso.

Juntos.

Aviso da Autora

Este é um romance para maiores de 18 e contém situações duvidosas e gatilhos que alguns leitores podem considerar ofensivos. Ele destina-se APENAS a adultos. Por favor, guarde os seus ficheiros onde não possam ser acedidos por leitores menores de idade.

Dedicatória

À minha família, aos meus amigos e aos meus leitores:

Obrigada.

Prólogo

RAPHAEL

Meu motorista abriu a porta e eu saí do carro. No momento em que meus pés tocaram a calçada, inalei o ar úmido de Washington, D.C., enquanto caminhava em direção ao Tribunal de Apelações do Circuito de D.C., na Madison Place.

Subindo as escadas, entrei no grande prédio de tijolos pela segurança e a vi imediatamente.

Sailor McHale.

Eu a segui nas últimas duas semanas. No momento em que Alexei me deu a dica sobre Anya e Sailor McHale.

Ela já estava lá, colocando seu telefone no caixote. Coloquei o meu no caixote atrás do dela. Eu não era exatamente um homem pequeno e, normalmente, as mulheres sempre olhavam em minha direção. No entanto, essa não se preocupou em olhar em minha direção. Ou ela não tinha consciência de mim ou simplesmente tinha o hábito de manter a cabeça baixa e ficar fora de vista.

— Srta. McHale, — o guarda a cumprimentou.

— Sr. Roberts, que prazer em vê-lo. — Seus lábios se curvaram em um sorriso, reservado, mas ainda assim agradável. — Sua esposa já teve o bebê?

— Qualquer dia desses, — ele riu.

Inclinando a cabeça em sinal de despedida, ela pegou o celular e continuou a andar. Ela estava nesse prédio com frequência. Mais do que em casa. Sailor McHale era a principal repórter de toda a confusão com o Cartel Tijuana, que por acaso era rival do meu. Os idiotas estavam tentando expandir seu território e roubar D.C. e Maryland.

Nico Morrelli pôs um fim a essa merda imediatamente. Embora ele não esperasse a ajuda da mulher pequena mais improvável com longos cabelos loiros.

Acontece que a Srta. McHale estava seguindo um membro do alto escalão do Cartel Tijuana e testemunhou os assassinatos e o tráfico de mulheres no Porto de Washington. Foram suas provas que colocaram Santiago Tijuana, o maldito idiota, e outros atrás das grades. Era apenas uma questão de tempo até que os membros do Cartel Tijuana fizessem acordos com os federais, denunciando seu principal chefe. Essa mulher se tornou a principal testemunha do promotor, e ficou claro que ela não estava feliz com isso.

Mas esse era o segundo motivo pelo qual eu estava aqui. Havia sussurros de que o cartel estaria fazendo um movimento para se livrar da Srta. McHale - sem testemunha, sem caso. Esse era um dos fatos mais antigos conhecidos no mundo. Eu sabia que seria apenas uma questão de tempo até que eles tomassem uma atitude para eliminá-la, mas eu não podia permitir que isso acontecesse.

Policiais e agentes vigiavam o prédio onde ela morava, a escola de seu filho e seu local de trabalho. Além disso, havia os agentes disfarçados que estavam sempre atrás dela.

Para minha consternação.

Tornava mais difícil esbarrar com ela. Falar com ela.

Não podia repetir o erro que havia cometido com Bella. Nada de suposições dessa vez. Havia muita coisa em jogo. No entanto, eu tinha homens observando-a também. Discretamente. Se o filho dela fosse de fato meu meio-irmão, eu seria responsável por ele.

Peguei meu próprio telefone e deixei algum espaço antes de segui-la. Ela atravessou o grande saguão. Um dos agentes murmurou algo para ela e ela virou a cabeça para ele. O que quer que ele tenha lhe dito, pareceu agita-la visivelmente e seu passo vacilou.

— Você está brincando comigo, porra? — ela sussurrou baixinho.

Agi como se toda a minha atenção estivesse voltada para o telefone, enquanto eu escutava.

— Não, pagaram-lhe a fiança.

— Seus idiotas de merda, — ela murmurou. — O que aconteceu ao não pagamento de fiança?

Eles baixaram ainda mais a voz, mas eu não podia me arriscar a chegar mais perto e ser pego. Não que ouvi-los fosse importante. Eu já sabia do que se tratava a conversa. Como todos nós no submundo, os Tijuanas tinham pessoas poderosas em seus bolsos. Não teria sido preciso

muito para passar dinheiro para as pessoas certas e fazer com que a sentença de ‘sem fiança’ fosse alterada para ‘liberado sob fiança". A única coisa surpreendente em tudo isso foi o fato de ter demorado tanto tempo. Então, talvez eles não tivessem tantas pessoas poderosas para lubrificar a roda para eles em Washington como eu pensava. Ou talvez eles tivessem o mesmo número de pessoas trabalhando em diferentes ângulos.

— Dê-me um minuto, — murmurou ela, claramente ainda agitada. Os dois agentes se afastaram dela, mas mantiveram seus olhos nela.

Comecei a andar pelo corredor grande e comprido em direção à sala de audiências onde a audiência estava marcada para acontecer.

Assim que eu estava passando por ela, ela balançou e eu rapidamente peguei seu cotovelo. Uma abundância de cabelos loiros lisos, longos e sedosos, da cor da neve recém-caída, roçou em minha manga.

— Malditos saltos altos, — murmurou ela, agarrando minha manga.

Seu corpo macio se inclinou para o meu e a atração foi instantânea. Exatamente como todos aqueles anos atrás. Pelo menos da minha parte. Levei apenas dois segundos para notar a curva generosa de seus seios. A pele de porcelana. Maçãs do rosto suaves. Lábios rosados me chamando. E um olhar sexy e determinado em seu rosto.

Sim, ela era linda. Até um cego poderia ver isso. Mas não se tratava disso. Era a forma como seu corpo se encaixava no meu. Uma camada de sardas em seu rosto que eu queria devorar. O doce aroma de primula. Tudo nela puxava um fio que eu considerava morto.

— Não gosta de saltos altos? — perguntei.

— Porra, não.

Dei uma risadinha suave. Nunca esperei que um membro da família McHale tivesse uma boca tão suja. Sailor McHale vinha de uma das famílias mais antigas dos Estados Unidos, com uma longa história de destaque na política americana.

Ao se endireitar, ela olhou para mim e nossos olhos se encontraram. Seus olhos azuis se fixaram em mim e, por um momento, eu me afoguei neles. Eles me lembraram as águas ao longo da costa de Miami... um belo e claro azul nas bordas que se tornava mais escuro à medida que se aproximava da pupila.

Ela era de tirar o fôlego.

Embora eu não achasse que a Srta. McHale sentisse a mesma atração, pois seus olhos se arregalaram de horror. Isso me lembrou do terror em seu rosto quando peguei um dos meus homens tocando nela. Não é preciso dizer que ele não anda mais por esta Terra.

Ela rapidamente corrigiu sua expressão.

— Obrigada, — murmurou ela, desviando o olhar de mim.

— Está tudo bem, Srta. McHale? — Se esses malditos agentes levaram tanto tempo para chegar aqui, eram incompetentes. Ela já poderia estar morta.

— Sim, — ela respondeu antes mesmo de eu reconhecer os dois idiotas incompetentes.

Sailor deu um passo para longe de mim e, para minha surpresa, voltou na direção oposta. Em direção à saída do prédio. Observei enquanto ela se apressava pelo corredor e dei um passo para segui-la quando uma enorme explosão atravessou o prédio. Vidros se estilhaçaram por toda parte e detritos voaram pelo ar. Observei Sailor cair de joelhos. Tive tempo suficiente para correr até ela e cobrir seu corpo com o meu antes que outra explosão sacudisse o prédio.

Esse ataque foi por causa dessa mulher. Por causa do que ela tinha visto. Eu precisava tirá-la daqui. Para fora desta cidade.

Ela e meu irmão mais novo.

— O que está acontecendo? — gritou ela acima das sirenes e dos alarmes que soavam no tribunal, com o medo claro em sua voz. Seu corpo tentou se mover embaixo de mim, enquanto ela empurrava pedaços de escombros. — Tenho que ir até meu filho. — O medo ficou em segundo plano diante da urgência em sua voz.

— Eu posso proteger você e Gabriel, — gritei, tentando mantê-la segura embaixo de mim. Eu não tinha certeza do que esperar... outra explosão, um tiroteio, o inferno se soltando. O que quer que estivesse por vir, eu não queria que ela se machucasse... Eu precisava protegê-la.

Transferindo meu peso para um dos lados, enfiei a mão no bolso e puxei meu celular. Estava na hora de me mexer.

O Cartel Tijuana veio atrás deles.

Capítulo 1

RAPHAEL

Oito anos atrás

A pista de dança estava lotada, enquanto os apostadores lotavam os andares superiores, prontos para perder seu dinheiro. Era a noite de inauguração do meu mais novo clube.

La Reina.

E, até ao momento, ele havia superado em dez vezes as aberturas de qualquer um dos meus outros clubes. Infelizmente, meu dia foi arruinado pelo *pinche cabrón*¹ que estava à minha frente. Meu gerente de cassino de merda que achou que era uma boa ideia roubar um carregamento de mim.

Nunca roube de nenhum Santos.

Todo o estado da Flórida sabia disso. Nossa reputação falava muito. Minha própria reputação falava por mim. O submundo da Flórida se curvava diante de mim. Eu era dono de toda a distribuição de cocaína e de mais de noventa por cento dos cassinos. *Jogos de azar*. O único negócio em que eu nunca tocava era o tráfico de pessoas. Ao contrário do meu pai.

¹ Filho da puta.

— Diablo... — Ele engoliu com força, seu pomo de adão balançando na garganta. — Foi um erro.

Idiota de merda. Havia um motivo para todos me chamarem de Diablo.

— Pode ter certeza, — eu disse a ele calmamente. — E eu não dou segundas chances. Engana-me uma vez e pronto.

Uma gota de suor escorreu por sua testa. Pedro Morreno. Ele costumava ser confiável. Agora andava por aí com pó branco no nariz.

— Nunca mais farei isso de novo, — ele implorou.

— Certo novamente, — ofereci calmamente. — Porque você não terá mais a chance de me foder.

Ele conhecia as regras. Conhecia minha reputação. Ele enfiou a mão no meu bolso e se serviu do meu dinheiro. Se ele tivesse vindo até mim e pedido um empréstimo, isso seria uma coisa. Mas roubar de mim jamais seria tolerado.

— Por favor, Señor Santos, — ele implorou, com os joelhos balançando freneticamente. — Eu pagarei tudo de volta.

Eu odiava ser chamado de Señor Santos. Esse era o meu pai.

Puxei minha arma, apertei o silenciador e atirei nele.

Era a única misericórdia que ele teria.

— Limpem essa bagunça, — ordenei aos meus homens e saí do espaço fechado.

Porra, nada arruinava meu humor mais rápido do que esse tipo de coisa.

Pegando meu telefone, subi as escadas até meu escritório. Foi então que ouvi uma risada gutural. Minha cabeça se virou em sua direção e meus passos vacilaram. A primeira coisa que vi foi o longo cabelo loiro prateado que brilhava sob as luzes da pista de dança. Ele refletia a mudança de cores das luzes - vermelho, azul, verde, laranja.

Jesus, essa cor de cabelo! Mesmo daqui, eu pude ver que era a cor mais incomum. Como uma neve recém-caída, mas com um toque de calor. Fiquei com vontade de envolver minhas mãos naqueles longos fios sedosos e ver se eram tão macios quanto pareciam.

Eu apostaria minha vida que sim.

E o corpo dela... digno de ser colocado no centro das atenções. E a garota sabia disso. Ela usava um espartilho preto com um vestido longo e colorido. Azul com grandes flores cor-de-rosa. Algo que eu já tinha visto as mulheres usarem na Colômbia - chamativo, colorido e diferente.

E esse cabelo! Madre de Dios. Eu poderia enrolá-lo em meu punho. Duas vezes. Eu não gostava muito de loiras, mas o cabelo dela era diferente de todos os que eu já tinha visto. Tão claro que quase parecia prata. Como uma fada. Ela só precisava das malditas asas e você pensaria que ela voaria pelo ar do meu novo clube.

Outra risada soou. Não havia como não notar a garota. E sim, ela devia ser uma garota jovem, talvez dezoito anos.

Eu a observava sorrir para as amigas, sem perceber que toda a atenção masculina estava voltada para ela. Bem, para ela e suas amigas, mas, porra, ela era de tirar o fôlego.

Ela não estava sozinha, rindo com outras duas amigas. As três ficaram ao redor do bar, dando uma olhada na pista de dança que estava ficando lotada aos poucos. Eram apenas sete horas da noite, portanto, ainda era muito cedo para a atmosfera de uma boate completa.

— Oh, vamos lá, — exclamou ela. — É nossa primeira vez fora de casa. Sem pais. Sem irmãos. Estamos aqui para festejaaaaar.

Meus lábios se curvaram em um sorriso. Fazia tempo que eu não ouvia tanto entusiasmo.

As três se dirigiram juntas para o centro da pista de dança, todos se separando para elas e olhando-as com fome nos olhos.

Não que eu possa culpá-los. Todas as três eram lindas. Mas foi algo na loira que me cativou. Eu não conseguia tirar os olhos do seu rosto. Ela era jovem, e eu apostaria que não tinha idade suficiente para estar em meu clube. Era a partir dos vinte e um anos. Não havia como ela ter vinte e um anos. Ela mal parecia ter dezoito anos.

Sua amiga sussurrou algo em seu ouvido. O que quer que ela tenha dito, a loira prateada jogou a cabeça para trás e riu. Eu nunca tinha ouvido uma risada melodiosa como a dela. Do tipo que dava vontade de se aquecer em sua felicidade.

Eu só queria poder ver seus olhos. Será que eles brilhavam como diamantes, refletindo sua felicidade?

Aproximei-me mais, observando cada centímetro de seu corpo curvilíneo que acentuava sua bunda perfeita. Ela balançava os quadris no ritmo, girando e se contorcendo, e os homens a rodeavam.

Uma das garotas apontou para o bar, e as duas acenaram com a cabeça, enquanto a loira prateada apenas balançou a dela. As duas correram em meio à multidão, deixando a amiga dançando sozinha.

Aproximando-me a cada passo, parei logo atrás dela. Ela deve ter me percebido, pois olhou por cima de seu ombro magro e bronzeado. Quando seus olhos se ergueram, muito lentamente, senti seu olhar como um toque. Não fazia o menor sentido.

Então nossos olhares se cruzaram. Seus olhos eram eletrizantes. *Azuis*. Lindos.

Mas não havia vestígios da felicidade despreocupada em suas profundezas azuis como o oceano. Havia segredos naqueles olhos. Dor. Tristeza. E um sorriso que mascarava tudo isso.

Em que eu poderia me basear? Em absolutamente nada.

— Quer dançar? — Eu lhe perguntei.

De perto, ela parecia ainda mais jovem do que eu pensava. Ainda mais deslumbrante. Um dia, ela seria uma mulher deslumbrante que roubaria a atenção dos homens apenas com um sorriso. Em nosso mundo, isso era perigoso.

Ela piscou, virou-se como se achasse que eu estava falando com outra pessoa. Como não havia outra mulher por perto, ela voltou sua atenção para mim.

— Comigo? — Puta que pariu, a voz dela era suave. E jovem. Muito jovem.

— Não estou vendo outra mulher ao seu lado, — respondi secamente. Eu deveria pedir aos seguranças que a acompanhassem até à saída. No entanto, aqui estava eu colocando minha mão em seu quadril e virando-a para mim. Algo na inocência de seus olhos me atraiu.

Ela revirou os olhos. — Bem, você é um pouco velho para dançar comigo, — ela comentou, mas seus braços envolveram meu pescoço. — Muito velho. — Rapariga atrevida.

Meus olhos percorreram seu corpo, passando pelo espartilho que acentuava seus seios. Um sentimento desconhecido de possessividade me atingiu.

— Bem, este é um clube para maiores de 21 anos, — disse eu secamente.

Manchas vermelhas marcavam suas bochechas. Um reconhecimento de sua menoridade. — Tenho vinte e um anos.

A garota também não era uma boa mentirosa.

— Sim, eu também.

A mesma risada que chamou minha atenção antes saiu de seus lábios, e eu a observei, hipnotizado. Seu rosto se iluminou e o som se infiltrou em meus pulmões.

Seus olhos azuis encontraram os meus, brilhando como estrelas.

— Ok, nós dois temos 21 anos, — disse ela, com os lábios cheios sorrindo maliciosamente.

Começamos a nos movimentar ao som da música, e seus olhos me observavam com cautela. Fiquei imaginando se ela me reconhecia como um dos irmãos Santos ou se estava apenas curiosa.

— Então, de onde você é? — perguntei.

— Dos EUA.

Um pouco espertinha, pelo visto. — Alguma parte específica?

— Costa Leste, — ela respondeu vagamente. — Você?

Ok, então ela não me reconheceu. De certa forma, fiquei aliviado.

— Nasci na Colômbia, mas moro aqui desde que me lembro, — disse a ela.

— Ahhh. — Seus olhos se iluminaram com curiosidade. — Você já voltou para a Colômbia?

Um suspiro sardônico saiu de mim. Era de onde vinha a maior parte de minhas distribuições de drogas. — Frequentemente.

— É legal? — perguntou ela, quase prendendo a respiração. Como um pássaro que estivesse engaiolado há muito tempo. — Caño Cristales está na minha lista de desejos. Assim como as Ilhas Rosário.

Arqueei uma sobrancelha. — Essa é uma lista de desejos incomum.

Ela deu uma risadinha. — Você tem uma lista de desejos?

Sua voz era tão suave que tive de abaixar a cabeça para captá-la.

— Sim. — Tudo se resumia a permanecer vivo. — Gosto mais da sua lista de desejos.

Ela inclinou a cabeça, estudando-me. Havia algo quebrado por trás de toda aquela inocência. Eu reconheceria isso em qualquer lugar. Eu tinha visto isso em minha mãe. Eu o vi nas mulheres que meu pai e meu irmão quebram.

No entanto, isso não se encaixava no tipo de mulher que ela era. Riqueza. Privilégio.

O ar que a envolvia denotava uma educação sofisticada. A maneira como ela falava era prova de uma excelente educação. E a maneira como ela se comportava era uma clara indicação de uma vida mimada.

— Então, de todos os lugares do mundo, o que a deixa curiosa sobre a Colômbia?

Ela olhou em volta, como se estivesse procurando alguém, e depois se inclinou para a frente.

— Meus pais odeiam hispânicos, — ela sussurrou. — E cachorros, — acrescentou. — Isso me faz querer visitar todos os países da América do Sul e enviar-lhes um cartão postal. Com um cara bonito nele. E adotar todos os cachorros. Só que eles provavelmente os matariam.

Ela era a garota mais estranha com quem eu já havia dançado.

E a mais bonita.

Capítulo 2

SAILOR

A música acabou muito rápido.

Eu deveria voltar para minhas amigas e para Anya. Mas era tão bom estar dançando com um estranho bonito por um tempo. Era um risco ficar perto dele, considerando que eu tinha menos de vinte e um anos e ele sabia disso. Se ele percebesse que eu tinha apenas algumas semanas antes dos dezoito, provavelmente ficaria ainda mais assustado.

— Obrigada pela dança, — eu disse a ele com um sorriso.

Ele era diferente de qualquer outro homem que eu já havia visto. No momento em que nossos olhos se encontraram, minha respiração ficou presa em meus pulmões. Ele era *pecaminosamente* lindo. Mais alto do que qualquer outro homem por aqui. Cabelos negros desgrehados, um corpo diabolicamente bonito em um terno preto caro. Sua pele era de um rico tom dourado que aumentava seu misterioso carisma. Mas foram seus olhos que me cativaram.

Azul. Magnético.

Contra sua pele dourada, eles pareciam ainda mais claros.

— Fugindo, *Reina*². — A maneira como ele disse isso fez vibrar minhas veias e me deu vontade de desmaiar. Como em um daqueles filmes românticos idiotas.

— Se eu correr, você vai me perseguir? — As palavras saíram de minha boca. Imprudentes. Ousadas.

Não era eu. Mas eu queria que fosse eu.

Seus lábios sensuais se inclinaram para cima. — Você quer que eu faça isso?

Sim. Não. Talvez.

Eu queria um príncipe. Um salvador.

— Só se você me salvar, — respirei.

Ainda nos movíamos juntos na pista de dança, alheios ao ritmo da música que estava tocando. Parecia ‘Die For Me’, de Post Malone e Halsey.

Meu Deus, eu queria que um homem como ele me salvasse. E a minha irmã. Para nos levar embora.

Eu queria ser uma mulher forte e independente. Salvar Anya e a mim mesma. Nunca depender de um homem para nada. Se o pai não se importava em machucar os próprios filhos, os outros homens também não se importariam. Nosso pai nos transformou em suas vítimas. Anya sofreu muito mais; ela sempre me protegeu.

Seu corpo era todo musculoso por baixo do terno, e foi só então que eu o vi. Um respingo de vermelho.

² Rainha.

Sangue.

Havia sangue na parte superior de sua mão. Os nós dos dedos e as mãos rachadas estavam marcadas com tinta. As letras em sua mão diziam *Diablo*.

Meus passos pararam. Meu coração congelou. E meus olhos se arregalaram.

— O que foi, Reina? — Sua voz era grave e seus olhos estavam fixos em mim. — De quem você precisa ser salva?

O príncipe era o demônio.

Eu precisava sair daqui, e precisava fazer isso rápido.

Capítulo 3

RAPHAEL

Observei-a se afastar de mim, levando consigo algo que eu não conseguia identificar.

Três batimentos cardíacos se passaram e eu fui atrás dela.

Ela se dirigiu aos banheiros. Atravessei o corredor escuro quando um som ferido me deteve.

— Saia de cima de mim! — A voz pertencia à minha *reina*. À garota de cabelos loiros prateados.

Foi então que vi um dos meus seguranças, com as mãos imundas agarrando o lindo cabelo dela e seu corpo preso contra a parede. A virilha dele estava se esfregando contra ela e a mão dele estava subindo pela perna dela.

— Vou foder os seus dois buracos, vadia elegante, — ele disse.

Uma névoa vermelha manchou minha visão, e a fúria ardeu em minha garganta e em meu peito.

— Tire a porra das mãos de cima dela, — gritei, minha arma já na mão com um *clique* na trava de segurança.

Instantaneamente, suas mãos se afastaram do corpo dela como se ele tivesse se queimado.

A expressão de seus olhos dilacerou meu coração.

Terror. Vulnerabilidade. Fantasmas.

E foi isso que me levou ao limite.

Minha mão envolveu a garganta do desgraçado e eu apertei. Com força.

Voltei meus olhos para ela. A garota que deveria estar toda sorridente e segura em meu clube.

— Ele... — Porra, eu não conseguia dizer a palavra. Não poderia ter acontecido tão rápido. Certo? — O que ele fez?

Quando ela não respondeu, controlei minha raiva. Eu a estava assustando. Ainda segurando a garganta de meu segurança, soltei um suspiro calmante.

— Você está bem, Reina?

Ela engoliu. — Ele não me estuprou, — ela sussurrou. — Você veio e...

Estávamos conseguindo um público agora. Diego, meu braço direito, apareceu e eu fiz sinal para ele.

— Chefe.

Os olhos arregalados da garota ainda estavam em mim. Ela não olhou para o homem que eu estava espremendo. Literalmente. Seus olhos estavam fixos em mim, como se ela precisasse absorver minha força.

— Acompanhe esta senhora até suas amigas, — ordenei. — Com segurança. Qualquer um que tocá-las responderá diretamente a mim. Depois volte para que possamos cuidar desse cabrón.

Seu lábio inferior tremeu. Porra, eu tinha acabado de conhecer a garota e vê-la chateada não me agradou. *Ela não pertence ao meu mundo.* O pensamento atravessou meu peito da maneira mais inesperada. Por quê? Eu não tinha a menor ideia. Ou talvez eu tivesse uma ideia.

Eu a queria. Por alguma razão, eu queria essa garota - para protegê-la de todo o mal do mundo. Mas, se eu a arrastasse para o meu mundo, ela estaria exposta a tudo isso.

Diego se aproximou dela. — Vamos, princesa, — ele insistiu, mas não a tocou.

Seu peito se ergueu, ela respirou fundo e depois expirou. — Obrigada.

Um sussurro suave e ela se foi.

No momento em que ela se foi, abri os dentes em um sorriso feroz. Com a mão livre, agarrei seu braço e o girei, depois coloquei minha mão sobre sua boca.

Antes que alguém pudesse ver, enfiei minha faca em suas costas, tomando cuidado para não atingir seu fígado. Definitivamente, eu não queria acabar com ele muito rapidamente, atingindo seus órgãos vitais.

Girando a faca, enfiei-a ainda mais fundo e, de vez em quando, raspava em suas costelas.

Ele gritou como um porco, grunhindo sob minha mão. Então, com um soco certeiro em sua nuca, eu o deixei inconsciente. Seu corpo caiu e foi preciso tudo o que havia em mim para não lhe dar um maldito chute nas bolas.

Por tentar estuprar uma garota. Em minha boate.

Caine e Diego apareceram naquele exato momento. Diego começou a dar ordens aos outros seguranças, enquanto Caine usava seu corpo para bloquear a visão do miserável na minha frente.

Quando a área estava livre, nós o arrastamos pelo corredor escuro até uma das salas de tortura que eu havia montado no porão. Cada um dos meus estabelecimentos tinha essa sala.

Maravilhoso, de volta ao porão, resmunguei secamente.

Um rastro de sangue se espalhou atrás de nós enquanto arrastávamos o corpo pelo corredor. Cada um dos meus seguranças era construído e, naquele exato momento, eu me arrependia disso. Ele era pesado pra caramba, mesmo com seu peso distribuído entre mim e Caine.

Uma vez no porão, passei a palma da mão sobre o scanner do nosso sistema de segurança e abri a porta de aço à prova de som. Gastei centenas de milhares de dólares para transformar o porão de cada prédio que eu possuía em uma fortaleza impenetrável.

O primeiro andar e os andares superiores foram projetados com luxo e segurança de última geração, mas a segurança acima não se

comparava à que tínhamos aqui embaixo. Nada podia passar por essa porta do porão.

As paredes à prova de som esconderiam o som de uma bomba detonada. O porão era onde eu cuidava de todos os meus negócios, traficantes de pessoas, pedófilos, assassinos e estupradores em potencial. Qualquer um que ousasse me trair.

Se ao menos eu pudesse arrastar meu pai até aqui e me livrar dele também.

Caine e eu empurramos o corpo do desgraçado para a mesa de aço inoxidável e começamos a acorrentá-lo. Sim, era a noite de abertura e, sim, usamos a sala de tortura várias vezes nas últimas semanas.

O corpo sobre a mesa deu um solavanco e a discussão foi interrompida.

— Eu não sabia que ela era sua. — Ah, o maldito dorminhoco acordou. — Vamos lá, eu não sabia. Há muitas outras bocetas para eu bater.

Meus molares se uniram. — Não em minha boate, coño, — gritei.

Esse pendejo teria uma morte extra lenta. A morte mais lenta que já aconteceu desde que Deus criou esta Terra.

— Por que você não é uma boa cadelinha e cala a boca?

Ele abriu a boca e palavras em espanhol saíram de seus lábios. — Me cago en tu madre. — *Eu cago em sua mãe.*

Oh, esse maldito receberia um golpe duplo. — Oh, você está fodido, — Caine sorriu. — Essa sessão de tortura será muito divertida, *pendejo*³.

Dei-lhe um soco no nariz, saboreando o barulho da cartilagem sob meu punho. Pelo menos eu teria alívio dessa forma esta noite. O sangue jorrou de seu nariz quebrado e escorreu por seu rosto feio. Ele começou a se sacudir contra as correntes, como uma minhoca em um anzol.

— Vamos brincar, sim?

A expressão de pânico em seu rosto não tinha preço. Ele finalmente se deu conta da verdade. Ele não sobreviveria a isso. Sua expressão era de terror.

— Por favor, por favor, — ele ofegou, com os olhos cheios de lágrimas. Ele não se importava quando sua vítima estava aterrorizada. E achou que eu lhe daria misericórdia. Nem em um milhão de anos.

Então, eu lhe dei outro soco. Apenas pelo princípio disso. Ele gorgolejou com o sangue e tentou cuspi-lo, e o dente também saiu. O desgraçado era péssimo para cuspir.

Seu nariz começou a inchar e seus olhos estavam machucados. Pegando uma ferramenta da mesa, inclinei-me sobre ele, deixando-o ver a ferramenta que eu estava prestes a usar nele.

Uma chave de fenda.

Seus olhos se arregalaram, com os globos oculares prontos para saltar.

³ Babaca

Sorri cruelmente, saboreando o medo em seus olhos.

— Ouvi dizer que você gosta de bater em suas garotas, — Caine cuspiu com nojo. — Forçar-se sobre elas. Como você tentou com a garota do Diabolo.

Sua cabeça balançava loucamente para a frente e para trás. Mentiroso de merda. Ele foi pego com as mãos sobre ela, apalpando-a. Só de pensar nisso, fiquei vermelho.

Sem demora, enfiei a chave de fenda em seu abdômen e seus gritos encheram a sala enquanto seu rosto ficava vermelho de sangue.

— Diabolo, me desculpe, — ele berrou como uma cadela, com uma veia pulsando em sua testa. — Eu não sabia que ela era sua. Me desculpe.

Em resposta, tirei lentamente a chave de fenda de seu abdômen para que ele pudesse sentir tudo. Ele começou a tossir, com sangue escorrendo pela lateral da boca. Ele estava uma bagunça.

Em seguida, enfiei a chave de fenda diretamente em seu abdômen novamente.

— Isso é por todas as mulheres que você já machucou, — sussurrei em um tom baixo. — E especialmente para aquela que você tocou lá em cima. Porque ela é *la reina* e você é a porra da sujeira sob os pés dela.

Para minha tristeza. O maldito durou apenas dez minutos.

Maldito covarde.

Eu já havia cometido muitos assassinatos a sangue frio. E o fiz por vários motivos. Por estuprar uma criança, matar um inocente ou destruir a vida de um inocente.

Mas eu nunca havia matado alguém por ciúmes.

Sim, o maldito segurança assustou minha reina, mas eu seria um mentiroso se não admitisse para mim mesmo que me incomodou o fato de ele tê-la tocado. Ele a tocou, porra. Marcou sua pele branca como a neve com seus dedos imundos.

Precisei de todo o meu controle para não ir atrás dela e arrastar a bela e jovem mulher para casa comigo.

A culpa era minha. Eu sabia que dar uma chance a esse maldito era uma péssima jogada. Era a última vez que eu deixaria meu pai me convencer de alguma coisa. Esse cara era um maldito psicopata. Ele gostava de foder com força e bater ainda mais forte.

A raiva fervilhava, fazendo meu sangue esquentar mais um pouco. O cara merecia morrer.

Depois de me limpar, subi as escadas e fui para o meu escritório. Quando me aproximei do meu escritório, pude ouvir gemidos suaves. Deveria ter sido a minha pista, mas eu estava tão irritado que isso não foi registrado no meu cérebro. Em vez disso, estalei o pescoço para liberar um pouco da tensão enquanto me aproximava do meu escritório.

Entrei nele e encontrei a mão de meu pai em volta do pescoço de uma jovem, sibilando algo sob sua respiração.

— Jesus Cristo, porra. — Eu não estava com disposição para isso hoje. Será que todos os malditos predadores decidiram aparecer na noite de abertura do meu novo clube? Fui em direção aos dois. — Solte-a, — sussurrei.

Eu não estava disposto a matar outro homem hoje.

Pai ou não.

Capítulo 4

SAILOR

Um momento.

Apenas um momento de inconsciência, o cara me agarrou e me empurrou contra a parede. Minhas mãos tremiam, a adrenalina e o medo ainda estavam presentes em minhas veias. Inspirei profundamente e depois expirei, repetidamente.

Estúpida. Eu fui tão estúpida. Quantas vezes Anya havia me dito para estar sempre alerta? Para nunca baixar a guarda quando estivesse em público. Ou mesmo em casa. A menos que estivéssemos sozinhas.

Outra inspiração profunda. *Expire.*

Quando me juntei às minhas amigas no bar, com o homem atrás de mim, minha pulsação estava um pouco estável. No entanto, a cada passo mais próximo delas, eu me preocupava se havia nos colocado em apuros.

Parei por um momento para examinar a área. Cabines elegantes de veludo preto cercavam o espaço e lustres de cristal preto pendiam do alto.

As meninas estavam paradas em frente ao barman, tomando drinques como se já tivéssemos feito isso um milhão de vezes. Não tínhamos feito. Era nossa primeira vez em uma boate. Não era a primeira

vez que bebíamos. Bebemos muito durante esse intervalo. Nossa primeira vez fora de casa. Sozinhas.

Olhei para trás, quase esperando ver o estranho novamente. Ele não estava lá. Ele era extremamente bonito. Perigosamente. Seria impossível esquecer seu rosto. Olhos hipnotizantes. Cabelos negros como azeviche. Ele tinha a sombra perfeita da barba por fazer, e suas maçãs do rosto eram tão afiadas que, quando meus dedos se enrolaram em sua nuca, não pude resistir a passá-los sobre o cabelo macio.

Só que ele era o demônio. A tatuagem em sua mão não poderia ter sido mais clara. *Diablo*. E ele me salvou. Ele entrou e me salvou.

Mas agora, eu tinha que explicar às minhas amigas que precisávamos sair daqui. Meus olhos vagaram por elas e, tão rapidamente quanto *Diablo* entrou em minha mente, ele também saiu quando notei que Anya estava desaparecida.

— Onde está Anya? — perguntei, alarmada. Como se tivesse previsto meu retorno, minha irmã mais velha veio em nossa direção, e eu corri até ela. — Onde você estava?

O sorriso que eu conhecia, aquele que escondia tudo - sua dor, segredos e fantasmas - brincava em seus lábios. Eu odiava isso. Queria que fizéssemos as malas e deixássemos tudo para trás. Mamãe, papai, o mundo fodido deles, todos.

Bem, não a Aurora e Willow. Eu sentiria muita falta delas. Mas pela minha irmã, eu faria isso. Eu faria qualquer coisa por Anya. Minha irmã estava me protegendo há muito tempo.

Anos escondendo os segredos da família. As mentiras haviam se tornado naturais demais. Eu não tinha mais certeza de quem éramos. Despreocupação não fazia parte de nosso vocabulário desde que eu tinha cinco anos. A nuvem negra estava me seguindo desde então, sabendo que algo estava errado. Eu só não sabia o que era até ter idade suficiente para entender.

— Fui convidada para uma festa, — anunciou Anya.

Minhas sobrancelhas franziram. — Em um banheiro?

O olhar que ela me lançou era desprovido de qualquer emoção. Aquele que aparecia depois que ela era ferida. Depois que o pai a machucava. Mas ele não estava aqui. *Certo?* Meus olhos percorreram a sala lotada. Não havia um único rosto familiar à vista.

— É uma festa importante, — comentou ela em uma voz monótona. Eu odiava quando ela ficava assim. Quebrada. Machucada. Destruída.

— Tem piscina? — Aurora a questionou.

Anya apenas deu de ombros.

— Toda casa tem piscina nessa área, — argumentou Willow. — Poderíamos dar um mergulho nuas.

A música tocava no espaço, abafando alguns de meus pensamentos. Mas não minha preocupação. Meu sexto sentido me avisou que algo não estava certo. Só que o principal motivo de todos os nossos problemas estava a quilômetros de distância.

— Onde é a festa? — perguntou Willow com curiosidade.

— A duas quadras daqui, — explicou Anya.

— Vamos lá, — exclamou Willow, pulando para cima e para baixo. — Este lugar é chato, de qualquer forma.

Olhei em volta novamente. Queria agradecer ao estranho por ter me salvo. Queria ter certeza de que ele estava bem.

— Estou disposta, — disse Aurora.

Vamos descobrir que o demônio tinha muitas faces.

Quando chegamos a uma antiga casa colonial, ficou claro que não havia festa. Os alarmes soaram em minha cabeça.

— Eu não sei... — Comecei, mas fui imediatamente interrompida.

— Vamos entrar, — Anya me interrompeu, com aquele olhar teimoso em seu rosto. Ela levantou a mão e bateu no grande portão de entrada. — Olá, — ela gritou. — Temos um convite.

Willow espiou por entre as colunas de mármore que cercavam a casa.

— Tem uma piscina, — exclamou ela vitoriosa.

— Não temos roupas de banho, — protestei fracamente.

Aurora e Willow começaram a se despir. — Usaremos nossas roupas de baixo como trajes de banho, — argumentou Aurora.

Estávamos fazendo coisas estúpidas ultimamente. Coisas imprudentes. Era divertido, mas, no fundo de minha mente, eu sempre me preocupava com as consequências.

— Nós realmente deveríamos voltar para o hotel, — eu disse a todas elas. — Todas nós, Anya.

As três não me deram atenção enquanto se livravam de suas roupas e subiam a cerca de pedra.

— Péssima ideia, — murmurei, com os olhos correndo ao nosso redor e, depois, com um suspiro pesado, segui-as. Elas estavam mais bêbadas do que eu, então precisariam de alguém para cuidar delas.

Mantive minhas roupas, mas meu vestido longo dificultava a escalada. Amassando o vestido, levantei-o em volta da cintura e passei a perna por cima da cerca, logo seguida pela outra. Quando eu já estava do lado de dentro, Willow e Aurora estavam dando um mergulho.

Anya ficou na beira da piscina. Atravessei o gramado em passos rápidos e parei ao lado da minha irmã.

— Essa é uma má ideia, — murmurei baixinho.

— É um convite.

— Então, por que pulamos a cerca? — Ela levantou o ombro, recusando-se a encarar meus olhos. — Anya, por favor, fale comigo, — sussurrei.

Algo estava errado. Eu podia ver isso em seu rosto. Podia sentir isso em cada respiração dela.

— Está tudo ótimo. — Aquela voz morta que eu tanto odiava. — É uma casa bonita, não é?

Olhando para a mansão, tive que concordar. Mas já vimos muitas outras mansões como essa. Esse lugar me fez lembrar de uma casa da Geórgia do Sul. Como uma casa do filme *E o Vento Levou*. Tinha o mesmo tipo de grandiosidade romântica.

— Claro, — concordei com relutância. — Podemos ir agora? Você pega a Willow e eu pego a Aurora, depois voltamos para o hotel.

Ela não respondeu, seus olhos se fixaram em um ponto escuro no canto do pátio. Segui seu olhar, mas não consegui ver nada lá.

— Anya, você está me assustando, — disse asperamente. Seus olhos escuros encontraram os meus. Havia tanta tristeza e dor neles que me doeu a alma. — Nós duas poderíamos fugir juntas. Ficar escondidas até eu completar dezoito anos. E então papai e mamãe não terão direitos sobre nós.

Uma risada amarga, suave e triste, escapou de seus lábios. — Ele sempre vai nos encontrar, Sail.

Peguei sua mão na minha e a apertei. — Não se mudarmos nossa aparência. Ir para a América do Sul ou algo assim. Vamos nos esconder. Pelo resto de nossas vidas, se for preciso. Pelo menos estaremos seguras e felizes. Só nós duas.

Nossos olhares se cruzaram e vi um vislumbre de esperança no dela. O mesmo tipo de esperança que eu sentia em minha alma.

Ela abriu a boca, mas então as luzes do pátio se acenderam. Os homens começaram a gritar. Os cães começaram a latir.

A luz da esperança em seu interior se apagou. — É tarde demais, — ela sussurrou.

Capítulo 5

SAILOR

Fechei os olhos com força, esperando que tudo não passasse de um sonho ruim. Como tantos outros que tive no passado.

Mas não era.

Depois que as luzes se acenderam, guardas com armas apontadas para nós nos conduziram para dentro. Anya foi separada de nós, enquanto nós fomos trancadas em uma sala improvisada com grades.

Eu nunca havia ficado presa, mas algo me dizia que o ambiente era semelhante.

Anya gritou quando o velho a golpeou com as costas. Willow e Aurora choramingaram, com lágrimas escorrendo por seus rostos. Seguiu-se outro tapa.

— Por favor, — eu gritei. — Pare com isso. — Eu não conseguia mais ficar quieta. Alguém tinha de salvar Anya. Tinha que ser eu. Não havia mais ninguém.

— Cale-se ou vou arrastá-la para fora daí, — ameaçou o velho. — Duas por uma. Afinal de contas, eu mereço depois que ele me ferrou.

Não entendi sua referência. Foi só muito, muito mais tarde que refleti sobre essas palavras.

Eu chacoalhava as grades. — Deixe-a em paz, seu maldito bastardo, — gritei. O suor frio desceu pela minha espinha, os nós dos dedos ficaram brancos enquanto eu agarrava as barras como se a vida de Anya dependesse disso.

O desgraçado nos prendeu como se fôssemos cachorros.

— Por cada maldita palavra, — ele ameaçou antes de dar outro tapa na minha irmã, — ela vai pagar.

Anya choramingou, com as lágrimas manchando seu rosto. Eu me acalmei instantaneamente, meu sangue congelando em minhas veias.

O lábio de Anya estava rachado e inchado, com sangue escorrendo pelo queixo. Seu olho estava machucado. E meu coração doeu como nunca antes. Era como a porra daquela cama rangendo de novo.

Um soluço escapou de seus lábios e ele rosnou para que ela se calasse antes de voltar a seu negócio. Seus gemidos se acalmaram, seu olhar se esvaziou e eu jurei que ela morreu bem na minha frente. Vi a vida deixá-la bem ali, diante de meus olhos, enquanto ele continuava a penetrá-la.

A bile subiu em minha garganta. Eu não queria ver, mas não conseguia desviar o olhar. Ele a estava estuprando.

Por favor, por favor, Deus, orei em minha mente. Farei qualquer coisa. Darei a você qualquer coisa. Por favor, acabe com isso.

Senti o gosto de vômito na minha língua. Tinha gosto de álcool, lágrimas e um destino amaldiçoado que lhe causaria isso. Doença e o nojo me invadiram. O velho continuava a empurrar enquanto a segurava na

frente dele. Suas pernas a prendiam enquanto sua mão segurava os pulsos dela. Ele continuou, seus grunhidos enchendo o ar e se misturando com todos os nossos choramingos.

Aurora veio por trás de mim e envolveu-me com os braços, com a cabeça enterrada em minhas costas.

— Não olhe, Sail, — ela sussurrou. — Isso deixará uma marca. Danificará sua alma.

Tarde demais. Eu já estava danificada desde a primeira vez que ela me salvou. O ódio e a raiva se infiltraram em meu sangue, crescendo até me sufocar. Eu o odiava. Odiava meu pai. Odiava todos eles.

Anya parou de lutar. Ele a derrotou. Ele finalmente a quebrou, e eu estava testemunhando tudo isso. Sua agonia era de cortar o coração. Minha mão tremia e meus dedos se flexionavam, imaginando uma faca em minha mão. Para que eu pudesse enfiá-la no coração desse homem. Para que eu pudesse apunhalar meu próprio pai.

Outro gemido suave escapou quando ele ordenou que ela se calasse novamente. Ele empurrou com mais força, mais fundo. Ele continuou, enquanto cada fibra do meu ser queria explodir.

Eu queria gritar. Queria me enfurecer. Queria ficar louca. E eu estava pronta, até que os olhos de Anya encontraram os meus.

A ordem estava clara em seus olhos. Permanença invisível.

Capítulo 6

SAILOR

Presente

— Grite.

Aprendi a odiar essa voz. A do meu pai.

— *Chore por mim, minha putinha. — O sussurro frio e cruel invadiu meu sonho. A voz do homem conhecido.*

Uma cama rangendo. Dedos curvados sobre a borda da cama, agarrando-a com força. Dedos feios. Dedos enrugados. Um desses dedos segurava o anel com o brasão da família McHale.

Um grito borbulhou em minha garganta, mas Anya disse para eu ficar quieta.

Então mordi minha mão. Com força. Senti a dor enquanto os ruídos faziam meu estômago revirar. Eu odiava aquela maldita cama. Lágrimas quentes e salgadas escorriam pelo meu queixo.

— Grite, droga.

As palavras gritaram em meio à escuridão que ameaçava me engolir inteira.

Acordei com um sobressalto, com os lençóis grudados em minha pele suada e minha respiração difícil. A luz noturna projetava sombras nas paredes, tão escuras e ameaçadoras quanto os fantasmas que ameaçavam meus sonhos. No entanto, eu não conseguia dormir no escuro.

Eu temia isso. Eu estava apavorada com isso.

Essa era a razão pela qual eu sempre me encontrava no quarto de Anya. Eu temia o escuro. Ela estava acostumada com ele. Até preferia. Eu sempre chorava, ela quase nunca. Eu só conseguia dormir quando podia ouvir sua respiração. Quando estávamos as duas juntas, no mesmo quarto.

Porque eu tinha medo do monstro que se escondia no escuro. Aquele que machucou Anya.

Com um tremor nos dedos, tirei uma mecha de cabelo úmida de suor do rosto. O tremor que começou em meus dedos se espalhou sob minha pele, zumbindo mais forte do que nunca.

Talvez eu tenha sentido que uma tempestade estava chegando. Ela estava se formando desde que Aurora me contou sobre o encontro com Raphael Santos. Ou talvez tenha começado com minha investigação sobre o Cartel Tijuana e as mulheres que eles traficavam para o Porto de Washington.

De qualquer forma, eu sabia que a pesquisa e a investigação iminentes sobre o Cartel Tijuana e seu tráfico de pessoas trariam problemas à minha porta. E mesmo assim eu o fiz.

Por Anya. Por qualquer mulher que se visse vítima de homens cruéis como meu pai e Lombardo Santos. O velho que eu acreditava ser o pai de Gabriel.

Acreditava era a palavra-chave aqui.

Deus, eu não sabia o que era pior. Gabriel ser filho do meu pai ou filho de Lombardo Santos. Aurora encontrou Raphael Santos em Nova Orleans. Ela disse que Gabriel era parecido com ele, e eu não me opus. Sinceramente, foi um alívio - exceto pelo fato de que, se a família Santos soubesse sobre Gabriel, eu temia o que eles fariam.

O velho estava morto, mas o filho que assumiu o controle não estava. Todas as minhas pesquisas mostraram que Raphael Santos não lidava com os negócios como seu pai. Sim, ele era um criminoso, mas parecia se ater a algum tipo de código.

Pelo menos era o que parecia. Eu só queria ter conseguido localizar uma única foto dele. Não havia nada na Internet. O homem se movia como um fantasma no escuro.

Ou talvez como o demônio, eu ri para mim mesma.

Diablo.

Essa palavra me fez sentir cócegas no fundo da mente. Uma lembrança distante. Mas antes que eu pudesse me concentrar nela, ela se dissipou.

Balancei a cabeça. Não há necessidade de se estressar com coisas inexistentes. Eu me preocuparia com a família Santos e com a paternidade de Gabriel, se chegasse a esse ponto. Mas de uma coisa eu tinha certeza. Eu não iria lavar nossa roupa suja.

Ninguém sabia sobre o abuso de meu pai. *Ninguém*. E eu manteria as coisas assim para que, quando Gabriel soubesse sobre sua mãe biológica, não houvesse nada que manchasse sua memória.

Então, por mais fodido que fosse, depois do que testemunhamos em Miami naquela noite, oito anos atrás, e do momento da gravidez de Anya, eu nunca contestei o fato de que o bebê de Anya era realmente o resultado daquela noite horrível. A verdade é que Anya não sabia. Ela confessou, logo antes de entrar em trabalho de parto, que o pai continuou a estuprá-la muito depois de ela ter me levado a acreditar que ele havia parado.

Minhas unhas se cravaram nas palmas das mãos e eu aceitei a dor. Não era nada comparado ao que minha irmã sofreu.

— Não pense nisso, — gritei na escuridão da noite, minha voz trêmula. Gabriel era meu filho. De mais ninguém, só meu. Ele era inocente em tudo isso, e eu mataria antes de deixar alguém destruir sua inocência.

Recuperando o fôlego, tentei aliviar meus batimentos cardíacos acelerados enquanto olhava para o teto do meu quarto. Eu odiava sonhos. Odiava segredos. Acima de tudo, odiava pesadelos. Eles sempre apareciam. Minhas melhores amigas, Aurora e Willow, achavam que eram causados por aquela noite em nossas férias de primavera em Miami.

Não era.

Meus pesadelos começaram há muito tempo. Antes de conhecer minhas melhores amigas. Antes mesmo de aprender a escrever.

O abuso emocional e mental de meu pai era grave. Ele nos provocava. Assustava-nos propositalmente. Eu fui poupada de seus

repugnantes abusos físicos. Minha irmã não. Ele a chamava de ‘sua putinha’ e mamãe deixava. Ele lhe dava tapas e chutes. Mamãe deixava. Quando ele estava particularmente agitado ou furioso, ele me chutava também. Mas nunca tanto quanto Anya. Ele a odiava mais, por isso eu a amava ainda mais.

Porque ela era a que mais precisava de mim.

Eu não via meus pais desde que Gabriel, meu filho, nasceu. Na verdade, ele era meu sobrinho, filho da minha irmã. Com a morte dela, eu o tomei como meu e a promessa que fiz à minha irmã seria cumprida a todo custo.

Gabriel era meu. Meu filho. Minha família. Meu tudo. E eu o protegeria com minha vida.

Meu sangue gelava cada vez que eu pensava nisso. A dor de Anya. Sua vergonha. Seu medo, que acabou morrendo com seu último suspiro. Sua vida foi um pesadelo. Mas ela finalmente encontrou sua paz. Aquela que eu não pude lhe dar.

O segredo apertava minha garganta, ameaçando me sufocar. Ninguém sabia. Ninguém, porra, e de alguma forma, depois de todos esses anos, o segredo se tornou maior do que a vida. Até que eu não tinha como sair desse buraco escuro.

Vergonha e o nojo me invadiram. Era um buraco do qual eu não sabia como sair. Engoli o grande nó em minha garganta. Eu odiava pensar ou sonhar com isso. Era como se eu estivesse revivendo tudo de novo e de novo. Como fantasmas assombrados que se recusavam a ser enterrados.

Eu tinha que ver meu filho, para me assegurar de que ele estava seguro. Gabriel dormia no quarto ao lado do meu, então saí da cama e mantive meus passos silenciosos enquanto me dirigia ao quarto dele. Meus pés se apoiaram na madeira, o frescor do piso era reconfortante.

Não me preocupei em encontrar ninguém. Aurora ainda não havia voltado, encerrando seu caso em Nova Orleans. Ela o havia resolvido, mas ainda lutava com o resultado de suas revelações. Seus irmãos garantiriam que ela saísse vitoriosa. Willow trabalhava em uma nova produção na Califórnia, deixando Gabriel e eu sozinhos na cobertura de Ashford, onde morávamos desde que ele nasceu.

Abri a porta e entrei sorrateiramente no quarto escuro, tomando cuidado para não pisar nos brinquedos. Ao contrário de mim, Gabriel não tinha medo de dormir no escuro. Minha mão tremia como uma folha quando empurrei os cachos escuros do meu filho para fora do rosto e as lágrimas picaram meus olhos.

Deus, era ruim quando você esperava que ele fosse realmente o filho do velho Santos, e não do seu pai. Eu ainda me lembrava da aparência de Lombardo Santos e eu diria que Gabriel se parecia mais com ele do que com meu pai, então talvez houvesse esperança. Soltei um forte suspiro.

Por que eu não disse nada? Achei que tudo tinha parado, mas estava muito enganada. Foi um pensamento ilusório. Anya continuava escondendo a feiura por trás de seus sorrisos despreocupados e decisões imprudentes. Estava tudo lá, claro como o dia, e eu não percebi isso.

Ainda assim, a culpa se infiltrou em minha alma e se recusou a sair.

Eu falhei com Anya; eu me recuso a falhar com Gabriel também.

Capítulo Sete

RAPHAEL

Meu telefone emitiu um bipe.

Uma mensagem de Alexei. Eu raramente falava com ele e agora, duas vezes no mesmo dia, trocamos mensagens. Hoje cedo, ele me pediu ajuda para localizar um cara, Igor, que ousou mexer com ele e seu agente do FBI. Coincidentemente, o desgraçado tinha uma propriedade na Flórida e eu fiquei feliz em ajudar.

Perguntei-me se ele precisaria de ajuda para limpar, pois não tinha dúvidas de que Alexei havia matado o homem. Provavelmente o cortou em pedaços enquanto ele ainda estava vivo para que pudesse ouvir seus gritos. Havia algo de perturbador em Alexei, embora eu confiasse nele com minha vida. Ele era do tipo que nunca quebrava sua palavra, independentemente do fato de que compartilhávamos uma conexão não relacionada ao sangue por meio de Isabella Nikolaev, nossa meia-irmã em comum. Os dois compartilhavam uma mãe, enquanto nós dois compartilhávamos um pai.

Deslizei a mensagem para abri-la e as palavras que me olhavam de volta causaram uma onda de choque em mim.

Verifique Anya e Sailor McHale. Uma delas teve um filho. Ele é seu meio-irmão.

A mensagem era enigmática. Muito enigmática para o meu gosto.
Digitei de volta.

O que você quer dizer com ‘uma delas’?

E, falando sério, outro meio-irmão? Mas. Que. Porra!

As bolhas apareceram instantaneamente.

Ele machucou Anya. A certidão de nascimento mostra Sailor McHale como a mãe.

Claro como a lama. Eu não esperava nada menos do que isso do homem que mal falava.

Olhando para o relógio, notei a hora. Eram quase dez da noite. A brisa que entrava pela porta aberta da sacada pegava as cortinas de musselina branca, abrindo a vista para o mar aberto. Sentei-me à escrivaninha no meu quarto, apreciando a vista.

Eu adorava essa ilha. Comprei-a antes de meu irmão mais velho ser morto, antes de eu assumir o controle do Cartel Santos. Somente as pessoas mais próximas a mim sabiam da localização. Havia muitos homens

que queriam me matar antes de eu assumir os negócios da família. E mais ainda desde então. Tanto meu pai quanto meu irmão eram muito bons em fazer inimigos.

Mesmo depois de assumir o império Santos, mantive os negócios e os homens do cartel separados dos meus próprios homens. Dirigi os negócios do cartel a partir de Miami. Tudo o mais daqui.

Liguei para meu braço direito, Caine.

— Não dorme, Santos, — ele resmungou.

— Ao contrário de você, eu não compartilho os hábitos de dormir das crianças.

— Vá se foder, idiota.

Eu dei uma risadinha. — Você primeiro.

— Ok, o que você quer?

— Preciso que você encontre informações sobre Anya e Sailor McHale.

— Quem? — Eu podia ouvir a surpresa em sua voz.

— A família McHale é muito antiga e proeminente na política. Eles estão tão estabelecidos quanto os Kennedys e há rumores de que acabarão por unir seu poder por meio de uma aliança matrimonial. Você já deve ter ouvido falar deles.

— E por que diabos eu me importo? — Sim, eu também não teria me importado se não tivesse recebido informações de Alexei. — Eu odeio a maldita política.

Eu também não era um grande fã, mas desde muito jovem aprendi que as conexões eram importantes. Por isso, aprendi desde cedo a saber tudo sobre todos os que eram importantes. E os McHale eram importantes.

— Há rumores de que meu pai tinha algo com uma das garotas McHale, — eu disse a ele. — Preciso saber se o McHale mais novo é meu meio-irmão.

Seguiu-se uma série de xingamentos. — Jesus, seu pai realmente nunca aprendeu a embrulhar o pau.

Ele acertou. Eu não ficaria surpreso se outro meio-irmão aparecesse do nada.

— Preciso das informações amanhã.

Encerrei a ligação, virei-me para meu laptop e o liguei. No momento em que o Google apareceu, digitei os nomes das filhas de McHale.

Anya e Sailor McHale. Uma já faleceu. A outra trabalhava como repórter estabelecida. Embora não houvesse quase nenhuma informação sobre Anya, havia muitas sobre Sailor. Um filho, Gabriel McHale. Sailor era a queridinha do mundo político. A mídia previu que ela se casaria com o mais jovem e promissor senador, Aaron Kennedy, com quem ela namorava há anos.

Mas não era isso que havia de mais interessante na mulher.

Foi seu artigo publicado recentemente, repleto de desprezo por qualquer criminoso. E teve como alvo o Cartel Tijuana.

Ao ler seus artigos, pude ouvir a voz de seu desprezo. Cada palavra escrita estava repleta de hostilidade em relação ao chefe do cartel e ela não hesitava em chamar a atenção de outros que estavam no mundo. Muitas vezes, ela fazia conexões com o nosso mundo e com políticos corruptos.

Era evidente que ela estava querendo pegar alguém. *Mais do que apenas uma pessoa*, pensei ironicamente.

Curioso sobre a mulher com uma língua afiada ao escrever, cliquei no perfil da repórter. A imagem se abriu, e um fogo cintilou em meu peito, depois se acendeu em um inferno completo.

A mulher loira com cabelo de neve recém-caída olhou de volta para mim.

Capítulo 8

SAILOR

Limpei as palmas das mãos suadas na calça, com os dedos tremendo de ansiedade. Eram quase onze horas da noite, a umidade ainda era espessa no ar e a escuridão não dava trégua.

A fileira de armazéns que margeava a área do porto, a escuridão lhes dava privacidade para fazer coisas que não deveriam ser feitas. Eu seria condenada se olhasse para o outro lado. Eu tinha fotos de Santiago Tijuana se reunindo com algumas figuras políticas proeminentes de D.C. Embarques internacionais que nunca foram registrados no porto ou na alfândega. Enviei minhas descobertas para a polícia de D.C. Nada. Eles disseram que não havia base para um mandado. Não importava que houvesse navios ilegais atracando aqui toda semana e mulheres maltratadas sendo retiradas deles.

Sim, isso não era uma prova. Era uma invenção da minha imaginação.

Então, optei por resolver o problema com minhas próprias mãos. Seis meses de pesquisa. Seis meses aprendendo tudo o que havia sobre o Cartel Tijuana. Determinação e redenção foram meus incentivos. Eu não poderia salvar Anya, mas salvaria todas as outras mulheres.

Do cartel. Do meu pai. Porque aquele bastardo estava trabalhando com o Cartel Tijuana. Eu só precisava de provas.

Seis meses de pesquisa para saber o quanto eu precisava disso. A retaliação. A vingança. A determinação de acabar com meu pai e seus comparsas me fez seguir em frente sem pensar nas consequências. O aroma de peixe podre e da baía penetrou profundamente em meus pulmões, o cheiro se encaixava perfeitamente nesse cenário. Puxei meu boné de beisebol mais para baixo da testa, preocupado que um vislumbre do meu cabelo loiro pudesse me denunciar. Foi por isso que me vesti toda de preto.

Um lampejo de luz atravessou a escuridão e meus olhos se arregalaram em sua direção. Cinco homens saíram, cada um arrastando duas mulheres pelos cabelos. Minhas mãos agarraram a câmera que estava pendurada no meu pescoço, desejando ter uma arma. Eu não era a melhor atiradora, mas era decente. Pelo menos era isso que os irmãos Ashford diziam.

Gemidos e gritos percorriam o ar úmido e pesado. Meu coração disparou loucamente, ameaçando quebrar minhas costelas. Dei um passo para trás e me afundei mais no meu lugar, agradecida pela barreira e pela escuridão, e levantei minha câmera. Ajustei a lente, permitindo-me ver os rostos dos homens. E os rostos das mulheres aterrorizadas.

A dor em seus olhos era evidente mesmo através das lentes. Eu não conseguia nem imaginar o horror pelo qual elas haviam passado. Apertei o botão e o clique da câmera começou.

Clique. Clique. Clique.

Uma das mulheres estava tão machucada que seu olho estava inchado. Mas ela ainda lutava como uma gata do inferno. Ela arrancou o braço do cara e começou a correr. Eu me levantei, pronta para ajudá-la, quando uma mão grande me puxou para trás.

Bang. Bang. Bang.

Meus olhos se arregalaram, sacudindo para a frente e para trás entre o homem que me agarrava e a mulher que jazia mole a seis metros de mim. Abri a boca, pronta para começar a gritar, quando uma mão grande veio à minha boca.

Usando toda a minha força, tentei lhe dar uma cotovelada no estômago, mas ele bloqueou. Em seguida, enfiei o calcanhar do meu pé em sua canela.

— Não vou machucá-la, — ele sibilou enquanto eu mordia sua mão. — Vim para matar esses malditos traficantes. O Cartel Tijuana está causando estragos em meu território.

Fiquei quieta.

Meus olhos se fixaram no rosto coberto pelas sombras da escuridão. Meu olhar percorreu o rosto duro e nossos olhares se conectaram. Cinza. Frio. Foi então que o significado de suas palavras chocou contra mim. Ele disse meu território. Esse era Nico Morrelli.

Jesus Cristo. Será que acabei de me meter em um monte de merda?

Esse homem cheirava a domínio e controle. Seus olhos de nuvem de tempestade estavam encobertos por cílios escuros e grossos, aquelas profundezas cinzentas cheias de segredos.

— Vou tirar minha mão, mas você não vai gritar, — ele exigiu em um tom abafado. — Entendido?

Engoli com força e assenti. E, o tempo todo, minha respiração e meus batimentos cardíacos estavam erráticos. Eu estava com medo. Sempre tive medo de minha própria sombra. Anya passou por um inferno e sempre foi mais corajosa do que eu.

Lentamente, ele tirou a mão de meus lábios, sem desviar os olhos de mim. Como se ele previsse que eu faria alguma besteira.

— Bom, — ele elogiou. — Agora, vamos salvar essas mulheres e matar esses homens.

— Não. — A palavra saiu de meus lábios antes que eu pensasse melhor. Dar ordens ao chefe da máfia de Maryland não era inteligente.

Ele arqueou a sobrancelha. — Não?

Respirei fundo. Não podia acreditar que estava enfrentando o maldito chefe da máfia. Eu seria estúpida se não soubesse quem ou o que era Nico Morrelli.

— Nós tiramos as mulheres de lá, — eu disse com a confiança que eu não sentia exatamente. — Eu consigo as provas para que possamos colocar o Cartel Tijuana atrás das grades. Eles estão trabalhando com alguém em Washington, e preciso que eles revelem essa conexão.

— Interessante, — ele murmurou. Ele realmente considerou minhas palavras. — Você sabe quem?

Tenho uma boa ideia. — Não tenho certeza, — acabei respondendo.

Ele não acreditou em mim, mas assentiu mesmo assim. — Tire fotos. Depois, meus homens e eu tiraremos as mulheres de lá.

Foi o que fiz. Tirei fotos de todos os rostos do Cartel Tijuana. Junto com Santiago Tijuana, o chefe do cartel.

— Certo, agora me dê essa câmera, — exigiu Nico Morrelli. Olhei para ele com desconfiança. — Não se preocupe, você a receberá de volta e todas as fotos estarão lá. Não quero que você pegue provas contra mim e meus homens.

Limpei minha garganta. Isso passou pela minha cabeça, embora eu não quisesse admitir. Eu valorizava demais minha vida. Esperava que ele não pudesse ver a verdade em meus olhos. O nervosismo acelerou meu pulso, a fome de vingança me consumindo. Às vezes, é preciso fazer um acordo com o diabo para que as coisas aconteçam.

Que assim seja.

Entreguei-lhe minha câmera. — Fique aqui. Assim que tivermos todos os homens em segurança, eu poderia usar sua ajuda com as mulheres. Tenho um abrigo onde elas ficarão seguras.

— Tudo bem, — eu respirei, sem estar familiarizada com homens impiedosos como esse. Mas eu realmente não tinha escolha. Eu vim sozinha.

Eu não perderia a chance de libertar aquelas mulheres, então optei por confiar nesse homem. Nem que fosse só por uma noite. A guerra desta noite não era com Nico Morrelli. Era com Santiago Tijuana e meu pai.

Os vinte minutos seguintes foram um turbilhão. Nico e seus homens se moviam com uma eficiência e familiaridade que eu nunca teria em situações como essa. Isso me fez perceber quão estúpida eu fui ao pensar que vir aqui sozinha era inteligente.

Observei Nico e seus homens se deslocando na escuridão, tentei ler sua linguagem corporal, preocupada se eles trairiam a mim e às mulheres. Alguns estavam vestidos para combate, enquanto outros usavam ternos de três peças. Mesmo assim, eles lutavam com eficiência.

Quando a luta e os tiros terminaram, levantei-me do meu lugar e corri pelo estacionamento escuro. No momento em que me aproximei de Nico Morrelli, meus passos pararam imediatamente. Um homem corpulento de terno bloqueou meu caminho.

— Desculpe-me. — Tentei me esquivar dele, mas ele me contrariou. Ele obstruiu meu acesso a Nico. — Saia do meu caminho.

Os olhos azuis duros encontraram os meus e os lábios do homem se afinaram em desagrado. — Acho que não.

— O maldito do Tijuana fugiu. — Ouvi um dos homens gritar.

— Não importa, — disse Nico a ele. — Eu tenho o local cercado. Alguém irá buscá-lo e depois o deixaremos na delegacia de polícia, junto com algumas provas concretas.

Eu sorri. Nico Morrelli aparecer era definitivamente uma coisa boa. Irritada com o fato de o homem ainda estar obstruindo meu caminho, eu o encarei.

— Eu disse, com licença, — sussurrei.

— Deixe-a passar, — ordenou Nico. — Afinal de contas, é ela quem vai colocar Santiago Tijuana atrás das grades. Foi ela que disparou o alarme e nos trouxe aqui para libertar essas mulheres.

Bem, droga. Talvez um ou dois mafiosos neste mundo possam ser homens decentes, afinal.

Capítulo 9

RAPHAEL

Tamborilei meus dedos no volante, sem tirar os olhos da jovem repórter. Ela estava em sua corrida diária de oito quilômetros. Aquele maldito cabelo branco como a neve! Estava preso em um rabo de cavalo longo e liso, e balançava para a frente e para trás a cada passo.

Ela tinha um corpo lindo. Do tipo que fazia com que os transeuntes a olhassem duas vezes. Sim, seu cabelo era incomum, mas era muito mais do que isso.

A maneira como sua alma brilhava naqueles olhos azuis deslumbrantes mexeu comigo. Exatamente como na primeira vez em que nos conhecemos. E, como o verdadeiro demônio, eu queria roubar sua alma e mantê-la comigo para sempre.

Eu a estava perseguindo de longe há dias. Fiquei tentado a me aproximar dela, a falar com ela cara a cara. Mas não era hora. Ainda não.

Além disso, os federais a estavam vigiando. Ela tinha agentes em seu encalço desde que suas fotos foram incluídas como prova contra o Cartel Tijuana e a prisão das mulheres que eles contrabandearam para o território de Nico.

Meus olhos percorreram seu corpo molhado de suor e as roupas de ginástica que a abraçavam como uma segunda pele. Ela era linda. Desde

aquele rabo de cavalo alto e grosso até suas pernas finas e tonificadas. Todas as manhãs, ela percorria o mesmo caminho pelas ruas de D.C., com seus passos aumentando sua velocidade. Sua testa estava coberta de mechas de cabelo loiro grudados pelo suor e sua pele estava corada. Ela parecia estar concentrada, com o olhar distante e o sorriso curvado em um sorriso reservado e ausente para os transeuntes.

De acordo com o arquivo que recebi de Nico Morrelli, ela era próxima de Aurora Ashford, de seus irmãos e de sua amiga Willow. Meus olhos se voltaram para o arquivo que mostrava suas melhores amigas, mas logo voltaram para Sailor. Nico tinha informações sobre suas visitas à família, que eram inexistentes. Ela manteve distância dos pais e, coincidentemente, sua conexão com eles foi cortada bem na época em que seu filho nasceu.

Meu meio-irmão.

A revelação ainda parecia surpreendente. Mesmo depois de semanas sabendo disso, tive dificuldade em aceitar o fato.

Observei o olhar de Sailor McHale percorrer a rua. Era como se ela estivesse me sentindo, mas não me notou. Nunca a segui no mesmo carro. Outras vezes, eu também corria, mas sempre mantinha distância. Embora ela sentisse que alguém estava por perto. Ela olhava por cima dos ombros com frequência demais para ser acidental.

Ela se aproximou da cafeteria. A mesma em que ela parava todas as manhãs e se encontrava com o namorado intermitente. Se eles não estivessem namorando, eu garantiria que ele se tornasse um não-namorado permanente.

Como se fosse a deixa, a figura alta saiu da cafeteria, com seu terno Brioni listrado imaculado e em tal contraste com o equipamento de ginástica dela, que era quase cômico.

Eu odiava o fato de eles parecerem um casal perfeito. Pelo menos no papel. Sailor McHale e Aaron Kennedy.

Os descendentes das duas famílias políticas mais proeminentes. O casamento deles não pareceu surpreender ninguém. A única coisa que surpreendeu as pessoas foi o fato de que eles estavam namorando há anos, em vez de se casarem. O cara era um cara limpo, uma figura em ascensão no mundo político.

Sim, ele não a teria mais. Eu garantiria isso, porra.

Meus olhos se voltaram para a figura alta que parecia ter acabado de sair da passarela. O cara era bonito demais, quase como se estivesse competindo com Sailor para ser o mais bonito. Sim, ele perderia essa, porque ela o superava por um quilômetro.

Eu odiava o fato de que ela parecia ter um tipo e não era nada parecido comigo. Se ele fosse alguma coisa, ela definitivamente tinha uma queda por garotos bonitos de universidades da Ivy League e de famílias ricas. Pequenos idiotas autointitulados. Aposto que seu mundo estava cheio deles.

Na verdade, eu não sabia por que não gostava dele. Ok, o ciúme era uma parte disso. Mas havia mais do que isso. Talvez fosse porque em todas as fotos e histórias entre Sailor e o *cabrón* loiro, Gabriel nunca fez parte delas. Os rumores diziam que ele era o motivo do relacionamento ir e vir. Eu odiava a ideia de que meu meio-irmão estivesse perto de alguém

assim - alguém que se achava bom demais para incluir a porra de uma criança como parte de seu relacionamento.

— Quantos de seus segredos ele conhece? — Eu me perguntava em voz alta enquanto batia meus dedos no volante. Toque, toque, toque.

O mergulho profundo de Nico Morrelli em Sailor McHale e sua irmã revelou algumas informações interessantes. Enquanto Sailor era a filha legítima do governador McHale e de sua esposa, a filha mais velha não era. Ela era a filha ilegítima da esposa dele e o resultado de um caso secreto que ela teve antes de se casar com ele.

Meu telefone tocou. Era Nico.

— Sim? — respondi.

— Você está seguindo Sailor McHale.

Acho que nada deveria me surpreender quando se tratava de Nico, especialmente quando isso acontecia em seu território. E D.C., Maryland e Virgínia eram seus territórios.

— Sim.

Ele deu uma risadinha. — Qual é o seu interesse por ela, afinal? — ele perguntou. — Além do irmão mais novo. Primeiro, o arquivo sobre toda a família McHale. E agora você a está seguindo por aí.

Não comentei nem me dei ao trabalho de elaborar.

— Ela contratou minha empresa para vigilância extra, — acrescentou ele, quando fiquei em silêncio. — Você é discreto, mas não tão discreto assim, colombiano.

— Vá se foder, Nico.

Ele riu, cheio de diversão. — Aqui estou lhe fazendo um favor e você está ferindo meus sentimentos.

Revirei os olhos. — A única pessoa que pode ferir seus sentimentos é sua linda esposa. A propósito, como estão sua esposa e seus filhos?

— Ótimo. Você deveria experimentar o casamento. É uma experiência feliz.

Eu rio. — Nunca pensei que ouviria a palavra ‘feliz’ saindo de sua boca.

Ele deu uma risadinha. — Está na hora de você se casar e ter pequenos bambinos correndo por aí.

— Vou passar, — resmunguei. — O que há entre você e Sailor agora? Melhores amigos?

Eu praticamente podia ouvi-lo rir pelo telefone. — Ela me fez um favor. Ao contrário de sua família, ela é uma boa mulher.

Uma ideia surgiu em minha mente. Sailor era uma boa mulher. Eu vi isso nos olhos daquela jovem durante nossa primeira dança. Uma alma como aquela permanecia boa. Eu a desejava há oito anos. Talvez isso fosse um sinal de que ela estava destinada a ser minha desde o início.

Sim, meu amigo italiano pode estar certo. Eu deveria tentar o casamento.

— Ela não tem nenhuma ligação com seus pais, — continuou Nico. — Só isso já me diz que ela é uma boa mulher.

Eu sabia o que ele queria dizer. Todo o brilho e os diamantes não conseguiam esconder a podridão de sua família proeminente. A família McHale frequentava as escolas certas, se relacionava com o tipo certo de pessoas e fazia negócios que os tornavam mais ricos. Sem levar em conta as consequências para o cidadão comum.

Sim, meus amigos e eu éramos criminosos, mas até nós tínhamos padrões mais elevados do que eles.

E eu suspeitava que, em algum momento, Sailor tivesse aprendido isso.

Capítulo 10

SAILOR

Já se passaram semanas desde a apreensão de Tijuana no Porto de Washington. Os federais me seguiram, e Santiago Tijuana e sua equipe estavam atrás das grades e aguardando julgamento. Ainda assim, eu não conseguia me livrar da sensação de que estava sendo observada. Por quem, eu não tinha ideia, mas apostaria minha vida nisso.

Por isso, mantive minha guarda alta. Aprendi há muito tempo que depender de outra pessoa para me manter segura era burrice, por isso contratei uma empresa de vigilância para garantir que meu local de trabalho e nosso prédio residencial tivessem monitoramento extra.

Não que os irmãos Ashford tivessem uma vigilância frágil no prédio, mas isso era um extra, para garantir minha própria tranquilidade. A vigilância não mostrou ninguém suspeito. No entanto, isso não fez nada para acalmar meus nervos agitados. Na verdade, isso me deixou ainda mais nervosa.

Meus olhos se voltaram para Gabriel, que estava sentado à mesa tomando o café da manhã enquanto lia uma revista em quadrinhos. Os quadrinhos sempre o fascinaram. Ao fixar meus olhos nele, ele levantou a cabeça e nossos olhares se conectaram.

Os olhos azuis eram nossa única semelhança. Mas enquanto os meus eram claros, os dele eram azul-escuros, lembrando-me dos oceanos mais escuros. Ele era um bom garoto - gentil, compassivo e leal. Anya teria orgulho dele, independentemente de quem fosse seu filho biológico.

— Você está bem, mãe? — Gabriel também era muito preocupado. Ele sempre se preocupava comigo, com Aurora e com Willow.

Eu lhe disse que os papéis estavam invertidos e que ele deveria parar de se preocupar. No entanto, era como se isso estivesse enraizado em seu DNA. Talvez o traço de superproteção dos irmãos Ashford tenha se infiltrado nele.

— É claro, meu homenzinho, — eu lhe assegurei. Não importava o quanto eu tentasse protegê-lo, eu me preocupava com o fato de que o passado nos alcançaria. E então eu temia o momento em que explicaria a ele como tinha nascido. — Cinco minutos, e precisamos ir embora.

Eu tinha que voltar ao tribunal hoje para meu grande testemunho. É claro que só dei aos federais e à polícia metade das informações sobre o que aconteceu naquela noite. Não mencionei o nome de Nico Morrelli e sua equipe, que capturaram os Tijuana e libertaram as mulheres. Acontece que Nico tinha um abrigo há anos que ajudava mulheres vítimas de tráfico humano.

Eu não conseguia decidir se admirava o homem ou o temia.

Coloquei meu telefone no caixote e passei pelas câmeras de segurança. Uma onda de frio correu da minha nuca até à espinha e meu corpo formigou em consciência. Um baque alto veio de trás de mim. Itens sendo jogados em um caixote. Eu estava prestes a me virar para ver quem estava atrás de mim quando a voz do guarda me impediu.

— Srta. McHale, — o guarda, Sr. Roberts, me cumprimentou.

Eu havia passado tanto tempo no tribunal que sabia o nome de cada guarda, o nome de suas esposas e o que estava acontecendo em suas vidas.

— Sr. Roberts, que bom vê-lo. Sua esposa já teve o bebê?

— Qualquer dia desses, — ele riu.

Peguei meu telefone e continuei. Não conseguia me livrar da sensação de que as coisas não estavam acontecendo exatamente como os federais planejavam ou esperavam. É claro que eles se recusavam a compartilhar informações. Eu me preocupava com a extensão do alcance do meu pai. Se ele conseguisse libertar o Cartel Tijuana, eles viriam atrás de mim. E de Gabriel.

O pânico borbulhou dentro de mim, mas me forcei a engolir. Não adiantaria nada eu perder a cabeça agora.

Caminhei pelo grande saguão de mármore, dirigindo-me para a sala de audiências que abrigaria o julgamento. Um dos agentes acenou para mim e eu o encontrei no meio do caminho.

— O que está acontecendo? — Perguntei com o estômago cheio de pavor. Os dois agentes tentaram manter a compostura, mas a expressão em seus olhos era de pânico.

— Foi estabelecida fiança para Santiago Tijuana.

— Você está brincando comigo, porra? — Eu sussurrei. — Tem certeza? Não deveria haver fiança.

Ambos balançaram a cabeça. — Não, pagaram-lhe a fiança.

Não fiquei surpresa. Enojada, sim. Mas não surpresa. Senti isso no fundo do meu estômago durante toda a semana.

— Seus idiotas de merda, — cuspi. — O que aconteceu ao não pagamento de fiança?

— Temos que mudar você e seu filho, — respondeu Daniel, o agente mais velho, sem ser afetado pelo meu insulto.

— Mudar para onde? — Eu disse. — Esses homens têm conexões em toda parte. Seu trabalho era mantê-los atrás das grades.

— Precisamos ir embora agora, — insistiu Daniel.

Se esses dois pensavam que eu confiaria meu filho a eles, eram realmente idiotas.

— Dê-me um minuto, — resmunguei, com a agitação evidente em minha voz. Esperei até que os dois agentes se afastassem de mim, seus olhos voltando para mim de vez em quando.

Uma vez que havia distância suficiente entre nós, comecei a andar pelo corredor grande e comprido, em direção à sala de audiências

onde a audiência estava marcada para acontecer e, o tempo todo, pensando em pegar a saída dos fundos para dar o fora daqui.

A mesma consciência percorreu minha espinha e uma grande sombra se aproximou à minha direita quando perdi o equilíbrio.

— Malditos saltos altos, — xinguei, e minha mão instintivamente envolveu um braço oferecido e agarrou a manga de material caro.

Ele deu uma risadinha. — Não é fã de saltos altos?

Seria errado que o modo como as palavras saíam de sua língua de forma sensual mexesse com meu interior? Eu podia ouvir suas raízes hispânicas em cada sílaba e a profundidade de sua voz. Mesmo assim, não entrei em pânico. Algo em sua voz era relaxante. Até mesmo familiar.

— Porra, não, — resmunguei.

Endireitando-me, olhei para a minha direita e seu olhar capturou o meu. Pesado. Azul. E muito familiar.

Algo ardia em seus olhos que falava de uma vida dura e implacável. Crueldade. Toda a sua presença tocou minha pele com uma consciência perigosa e o reconhecimento me atingiu com violência e terror.

Aurora tinha razão. Gabriel era parecido com os homens de Santos. Porque não havia dúvida de quem estava na minha frente. Raphael Santos. Em toda a sua glória.

Prendi a respiração enquanto recebia o peso total de seu olhar. Será que ele descobriu sobre Gabriel? Ele veio atrás de nós?

Permanecendo imóvel, olhei fixamente para aquele belo rosto. Aqueles olhos que continham lampejos de luz, atraindo-me para que eu pudesse me afogar neles. O demônio de olhos azuis.

Diablo.

A palavra gritou na parte de trás da minha cabeça. Por quê? Eu não fazia ideia. Meus olhos se voltaram para suas mãos e foi então que eu vi. A tatuagem em sua mão. Diablo.

Alguma coisa me incomodou no fundo da mente. Uma lembrança nebulosa. Uma dança.

Balancei a cabeça. Não podia ser. Era uma noção ridícula. Esse homem se parecia com Gabriel - era aí que a familiaridade começava e terminava.

Levantando meus olhos de volta para seu rosto, nossos olhares se chocaram. Minha pele se aqueceu e minha respiração ficou presa em meus pulmões. Seus olhos percorreram meu corpo e, embora eu estivesse usando uma saia lápis preta e uma blusa de gola alta azul-clara, me senti nua sob seu olhar.

A frustração se manifestou em meu peito com a reação do meu corpo a ele.

Havia algo sombrio e preguiçoso em seus olhos e meu coração saltou sob seu olhar atento. Prendi a respiração. Nós dois ficamos em silêncio, olhando um para o outro como se estivéssemos medindo os pontos fortes e fracos de cada um. Eu tinha tantos que às vezes temia me afogar neles.

E Raphael Santos, de acordo com todas as pesquisas que fiz sobre a família Santos, não tinha nenhum. O indivíduo conhecido como Diabolo era temido por seus oponentes por sua crueldade. Mas seus homens o amavam e o seguiam cegamente, o que era o oposto de Lombardo Santos, seu pai. Este último instilava medo em seus próprios homens e, muitas vezes, até mesmo os executava. Enquanto Raphael Santos protegia seus próprios homens, a menos que eles o traíssem.

A questão era o que ele considerava uma traição. Não havia como saber, a menos que você trabalhasse para ele. E o homem era excelente em manter suas informações públicas ocultas. Até mesmo suas fotos.

Aurora o descreveu com bastante precisão e ela estava absolutamente certa. Gabriel se parecia com seu meio-irmão. A questão era se eu deveria ficar apavorada.

Disfarcei minha expressão, preocupada que ele descobrisse meus pontos fracos e os explorasse. Talvez até roubasse minha alma.

Inspirei lentamente e depois soltei a respiração.

— Obrigada. — Eu não podia agradecer-lhe enquanto mantinha sua expressão, então desviei o olhar.

— Está tudo bem, Srta. McHale? — A voz de Daniel, o agente, penetrou na névoa de meu cérebro. Jesus, se eles levaram tanto tempo para chegar até mim, não poderiam manter Gabriel e eu em segurança.

— Sim.

Afastei-me um pouco do homem, precisando de espaço para respirar e pensar. Ele era demais. Seus ombros largos e sua postura exalavam confiança. As linhas pretas e nítidas de seu terno. Seu cabelo escuro estava raspado curto nas laterais e moldado com uma mão experiente. Não havia uma única parte dele que não fosse impecável, mas era seu rosto e aqueles olhos azuis contra a pele cor de oliva que faziam com que fosse difícil desviar o olhar.

Eu tinha que sair daqui. Ficar longe dele.

Voltando para a direção de onde vim, comecei a sair correndo dali, mas mal dei três passos quando uma enorme explosão atravessou o prédio. Vidros se estilhaçaram e gritos encheram o ar.

Meus joelhos encontraram o chão duro de mármore, mas antes que o resto do meu corpo atingisse o chão, um corpo grande cobriu o meu no momento em que outra explosão sacudiu o edifício. Uma chuva de cacos de vidro e detritos voadores caiu ao nosso redor.

— O que está acontecendo? — Eu choraminguei, tentando me empurrar contra seu corpo duro que me protegia. Eu nem sabia por que estava perguntando. O Cartel Tijuana causou isso. Não havia um pinga de dúvida em minha mente. — Tenho que ir até meu filho.

Eu não podia deixar que nada acontecesse com Gabriel.

— Eu posso proteger você e Gabriel.

Ele sabia o nome do meu filho. Minha boca e meu coração congelaram. Ali estava minha confirmação. Ele sabia sobre Gabriel.

Seus olhos azuis escuros ardiam com chamas azuis que consumiam tudo em seu caminho. As simples palavras provocaram ondas de choque em mim, e fiquei olhando para aquelas safiras escuras.

Sem esperar pela minha resposta, ele enfiou a mão no bolso e tirou um telefone, depois apertou o botão de chamada.

Capítulo 11

RAPHAEL

No momento em que Caine respondeu, eu gritei: — Encontre-me na saída à direita.

Desliguei, coloquei o celular de volta no bolso e outra explosão sacudiu o prédio. Eu a mantive presa embaixo de mim, meu corpo a protegendo da maior parte dos destroços. O prédio tremeu; gritos e berros ecoaram ao longe. Ela se mexeu e se apoiou em minha pélvis. Precisei de todos os meus anos de treinamento para manter minha expressão neutra.

A intenção dela não era me excitar, mas, porra, eu estava pronto para tirar a calcinha dela e penetrá-la.

Hora errada, porra. Dizer que o momento não era adequado era um eufemismo.

Tínhamos que dar o fora daqui. Antes que a polícia, os federais e os socorristas invadissem o local. Ainda assim, permaneci imóvel, dolorosamente consciente de suas curvas suaves sob mim e de meu pau decidindo brincar.

Agarrei seus quadris e encontrei seu olhar. — Pare de se mexer, — rangi. — A menos que esteja tentando me seduzir no meio dessa merda.

Seus olhos azuis brilharam com desdém. — Desculpe-me, desgraçado. Você não faz meu tipo.

Não era nenhuma surpresa. Afinal de contas, eu já tinha visto seu namorado, que às vezes era mimado e arrogante.

— Então pare de se esfregar no meu pau, — ordenei.

Seus lábios se abriram, aquela boca cheia e deliciosa a poucos centímetros de distância, tentando-me a cravar meus dentes neles. E a porra do olhar em seu rosto incendiou minha virilha. Seu corpo era bom demais embaixo de mim. Era o tipo de corpo feito para seduzir, lambar e saborear. Para ser destruído. Eu queria ver o quão alto ela gritaria nos estertores da paixão.

Porque ela gritaria, independentemente de ser ou não uma pessoa que grita.

Seus cabelos prateados espalhados pelo chão coberto de detritos davam-lhe a aparência de um anjo caído jogado nas profundezas do inferno.

Um inferno governado por esse demônio. O domínio onde eu reinava.

— Você vai ficar me encarando o dia todo? — ela disse, com a irritação clara em sua voz.

— Talvez, — pensei. Quem poderia me culpar? Ela era absolutamente deslumbrante.

Ela me encarou, aqueles azuis amplos e oceânicos brilhando enquanto seu olhar se estreitava em fendas. Fiquei tentado a permanecer em cima dela por mais algum tempo, fosse para irritá-la ou apenas para

saborear a sensação de suas curvas exuberantes embaixo de mim, gritando para que eu as provasse.

E, caramba, o cheiro dela. Ele encheu o ar ao meu redor e penetrou em minha pele. Era o mesmo perfume de prímula de que eu me lembrava. Por que diabos ela não se lembrava de mim?

O som de tiros distantes tirou minha mente da sarjeta e a levou para a realidade de nossa situação.

Eu me levantei e a levantei pelo braço.

— Vamos, — eu lhe ordenei. — Não há tempo a perder.

Ela se soltou de meu controle. — Não vou a lugar nenhum com você, — sibilou. — Saia de perto de mim.

Cerrei os dentes, não acostumado a ser desobedecido. Principalmente por uma mulher. Eu era a favor da força e da independência, mas não da imprudência e da estupidez. Ela abriu a boca para dizer algo, mas o som das armas se aproximava, então interrompi as palavras que ela planejava pronunciar.

— Se você quiser viver, — eu disse a ela com severidade, — você vai me acompanhar. Se preferir morrer, fique à vontade. Mas meu irmão não vai morrer.

O terror absoluto entrou em seu olhar oceânico.

Droga, tanto para falar sobre isso em vez de assustá-la. Esse plano virou fumaça. Lá vamos nós - o erro que eu havia cometido com Isabella se repetiu mais uma vez.

Antes que eu pudesse garantir-lhe que não queria fazer mal nem a ela nem ao meu irmão, houve outra explosão alta, cuja força nos fez voar pelo ar. O grito dela se espalhou pelo caos e suas mãos me alcançaram. Rolando para o lado, meus braços se fecharam em torno de sua cintura fina, usando meu corpo como escudo.

— Por que esses filhos da puta não aceitam a punição? — ela murmurou. — Eles são criminosos e devem estar na cadeia.

Balancei a cabeça diante de sua lógica. Sua maneira de pensar ainda era tão estranha quanto no dia em que a conheci.

Antes que eu pudesse refletir mais sobre isso, o rugido de outra explosão soou em algum lugar. Um tiroteio foi disparado no ar, seguido de um forte estrondo.

Nós nos agachamos e nos mantivemos perto das paredes enquanto eu a mantinha atrás de mim, para garantir que ela ficasse fora da linha de fogo. Havia corpos por toda parte, alguns feridos e outros mortos. Olhei para a esquina para me certificar de que estava livre para continuar.

— Limpo, — sussurrei.

Depois, começamos a nos mover entre os escombros. E alguns cadáveres. O suspiro de Sailor me fez virar a cabeça bem a tempo.

Um dos homens de Tijuana tinha uma arma apontada para mim. Agindo por instinto, empurrei Sailor para trás de mim e, ao mesmo tempo, apontei minha arma para ele. *Bang*.

Diretamente entre seus olhos. Ele estava morto.

Outro desgraçado se juntou a ele e eu empurrei Sailor para o chão, meu corpo cobrindo o dela. Os tiros ecoaram pelo ar. Ele continuava tentando mirar, mas, felizmente, uma grande pilha de detritos cobria nossos corpos, enquanto meu corpo protegia o dela.

Quando o tiroteio cessou, ouvi o clique familiar. Ele estava recarregando. Essa era a minha chance. Levantei minha cabeça e mirei.

Bang.

Outra alma morta para manchar meu registro.

Meus olhos se voltaram para a mulher embaixo de mim.

— Cinco passos e estaremos fora daqui, — tentei confortá-la. Sua respiração estava um pouco irregular e o medo era evidente em seu rosto. — Você está bem?

Um aceno de cabeça conciso e olhos arregalados encontraram meu olhar. E, durante todo esse tempo, seus dedos agarraram meu terno. Como se ela precisasse de uma âncora para não entrar em uma espiral que, por acaso, era minha vida.

O submundo onde a guerra, as armas e as ameaças faziam parte da vida cotidiana.

Ela agora faz parte do grupo, quer queira ou não.

Capítulo 12

SAILOR

De alguma forma, eu sabia que esse dia chegaria.

Só que, depois de anos sem nada, fiquei confiante demais. Achei que a possibilidade de qualquer membro da família Santos descobrir sobre Gabriel era inexistente. Como pude ser tão estúpida?

Inspirei profundamente e depois expirei. Eu precisava me acalmar. A batida forte do meu coração realmente machucava meu peito. Não seria um bom presságio para ninguém se eu tivesse um ataque cardíaco. Se por medo ou pelo efeito desse homem sobre mim, eu não sabia.

Embora eu tivesse que dar crédito ao homem. Enquanto o pânico me deixava à beira de perder a cabeça, Raphael Santos estava totalmente calmo. Manchas negras se espalhavam em minha visão e meu coração batia contra o peito, enquanto Raphael parecia quase entediado como o inferno. O medo e o pânico dançavam em minha pele. Mas não esse homem. Esse belo espécime de homem que eu detestava não estava com medo algum.

Como um demônio que ama o caos.

Não havia dúvidas de quem *ele* era. O homem que me protegia com seu corpo. Era um rosto que eu via em um garoto todos os dias. Pelo

menos havia algum alívio nessa revelação. Com uma semelhança tão forte, não havia chance de Gabriel ser filho do meu pai. *Não é mesmo?*

Eu esperava que sim. A ciência nunca foi meu forte, mas eu tinha que confiar em meu instinto. Ele gritava que Gabriel era de fato um Santos. A semelhança entre eles era francamente assustadora. Gabriel era um mini Raphael.

— Por que não há fotos suas na Internet? — Eu deixei escapar. Ok, não foi muito diplomático nem o melhor momento para a pergunta, mas foi uma maneira de me distrair do fato de que eu poderia morrer hoje.

Ele olhou para mim e sua boca se contraiu em algo parecido com um meio sorriso.

— Temos um amigo em comum que apaga todas as minhas imagens na Internet. — Minhas sobrancelhas se ergueram, provavelmente encontrando minha linha do cabelo a essa altura. Raphael Santos e eu certamente não tínhamos amigos em comum. — Nico Morrelli, — ele esclareceu.

Um O silencioso se formou em meus lábios. — Eu não o chamaria exatamente de amigo, — eu disse.

No entanto, ele salvou minha pele naquela noite.

— Ele vai ficar com o coração partido, — brincou ele, e eu lhe lancei um olhar estreito. — Ele gosta de você.

O caos nos cercou. Os sons das sirenes percorriam o ar. Gemidos. Gritos.

— Não gosto de mafiosos, — resmunguei baixinho. Não era o melhor momento para ter essa conversa e não fazia o menor sentido. No entanto, lá estava eu entretendo-o.

Pensei tê-lo ouvido murmurar ‘Que pena’, mas não tinha certeza.

— Ele tem um casamento feliz, — respondeu secamente. — Além disso, ele não é a pessoa certa para você.

Estava na ponta da língua perguntar quem era a pessoa certa para mim, mas, em vez disso, revirei os olhos. Não era inteligente abrir essa porta com esse homem.

— Então, o que ele faz? Esconde todas as suas imagens na internet? — questionei, ainda curiosa para entender como Raphael era capaz de se esconder de forma tão eficiente.

Houve tiros à distância. Minha cabeça girou em sua direção, preocupada com uma bala perdida.

— Basicamente. É mais seguro para todos dessa forma.

Fazia sentido, então, que os membros da família Santos quase nunca aparecessem nos jornais. E suas imagens eram praticamente inexistentes na Internet.

Isso provavelmente funcionou a favor deles, pois puderam se movimentar entre o público em geral sem serem vistos. E aqueles malditos federais deveriam me proteger do cartel. De qualquer maldito cartel. E aqui eu tinha o líder de um deles bem em cima de mim.

Literalmente!

Fiquei imaginando se eu não me meteria em mais problemas se simplesmente tirasse o spray de pimenta da minha bolsa e borrifasse o rosto lindo desse cara com ele. Sabe, só para deixá-lo um pouco menos atraente. Embora isso não o fizesse perder seu corpo duro e musculoso.

Jesus Cristo. Eu havia perdido meu cérebro em algum lugar nessa explosão.

— Você já terminou suas perguntas? — perguntou ele, divertido.
— Devemos ir embora antes que comecem a atirar em nós novamente?

O homem era como um cobertor de aquecimento, ligado na voltagem mais alta. Um corpo grande e musculoso me cobriu enquanto os destroços caíam ao nosso redor. E a única coisa em que eu conseguia pensar era que não tinha feito um testamento e que esse cara era muito gostoso.

Eu era uma idiota.

Ele era refinado e mortal. Sua respiração nem sequer acelerou, enquanto eu ofegava aqui, pronta para desmaiar.

Por medo ou luxúria, eu não tinha certeza.

Todos os lugares em que nossos corpos se tocavam deixavam minha pele sensível, confundindo meus sentidos. Confundindo-me. O modo como seu corpo forte se pressionava contra o meu, sua sólida parede de músculos contra os meus músculos macios. Isso me excitava pra caramba.

Que momento ruim, Sailor. Eu me repreendi.

De todos os momentos em que meu corpo poderia acordar de seu comportamento adormecido, ele decidiu reagir e ficar todo excitado por esse homem.

A porra do Raphael Santos!

Um gemido suave saiu de meus lábios e aqueles olhos azuis, que pareciam ainda mais brilhantes contra aquela pele escura e cor de oliva, se voltaram para mim. Jesus, cada vez que eu olhava para ele, eu jurava que minha calcinha pegava fogo. Ele não era apenas alto, bonito e bem constituído. Mas algo em seu maxilar firme adornado com uma sombra de barba por fazer e naquele cabelo escuro agitava algo dentro de mim.

Havia algo nele que me parecia muito familiar. Como uma memória há muito perdida que eu não conseguia identificar.

Minhas sobrancelhas se franziram enquanto eu procurava em minha mente quando sua voz me interrompeu. — Você está machucada?

O tom de sua voz causou arrepios em minha espinha e sua mão se apertou ao meu redor. Seu hálito quente em minha pele, seu calor e seu aroma masculino fizeram meu corpo entrar em uma espécie de sobrecarga. Ele cheirava tão bem que me deu vontade de encostar meu rosto em seu pescoço e lambe-la sua pele. Como *Aguardiente*, uma bebida alcoólica louca de alcaçuz preto que experimentei uma vez. Sim, ele cheirava bem, como todo homem quente de sangue quente.

Outro gemido.

Deus, por quê um mafioso? Meu corpo deveria ter reagido a um homem bom e decente. A Aaron Kennedy, por exemplo. Todos esperavam essa união. Todos diziam que era a decisão certa. Bem, todos menos

minhas melhores amigas. A verdade é que Aaron e eu nunca namoramos de verdade. Pelo menos não da maneira clássica. Nós nos dávamos muito bem. Ele nunca tentou fazer sexo comigo e só isso já o tornava o namorado perfeito. Quando ele precisava de encontros para ocasiões oficiais e políticas, eu estava lá para ele e o mesmo acontecia com ele. A mídia tirou suas próprias conclusões e nenhum de nós se preocupou em contradizê-las. Sim, ele me beijava e tentamos fazer sexo uma ou duas vezes, mas era estranho. Eu não tinha experiência, mas percebi que ele estava desconfortável. Talvez ele sentisse o pânico cada vez que me tocava, eu não sabia. De qualquer forma, nunca conversamos sobre isso.

De qualquer forma, eu não poderia estar me excitando com um mafioso. Eu tinha como missão acabar com eles. Não dormir com eles.

Embora...

Pare com essa merda, Sailor, eu me repreendi.

— Sailor, — ele rosnou. — Você. Está. Machucada? — Sua voz era profunda, aveludada e muito masculina. Eu só podia imaginar como soaria bem quando ele.

Cortei a linha dos meus pensamentos. Definitivamente, estava indo na direção errada. Esse homem não era meu tipo. Nem por um quilômetro.

No entanto, meu corpo parecia não conseguir processar essa mensagem.

— Não. Estou bem.

Ele se levantou novamente e me ajudou a levantar. Seu braço envolveu minha cintura, seus olhos atentos à situação ao nosso redor. O maldito tribunal estava em desordem. Gritos, sirenes e, ocasionalmente, um tiro ao longe. Eu tinha um mau pressentimento sobre isso.

— Vamos sair daqui. — Ele me cutucou para a esquerda. Seus olhos baixaram para meus pés e eu segui seu olhar. Malditos saltos altos! — Quer que eu carregue você?

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Como por cima de seu ombro? — Então, percebendo o que acabara de sair de minha boca, balancei a cabeça. — Não. Estou bem. Apenas mais um dia de trabalho.

Idiota! Pare de falar. Ele provavelmente podia ver o terror em meu rosto. Afinal de contas, Anya sempre disse que eu tinha uma péssima cara de pôquer.

Felizmente, ele não fez nenhum comentário. Ele colocou a mão na parte inferior das minhas costas e me empurrou para a frente. Sua palma pressionada contra mim me causou um arrepio. Meu cérebro não conseguiu processar isso. Meu corpo estava reagindo como nunca antes. Isso era ruim. Muito ruim.

Mas reconhecendo que, naquele momento, ele poderia ser a única pessoa que poderia me ajudar a sair do prédio, eu o segui.

Levamos menos de cinco minutos e minhas mãos segurando a manga desse homem para atravessar o que parecia ser uma zona de guerra. Não foi uma tarefa fácil com saltos de sete centímetros. Esse homem, por

outro lado, parecia estar em casa nesse desastre, mesmo usando um terno de três peças caro, feito sob medida, e alguns sapatos sofisticados.

Ele parecia um belo demônio governando seu domínio. *O inferno.*

Em meio ao caos e aos escombros, tantos gemidos, lamentações e gritos, ninguém prestou atenção em nós. Éramos dois que ainda conseguíamos andar e não estávamos sangrando. Não precisávamos de ajuda.

Do lado de fora, luzes e sirenes gritavam no ar e outras vinham em nossa direção. Ficamos olhando por cima do ombro, mas ninguém estava nos seguindo enquanto corríamos pelo estacionamento.

Um SUV apareceu do nada. Ele parou na nossa frente com os pneus rangendo e, mesmo assim, ninguém sequer olhou para nós. Dois homens grandes saíram do carro, um vestindo jeans e camiseta branca e outro vestindo um terno.

— É ela? — Dois pares de olhos, um azul e outro escuro, piscaram em minha direção.

— Entre no carro, Sailor, — ordenou Raphael com firmeza.

Eu zombei. — Eu nunca disse que iria a algum lugar com você. Você me tirou de lá, muito obrigada. Agora vamos seguir nossos caminhos.

Na verdade, ele parecia estar se divertindo. — Acho que não, Reina. — Minhas sobrancelhas se franziram. Isso também me soou familiar. — Você e Gabriel virão comigo.

Sua mão envolveu meu pulso enquanto ele tentava me guiar até ao veículo. Se eu entrasse, tudo estaria perdido. Então, fiz a única coisa que sabia fazer. Em um movimento rápido, do jeito que Royce Ashford, irmão da minha melhor amiga, me ensinou, movi meu corpo em direção a ele e lhe dei uma joelhada nas bolas.

Demorou apenas uma fração de segundo, mas parecia ter demorado minutos. A dor transpareceu na expressão de Raphael enquanto seus guarda-costas olhavam confusos. Sinceramente, eu também estava confusa. Na verdade, não esperava que funcionasse.

Então, finalmente, me recuperei, dei um chute nos calcanhares e saí correndo para longe deles. O destino final era a escola do meu filho. Arriscando uma olhada por cima do ombro, vi Raphael curvado, xingando como um marinheiro em espanhol enquanto segurava suas bolas.

Adiós, amigo, pensei com presunção.

Não pude evitar um sorriso de satisfação pessoal. Infelizmente, Raphael levantou os olhos naquele exato momento e percebeu minha expressão. O olhar que ele me lançou prometia retribuição.

No entanto, eu não conseguia entender por que meu corpo tremia de prazer.

Capítulo 13

RAPHAEL

Madre de Dios.

Ela me deu um chute nas bolas. E com muita força. É bom que ela não tenha afetado minha capacidade de ter filhos. Não que eu tenha me esforçado para isso. Não depois da maneira fodida como cresci com meu pai.

A mulher deveria ser sofisticada. Não uma maldita gata selvagem. Apesar disso, se minhas bolas não estivessem doendo, eu estaria com tesão pela mulher loira com uma boca suja agora mesmo. Sim, prioridades fodidas.

Mas eu a faria pagar. Por me dar um chute nas bolas e por aquele sorriso que ela me deu ao olhar por cima do ombro, correndo como se o próprio diabo a estivesse perseguindo. Acho que eu era o demônio.

Da próxima vez, serei eu sorrindo.

— Será que realmente dói tanto quanto dizem? — Caine perguntou e eu estreitei meus olhos para ele. Era tão pior que eu temia que minha voz saísse como a de uma garota. — Você não precisa responder, — ele me assegurou. — Eu posso ver que você está com dor.

— Quer que eu demonstre? — Eu rosnei, empurrando-o para fora do caminho e entrando no carro. — Entre na porra do carro para que possamos pegar a mulher antes que ela mate meu irmão.

— Ou a ela mesma, — acrescentou Caine, sem ajuda, sorrindo como um idiota que era.

— Eu não dou a mínima para ela, — eu disse friamente. *Mentiras.* — A imprudência da mulher está colocando Gabriel em risco, e eu não vou tolerar isso.

Caine parecia não acreditar em mim, mas não disse mais nada. Em vez disso, ele entrou ao meu lado e Diego começou a dirigir.

— Para onde? — ele perguntou. — Primeiro para a escola do garoto ou para o condomínio?

— Escola.

Meu palpite seria que ela iria atrás de seu filho primeiro. Embora ele não fosse seu filho biológico. Sailor adotou seu sobrinho e, devo admitir, isso me fez admirar e respeitar a mulher. Ela mal tinha dezoito anos quando sua irmã, Anya, deu à luz. Normalmente, ela não teria sido qualificada para adotar tão jovem, mas as conexões com os Ashford eram amplas e profundas.

Lembrei-me da minha própria mãe. Ela afogava suas mágoas com pó branco e álcool. Ela era uma boa mulher, até que não era mais. Ela realmente *tentou* preencher as lacunas. Mas as drogas e o fato de ela evitar a realidade interferiram.

Houve muitas noites em que tive de pegá-la do chão, com seu próprio vômito manchando seu cabelo. Meu irmão e meu pai a chutavam para fora do caminho, xingando-a em espanhol, mas eu aprendi em algum lugar ao longo do caminho que nunca se deve chutar um cachorro quando ele está no chão.

Mas a falta da presença e do carinho de minha mãe fez com que eu crescesse sob a influência de meu pai. Não houve um momento em minha vida em que eu não temesse me tornar seu clone.

A última vez que vi minha mãe encheu minha mente, a lembrança que me assombraria até à minha morte.

Segui o labirinto dos corredores do hospital até chegar ao quarto. Não era uma clínica de reabilitação, como meu pai chamava. Ele havia internado minha mãe em uma instituição. Meu pai a havia internado em Montana. Ele o chamava de retiro de bem-estar, quando na verdade era uma instituição mental. Ele adorava atormentá-la.

Eu pretendia tirá-la daqui. Levei algum tempo, mas a encontrei. Ela havia passado um mês aqui e, conhecendo minha mãe, parecia um ano para ela. Principalmente quando meu pai a visitava. Sua sessão regular de tormento, uma vez por semana.

Meu irmão Vincent já havia morrido há vários anos. Infelizmente, isso fez com que a atenção de meu pai se voltasse para minha mãe e outras mulheres. Ele queria outro herdeiro - para garantir a linhagem Santos. O maldito não gostava do fato de eu me recusar a agir como ele.

Ao virar a esquina, encontrei os homens do meu pai parados do lado de fora da porta. Sem pensar duas vezes, apontei minha arma e puxei o gatilho. Duas balas por vez. Ambos mortos.

Entrei no quarto. Era como um apartamento, mas ainda era um sanatório. Maldito bastardo. Ele não podia nem mesmo deixá-la morrer em sua própria casa.

Uma olhada na sala de estar me disse que ela não estava na frente da televisão. Geralmente era o que ela fazia quando estava drogada e meu pai ficava mais do que feliz em lhe fornecer drogas. Continuei pelo quarto e pela cozinha. Ainda nada. Não que eu tenha ficado surpreso. Eu não via minha mãe na cozinha desde que eu era pequeno.

A cozinha dava para uma varanda. A porta estava aberta, e o ar frio de Montana congelava todo o apartamento. Era outra forma de punição. Minha mãe odiava o frio, como uma verdadeira princesa colombiana, preferia o calor.

E, em sua idade avançada, isso a incomodava com a artrite.

Entrei na varanda e fiquei paralisado. Minha mãe estava de pé no parapeito da varanda, sua forma frágil em um vestido de noiva e seus cabelos negros como o ébano esvoaçando ao vento. Parece que todo o guarda-roupa de minha mãe também foi trazido para cá, juntamente com o vestido de noiva que ela guardava.

Jesucristo. Jesus Cristo. Por que diabos ela estava usando um vestido de noiva?

— Mamãe, desça daí, — eu disse a ela suavemente, tentando não assustá-la.

Ela nem sequer se mexeu. — Não, filho. — Ela não me chamava de ‘filho’ desde que eu tinha cinco anos. — É hora de acabar com tudo isso.

— Sim, desça e vamos conversar, — eu disse. — Quero ver seu lindo rosto, mamãe.

Ela riu. Era uma risada amarga, que falava de decepções e muitas humilhações.

— Raphael, meu anjo, — disse ela por fim. — Estou feliz que seu irmão Vincent esteja morto. Você dará a volta por cima. Faça com que as coisas sejam como deveriam ser.

Dei mais um passo à frente e coloquei minha arma de volta no coldre. — Desça, mamãe.

Ela se virou para mim e foi então que eu finalmente vi. Seu rosto estava preto e azul. Meu maldito pai deve ter lhe dado uma surra. Fechei as mãos, preocupado em dar um soco na parede e mandar minha mãe para a varanda.

Eu odiava o velho bastardo. Odiava-o e mal podia esperar para ver seu corpo frio cair no chão.

— Mamãe, está frio aqui fora, — tentei novamente. — Vamos entrar.

Suas bochechas estavam machucadas, seu lábio rachado e seu único olho inchado. Ela estava no pior estado que eu já havia visto.

Apesar do frio, senti uma gota de suor em minha testa.

— Meu anjo, nunca seja como ele, — ela sussurrou, enquanto uma única lágrima rolava por sua bochecha.

Isso não era bom. Ela devia estar passando por um período de abstinência e, combinado com a surra do meu pai, ela tinha chegado ao limite.

Agarrando o corrimão da varanda, ela ergueu uma perna sobre ele e depois a outra.

— Mamãe, — avisei, com pânico evidente em minha voz. Avancei, mas antes que pudesse alcançá-la, ela se afastou.

— Amo você, filho.

Observei seu corpo esbelto voando pelo ar, seus cabelos escuros balançando, como uma nuvem escura e ameaçadora, e ainda mais nítida contra seu vestido de noiva branco.

E, sem mais nem menos, meu pai conseguiu matar outra coisa boa em minha vida.

Sasha Nikolaev, ao matar meu pai alguns anos depois, eliminou a maçã podre da minha vida. Sim, o carma era uma droga.

Capítulo 14

SAILOR

O motorista de táxi deu uma olhada em seu espelho retrovisor pela centésima vez.

Ele provavelmente pensou que eu era instável. Eu não podia culpá-lo. Meu cabelo estava emaranhado, meu rosto suado e minhas roupas amassadas e sujas.

— Houve uma explosão, — murmurei minha explicação. Ele não pareceu acreditar.

Encolhi os ombros, peguei meu celular e liguei para Royce. Ele era meu irmão Ashford favorito, não que eu não gostasse de todos eles. Mas ele era o mais próximo de nossa idade, com exceção de Kingston, que foi sequestrado muito antes de eu conhecer Aurora.

— Ei, garota. — E ele tinha um jeito único de me cumprimentar.

— Ei, de volta, — eu o cumprimentei. — Preciso de um favor.

— Diga a palavra, loirinha, e você a terá. — Ele sabia que eu odiava quando ele me chamava de loirinha. Ele achava que era uma coisa frívola, mas a verdade é que eu odiava porque isso me lembrava das convicções malucas do meu pai. Aquele bastardo racista e ignorante.

Não fazia sentido ficar remoendo o homem que me deu vida. Ele nunca mudaria e a única maneira de lidar com ele era derrubá-lo.

Por Anya. Por Gabriel.

— Posso usar a cabana de sua família? — perguntei.

— É claro, — respondeu ele rapidamente. — Está tudo bem?

Não. — Sim.

Os Ashfords fizeram muito por mim e por Gabriel. Willow e Aurora me ajudaram a criá-lo. Nossa amizade foi a única razão pela qual me formei na faculdade e pude oferecer uma boa vida a Gabriel.

Eu me recusei a envolver todos eles nessa merda. Eu comecei e vou terminar.

Quando ele ficou quieto, provavelmente ponderando se deveria acreditar em mim ou não, continuei: — Só preciso de um pouco de descanso. Tem sido estressante desde o artigo e os federais estão sempre atrás de mim. Não que eu tenha que me preocupar com o fato de eles estarem me seguindo.

— Eles não estão mais seguindo você?

— Não. — Na verdade, eu me esqueci deles no momento em que meus olhos se conectaram com Raphael.

— Isso não parece certo, — ele resmungou. Eu já podia imaginar suas sobrancelhas franzidas em sinal de desagrado. — Deixe-me colocar a segurança em você.

— Não! — Eu disse, um pouco rápido demais. — Não, obrigada. Não preciso de segurança.

Seguiu-se um silêncio de um instante.

— Sailor, você está com problemas?

Eu zombei. — Não. — Deus, eu era uma idiota. Eu deveria fazer com que Royce enviasse Gabriel e eu para algum lugar onde nem o Cartel Tijuana nem o de Santos pudessem nos encontrar. Só que eu não podia ficar pedindo ajuda aos Ashfords. Eles já tinham problemas demais em seus próprios pratos.

— Está tudo bem, — eu lhe assegurei. — Gabriel e eu só precisamos de uma escapadinha de fim de semana.

— É quarta-feira, — ele comentou.

— Uma longa escapada de fim de semana, — murmurei.

Duas batidas de coração em silêncio.

— Tudo bem, — ele cedeu. — Se você quiser, mas se acontecer alguma coisa e você precisar de ajuda, me ligue imediatamente.

— É claro, — prometi, embora soubesse que quebraria essa promessa. — E muito obrigada, Royce.

— É para já, loirinha.

Terminei a ligação no momento em que o motorista do táxi se aproximava do meu prédio no lado noroeste da cidade. Tirei dinheiro da minha bolsa, enfiei uma nota de vinte na palma da mão dele e saí do táxi.

Graças a Deus, eu estava paranoica há semanas. Eu tinha a mala de Gabriel e a minha prontas para o caso de uma emergência. Bem, uma novidade. Essa era uma maldita emergência.

Subi rapidamente o caminho até à entrada do prédio, onde um porteiro abriu a porta para mim.

— Senhorita Sailor, — ele me cumprimentou.

Eu sorri, apesar do estresse e da preocupação que invadiam cada fibra do meu ser. — Olá, Nigel.

— Você chegou cedo em casa, — comentou ele, com os olhos fixos em minhas roupas que estavam uma bagunça.

Acenei com a cabeça e entrei correndo no elevador que acabara de abrir. Não fazia sentido dar a ele qualquer desculpa lamentável. Ele a repetiria para qualquer irmão Ashford que decidisse interrogá-lo.

Uma vez no apartamento, corri para o meu quarto e peguei as duas bolsas, depois fui para o banheiro que compartilhava com meu filho e coloquei os produtos de higiene pessoal na minha maior bolsa de higiene em um movimento rápido.

— E é assim que se faz uma mala eficiente, — sussurrei para mim mesma.

Levei exatamente dois minutos para vestir uma calça jeans e uma camiseta e calçar meus tênis, antes de sair pela porta e deixar o prédio com os olhos atentos de Nigel.

Sim, ele ligaria para os Ashfords.

— Para onde estamos indo, mamãe? — A empolgação de Gabriel brilhava em seus belos olhos. Do mesmo tom que os de Raphael Santos. Eu ainda não conseguia decidir como me sentia em relação a isso. É claro que

eu estava agradecida por ele não ser filho do meu pai, mas será que era realmente muito melhor ser um Santos?

— Vamos tirar férias prolongadas no fim de semana, — eu disse a ele, escondendo minhas preocupações por trás do meu sorriso. Eu não queria que ele crescesse como Anya e eu. Nossos únicos momentos despreocupados eram quando estávamos longe de nossos pais. — Surpresa! — exclamei.

Seu riso se transformou em um sorriso. Ele adorava nossas escapadas de fim de semana. É claro que, normalmente, elas eram exatamente isso. Uma escapada de fim de semana. Não uma fuga de fato, mas um tipo de férias do tipo ‘esconda-se dos mafiosos’.

Peguei o volante e, assim que coloquei a chave na ignição, meu celular emitiu um bipe.

Verifiquei o nome.

Era Willow.

Você está bem?

Olhei para o relógio no painel. Ela estava três horas atrás de mim, atualmente na Califórnia. Ela deveria estar de volta hoje ou amanhã. Eu estava tão ansiosa para vê-la. Gabriel também. E, no entanto, aqui estávamos nós fugindo. Dos Cartéis Santos e Tijuana.

Isso é que é sorte de merda.

Sim, perfeita. Você?

Ao contrário de mim, Willow tinha cabelos castanhos escuros que brilhavam com reflexos castanhos sob o sol. Ela era pequena, com apenas um metro e sessenta, mas sua personalidade a fazia parecer maior. Com a herança de seus pais, ela adquiriu as melhores características de sua mãe, que era portuguesa, e de seu pai, que era francês. A melhor parte era seu coração de ouro.

Royce disse que você poderia estar em apuros.

Sim, nada escapa aos irmãos Ashford.

Teve notícias de Aurora?

Eu estava preocupada com ela. Depois de sua expedição à Rússia e da captura do homem que matou seu irmão, ela não era mais a mesma.

Sim, ela está vindo para D.C.

Ergui uma sobrancelha surpresa. Antes que eu pudesse responder, chegou outra mensagem.

Ela está indo à festa de arrecadação de fundos do pai dela.

Ela odiava essas coisas. Fiquei surpresa que os irmãos dela a convenceram a participar.

Você estará aqui quando ela chegar, certo?

Eu não queria que ela ficasse sozinha.

Onde você vai estar?

Willow era um pé do saco às vezes.

Ao redor.

Apareceram bolhas na minha tela, mas antes que ela pudesse dizer outra palavra, digitei rapidamente:

Tenha um voo seguro para casa*.

Cliquei em enviar, depois desliguei o telefone e me concentrei na situação em questão. Precisávamos chegar à cabana dos Ashford em

segurança. Uma vez lá, eu tinha certeza de que ninguém poderia nos encontrar. Os Ashfords mantinham uma segurança de alto nível. Eu ficaria quieta até descobrir quais seriam meus próximos passos.

Esconder-me dos Cartéis Santos e Tijuana seria algo difícil de fazer. Especialmente sem dinheiro para me apoiar.

Capítulo 15

RAPHAEL

Eu não tinha dúvidas de que a jovem estaria correndo para buscar seu filho. O plano era pegá-los e levá-los para um lugar seguro. Eu não precisava estar perseguindo a mulher por todo o país.

Eu tinha uma organização e empresas para administrar.

Demoramos muito para chegar à escola do Gabriel. Diego não estava familiarizado com a disposição ilógica das ruas de Washington, D.C. Malditas direções do Google Maps.

Avistei Sailor assim que nos aproximamos do prédio da Janney Elementary School, na Albemarle, em D.C. Meus lábios se curvaram em um sorriso diante de sua tentativa de disfarce. Calças jeans rasgadas que abraçavam perfeitamente suas coxas. Camiseta preta simples. Calçado esportivo. E um boné de beisebol com o rabo de cavalo puxado para dentro. Foi seu cabelo que a denunciou. Era difícil não notar aquela tonalidade.

Embora pareça que a mulher não tenha tido problemas com as direções em D.C., ela encontrou tempo para ir para casa, pegar o carro, trocar de roupa e ir para a escola do filho, enquanto nós mal tínhamos chegado ao nosso primeiro destino.

— Diminua a velocidade, Diego, — ordenei.

Eu os observei correndo para o carro dela. Um Volkswagen Jetta branco. Ela estava sorrindo para o filho enquanto o levava para dentro do veículo. Eu já tinha visto fotos de Gabriel. Não havia como negar que ele era um Santos. Ele tinha cabelos escuros e olhos azuis, mas muitos outros também tinham. Mas sua estrutura facial, até mesmo seu sorriso, se assemelhava a fotos minhas quando criança. Ele não se parecia em nada com sua tia ou mãe adotiva. De acordo com as fotos que eu tinha visto de Anya McHale, ele também não se parecia em nada com sua mãe biológica.

Nada disso importava para mim. Mas vê-lo sorrir para Sailor, com um olhar cheio de amor, me fez questionar meu plano de trazê-lo para o meu mundo. Afinal de contas, eu também não queria fazer parte dele. Mas nunca houve a possibilidade de sair. Minha graça salvadora foi o fato de eu ter conseguido fazer mudanças na organização com a morte do meu irmão e do meu pai.

Afastando qualquer ideia ridícula de deixar Gabriel e sua mãe vagarem livremente por este mundo, endureci minha determinação. Era mais perigoso deixá-los à solta. Assim como eu descobri, meus inimigos também poderiam descobrir. E se eles colocassem as mãos em Gabriel, eles o usariam como garantia contra mim. Machucando-o.

De volta ao meu plano original de sequestrar mãe e filho, dei a ordem. — Nós os seguiremos até seu destino. Depois os pegaremos.

Meu plano era sentar e esperar que a Srta. McHale viesse buscar seu filho na escola primária que o pequeno Gabriel frequentava, e então pegar os dois. Mas, em retrospecto, era um plano idiota.

Não há mais brincadeiras.

Eu os levaria de volta para minha casa. Eu os protegeria em meu território. Ensinaría a Gabriel tudo o que ele precisasse saber sobre nosso império e como sobreviver neste mundo. Quando atingisse a maioridade, caberia a ele decidir se queria ou não permanecer no império. Mas ele seria capaz de se defender se alguém viesse atrás dele.

E Sailor.... Bem, eu ensinaria algo totalmente diferente àquela mulher. Mas, primeiro, eu teria que lhe dar um pouco de juízo. Ela e Gabriel teriam que ficar comigo. Era a única maneira de protegê-los.

— Como diabos ela chegou aqui tão rápido? — Diego resmungou.

Dei de ombros. — Ela cresceu em D.C. e provavelmente sabe se virar melhor do que nós três juntos.

Ligo para Caine. — Sim?

— Vá até o apartamento da mulher e empacote todas as roupas dela e do menino. Leve-as para minha casa. Não seja pego.

Caine podia ser invisível quando queria. Esse era o seu forte.

— É pra já.

Desliguei o telefone enquanto esperávamos. Diego fez um bom trabalho, escondendo o carro atrás de outro carro estacionado, enquanto observávamos Sailor se sentar ao volante, com a atenção voltada para o celular. Não demorou muito e ela ligou o carro.

— Que comecem os jogos, — anunciei.

Nós a seguimos por duas horas até que Diego começou a reclamar. — Onde diabos ela está indo? Para a Terra de Ninguém? Isso é como o oeste selvagem.

Eu zombei. — Longe disso. Ainda estamos em Maryland.

— Madre de Dios, quem gostaria de viver aqui? — Diego reclamou.

— Bem, aparentemente cerca de trezentas mil pessoas querem morar no oeste de Maryland, — eu ri.

— Idiotas, — Diego retrucou.

— Não perca a mulher, — avisei, notando que a distância entre o carro dela e o nosso estava aumentando.

Ignorando o que quer que Diego estivesse murmurando baixinho, liguei para Nico. Ele atendeu no segundo toque.

— Raphael, o que posso fazer por você?

Era disso que eu gostava no homem. Nada de besteira.

— Preciso que você coloque sua localização em Sailor McHale.

Sua risada profunda veio através da linha. — Você já a perdeu?

— Não. — Não era como se eu fosse compartilhar com ele o fato de ela ter me dado um chute nas bolas. — Por favor, mantenha monitoradas todas as ameaças ou perguntas sobre ela.

— Acho que a explosão em D.C. tem algo a ver com ela.

— Santiago Tijuana pagou fiança.

— Porra.

— Sim, porra, — concordei com o sentimento.

— Eles estarão atrás dela. Ela não pode estar lá fora sozinha, — Nico resmungou.

Concordei plenamente. — Estou seguindo-a, mas quero estar ciente de qualquer outra pessoa que possa estar atrás dela.

— Dê-me cinco minutos. Vou colocar um aplicativo em seu telefone. Você poderá ver tudo o que eu fizer em relação a ela.

— Excelente. Obrigado.

Cumprindo sua palavra, meu telefone tocou e quem diria. O destino final da pequena Miss Sunshine apareceu no meu celular. Parece que nos encontraríamos nas montanhas dos Apalaches.

— Vamos desfrutar de algumas vistas dos Apalaches, — disse aos meus homens.

— Mulheres normais correm para a praia, — Diego resmungou. — Mas não conseguimos uma dessas.

Eu já sabia que Diego gostava das montanhas.

Capítulo 16

SAILOR

Gabriel já estava dormindo profundamente. Tinha sido um longo dia, com a exaustão pesando em meus ossos, mas era impossível me livrar da ansiedade dentro de mim. Fiquei andando de um lado para o outro, o silêncio da cabana era quase irresistível.

O som dos grilos me irritava. O pio da coruja me fez querer jogar algo para o alto. Não era racional. Era medo.

Eu fiz besteira. O artigo que publiquei deveria ter oferecido proteção. As provas que forneci deveriam ter sido convincentes o suficiente para prender Santiago Tijuana pelo resto da vida. Então, o plano era negociar com ele - para obter provas contra meu pai.

Em vez disso, fiz uma grande besteira. Agora, eu me encontrava em fuga. A segurança de Gabriel estava em risco, e a culpa era toda minha.

O pânico se espalhou por todas as minhas células. Eu tinha que checar como ele estava. Certificar-me de que ele estava bem. Entrei correndo na cabana e abri silenciosamente a porta do quarto onde ele dormia.

Enfiei minha cabeça para dentro e o encontrei dormindo profundamente. Ele dormia com os braços e as pernas esticados, com um

pequeno sorriso no rosto. Meu menino feliz. Eu manteria esse sorriso em seu rosto. Não importa o que isso me custasse.

Por Anya.

Ela me protegeu, sacrificou sua felicidade pela minha. Papai a estuprou. Muitas vezes. Em vez de protegê-la, ele a machucou. Eu tinha pavor do escuro, sempre atravessava o corredor descalça em busca dela, porque estar com ela me dava conforto. Isso me dava paz. Ouvir sua respiração, vê-la dormir.

Exceto quando o monstro aparecia. Esse era o único motivo pelo qual ela franzia a testa quando eu implorava para dormir em seu quarto.

— Acorde, Sailor. — A voz da minha irmã era urgente. Eu adorava ouvir sua voz. Era suave e, quando ela cantava canções de ninar para mim, eu me sentia aquecida por dentro. Mas quando ela estava triste, sua garganta doía demais. Ela dizia que ficava muito apertada. Então eu cantava para ela as músicas que aprendi no jardim de infância. Eu queria fazer com que ela se sentisse melhor.

Porque eu a amava. Ela nunca gritou e berrou comigo. E nunca me bateu. Mamãe e papai batiam. Eles nos faziam chorar; Anya mais do que eu.

— Sailor, acorde. — O ar frio encheu o quarto e meus olhos se abriram. Pisquei os olhos várias vezes, confusa. — Você tem que se esconder.

O medo me invadiu e meu coração acelerou, trovejando contra meu pequeno peito.

O ritmo do bater dos sapatos no piso de mármore ecoou pelo corredor.

— Estou com medo, Anya, — choraminguei em voz baixa

O som estava cada vez mais próximo. — Debaixo da cama. Agora! — Ela me empurrou para debaixo dela. — Nem um som, Sailor. Não importa o que aconteça, fique quieta. Está bem?

Meus olhos ardiam, as lágrimas escorriam pelo meu rosto e meu nariz começou a escorrer. Limpei-o com as costas da mão. — Eu amo você, Sail, — ela sussurrou.

— Eu também amo você, Anya.

A porta rangeu e, em um movimento rápido, ela puxou um cobertor para o lado da cama, deixando-me na escuridão. O medo era algo peculiar. Ele engolia você, como um buraco negro, arrastando-o cada vez mais para as profundezas do inferno.

— Aqui está minha prostituta. — Eu não sabia o que a palavra significava, mas não gostei dela. — Você sabe como se diz prostituta em espanhol?

A voz do pai era cruel e fria, como uma queimadura de gelo contra sua pele. Anya não deve ter respondido porque o pai continuou falando.

— Puta, Anya. Lembre-se disso. — Eu não entendia as palavras, mas meu coraçõzinho o odiava tanto. Eu também não gostava de mamãe.

Eu disse a ela que meu pai estava fazendo Anya chorar. Em vez de ajudá-la, mamãe me deu um tapa no rosto e me chamou de mentirosa.

— Deite-se na cama, — ordenou ele em um tom áspero.

— Por favor, não. — A voz suave de Anya mal era um sussurro. As palavras dela mal se assentaram no ar antes que uma forte pancada ecoasse no silêncio. Minha mão pequena foi até meu rosto, segurando-o. Ainda me lembrava da dor quando minha mãe me deu um tapa. Meu coração chorou por Anya e minha boca se abriu para gritar. Mas então me lembrei da exigência de Anya. Nem um som.

Minha mão livre cobriu minha boca.

Rangido. O colchão recuou, sufocando-me. O espaço era muito pequeno, muito escuro.

— Grite. — Eu odiava sua voz. Eu o odiava. Mais do que qualquer outra pessoa.

Mordi o lábio e senti o gosto de sangue. Anya normalmente beijava melhor meu dói-dói, mas meu coração pequeno sabia que o dói-dói dela era maior.

— Chore por mim, minha pequena puta. — O sussurro frio e cruel era como uma névoa sinistra que envolvia a sala, sufocando tudo de bom que havia neste mundo.

Um rangido vindo da cama. As cobertas se mexeram quando os corpos se deslocaram pela cama e meu esconderijo teve uma abertura. Os dedos se curvaram sobre a borda da cama, agarrando-a com força. Dedos

feios. Dedos enrugados. Um desses dedos segurava o anel com o brasão da família McHale.

Os gritos borbulhavam em minha garganta, mas Anya disse para eu ficar quieta.

Então mordi minha mão. Com força. Senti a dor e ouvi os ruídos que fizeram meu estômago revirar. Eu odiava aquela maldita cama. Lágrimas quentes e salgadas escorriam pelo meu queixo.

— Grite, droga.

Um suor frio brotou em minha testa e um tremor começou em minhas mãos e se espalhou pelo meu corpo. Meus pulmões se contraíram e meu coração acelerou. Meus dedos se fecharam em punhos e minhas unhas se cravaram nas palmas das mãos.

Respire, Sailor. Eu quase podia ouvir a voz de Anya se misturando aos sons da noite. Inspirei profundamente, deixando meus pulmões incharem e depois expirei lentamente. Repetindo isso várias vezes, minha frequência cardíaca finalmente diminuiu.

Olhei de relance para o relógio que mostrava oito e meia. Eu odiava a ideia que se escondia em minha mente, mas, a menos que pedisse dinheiro aos Ashfords, o que eu não queria fazer, essa era minha única opção. Nem Anya nem eu tínhamos tido um bom relacionamento com nossa mãe, mas ela era nossa mãe. Ela tinha de se importar conosco, pelo menos um pouco. Ela chorou quando Anya morreu e pediu que eu voltasse para casa em várias ocasiões. Isso deve significar que ela se importava, pelo menos um pouco. Talvez eu pudesse apelar para sua boa natureza.

A apreensão revirou em meu estômago, o chumbo no fundo dele me alertando, mas eu o ignorei. Era o meu orgulho. Ao dar outra olhada no relógio, minha decisão estava tomada.

Meu pai não voltaria para casa antes de uma hora, se ele mantivesse a mesma rotina.

Eu pediria ajuda à minha mãe. Eu precisava de dinheiro. Quando me afastei deles, me afastei de tudo. Dinheiro, roupas, herança. Tive que começar do zero, mas graças aos Ashfords, não foi um processo doloroso. Foi somente graças aos irmãos Ashford que sobrevivi àquela primeira semana. Aquele primeiro ano.

Eu estava mais feliz do que nunca. Gabriel estava seguro e era um bebê tão bom. A confirmação de que eu havia feito a escolha certa estava em seu rosto todos os dias.

Não falo com meus pais há mais de sete anos. Eu me afastei no dia em que Gabriel nasceu. Quando saí do hospital com o bebê da minha irmã, não tinha um centavo em meu nome, o que me deixou sem casa e sem posses.

Nem sequer tive a chance de pedir ajuda. Byron me acolheu, deixando que eu ficasse em sua cobertura com o bebê, enquanto ele conseguia um lugar para eu e o bebê ficarmos. Aurora e Willow deixaram o dormitório da faculdade e ficaram conosco. Byron contratou uma babá para cuidar do bebê para que eu pudesse continuar a faculdade, comprou tudo o que eu e o bebê precisávamos e pagou os quatro anos seguintes de mensalidades.

Era algo que eu nunca seria capaz de retribuir. De forma alguma eu o colocaria no meio disso. Arriscar a vida dele e de sua família.

Mas eu precisava de dinheiro suficiente para desaparecer.

Com o coração pesado, pressionei o botão de chamada e escutei os toques, fazendo com que meu pulso acelerasse.

— Residência McHale. — Reconheci a voz de nosso antigo mordomo, James.

— Olá, James, — eu o cumprimentei. — É Sailor.

— Srta. McHale, que bom ter notícias suas. — Na verdade, James era a pessoa mais simpática da família McHale. Nunca entendi por que ele ficou, em vez de se mudar para uma família mais normal. Meus pais deviam ser o casal mais disfuncional que já existiu na Terra.

— Você também, James. Como você está? E sua família?

— Eles estão indo bem, obrigado. E você e seu filho? — Meu coração se apertou por ele ter se lembrado e um pequeno lampejo de esperança se acendeu em meu peito. Talvez minha mãe estivesse de olho em nós. Caso contrário, como ele saberia?

— Ele está se saindo muito bem, — eu lhe disse. — Ele já tem sete anos e é muito inteligente. Ele me deixa orgulhosa todos os dias.

A risada suave de James atravessou a linha. — Se ele for parecido com você, é um garoto extraordinário.

Minha garganta entupiu, as emoções a sufocaram.

— Minha mãe está por aí? — perguntei.

— Timing perfeito. As senhoras da sociedade de bridge estão programadas para chegar em dez minutos.

Deus, algumas coisas nunca mudam. Depois de todos esses anos, ela ainda dirigia a sociedade de bridge. Era um grupo de senhoras que não tinha contato com a realidade e certamente não tinha aspirações. Eu me arrepiava com a possibilidade de estar presa a uma vida tão vazia. Eu não trocaria todos esses anos de dificuldades financeiras por nada.

— Obrigada, — murmurei. Meu coração martelava contra o peito em antecipação, com a incerteza correndo em minhas veias.

— Alô? — A voz de minha mãe veio através da linha. Era fria e reservada. Talvez James não tenha dito a ela que era eu que estava ligando.

— Olá, mamãe, — eu disse. — Sou eu. — Depois, sem saber se ela reconheceria minha voz, acrescentei: — Sailor.

Eu era sua única filha viva. Deveríamos ter nos aproximado mais, mas, em vez disso, nossa família se desfez.

— Olá, Sailor. — Eu não tinha certeza do que esperava, mas não era isso. O tom de sua voz sugeria civilidade, mas não havia calor nela. — Onde você está?

Inspirei profundamente e deixei a respiração sair lentamente.

— Estou em segurança. Na casa dos Ashford, — eu lhe disse vagamente. Os Ashfords tinham muitos lugares nos Estados Unidos. — Estou com problemas. — Não havia sentido em arrastar o assunto. — Eu preciso de dinheiro e estava esperando que pudesse.... — Deus, por que isso era tão ruim? — Eu esperava poder pedir dez mil emprestados.

O silêncio se estendeu.

— Preciso desaparecer por um tempo, — expliquei. — Meu artigo sobre o cartel trouxe um pouco de pressão sobre nós e nossas vidas estão em perigo.

No momento em que ouvi sua risada suave, soube que tinha feito a escolha errada.

— Eu li o artigo. Está causando um grande alvoroço. — Sua voz era fria. Indiferente. Exatamente como eu me lembrava dela. O tom indiferente era o mesmo que ela me deu quando corri para ela chorando, dizendo-lhe que o pai estava machucando Anya.

Logo antes de ela me dar um tapa no rosto e me proibir de repetir essas palavras. Ou então....

A raiva fervilhava dentro de mim. — Você não vai perguntar como está seu neto?

— Ele não é meu neto. — Eu podia ouvir a repulsa em sua voz mesmo através da linha. — Ele deveria ter sido dado para adoção. Ele nunca será um McHale.

— Ele é de sua própria carne e sangue, — eu disse. — Ele é meu filho. Ele é a única coisa que nos resta de Anya. Como você pode sequer sugerir que ele deveria ter sido abandonado?

— Ele é latino. — Meu coração gelou e depois se transformou em um inferno. A palavra soou suja vinda dela.

— Ele é um menino, — gritei através da linha. — Seu neto. Meu filho! Nada mais e nada menos.

— Ele é um bastardo. Uma vergonha para nossa linhagem e nossa família.

— A única desgraça é você. — Minhas mãos tremeram de raiva. — Você e meu pai. Vocês não o merecem. Nós. Vocês nunca mereceram. Você falhou conosco, porra. Você deveria ter protegido Anya, — minha voz vacilou. — Você deveria ter nos protegido dele. Em vez disso, você nos levou até ele como ovelhas a um matadouro.

Uma batida de coração em silêncio.

— Por que você ligou?

— Foi um erro. Um erro que não pretendo repetir. Jamais. — A raiva ferveu, fazendo com que minha fúria e mágoa se espalhassem por minhas veias. — Não espere ouvir falar de mim novamente.

— Você vai se arrastar de volta para nós, — ela zombou. — Você já está praticamente lá.

— Prefiro morrer a rastejar de volta para você. — Eu encontraria outra maneira de proteger meu filho. — Você nunca mais me verá. E eu não pretendo vê-la novamente. Adeus, *Cecília*.

Porque eu nunca mais chamaria aquela mulher de minha mãe.

Tempos de desespero e toda essa merda pode ir para o inferno.

Capítulo 17

SAILOR

Faltavam horas para o amanhecer e o sono não chegava.

Fazia menos de vinte e quatro horas que eu havia ficado cara a cara com Raphael Santos. Agora, eu olhava para o teto escuro, revivendo cada momento e cada palavra dita. Para ele. Para minha mãe.

As lembranças me sufocavam. Assim como o ódio que queimava toda vez que eu pensava em meus pais.

Como pude ser tão estúpida? Ligar para minha mãe. Eu realmente esperava que ela não contasse ao meu pai que eu havia ligado. Idiota, idiota, idiota.

E ainda havia a questão de Raphael Santos. No momento em que vi seu rosto, reconheci suas características. Se aquela maldita explosão não tivesse acontecido, eu teria saído dali sem nenhum outro contato.

Ele tinha que estar lá por causa do caso de Tijuana. Não se sabe em que função.

Fui uma tola ao pensar que poderia perseguir a história do cartel e não cruzar com o famoso membro do cartel. O Cartel Santos comandava o submundo da Flórida com conexões com a América do Sul. Especificamente, a Colômbia, já que eles se originaram lá.

Meu coração acelerou, mais do que o natural, ao pensar no homem de olhos azuis. Só pode ter sido por medo. Sim, definitivamente medo. Aquele demônio não fazia o meu tipo.

Os sons dos grilos e das ondas suaves de Deep Creek preenchiam a noite, mas, ao contrário de tantas vezes antes, não consegui encontrar paz nesses ruídos. Minha mente continuava examinando todas as opções e possibilidades. E não encontrava nada.

Gabriel e eu não poderíamos ficar nessa cabana para sempre. Os Ashfords voltariam a nos ajudar. Se eu pedisse ajuda, eles ajudariam. Sem perguntas. Um simples ‘sim’ e eles estariam em movimento, garantindo nossa segurança.

Mas eu não me perdoaria se os envolvesse nessa confusão.

Era um pouco agridoce. Eles eram mais uma família do que a minha própria. Eles não deviam absolutamente nada a mim e ao Gabriel e, mesmo assim, sempre ajudavam. Meus próprios pais, por outro lado, nunca me deram nada além de miséria.

Eu já deveria estar acostumada com isso, mas ainda assim doía. Doía muito o fato de eles se recusarem a reconhecer Gabriel. Doeu o fato de terem nos dado as costas no momento em que ele nasceu. Para citar minha querida mãe, ‘Porque ele é uma desgraça’.

A mesma raiva familiar inundou minhas entranhas. Minha mãe era uma desgraça. Ambos os meus pais eram. Não um garoto inocente. E tudo porque ele não estava à altura de seus padrões de merda. Não vá por aí, Sailor.

Pela décima vez esta noite, levantei-me da cama e caminhei pelo piso de madeira da cabana até ao quarto de Gabriel. Assim que entrei nele, a forte pressão em meu peito diminuiu um pouco e meus lábios se curvaram em um sorriso.

Era a mesma sensação reconfortante que eu tinha quando era menina e ia para o quarto de Anya.

Apesar das circunstâncias complicadas de como ele surgiu, Gabriel foi a melhor coisa que poderia ter acontecido comigo. Ele me fez ver como certas coisas estavam erradas. Foi ele que me incentivou todos os dias a lutar as batalhas e fazer a coisa certa.

Aproximei-me de sua cama e passei meus dedos sobre seus cachos escuros e macios.

Ele era alto para uma criança de sete anos. Seu cabelo escuro precisava ser aparado. Só que eu era ruim com tesouras e ele odiava qualquer pessoa que não fosse Willow, Aurora ou eu para cortar o cabelo dele. Nós o mimávamos um pouco, mas ele merecia. Cada coisa, porra. E ele iria receber.

Seu pé balançava para fora da cama, as cobertas estavam estendidas. Esse garoto tinha sempre calor, não importava a época do ano. E ele claramente não tinha medo dos monstros que pegariam seu pé pendurado na cama.

Ao contrário de mim.

Eu tinha medo da escuridão e de monstros. Porque esses monstros eram de todas as formas e tamanhos. Quando você menos espera, eles atacam.

A porta rangeu e meu coraçãozinho disparou, ameaçando quebrar meu peito.

— Anya, — gritei, apertando sua mão. — Acorde. Estou ouvindo um monstro.

Nós duas tínhamos sono pesado, mas eu estava indo para o quarto dela quando ouvi passos no piso de mármore. Apertei sua mão novamente e ela mal conseguiu abrir os olhos.

— Vá dormir, Sailor.

Outro rangido.

— Os monstros estão chegando, — choraminguei e ela subiu na cama. Era tarde demais.

Ela me empurrou da cama, com os olhos arregalados de medo. — Esconda-se, — disse ela.

Sim, os monstros estavam por toda parte. Até mesmo entre os cidadãos íntegros de nossa alta sociedade. Como nosso próprio pai. Fechei firmemente os fantasmas em um armário, incapaz de lidar com eles no momento. Ou talvez eu estivesse com muito medo.

Eu apostaria minha vida que Raphael Santos não tinha medo. De porra nenhuma. Ele instilava medo, não o sentia. Eu o invejava. Pelo menos nesse aspecto.

Zombei suavemente.

Essa foi a primeira vez. Invejar um mafioso que tiraria minha vida em um piscar de olhos, sem hesitar. Especialmente depois de eu ter lido um chute nas bolas. Eu teria que contar essa história para Royce um dia. Ele ficaria orgulhoso.

Embora eu esperasse não ter machucado Raphael permanentemente. Afinal de contas, ele me protegeu durante o ataque e me ajudou a sair daquele manicômio.

Eu me lembraria para sempre daquele rosto.

Seria impossível esquecer aquele rosto esculpido com os traços mais hipnotizantes. Boca cheia, maçãs do rosto esculpidas, olhar azul que deveria me aterrorizar, mas do qual eu não conseguia desviar meus olhos. E aquelas tatuagens. Jesus Cristo!

No entanto, elas se encaixavam nele. O demônio que ele era.

Aquele terno de três peças caro e personalizado não conseguia esconder o demônio por baixo dele. Implacável. Perigoso. Tão gostoso. Não, não, não. Risque gostoso.

Maldito seja ele. Ele destruiu minha vida com sua aparência. Já não bastava o fato de o pai dele ter destruído minha irmã? Nossa frágil família. Ela era tudo para mim. Por que esse mundo era tão injusto? Eu queria que houvesse mais tempo para nós duas, que pudéssemos ter envelhecido juntas e visto Gabriel crescer e se tornar um bom homem.

Lombardo Santos tirou isso de mim. Embora eu tivesse plena consciência de que colocar toda a culpa no pai de Gabriel não era certo. Ele só acabou com Anya. A dor dela começou muitos anos antes dele.

O pai garantiu isso. Ele fez da vida dela uma tela de sofrimento e dor.

Sacudindo a cabeça, como se isso fosse me livrar de todos os meus pensamentos, peguei um cobertor e me deitei no sofá do quarto de Gabriel.

Concentrada em sua respiração suave, finalmente encontrei minha segurança. Ouvir sua respiração sempre afastava meus medos. Como a sensação de que o demônio viria à noite e roubaria meu filho de mim.

Ele era tudo o que me restava de minha irmã. Então eu ficava de olho.

Se ao menos eu me lembrasse de que tinha o sono pesado.

Uma brisa suave roçou minha bochecha, o ar fresco da montanha entrando no quarto. Os ruídos suaves da manhã me acalmaram durante o sono. Resmunguei de cansaço e apertei mais as cobertas sobre mim. Eu precisava dormir um pouco mais.

Foi então que senti o cheiro. Alcaçuz preto, doce e mortal.

Saí correndo da cama, esquecendo-me de onde estava e caí do sofá. A primeira coisa que vi dele foi um par de botas pretas.

O desgraçado me encontrou.

Nem mesmo vinte e quatro horas haviam se passado e Raphael Santos havia me encontrado. Meus olhos se voltaram para a cama. Vazia. Então me levantei, esticando o pescoço para ver aqueles olhos azuis.

— Buenos días, — ele disse, com um sotaque suave e sexy. Sua voz grave mexeu comigo. Eu não gostava dela.

Que se dane seu ‘buenos días’. E que se dane sua voz sexy.

— Onde está Gabriel? — sussurrei, tentando parecer corajosa.

— Ele está seguro.

— Onde? — Eu gritei.

— Ele está lá fora com Caine.

Pisquei os olhos. — Caine? Lá fora? — Ele provavelmente pensou que eu era burra.

— Sim, achei melhor que ele não testemunhasse isso.

Minha respiração ficou presa nos pulmões logo antes de meu coração disparar. *Medo*. Ele me sacudiu por dentro. Não consegui proteger Gabriel. Minhas mãos tremeram e meus olhos baixaram. Eu ainda segurava o cobertor ao meu redor, que mal me cobria. Jesus, eu morreria com minha bermuda de menino e camiseta que diz ‘me morda’.

Não fazia sentido, mas eu queria pedir a ele que me deixasse me trocar.

Cristo, ele estava prestes a me matar e eu me preocupava com meu guarda-roupa.

Engoli com força, ainda deitada no chão, enquanto minha mente trabalhava vigorosamente em diferentes cenários nos quais eu sairia viva dessa. Com Gabriel. Longe desse homem.

Mas como negociar com um criminoso?

— Meus amigos não ficarão felizes ao encontrar meu cadáver em sua cabana. — Sério? Isso foi o melhor que consegui fazer. — Eles são poderosos e... — E o quê? — E eles virão atrás de você.

Seu sorriso tinha uma presunção que não me agradava.

— Ah, sim. Os Ashfords, — disse ele. — Sim, estou bem ciente de quem é o dono da cabana.

Mordisquei meu lábio inferior, sem saber se eu estava em vantagem ou se ele estava. Ele parecia não estar preocupado com a influência de Ashford.

— Vá embora agora, e eu não direi nada a eles. — Ele jogou a cabeça para trás e riu. Não era exatamente o efeito que eu estava buscando. — Apenas deixe Gabriel e eu em paz.

Ele me olhou fixamente. Eu me senti inferior, sentada a seus pés, porque estava muito surpresa por encontrá-lo aqui para me recompor.

— Não posso fazer isso, — ele ronronou, com uma expressão cheia de diversão sardônica.

Eu engoli. — Mas a família Ashford virá atrás de você.

— Deixe-os vir.

Eu deveria saber que o criminoso não teria medo. Especialmente um que parecia tão sexy em seus jeans.

— Então você vai me matar? — Eu engasguei, meu coração ameaçando sair do peito. Droga, eu não estava pronta para morrer. Eu deveria ter sabido que deveria recusar os federais quando eles me tornaram

uma testemunha principal do Cartel Tijuana. Droga, eu era tão estúpida. Essa foi a última vez que me recusei a ouvir meu instinto.

Droga, não haveria uma próxima vez para ouvir meus instintos.

Os olhos de Raphael se estreitaram por uma fração de segundo antes que ele apagasse sua expressão para uma máscara ilegível.

— Não vou matar você, — disse ele, mantendo a voz calma. — A menos que você me force.

Oh, droga.

— E...e Gabriel? — sussurrei, com medo de que ele nos separasse.

— Você é a mãe dele, — ele explicou. — Não vou matar a mãe de meu único irmão vivo. — Graças a Deus. — Mas você virá conosco.

— Você não pode simplesmente nos levar, — protestei. — Gabriel tem escola. Seus amigos. Eu tenho um emprego.

Todas as desculpas e mentiras. Não podíamos voltar à nossa vida cotidiana. O cartel nos encontraria e nos mataria.

Raphael não perdeu o ritmo. — Você tem um emprego que fez de você e do meu irmão um alvo. Não aprendeu em sua pesquisa que o Cartel Tijuana e a família Santos são rivais?

Putaquepariu. Essa parte eu perdi.

Pisquei os olhos. — V-você é? — Eu disse baixinho.

— Sim, — ele respondeu secamente. — Que tipo de repórter você é se não faz sua lição de casa?

Esse filho da puta.

De repente, tudo o que eu podia ver era vermelho e tudo o que eu podia sentir era raiva. Meu coração acelerou com fúria e, antes que eu percebesse, estava de pé e minha mão voando pelo ar. Quando minha palma estava prestes a entrar em contato com seu lindo rosto, ele pegou meu pulso e me girou.

Uma lufada de ar me escapou e minhas bochechas queimaram. Como diabos ele se moveu tão rápido?

Sua mão em minha pele. Seu hálito quente contra minha orelha. Seu corpo pressionado contra minhas costas. Instantaneamente, a raiva evaporou e a excitação tomou seu lugar.

Para meu horror e desânimo.

Lutei contra ele, minha bunda roçando em seu corpo duro, mas foi inútil. Ele era muito mais forte do que eu e, por fim, fiquei imóvel, com minha respiração pesada enchendo o quarto.

— Solte-me, — sussurrei, com o latejar entre minhas coxas pulsando com uma dor que eu não sentia há muito tempo. Não, risque isso. Que eu nunca havia sentido antes. Eu não conseguia entender essa reação a esse homem. Era um sentimento estranho e a única explicação lógica era que minha atração por esse criminoso era o resultado de minha abstinência por toda a vida.

Isso era errado em muitos níveis, porque eu o odiava. Toda a sua família.

— Não tente me bater de novo, mi reina. — Foi um aviso suave e gentil, mas arruinado com o menor cerrar de seus dentes. — Eu deixei você se safar ontem. Da próxima vez, você não terá tanta sorte.

— Ou o quê? — Eu respirei.

Minha sanidade mental estava oficialmente na sarjeta. Eu não deveria estar desafiando-o.

Ele pressionou seu rosto em meu pescoço por trás e um tremor percorreu cada centímetro do meu corpo.

— Ou terei de bater em você até que veja as coisas do meu jeito. — Algo entre um suspiro e um gemido escapou por meus lábios e uma sensação lânguida puxou meus músculos. Seus lábios encostaram em minha orelha. Meu Deus, eu não gostava de palmadas. Será que eu gostava? — Não tem mais nada a dizer?

Fiquei confusa com minha própria excitação. Eu odiava ser manipulada. Na maioria das vezes, eu odiava ser tocada. E aqui estava eu, ofegante, muito consciente de cada respiração dele e de cada ponto em que seu corpo tocava o meu.

— Eu o desprezo, — cuspi. Era tudo o que eu tinha.

Ele era um criminoso de sangue frio. Letal. Sua família era conhecida por sua crueldade. Uma longa lista de assassinatos e tráfico de pessoas. Eu tinha ouvido dizer que eles não lidavam mais com o tráfico de pessoas, mas não tinha certeza. Ao contrário do Cartel Tijuana, o Cartel Santos era famoso por sua presença anônima e sem rosto entre as organizações criminosas.

Essa foi a razão pela qual nunca reconheci Lombardo Santos. Anya guardava segredos, tentando me proteger. Meu pai a vendeu para Lombardo Santos. Até hoje, não consigo entender por quê. Ele tinha muito dinheiro.

Anya tinha tanto medo do pai que concordou em seguir suas ordens. A milhares de quilômetros de distância. Estávamos em Miami, o pai estava em Washington e ele ainda controlava Anya. Ele a aterrorizou tanto que ela foi de bom grado até Lombardo Santos. Aurora, Willow e eu a seguimos, sem saber no que estávamos nos metendo.

Eu só queria que ela tivesse me contado. Poderíamos ter fugido juntas. Poderíamos ter feito alguma coisa. Em vez disso, assistimos à crueldade até que Lombardo Santos soube que o sobrenome de Aurora era Ashford. Depois de destruir minha irmã, ele chamou o pai dela e, como melhores amigos, os dois riram e brincaram enquanto nós quatro éramos levadas para fora, mudadas para sempre.

Então, sim, eu tinha interesse em destruir todos os criminosos. Inclusive aqueles que se escondiam atrás de seus nomes e legados familiares. Eu havia trabalhado para destruí-los todos, pedaço por pedaço. Eu destruiria meu pai pelo que ele fez com minha irmã. Ele achava que era intocável. Mas eu o pegaria. Eu me recusava a morrer nesta Terra até que aquele bastardo pagasse por seus pecados.

Nossos corpos estavam unidos, seu peito em minhas costas, e faíscas se acendiam sob minha pele cada vez que ele se mexia. Era como se eu estivesse sendo eletrificada e me deliciasse com a sensação.

— Você não me despreza, — disse ele. — Você pode desprezar o que eu represento, mas certamente não a mim.

— Alguém está delirando, — eu rio. Eu não tinha ideia de quando fiquei tão corajosa. Talvez eu só estivesse precisando dormir um pouco.

— Então, por que sinto o cheiro de sua excitação, Reina? — zombou ele, com a voz grave e próxima demais para ser confortável.

— Você está sentindo meu nojo, cariño, — cuspi.

Meus dedos se contorceram, ansiosos por uma faca para perfurar o coração negro do demônio.

Só que algo sobre ferir esse demônio não me agradou muito.

Capítulo 18

RAPHAEL

Mudança de planos.

Essa mulher tinha muito fogo para conversar sobre as coisas de forma razoável. Então, eu a assustaria um pouco e não lhe daria alternativa a não ser ver as coisas do meu jeito.

— Vamos estabelecer algumas regras, certo? — Eu disse em um tom preguiçoso. Ela podia mentir para si mesma o quanto quisesse, mas a bela repórter estava atraída por mim. A resposta de seu corpo a mim a confundia e ela odiava isso.

Tomei cuidado para não deixar meu pau roçar em seu traseiro, ou correria o risco de perder o controle. Assim como na primeira noite em que a vi, tudo nela me atraía. Seu cheiro me lembrava o paraíso e o diabo raramente tinha um vislumbre do paraíso. Portanto, eu me agarraria a ele dessa vez.

Dessa vez, eu não estava desaparecendo.

— Foda-se você e suas regras.

Balancei a cabeça, divertido. Não haveria como argumentar com essa mulher. Não em seu estado. Seu ódio por mim era maior do que sua inteligência.

— Vamos fazer o seguinte, — comecei, ignorando sua explosão.
— Você virá conosco por vontade própria, e eu protegerei você e meu irmão.

— Não. É. Seu. Irmão. — Seus dentes se cerraram, suas safiras brilhando com relâmpagos azuis. Ela estava determinada, isso eu já sabia.

Bastava olhar para Gabriel para saber que ele era um Santos. Ele não se parecia em nada com sua mãe biológica nem com sua tia.

Ignorei sua negação de relações de sangue como se ela não tivesse falado. — Ou terei que manipulá-la e você ainda virá comigo para que eu possa proteger meu irmão.

Seus olhos se estreitaram em fendas. — E quanto à opção em que você nos deixa ir?

— Não há nenhuma.

Não havia nenhum lugar na Terra onde ela e seu filho pudessem se esconder de mim. Eu a caçaria e a encontraria. Todas as vezes.

Será que a mulher teimosa não conseguia ver que era para o seu próprio bem?

Ela tentou se sacudir contra mim novamente. Sem sucesso. Só que sua bunda redonda e bonita se chocou contra a minha virilha e meu pau imediatamente se tornou visível. Nossa. Eu sempre tive controle sobre meus impulsos até essa mulher.

No momento em que entrei no quarto e senti seu leve perfume de primula, meu pau decidiu que era hora de brincar. Era irritante como a merda. Era a hora errada, o lugar errado e a garota errada.

Os assassinos do Cartel Tijuana estavam vindo para cá agora. Tínhamos que nos apressar.

Assim que esse pensamento passou pela minha cabeça, Caine e Gabriel entraram.

— Temos que nos mexer, — disse Caine. — Dois carros estão se aproximando. A um quilômetro de distância. Cartel Tijuana.

Quando chegamos, apenas nos sentamos e observamos. Garantimos que era seguro. Passamos a noite nos revezando para manter Gabriel e sua tia em segurança.

Esta manhã, Nico enviou o aviso prévio. Santiago Tijuana estava em movimento. Então viemos buscá-los. Tínhamos uma hora de antecedência. O melhor de tudo. Encontramos Gabriel na sala de estar, jogando um jogo no iPad e nos cumprimentando com um sorriso. Ele nem se assustou ao nos ver entrar pela porta.

Sailor deveria ter lhe ensinado pelo menos a regra do perigo para estranhos.

— Mãe, você está bem? — Gabriel nos observou, tentando determinar se eu estava machucando sua mãe.

Então, lentamente, eu a virei e a coloquei de frente para mim. Seus olhos se arregalaram e se alternaram entre seu filho, eu e Caine.

— Sailor, eles já encontraram você, — tentei mais uma vez. Eu teria que sedá-la se ela se recusasse a cooperar. Estávamos ficando sem tempo e sem opções. Gabriel talvez tivesse que testemunhar isso, o que não

era o ideal. — Sou sua melhor aposta. Posso manter você e Gabriel protegidos.

— Você os trouxe até aqui, — acusou ela.

— Ninguém nos seguiu, — eu disse, mantendo minha voz moderada. — Ao contrário de você, meus homens e eu sabemos como nos mover nas sombras. Você não sabe. Eles a pegaram o tempo todo. Sua sorte é que eu cheguei aqui primeiro.

Pude vê-la processar as palavras, as engrenagens girando em sua linda cabeça, e vi a decisão em seus olhos e a maneira como ela endireitou os ombros antes de falar.

— Tudo bem, mas se você tentar alguma coisa... — O significado ficou no ar. Suas ameaças não significavam nada, mas mesmo assim eu gostei.

Ela faria qualquer coisa por seu filho, e eu faria qualquer coisa para proteger os dois.

Capítulo 19

SAILOR

— Você tem meu voto de sangue. Meu objetivo é manter você e Gabriel seguros.

Eu poderia ser estúpida, mas acreditei nele. Embora tenha ficado surpresa por ele ter me encontrado tão rápido. Esse era o único lugar que os Ashfords mantinham longe do público, e era o lugar de fuga deles. Onde nenhuma mídia ou ninguém poderia encontrá-los.

Apenas alguns poucos conheciam esse lugar. Seus amigos mais próximos. É claro que Aurora, Willow e eu passamos muitos dias durante nossos anos de escola aqui. Meus pais me deixavam aqui e Byron, sendo o mais velho, geralmente ficava de olho em nós, pirralhas. Seu apelido favorito para nós.

No momento em que assenti, o chão foi sacudido por um tremor violento e Gabriel correu até mim, envolvendo-me com seus braços.

— O que é isso? — Seus olhos, tão parecidos com os de Raphael, se arregalaram, cheios de medo.

— O inimigo, — respondeu Raphael. — É hora de nos movermos. Rápido.

Sem demora, peguei a mão de Gabriel, peguei sua mochila do chão e segui Raphael para fora da sala e pelo corredor. Eu podia odiar o

cara, mas ele era nossa melhor alternativa no momento. O Cartel Tijuana nos mataria - sem discussão.

— Espere, — eu o interrompi, depois olhei para Gabriel. — Fique aqui, está bem?

Ele assentiu e eu corri de volta para o meu quarto, onde nossas malas estavam abertas. Rapidamente enfiei algumas coisas nela quando ouvi o som de um motor ao longe. Fechando a mala e calçando meus sapatos, corri de volta para o local onde deixei meu filho com o irmão.

— Estou ouvindo carros, — sussurrei enquanto Raphael pegava a mala de mim.

Ele olhou para a minha mala e balançou a cabeça. — Já arrumei todas as suas roupas e as de Gabriel em seu apartamento. — Meus olhos se arregalaram. Esse cara era irrereal. — Tudo o que você ou ele precisarem, nós compraremos quando chegarmos à minha casa. — Enquanto eu tentava decidir se ele era um mafioso louco ou apenas um sequestrador extremamente organizado, ele voltou sua atenção para Gabriel. — Ei, amigo, vamos passar por um terreno difícil. — Resmunguei. Não é assim que você explica as coisas para uma criança de sete anos. Mas não me incomodei em dizer nada. Não tínhamos tempo a perder. — Eu vou carregar você. Ok?

Os olhos de Gabriel se iluminaram. Ele adorava ser carregado. Em um movimento rápido, Raphael o pegou no colo, com a camiseta puxando para cima e me dando um vislumbre de seus abdominais duros e tatuados. E santo Deus! Eles eram uma obra-prima. E a forma como a calça jeans assentava nos quadris.

Que merda!

Era tão errado querer arrancar suas calças e passar minha língua em cada centímetro de sua pele tatuada.

— Pronta? — Raphael perguntou. Porra, sim!

Então me dei conta de que ele não estava falando em tirar as calças. Ele estava falando em correr. Puxa, o que estava acontecendo comigo? Será que fiquei louca e excitada da noite para o dia?

— Sim, — eu respirei. Nada melhor do que ficar excitada enquanto uma ameaça espreita à sua porta.

Raphael fez um aceno conciso para Caine e começamos a nos mover. O silêncio era grande enquanto atravessávamos a floresta. Era uma falsa sensação de segurança, e eu podia ver isso nos ombros tensos de Raphael e no olhar que ele trocava com Caine.

Os dois colocaram a parte de trás da camisa atrás da arma, dando-lhes livre acesso a ela, e só isso já fez o suor rolar pelas minhas costas. Ou poderia ser por causa das altas temperaturas. A umidade era intensa.

Seguimos o caminho sujo pela floresta e percebi que ele nos levaria à estrada principal.

— Por que você não estacionou na frente da cabana? — Sussurrei minha pergunta, com medo de que quem estivesse atrás de nós pudesse nos ouvir.

Raphael me lançou um olhar curioso. — Para que pudéssemos nos aproximar sorrateiramente de você. — Faltava um ‘duh’ nessa afirmação.

— Mamãe dorme como se estivesse morta, — explicou Gabriel em voz baixa, com um largo sorriso no rosto. Felizmente, ele não percebeu o perigo que estávamos correndo.

— É bom saber, amigo, — Raphael respondeu e eu revirei os olhos em resposta.

Não conseguia me livrar da sensação de que algo estava errado. Não deveria ter sido tão fácil para alguém nos encontrar, mas levou menos de vinte e quatro horas. Era o instinto me alertando para manter minha guarda alta.

— Como você me encontrou? — perguntei.

Os passos de Raphael não diminuíram enquanto ele respondia.

— Nós a seguimos da escola do Gabriel. Um amigo meu que tem uma empresa de tecnologia conseguiu identificar sua localização e nós a seguimos via satélite. Ainda bem, pois não havia nenhum registro dessa cabana nem mesmo no banco de dados dele.

Tropecei em um tronco e teria caído se não fosse pelos reflexos rápidos do Raphael.

— Qual é o problema? — perguntou ele.

Encontrei seus olhos enquanto pensamentos cortavam minha mente. Ninguém sabia que eu estava chegando. Nem mesmo minhas amigas. Ninguém além de Royce e eu apostaria minha vida que ele não

contaria a ninguém. Os irmãos Ashford se preocupavam ainda mais do que eu com sua privacidade e com a localização dessa cabana.

— Ninguém deveria ter sido capaz de encontrar este lugar, — eu disse. — Tem certeza de que não estava sendo seguido?

— Positivo.

Só que meus pais sabiam desse lugar. Eu não havia dito à minha mãe onde estava, mas seria fácil adivinhar. Talvez? Ou talvez eles tenham rastreado meu telefone? Eu estive no telefone por apenas alguns minutos, mas seria o suficiente para rastrear a localização.

Quando eu não disse nada, continuamos, com nossos passos suaves contra o solo da floresta. Eu os segui pelo resto do caminho sem dizer uma palavra. Quando chegamos ao Mercedes G-Benz preto de Raphael, ele colocou Gabriel no banco de trás e olhou para mim.

— Coloquem os cintos de segurança, — ele ordenou.

Assenti e imediatamente peguei o cinto de segurança e coloquei o de Gabriel, depois fiz o mesmo com o meu.

Ao chegar ao volante, Raphael também se prendeu ao cinto e, em seguida, murmurou em espanhol para Caine, — *Eles estão atrás de nós. Chame o avião e deixe-os prontos. Será uma viagem turbulenta.*

Sua voz estava tensa. Fingi não entender, embora meu coração estivesse disparado no peito. Se ele estava preocupado, só podia ser algo ruim. Raphael colocou o carro em movimento assim que o outro cara sentou na motocicleta e acelerou o motor.

— Humm, o seu cara vai mesmo andar de moto? — Perguntei, olhando para o homem de Raphael montado em uma motocicleta.

— Sim. — Ele colocou o Mercedes em movimento e, sem demora, pisou no pedal.

Eu me enrijeci, minhas mãos se apertaram no colo e a motocicleta foi esquecida.

Raphael manteve o pé colado em baixo, fazendo o velocímetro voar. Ele não parava de olhar pelo retrovisor e finalmente me virei para encontrar três SUVs Ford pretos atrás de nós, com a mesma velocidade.

— São eles? — Minha voz tremeu e meus olhos se arregalaram. Raphael poderia ter aparecido no momento perfeito ou Gabriel e eu estaríamos mortos.

— Acho que sim, mas não tenho certeza.

— O que você quer dizer com isso? — As palavras mal tinham saído da minha boca quando Raphael pisou forte nos freios. Mal tive tempo de abraçar Gabriel e abaixar sua cabeça em meu colo quando um carro bateu em nossa traseira enquanto os outros dois nos ultrapassavam.

— Droga! — Minha caixa torácica ardeu por causa do cinto de segurança quando houve o impacto, mas cerrei os dentes e ignorei a dor.

— Abaixar-se! — A voz de Raphael me assustou. Inclinei-me sobre Gabriel, com o rosto abaixado, no momento em que uma rajada de tiros quebrou o para-brisa traseiro.

O grito abafado de Gabriel se misturou à sequência de xingamentos de Raphael.

— À sua direita, Caine, — disse Raphael.

Capítulo 20

RAPHAEL

A estrada era estreita, com uma entrada e uma saída. Mesmo assim, os dois filhos da puta se amontoaram na estrada estreita. Se um carro viesse da direção oposta, seria uma colisão frontal e os cintos de segurança não nos salvariam.

As balas voavam ao nosso redor e eu saquei minha arma da parte de trás da calça. Caine começou a atirar no carro que estava vindo em nossa direção pela direita. Os bastardos tentaram nos cercar.

Abrindo a janela, inclinei-me e disparei duas balas nos pneus do SUV do meu lado esquerdo. Em seguida, pisei no freio quando o motorista perdeu o controle do veículo. O carro deles por pouco não nos acertou e colidiu com o da direita, enquanto o que estava atrás de nós bateu na nossa traseira novamente.

— Merda!

Sailor levantou a cabeça, com terror em seus olhos azuis.

— Vai ficar tudo bem, — assegurei-lhe, embora não tivesse nada que lhe dar essa garantia.

Ela acenou com a cabeça. Meu pé pisou no acelerador e aceleramos pela estrada.

— Eu sei atirar, — disse ela, surpreendendo-me.

Sua voz tremeu, mas suas mãos não. Com essas três palavras, tomei uma decisão rápida. Ela soltou o cinto de segurança enquanto eu tirava uma arma do porta-luvas e a entregava a ela. Ela pegou a arma sem hesitar e se virou, espiando por cima do encosto de cabeça.

Gabriel tentou se mover, mas ela o impediu. — Fique abaixado, Gabriel, — ela o advertiu. — Não importa o que aconteça, mantenha sua cabeça baixa.

— Está bem, mamãe.

Porra, essa mulher tinha coragem. Levantando a mão, ela apontou, colocou o dedo no gatilho e puxou.

Bang. Bang. Bang.

Um acerto e dois erros. Nada mal, considerando a velocidade em que estávamos. Ajudei com meus próprios disparos, acertando um no pneu do lado do motorista e fazendo-o girar incontrolavelmente.

— Bom trabalho, — eu a elogiei.

Ela engoliu com força e me entregou a arma. Foi só agora que sua mão tremeu levemente e Caine pegou a arma dela.

Ela se endireitou e Gabriel imediatamente levantou a cabeça, com os olhos arregalados e cheios de medo. Não foi exatamente o melhor primeiro dia com meu meio-irmão. Observei os dois pelo espelho retrovisor enquanto acelerava pela estrada, deixando o acidente que causamos para trás.

— Você está bem, Gabriel? — Eu lhe perguntei.

Ele assentiu, depois voltou os olhos para a mãe. — Mãe, nós vamos morrer?

Observei pelo espelho enquanto Sailor pegava o rosto de Gabriel entre suas mãos.

— Não, nós não vamos morrer, — disse ela com sua voz firme. — Não vou deixar isso acontecer. — Seus olhos se arregalaram e encontraram os meus no espelho. Assenti com a cabeça, confirmando sua afirmação.

Gabriel seguiu o olhar dela. — Quem é você? Você é amigo da mamãe?

Garotinho inteligente.

Eu deixaria Sailor explicar isso. Eu o protegeria com minha vida, mas não destruiria tudo o que Sailor havia lhe contado.

— Ele é do tipo amigo de um amigo, — murmurou Sailor, com as bochechas coradas. — Humm, nós nos encontramos ontem e agora ele está me ajudando. — Ela se limitou a uma meia-verdade. — O que vamos fazer agora? — Sailor me perguntou. — Não posso voltar para minha casa. Isso colocaria meus amigos em perigo direto.

— Precisamos sair daqui, — eu disse a ela. — Vou enviar uma mensagem ao meu amigo para ficar de olho nos dois.

— Quais amigos? — Eu gritei. — Não aqueles como... — Você.

Balancei a cabeça. Ela não sabia que sua amiga já estava com alguém como eu?

— Alexei manterá Aurora segura, — respondi, mantendo-me genérico. Não houve surpresa em seu rosto. Apenas um simples aceno de cabeça. — Quanto a sua outra amiga, já tenho alguém em mente.

Ela suspirou e passou a mão no cabelo. — Que desastre, — resmungou ela. — Acabei colocando todo mundo em perigo.

Foi seu artigo publicado sobre o Cartel Tijuana, insinuando subornos a políticos importantes e fotos de contrabando de mulheres, que a colocou no radar de todos. Ou, pelo menos, no radar do Cartel Tijuana.

— Está feito agora, — eu disse a ela com um rosnado. Fiquei surpreso por ela não ter pensado nas consequências antes de enviar aquele artigo para impressão. Ela era inteligente; sabia que isso traria problemas para ela. Ela tinha um filho em quem pensar.

Tirei meu telefone do bolso enquanto acelerava pela rodovia em direção ao aeroporto particular.

— Raphael, duas vezes em menos de vinte e quatro horas, — a voz familiar de Nico me cumprimentou.

— Preciso de um serviço de ‘limpeza’. Vou lhe enviar a localização do local fixado. Três veículos, possíveis vítimas.

Ele deu uma risadinha. — Você não demorou muito, — comentou.

— Os Tijuanas, — resmunguei. — Eu esperava que eles tivessem ido embora depois do desastre de ontem.

— Hmmm, — murmurou Nico, pensativo. — Eu também. Eles são muito ligados em fugir antes que os peguem. Parece estranho que eles

se arriscariam a ser pegos. Eu esperava que eles deixassem o país. No entanto, eles foram atrás da garota.

— Eu também. — Algo no que Sailor disse me incomodou. Ninguém sabia sobre a cabana dos Ashfords. Nem mesmo o aplicativo do Nico foi capaz de vê-la em sua vigilância. E Nico tinha os melhores recursos. — Você pode dar uma olhada nisso?

— É pra já.

A ligação terminou e eu guardei o celular no bolso, depois olhei para trás e vi Sailor segurando Gabriel nos braços. Ninguém poderia acusá-la de ser uma mãe ruim. O garoto claramente a amava.

Meus olhos percorreram sua ridícula camiseta regata com a inscrição ‘Me morda’ escrita em seus seios fartos e shorts que deixavam suas longas pernas à mostra. Era o tipo de corpo que deixava os homens babando. Seus olhos profundos e lábios carnudos provavelmente faziam os homens caírem de boca.

Sim, eu estava no caminho certo para me tornar um desses homens. Mas foi o olhar dela que mexeu com algo no fundo do meu peito. Vulnerabilidade. Isso me fez querer protegê-la a todo custo.

Era esse olhar abalado que me deixava louco por ela.

Capítulo 21

SAILOR

Embarquei no luxuoso jato particular com a mão de Gabriel na minha.

Pegamos o assento mais próximo da porta de saída. Por via das dúvidas. Raphael se jogou na poltrona reclinável de couro macio, passando a mão pelo cabelo escuro e espesso.

— Scotch, — disse ele à comissária de bordo. — Dois cubos de gelo. Sailor e Gabriel, querem beber alguma coisa?

Os olhos de Gabriel se voltaram para os meus. — Vá em frente, — eu lhe disse, sabendo exatamente o que ele queria. Sempre que viajávamos de avião, era o que ele mais pedia.

— Quero uma Pepsi, — pediu ele, sorrindo largamente.

Felizmente, a provação de levar um tiro não o prejudicou. Talvez Gabriel tivesse alguns genes de mafioso, afinal.

— E você, senhora? — perguntou à comissária.

— Só água, por favor. — Com um aceno de cabeça conciso, ela se virou e foi atender nossos pedidos.

Eu me virei para olhar pela janela da cabine, os últimos vislumbres de terra enquanto subíamos cada vez mais alto no ar. Os

homens de Raphael se dirigiram para a frente do avião, acenando para Raphael. Ambos se moviam como se estivessem prontos para o combate. Não que eu pudesse culpá-los, não depois do que aconteceu com os dois.

— Quais são os nomes deles? — perguntei a Raphael. Quando as balas estavam voando, eu estava preocupada em me manter viva, em vez de prestar atenção aos nomes deles.

— Diego e Caine.

A comissário de bordo chegou com nossas bebidas e Gabriel deu um grito, pulando da poltrona para pegar sua bebida.

Raphael arqueou a sobrancelha. — O garoto gosta de refrigerante, não é?

Dei de ombros. — É uma coisa que acontece de vez em quando.

— Obrigado, Maria. — Ele tomou um gole de seu scotch, seus olhos me estudando. Como se estivesse decidindo o que fazer comigo.

Meus nervos estavam à flor da pele. Tantas explosões e tiros em dois dias abalariam qualquer pessoa.

Gabriel voltou sua atenção para a janela. O silêncio se instalou na cabine do avião, o único ruído era o das baforadas ocasionais de Gabriel.

— Preciso ir ao banheiro, — ele finalmente anunciou.

Raphael apontou para a parte de trás do avião, e eu observei meu filho correndo em direção a ela. Quando ele estava fora de vista, aproveitei a oportunidade para conversar com Raphael.

— Para onde estamos indo exatamente?

— Em um lugar seguro.

Totalmente inútil.

— Você poderia explicar melhor? — questionei, com minha voz agitada. — Por favor, — acrescentei com os dentes cerrados.

Acho que boas maneiras nunca mataram ninguém.

Eu queria garantir que meu filho de sete anos não fosse parar em uma zona de guerra entre criminosos. Ele não pertencia ao cartel que deixou um rastro de destruição. Todos os criminosos eram semelhantes nesse aspecto. Assim como homens como meu pai. Eu protegeria Gabriel a todo custo. Foi uma promessa que fiz. Era uma dívida que eu tinha. Anya me protegeu durante toda a minha infância. Eu protegeria Gabriel por toda a sua vida.

— Não quero meu filho perto de homens como você, — acrescentei.

O demônio à minha frente ficou mortalmente imóvel, e isso era mais assustador do que o ataque que ocorria ao nosso redor.

— Ele é meu irmão e você o manteve longe de mim, — ele rosnou.

O infame temperamento explodiu e meus olhos se estreitaram. A porra das bolas desse homem.

— O mantive longe de você? — sibilei, de repente suas características hipnotizantes não eram mais relevantes. — Ele não é seu. Ele é meu. — Eu me inclinei para a frente e meu dedo pressionou seu peito duro. — *Meu.*

Percebendo o que eu estava fazendo, meu corpo se afastou dele, nossos olhos se fixaram em uma batalha de vontades. Aquela boca cheia se curvou em um sorriso severo.

— Ele é meu irmão. Ele é um Santos.

— Ele é uma criança, — cuspi. — Meu filho! E eu não vou deixar que você o envolva em seu show de merda. — Mantive seu olhar fixo, esperando que ele visse em meus olhos que eu estava falando sério. — Agora me diga para onde estamos indo, — exigi.

— Eu tenho uma ilha, — explicou ele. — Bem na costa da Flórida, e somente meus homens mais confiáveis ficam lá comigo.

Ilha? Jesus, não haveria como deixar isso passar despercebido.

— É como uma prisão, mas sem grades, — eu rio.

Ele sorriu, sem se incomodar com meu tom. — Como uma ilha que é segura.

— Como você descobriu sobre nós, afinal? — Eu o questionei.

— Tenho meus modos, — disse ele.

Fiquei olhando para ele. Ele era bonito, com algo perverso, sombrio e perigoso dançando em seus olhos. Eu seria uma idiota se não reconhecesse a competência com que ele se comportou durante o ataque. Nas duas vezes.

A questão era se ele tentaria me matar no final.

Gabriel voltou do banheiro e continuou sentado em seu lugar. Seus olhos se voltaram para mim, depois para Raphael e novamente para mim.

Eu sorri de forma tranquilizadora. — Você está bem?

Ele acenou com a cabeça. — Mãe, os bandidos vão voltar?

Eu o puxei para um abraço, enquanto encontrava o olhar de Raphael sobre sua cabeça. Fiquei pensando no que dizer. O dia de hoje foi um choque para nós dois. Eu não queria mentir para ele e dizer que estávamos seguros, mas também não queria preocupá-lo.

— Se eles voltarem, eu estarei aqui para protegê-lo, — garantiu Raphael. — Tanto você quanto sua mãe, — acrescentou.

Observei, fascinada, o alívio estampado no rosto de meu filho. *Ele confia em Raphael*, eu percebi. Resta saber se isso foi mal colocado ou não.

— Não deixaremos que nada aconteça com você, amigo, — eu disse, depositando um beijo na testa de Gabriel. — Não importa o que aconteça.

Porque eu amo você. Porque fiz uma promessa. Porque sua mãe fez o mesmo por mim.

Meu peito se apertou daquela maneira conhecida e algo feroz queimou no fundo da minha garganta enquanto ele se apertava. Emoções - amor, medo, apreensão.

Aliviado e seguro, Gabriel pegou uma de suas revistas em quadrinhos e começou a ler, com os olhos voltados para a janela da cabine para olhar as nuvens de vez em quando. Quando ele tinha aquele olhar sonhador nos olhos, lembrava muito Anya. Às vezes, quando ainda éramos crianças, ela tinha aquele olhar melancólico. Quando ela ainda tinha esperança de uma vida melhor.

— Há mais algum problema, Gabriel? — Perguntei a ele, preocupada que eu estivesse fazendo algo errado. Que ele não estivesse feliz.

— E quanto à minha escola? — Suas sobrancelhas se franziram. — Não quero me meter em problemas por faltar à escola.

Um sorriso tocou meus lábios. Meu pequeno preocupado. Afaguei seu cabelo, passando as mãos em seus cachos escuros e macios. — Vou falar com seu professor. Não se preocupe com isso.

Dessa vez, ele sorriu. — Obrigado, mamãe.

Eu dei uma risadinha. — Não tem problema, amigo. É isso que as mães fazem. É o nosso trabalho.

— Você é a melhor nisso.

Na verdade, metade do tempo eu não sabia o que estava fazendo. Mas se ele achava que eu era boa nisso, era tudo o que importava.

Gabriel foi ler seus quadrinhos ainda com um sorriso no rosto. E o tempo todo eu podia sentir os olhos de Raphael em mim. Queimando-me. Estudando-me.

Eu o ignorei cuidadosamente, mantendo meus olhos em Gabriel. Havia algo nesse homem que me perturbava em um nível fundamental. Isso me assustava mais do que a declaração clara do Diabolo tatuada em sua mão, mais do que a crueldade que ele carregava como uma segunda pele e mais do que a escuridão que o cercava.

Eu deveria detestá-lo. Deveria odiá-lo com todas as fibras do meu ser. No entanto, não podia negar que ele havia salvado Gabriel e a mim. Ele pode ser um criminoso cruel, mas já provou ter feito mais pelo meu filho do que meus pais jamais fizeram.

O silêncio espesso tornou-se ensurdecedor, uma tensão palpável enchendo o ar. Eu quase podia senti-la tocando minha pele. A confiança era uma coisa frágil e, depois que meus próprios pais traíram a confiança de uma garotinha, várias vezes, eu me vi duvidando de todos.

Eu amava meus amigos, eles haviam provado sua lealdade e amor inúmeras vezes. No entanto, nunca consegui reunir forças para compartilhar os segredos vergonhosos de nossa família.

Embora eles possam ter tido uma ideia de que nem tudo estava bem em nossa casa naquele dia no hospital.

No último dia, pude abraçar minha irmã.

Minhas pálpebras ficaram mais pesadas, a fadiga se instalou lentamente em meus ossos.

Meu telefone tocou enquanto Aurora, Willow e eu corríamos em meio ao frio intenso. Estávamos atrasadas para a aula. O vento uivava,

congelando as pontas de minhas orelhas. Eu não gostava do frio, apesar de as pessoas acharem que meu cabelo era apropriado para um ambiente de inverno.

Eu o ignorei. Eu tinha minha última prova final para fazer e depois atenderia a todas as ligações.

O telefone tocou novamente.

Parei e vasculhei minha bolsa de livros de ombro cruzado.

— Vamos, Sailor, — reclamou Willow. — Vamos nos atrasar e o professor idiota vai trancar a porta na nossa cara.

Dei uma olhada no identificador de chamadas e levantei os olhos. — Vocês duas vão, — eu disse a Aurora e Willow. — Eu estarei logo atrás de vocês.

— Tem certeza? — Aurora perguntou. Ela odiava deixar alguém para trás. Era o resultado do que havia acontecido com seu irmão.

— Sim, — eu lhe assegurei. — Estarei logo atrás de você.

E mesmo assim ela não se mexeu. Não até que Willow puxou seu braço e a arrastou.

Atendi o telefone. — Anya, está tudo bem?

— Sail, acho que... — O pânico em sua voz disparou um alarme em mim. Será que meu pai a machucou? — Acho que estou em trabalho de parto.

— O quê? — Eu gritei, confusa. Ela só deveria ter o bebê daqui a um mês.

— Eu não sei, — ela chorou. Anya nunca chorava. Mesmo quando meu pai a machucava, ela não chorava. Eu nem tinha percebido que estava fora do prédio, meus passos correndo pelo estacionamento do campus.

— Onde você está? — Eu lhe perguntei. — Eu vou te buscar.

— E quanto ao seu exame?

— Esqueça meu exame, — eu disse. — Onde você está?

— No trabalho. — Eu podia ouvir a dor em sua voz. — Na cafeteria. Meu chefe não vai gostar se eu for embora.

— Foda-se seu chefe, — cuspi, com os dentes batendo por causa do frio. — Deixe suas coisas prontas. Estou indo buscá-la.

As horas seguintes foram um borrão. Eu não conseguia me lembrar de como cheguei até Anya nem de como chegamos ao hospital. A mancha de sangue em seu vestido branco de maternidade crescia a cada segundo. Havia muito sangue.

— Por favor, Anya, — sussurrei enquanto a ajudava a sair do carro. — Por favor, não morra. — Ela não ofereceu sua segurança habitual. — Apoie-se em mim, — eu lhe disse.

O cheiro de sangue invadiu meus sentidos. Cada tambor do batimento cardíaco zumbia em meus ouvidos. No ritmo do medo que crescia a cada segundo.

— Socorro! — gritei, segurando-me na forma de Anya, que caía mais e mais a cada passo. Ela mal conseguia andar. O peso dela se tornou o meu e eu a segurei com mais força. — Eu peguei você, Anya.

— Vou morrer, — gemeu ela.

— Não, você não vai. Apenas se apoia em mim.

Meus olhos se fixaram em seu rosto e algo em seus olhos escuros penetrou profundamente em minha alma.

— Cuide do bebê, — disse ela.

Balancei a cabeça. Já era o bastante. Tínhamos que fugir. — Nós cuidaremos do bebê. Juntas.

Sem aviso, ela se dobrou e, antes que seus joelhos atingissem o chão, eu a peguei. Mais sangue se acumulou ao nossos pés. O cheiro metálico se infiltrou em meus pulmões.

— Eu fiz xixi em mim mesma, — grunhiu Anya.

Meus olhos baixaram. Uma mistura de líquido e sangue manchava suas pernas. Não achei que fosse xixi.

— Acho que sua bolsa estourou, — respirei.

Lutando para mantê-la de pé, dei uma olhada por cima do ombro.

— Por favor, me ajude, — gritei.

Então, o caos começou. As enfermeiras correram para cá. Os médicos se agitaram ao meu redor. Mais enfermeiras.

Bip, bip, bip.

— Ela não vai conseguir. — Meus olhos se moviam para a frente e para trás. O terror subiu pela minha espinha e tomou conta da minha garganta, sufocando-me.

— Temos que operar.

Mais palavras. Escuridão. Segurei a mão de Anya. Seus olhos se abriram, com um olhar distante. Eu não o reconheci. Ele continha uma ponta de alívio.

— Não me deixe, Anya, — sufoquei, minha voz mal passando de um sussurro.

— Mantenha o bebê seguro. Prometa-me. — Ela mal forçou as palavras em seus lábios secos e rachados. O olhar de pânico em seus olhos partiu meu coração.

Eu engoli. — Eu prometo, — falei baixinho.

— Seja feliz, Sail.

As últimas palavras. E ela se foi.

Seguiu-se um estranho silêncio enquanto a levavam para longe de mim. O tempo parou. A escuridão reinou. Seguiu-se a solidão.

Eu não tinha ideia de quanto tempo fiquei ali. Perdida e sozinha. Um sentimento profundo me alertou para me preparar. Eu a perdi. Ela precisava descansar.

Parada no mesmo lugar, no mesmo quarto, eu ainda podia ouvir as palavras de minha irmã. Mantenha o bebê seguro.

— Senhorita McHale. — A voz estava distante em meio à névoa que enchia meu cérebro. — Senhorita McHale.

Pisquei os olhos. Uma mulher de cabelos ruivos e olhos gentis me observava. Ela era jovem. Mais velha do que eu, mas jovem demais para ser médica.

— Sou a Dra. Sophie. — Meus olhos baixaram para o pequeno bebê em seus braços. Cabelos pretos. Rosto enrugado. Eu nunca tinha visto um recém-nascido antes.

— Você não é muito jovem para ser médica? — Era uma pergunta irrelevante. Minha mente não estava pronta para lidar com a realidade.

— Acabei de terminar minha residência. — Sua voz era suave. Um olhar de pena em seu rosto. Tristeza.

Meus olhos se fixaram no bebê em seus braços. — Anya?

— Sinto muito, — ela sussurrou.

— Não. — Meus lábios se moveram, mas não ouvi minha voz. Meu peito doía tanto que pensei que fosse desabar. Isso não podia estar acontecendo. Anya e eu tínhamos planos. Só nós duas e o bebê dela.

— Gostaria de segurar o bebê? — ela ofereceu.

Engoli com força. Eu precisava de ar. Precisava de minha irmã de volta.

— Não sei como, — murmurei.

Seus olhos dispararam ao nosso redor e ela apontou para o sofá próximo. Segui seu olhar. Em um momento de confusão, caminhei até ele e me sentei.

— Ok, abra os braços como se estivesse carregando uma melancia.

Foi uma instrução estranha, mas mesmo assim eu a segui. Ela colocou o pequeno bebê em meus braços.

Um som suave de arrulhar vibrou e meu coração deu um baque estranho. — Ela é pequenininha, — eu disse, com as emoções à flor da pele.

— É um menino. Um bebê saudável.

Meus olhos estudaram o pequeno rosto. — Um menino saudável, — repeti suavemente. Cabelos escuros. Dedos pequenos. Boca pequena. — Não era para ele ser careca?

— Nem sempre. Ele é lindo.

Levantei a cabeça e nossos olhos se encontraram. Seus cabelos ruivos e olhos azuis cristalinos a fizeram parecer uma deusa que veio para consertar as coisas. Que noção estúpida. Ninguém poderia consertar isso além de mim.

— Ele é lindo, — repeti. — Assim como sua mãe.

Ela acenou com a cabeça. — Assim como sua mãe era.

Era. Uma palavra. Foi o que bastou para fazer meu coração sangrar.

Estudei o pequeno pacote em meus braços. Um pequeno pedaço de Anya que Deus me concedeu. Eu não sabia dizer se ele se parecia com Anya. Ele se parecia com o pequeno Gabriel. Esse foi o nome que ela escolheu. Gabriel para um menino e Gabriela para uma menina.

— Fique aqui, — ela instruiu. — Se precisar de alguma coisa, aperte esse botão e eu virei.

Assenti com a cabeça, mantendo meu olhar fixo em Gabriel. Um clique suave e ela se foi. Um gemido suave e eu o apertei mais perto do meu coração.

Foi só quando uma gota caiu na bochecha pequena que percebi que estava chorando.

— Vai ficar tudo bem, pequeno Gabriel, — eu mal consegui engolir. — Eu o mantereí seguro. Prometi à sua mãe. Só você e eu contra o mundo, amigo.

Oh, meu Deus. Eu não sabia nada sobre bebês. Nada mesmo. Anya não queria fazer a aula de Lamaze. Quase como se ela soubesse que seu fim estava chegando.

Eu precisaria de fraldas. E leite. Muito leite.

A porta se abriu e eu levantei a cabeça para ver Aurora, Royce, Byron e Willow na porta, junto com a Dra. Sophie. Esta última não parecia muito feliz.

— Não permitimos tantos visitantes ao mesmo tempo.

— Eu não tenho leite, — murmurei. Por que doía tanto falar? Até para respirar. Parecia que não havia oxigênio suficiente no quarto. Lágrimas escorreram pelo meu rosto e pelos meus lábios, com gosto salgado na língua e escorrendo pelo meu queixo.

Meus olhos encontraram o olhar de Aurora e depois o de Willow. — Ela se foi.

Minhas melhores amigas vieram correndo e se sentaram ao meu lado, envolvendo Gabriel e eu em seus braços.

— Não posso voltar para casa, — eu disse. — E-eu prometi.

Um peso esmagou meus pulmões. O desespero estava presente em todas as minhas palavras.

— Porra, — disseram Byron e Royce ao mesmo tempo e, em seguida, colocaram as coisas em movimento. Royce se aproximou de nós três. Não! Nós quatro. Com o pequeno Gabriel em meus braços, éramos quatro.

— Não se preocupe, loirinha, — Royce confortou, sua mão grande descansando gentilmente na cabeça de Gabriel. — Byron pode mover montanhas. Nós cuidamos disso. Você não precisa ir para casa.

— Podemos alugar um apartamento juntas, — sugeriu Aurora. — Todas nós ajudaremos com o bebê.

— Gabriel, — sussurrei. — Bebê Gabriel.

— Como um anjo, — murmurou Willow suavemente.

— Assim como um anjo, — eu disse. Eu manteria meu anjo seguro. Sua mãe era meu anjo da guarda, eu seria o dele.

A porta se abriu e, no momento em que vi duas figuras paradas no vão da porta, me encolhi, puxando Gabriel ainda mais para perto do meu peito. Ele nem se mexeu, sem saber do perigo que se aproximava.

Perto demais para o conforto.

— Que porra está acontecendo aqui? — O pai sibilou. — Por que você não está na escola, Sailor?

Eu me encolhi ainda mais. Os olhos de Byron se voltaram para mim e depois para meu pai. Eu nunca tinha visto o irmão mais velho de Aurora em um modo frio e impiedoso. Até agora.

Royce se colocou na frente de sua irmã, de Willow, de Gabriel e de mim. O quarto começou a se fechar ao meu redor, o medo familiar subindo pela minha espinha.

— Anya, sua filha mais velha, faleceu, — informou Byron, enquanto eu espiava por trás de Royce, prendendo a respiração.

Meu pai nem se mexeu. Minha mãe também não. Ela sempre foi tão inflexível em agradá-lo.

— Ela não deveria ter tido um bebê. — Os olhos de mamãe se voltaram para mim. Não, não para mim. Para o bebê em meus braços e seus lábios se transformaram em uma careta de mau gosto. — A cor dele é uma desgraça.

Não entendi o que ela quis dizer. Ele parecia um bebê para mim. A Dra. Sophie até disse que ele era um bebê lindo.

— Desculpe-me, — interrompeu a Dra. Sophie. — E quem são vocês dois?

— Nós somos os pais dela, — rugiu o pai, com a mão direita com aquele maldito anel que eu tanto odiava levantando como se estivesse prestes a dar um tapa na bela médica.

Byron se colocou na frente dela, com sua estrutura imponente protegendo sua estrutura pequena. Não que ela parecesse assustada.

— Sailor está voltando para casa conosco. Você pode pegar esse bebê e colocá-lo para adoção. Não dou a mínima para onde ele vai parar.

Minha coluna se endireitou. — Não! — Os olhos de todos, exceto os de Byron, se voltaram para mim. Ele manteve seu olhar frio fixo em meu pai. — Eu vou ficar com ele. Ele é meu.

Byron murmurou algo que soou como ‘muito bem, garota’ em voz baixa, enquanto o olhar da Dra. Sophie tinha o mesmo tom de aprovação.

— Aqui está, — ela anunciou. — Este é o andar da maternidade. Portanto, a menos que tenha família para apoiar, você pode sair.

Aquela mulher era durona! Eu gostava dela.

— Tudo bem. — O rosto de meu pai ficou vermelho como sangue, e pude ver que ele mal conseguia conter sua raiva. — Então você está fora. Sem mesada. Sem roupas. Sem carro. Você está por conta própria com esse bastardo em seus braços.

— Não queremos nada de você, — sussurrei. Talvez tenha sido o fato de Royce e Byron estarem aqui. Ou talvez minha tendência protetora tenha entrado em ação, mas de repente encontrei coragem para enfrentar meus pais. — E se você chamar Gabriel de bastardo de novo, eu vou matar você.

A diversão de Royce era evidente. O olhar que ele deu ao meu pai falava de retribuição se ele dissesse mais uma palavra. Eu adorava os irmãos de Aurora.

— Sailor, seja razoável, — tentou minha mãe. — Volte para casa conosco. Você não está em condições de cuidar de um bebê. Você está terminando seu primeiro ano de faculdade.

A teimosia e a determinação me atravessaram. — Eu vou dar um jeito. — De alguma forma. — Não somos mais sua preocupação.

Os olhos cruéis de meu pai se fixaram em mim, depois em Gabriel, e vi sua expressão se tornar distorcida e ameaçadora.

— Isso ainda não acabou, filha. Nem de longe.

Retribuição. Foi sua promessa para mim.

Prendi a respiração quando meus pais deram as costas para mim. Era ao mesmo tempo alívio e medo pelo futuro que me restava.

Levantei-me com um sobressalto, com a respiração difícil e o coração batendo forte contra o peito. Meus olhos percorreram a cabine apenas para encontrar Gabriel dormindo profundamente ao meu lado e o olhar azul eletrizante de Raphael que parecia perfurar minha alma enquanto me observava.

Capítulo 22

RAPHAEL

Olhei para Sailor e vi que ela havia adormecido. O mesmo aconteceu com Gabriel.

Ela o segurava de forma protetora mesmo enquanto dormia. Como se previsse que alguém o levaria para longe dela a qualquer momento. Eu não deixaria isso acontecer. Estava claro que Gabriel a amava e ela o amava.

Soltei um suspiro.

Eu tinha um plano. Amarrar Sailor a mim. *Para sempre*. Eu a desejava desde o primeiro momento em que a vi, oito anos atrás. E como é apropriado que eu a tenha encontrado novamente durante a semana colombiana Amor Y Amistad, equivalente ao Dia dos Namorados.

Suas respirações eram lentas e uniformes no início, antes de se tornarem mais ásperas. Sonhos ruins. Ou talvez lembranças. Aqueles fantasmas que se escondiam em seus olhos, mas que ela sabia esconder muito bem. Eu queria afugentar todos eles.

Meu olhar percorreu seu belo rosto. Aquelas maçãs do rosto lisas de porcelana. Aqueles cílios longos e claros. Aquela boca carnuda e atrevida. E aquele cabelo. Jesus, aquele cabelo faria um santo se ajoelhar.

E eu não era nenhum santo. Nem de longe.

Meu celular tocou e eu olhei para o identificador de chamadas.

Byron Ashford.

Não posso dizer que fiquei surpreso. Eu esperava sua ligação no momento em que arrastei Sailor e Gabriel para fora da cabana. Francamente, fiquei surpreso por ele ter demorado tanto.

— Byron, — respondi, recostando-me em meu assento e mantendo meus olhos em Gabriel e Sailor.

— Que porra é essa, Raphael? — O irmão Ashford estava furioso. — Você levou Sailor e Gabriel.

— Sim. — Não fazia sentido negar. Não me passou despercebido o fato de que os Ashfords tinham vigilância de primeira linha na cabana.

— Uma advertência, Raphael, — Byron resmungou. — O que é mais do que eu faria por qualquer outra pessoa. Traga-os de volta, ou vou atrás de você.

Minha irritação cresceu em meu peito. Sailor e Gabriel eram minha preocupação, não dele. Minha responsabilidade, não a dele.

— Não vou levá-los de volta, — disse eu, passando a língua pelos dentes, agitado. — Sailor concordou em vir comigo. Vou proteger ela e Gabriel do Cartel Tijuana.

— Bem, obrigado pela informação sobre o cartel, — ele respondeu secamente. — Eles explodiram minha cabana favorita.

— Eu estava um pouco preocupado demais em tirar Sailor e Gabriel de lá enquanto era alvejado.

Uma longa pausa. — Afinal, qual é o seu interesse neles, Raphael?

— Ele é meu meio-irmão. — *E ela será minha esposa.* Embora eu tenha guardado esse pensamento para mim.

— Porra. — O choque coloriu a voz de Byron. — Como isso é possível?

— Você quer mesmo que eu lhe explique como os bebês são feitos? — questionei sardonicamente.

— Filho da puta, — ele murmurou. — Sailor sabe?

Interessante. Ela definitivamente sabia, mas a questão era por que ela escondia isso dos Ashfords. Ou, pelo menos, desse Ashford.

— Você terá que perguntar a ela, — eu disse a ele. — Em que estado está sua cabana?

— Está nivelada com o chão, porra. Você deve tê-los levado até lá, — disse Byron, com sua irritação evidente mesmo pelo telefone.

— Eu não fui seguido, — disse secamente.

— Tem certeza? — Ele estava me provocando.

— Sim, tenho certeza, — respondi, não mordendo a isca. — Talvez você precise atualizar seu sistema.

Ele riu. O maldito sabia que tinha um dos melhores sistemas do mundo. Ele até rivalizava com o de Nico.

— Sem chance, a menos que... — Ele fez uma pausa e eu esperei que ele concluísse seu pensamento.

Quando ele não respondeu, eu perguntei, — A menos que?

Por um momento, achei que ele não responderia.

— A menos que os pais dela tenham deixado vaziar a localização, — ele sibilou.

A pergunta de Sailor ficou piscando em minha mente. Ela supôs que eu também estava sendo seguido. Fiquei imaginando se ela teria chegado à mesma conclusão que Byron. Que seus pais poderiam ter levado os Tijuana até eles. Mas isso significaria que o velho McHale trabalhava com Santiago Tijuana.

— Quero falar com Sailor, — exigiu Byron. Eu normalmente gostava dele, mas seu pedido me irritou muito. — Quero que ela me diga que ela e Gabriel estão bem.

— Ela está dormindo, — resmunguei, com o ciúme me corroendo. Estava claro que Byron tinha um relacionamento próximo com eles. — Tanto ela quanto Gabriel estão dormindo. Eles tiveram uma manhã difícil.

Seguiu-se o silêncio. — Ela está dormindo na sua frente?

Ele pareceu surpreso e hesitante em acreditar em mim. — Não tenho o hábito de mentir sobre coisas como essa.

— Sailor *nunca* dorme na frente de estranhos. — Sua declaração me atingiu em cheio no peito. Talvez ela se lembrasse de mim, afinal. — Tem certeza?

— Gostaria que eu tirasse uma foto e a enviasse para você? — Respondi com sarcasmo.

Uma longa pausa.

— Não há necessidade de uma foto. Mas Raphael?

— O quê?

— Mantenha-os seguros, — ele grunhiu. A voz de Byron tinha um leve cerrar de dentes. — Eu assumi a responsabilidade pelos dois naquele dia no hospital, quando o velho McHale a deserdou por ter escolhido o garoto em vez dele. E não confie nos pais dela.

Mais algumas palavras foram trocadas. Desliguei e joguei o telefone na mesa ao meu lado e meus olhos voltaram para a jovem que eu nunca havia esquecido. Com aquele cabelo de neve recém-caída.

No momento em que a vi, o mundo começou a girar para mim. No momento em que minhas mãos tocaram seu corpo durante nossa dança, meu coração começou a bater.

Eu simplesmente não podia ignorar isso. Não podia deixá-la ir embora. Eu me casaria com ela e a manteria segura comigo.

Sailor se levantou, com os olhos cheios de sono, olhando para a esquerda e para a direita. Ainda confundia realidade e sonhos. Observei seu peito subir e descer, com fantasmas à espreita naqueles olhos que me lembravam o céu azul claro.

Se existia o céu, ele estava em seus olhos.

Ela olhou para Gabriel, que ainda dormia ao lado dela, com a cabeça em seu peito. Observei a mão dela tirando os fios da testa dele, com um leve tremor nos dedos. Isso me deixou ainda mais curioso sobre essa

jovem mulher. Tirar todas as suas camadas e chegar ao fundo de sua essência.

Ela era forte e frágil. Vulnerável e resistente.

Tão diferente da minha própria mãe, ou de qualquer outra mulher que eu já tivesse conhecido.

— Precisamos conversar, — eu disse.

Ela soltou um suspiro trêmulo e revirou os olhos. — *Estamos* conversando.

A mulher podia ser irritante. Seria mais fácil se ela apenas ouvisse e concordasse. Mas essa mulher parecia ter uma opinião muito forte.

— O que a levou a publicar esse artigo? — Eu lhe perguntei.

A raiva brilhou em seus olhos. — Que tal o fato de que as mulheres estavam sendo contrabandeadas? Torturadas. Estupradas.

Ela me lançou um olhar fulminante, como se me considerasse pessoalmente responsável por isso.

— É desprezível, eu concordo. — Seus olhos se fecharam em fendas. — Mas teria sido mais fácil deixar que outros cuidassem disso.

— Bem, eles não estavam lidando com isso, — ela cuspiu. — A polícia me deu uma desculpa de merda de causa provável.

— Então você estava planejando derrubar todo o cartel por conta própria, — pensei.

— Se fosse necessário, — ela sibilou.

— Então, por que uma mulher com sua educação está interessada em coisas como essa? — Ela se enrijeceu, sua pele empalidecendo ligeiramente. — Princesas mimadas geralmente não se importam com os problemas dos outros.

— Minha educação? Princesa mimada? — *Madre de Dios*. Essa mulher ficava irritada com qualquer coisa que eu dissesse. — Por que não se preocupa com sua educação questionável? Você é o criminoso, não eu. Criminoso mimado.

— E é você quem está tentando fazer com que você e meu meio-irmão sejam mortos.

— Você... seu filho da...

— Cuidado, Sailor, — eu a adverti em um tom baixo. — Cuidado com a forma como você termina essa frase. — Um lampejo de medo surgiu em seus olhos. Lamentei tê-lo visto ali, mas é melhor que ela aprenda agora até onde pode ir. — Não fale mal de minha mãe. — Ou então, isso pairava no ar.

— Que lindo, — murmurou ela, com uma falsa bravata em sua voz. Ela estava assustada, não havia dúvida. — Um criminoso com um lado suave.

— É melhor você aprender a apreciar isso, — eu disse a ela, recostando-me em meu assento e bebendo o resto do meu scotch. — Porque nós vamos nos casar.

Ela piscou os olhos. Depois, piscou novamente.

A incerteza entrou em seus olhos e seus lábios se curvaram em uma careta ou meio sorriso, como se ela tentasse decidir se eu estava brincando ou não.

— Sim, em seus sonhos, amigo.

Fiz sinal para a comissária de bordo pedindo outro drinque. Porra, eu precisaria da garrafa inteira para lidar com essa mulher frustrante.

Assim que meu refil chegou e a comissária desapareceu na cabine do avião, voltei minha atenção para Sailor, que parecia um cervo preso em meus faróis.

— Você *vai* se casar comigo, — eu disse a ela com firmeza. — Se quiser viver.

— Escute, *Raphael*, — ela começou, seus lábios se curvaram com repulsa quando ela pronunciou meu nome. — Primeiro, a pior proposta. Nunca! Em segundo lugar, você não faz meu tipo. E, por último, eu... eu... — Suas palavras foram hesitantes. Por alguma razão, ela não queria me dar o terceiro motivo. — Bem, dois motivos são suficientes.

— Agora me escute, *Reina de nieve*. — Rainha da neve. Isso combinava com ela. Com aquele cabelo loiro prateado e olhos azuis que podiam congelar quando ela estava irritada. Exceto que eu tinha certeza de que não havia nada de gelado nessa mulher, mas eu adorava deixá-la irritada. — Não me importa se você vive ou morre. — *Mentira*. Eu me importava muito. — Mas eu me importo com o que acontece com Gabriel. E nosso casamento mostrará a amigos e inimigos que vocês dois estão sob minha proteção.

— Chame-me de rainha do gelo novamente e eu vou congelar suas bolas, — ela ameaçou. Não me dei ao trabalho de corrigi-la quanto ao significado de ‘neve’. — Ou as corto. — Nós nos olhamos fixamente, a batalha de vontades como um furacão no ar. — Você não pode enviar um memorando?

— Não. — *Realmente, um memorando!*

— Não vou me casar com você, — protestou ela. — Posso dar um jeito.

— Você está disposta a arriscar a vida de seu filho por ‘posso dar um jeito’? — Eu a estava pressionando muito. Eu estava obcecado por Sailor e não me importava como a conseguiria, desde que a conseguisse. Sim, a segurança dela e de Gabriel era uma prioridade, mas eu me recusava a desistir dela. Eu a tornaria *minha*.

Eu não conseguia suportar deixá-la ir embora.

— Mas casamento? — resmungou ela. — Esse é um grande passo.

— Bem, você ia acabar se casando. — Ela revirou os olhos. — Posso não ser o Aaron Kennedy, mas, ao contrário dele, posso manter você e o Gabriel seguros.

Um pequeno suspiro escapou dela. Ela abriu a boca e depois a fechou, com os lábios se afinando em desagrado.

— Definitivamente, você não é o Aaron, — ela riu.

Eu dei uma risadinha. — Você está certo. Não sou. — Um brilho de satisfação surgiu em seus olhos, mas minhas palavras seguintes o

esmagaram. — Prefiro mulheres e *somente* mulheres em minha cama. Ao contrário do idiota pomposo que se esconde atrás de você.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer que o seu namorado, que está sempre em busca de um emprego, não deveria ser um maldito covarde e se esconder atrás de você para manter a imagem dele. Se ele prefere homens, ele deve ser homem e assumir isso.

— Puta que pariu, — murmurou ela, chocada. Ok, parece que Sailor não sabia das preferências do namorado. — Aaron é bi?

— Você nunca soube? — Eu a questioneei, surpreso.

Ela balançou a cabeça. — Claro que não. Eu só pensei que ele... — Ela passou a mão em sua juba platinada. — Não sei o que pensei. Para mim, funcionou porque era meramente platônico.

Porra, meu dia estava melhorando. Eu não sabia por que estava me emocionando ao saber que não havia nada entre ela e aquele idiota pomposo.

— De qualquer forma, tudo isso não vem ao caso. Não vou me casar com você.

Inclinei-me para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Você vai, Sailor. E me agradecerá de joelhos. — Suas bochechas ficaram vermelhas com a insinuação. Na verdade, não era isso que eu queria dizer, mas eu gostava da maneira como a mente dela funcionava. — Você fará isso por Gabriel. Para mantê-lo seguro.

Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes, contemplando suas opções. Não havia nenhuma. Mas, por alguma razão, eu adorava atormentá-la, fazendo-a acreditar que tinha uma saída. Quando não tinha.

— Se eu me casar com você, — ela começou, — posso ir embora quando quiser?

Não. — Claro.

— Será seguro para Gabriel e eu irmos embora?

Estendi a mão e peguei seu queixo entre meus dedos. Não pude resistir a passar o polegar sobre seu lábio inferior. Observei seu pescoço delicado balançar enquanto ela engolia. Sua pele era tão clara que meus dedos já deixavam marcas em sua pele delicada.

— Será sempre seguro para Gabriel e você.

Mas não para ir embora. Nunca ir embora.

Porque minha teia havia sido tecida e finalmente encontrei você.

Capítulo 23

SAILOR

Pousamos em uma pequena pista de pouso um pouco depois da hora do almoço.

No momento em que saímos do avião, eu observei a ilha idílica. As águas azuis cristalinas cercavam a terra, e ouvi Gabriel arfar ao meu lado.

— Você gosta? — Eu lhe perguntei, sorrindo. Ficou claro que ele gostou. Seus olhos se deslocaram para a esquerda, depois para a direita e, em seguida, para a esquerda novamente. A curiosidade e o entusiasmo brilhavam neles.

Assim que meus sapatos tocaram o chão, Raphael me empurrou para a frente, onde um Jeep Sahara preto nos aguardava. A capota estava abaixada, as portas estavam abertas e Gabriel guinchou de alegria, correndo em direção a ele.

— Quero ter um quando crescer, mamãe, — anunciou ele ao entrar no banco de trás.

— Vou me certificar de que você tenha um, — respondeu Raphael. Eu o encarei, irritada por ele ter respondido em meu nome.

— Eu não sabia que seu nome era mamãe, — murmurei sarcasticamente sob minha respiração. Gabriel não me ouviu, mas Raphael sim. Lancei-lhe um olhar de lado. — Está ganhando pontos?

Ele entrou no Jeep e se colocou na direção. — Preciso de alguns pontos com a mãe do Gabriel. Alguma sugestão?

Revirei os olhos. — Mamãe adora cachorros, sorvete e praia, — disse Gabriel, sorrindo alegremente. — E beber vinho com a tia Aurora e a tia Willow.

— Gabriel! — Eu repreendi suavemente. — Você deve guardar meus segredos.

Ele me lançou um olhar fingido e inocente, mas seu sorriso malicioso estragou tudo. — Essas coisas fazem você feliz. Eu gosto quando você está feliz.

Seja feliz, Sail. A brisa sussurrou as últimas palavras de minha irmã. Essas palavras mudaram o curso de minha vida. Eu as respirei. Absorvi-as, assim como uma flor murcha é absorvida pela água.

Passamos por um conjunto de portões de mármore e depois paramos em frente à casa. Meus olhos percorreram a mansão de mármore. Era tão brilhante que me fez apertar os olhos.

— Bem-vindo ao céu, — eu rio baixinho. — Conte-me seus pecados e você poderá entrar. Não, só estou brincando. O inferno é igualmente brilhante.

Ah, droga. Eu disse isso em voz alta.

— Tão poético, — Raphael bufou.

— Mamãe é boa em rimas, — comentou Gabriel, já saindo do carro. — A tia Aurora disse que às vezes ela participava de concursos de poesia na escola.

Acenei com a mão ao sair do jipe ao mesmo tempo que Raphael. — Isso foi há muito tempo.

Dando a volta no Jeep e colocando a mão na base da minha coluna, ele me guiou pelos grandes degraus de pedra e pela grande porta. Passamos pelo espaçoso saguão de mármore com uma escada circular de mármore que levava ao primeiro e ao segundo andar.

Meus olhos se arregalaram acima da minha cabeça para encontrar uma grande cúpula acima de nós com uma pintura dos arcanjos. Os quatro anjos - Rafael, Gabriel, Miguel e Uriel.

Baixei o olhar para encontrar a expressão de espanto de Gabriel e sua boca ligeiramente aberta enquanto olhava para o teto. — Nunca mais quero ir embora, — declarou ele.

— Isso me deixa feliz, amigo, — disse Raphael, divertido. — Eu quero que você e sua mãe sejam felizes aqui.

Não me escapou que ele estava fazendo o possível para fazer Gabriel amar este lugar. Não que ele tivesse que se esforçar muito para isso. Esse lugar era como um paraíso na Terra, e cada janela pela qual se olhava proporcionava vislumbres de água azul cristalina que se estendia por quilômetros no horizonte.

— Quer que eu lhe mostre o lugar? — ele ofereceu.

Gabriel e eu trocamos um olhar e depois assentimos. Continuamos nossa caminhada pelo saguão e saímos pela porta dos fundos, onde o oásis do jardim verde nos recebeu com um pequeno caminho de pedras encantador que serpenteava o caminho em direção ao que parecia ser uma praia de areia branca.

Mesmo daqui, eu podia ouvir as ondas batendo na costa.

Sem nenhum aviso, Gabriel passou correndo por nós.

Seguimos o som de sua risada feliz pelo pequeno caminho romântico, sombreado por palmeiras, até à praia.

E o tempo todo eu ouvia a voz de minha irmã. *Seja feliz, Sail.*

Uma brisa suave e o som das ondas me acordaram e eu me levantei. Era o meio da noite e eu estava deitada em uma grande cama de dossel, esculpida em madeira de mogno. A pequena luz noturna emitia um brilho suave pelo quarto e eu me senti confortável com isso.

Inspire profundamente. Uma expiração suave.

A umidade do ar era densa com o ar salgado que o perfumava. Um mosquiteiro branco me cercava e meus olhos se desviaram para a janela aberta para ver a lua refletida sobre a superfície escura do mar.

Então, os eventos de hoje, ou seria ontem, voltaram à tona. Acordar com Raphael Santos na cabana dos Ashfords, escapar por pouco do ataque e pegar o jato particular para uma ilha.

E sua insistência em que eu me casasse com ele.

Eu lhe disse que pensaria a respeito. Ele deixou claro que não haveria nada para pensar. No entanto, eu não permitiria que aquele homem mandasse em mim.

A parte sensata de mim sabia que ele salvou a vida de Gabriel. E a minha. Mas outra parte de mim percebeu que não havia como sair da ilha. Era uma proteção, mas também uma espécie de prisão. No entanto, também fiquei aliviada ao descobrir que ele não me levou para Miami, o lugar onde Aurora, Willow e eu tínhamos visto o pai dele torturar Anya.

O pesadelo que nos atormentou nos últimos sete anos e meio.

Mas, por enquanto, isso seria suficiente. Até que eu pudesse pensar em um plano melhor.

Levantando-me da cama, caminhei sobre o piso de ladrilhos espanhóis até à grande janela aberta que dava para a varanda. A vista era magnífica durante o dia. Mesmo à noite, alguns raios de luar dançavam sobre a superfície escura.

Afastando-me da varanda, saí da sala e fui para o quarto de Gabriel. Era bem ao lado do meu. Encontrei-o em um sono profundo, na posição habitual, com a perna pendurada sobre a cama e os cachos escuros cobrindo parte do rosto.

Aproximei-me da cama e afastei os cachos de seu rosto. Ele parecia um anjo negro assim, com a expressão facial relaxada. Fiquei com raiva ao ver o medo em seu rosto quando estávamos sendo alvejados.

Ainda mais assustador foi o pensamento que permaneceu em minha mente. Que meus pais estavam ligados ao ataque de ontem. Eu não disse à minha mãe que estava na cabana, mas talvez ela tenha adivinhado.

Ou talvez meu comentário estúpido de que eu estava na casa dos Ashford tenha lhe dado uma dica.

Se ao menos os Ashfords não tivessem confiado neles. Mas meus pais eram aquelas raras pessoas que sabiam a localização da cabana. Afinal de contas, a família McHale era uma das famílias políticas mais influentes de D.C. Quem poderia duvidar deles?

Foi só quando Anya teve um bebê e depois morreu, e eu me afastei deles, que os sussurros começaram. Que a família McHale não era tão perfeita, afinal de contas. Eles não faziam ideia de como estavam certos. Nossa família era uma merda.

De qualquer forma, eu já estava farta. Não queria ter nada a ver com eles. Queria que eles apodrecessem no inferno. Diziam que o carma era uma droga. Bem, eu ainda estava esperando começar a brincar com as duas pessoas que destruíram minha irmã.

Fechei os olhos e respirei fundo mais uma vez. Anya adorava as montanhas e as paisagens. Ela encontrou paz em seu local de descanso final - no topo da montanha dos Apalaches. Cortesia de Royce Ashford.

A neve cobria cada centímetro visível da terra enquanto o caixão de Anya era baixado para a escuridão da terra. Não pude deixar de pensar que ela gostaria do cenário. Deixando a vista branca da neve fresca para abraçar sua escuridão.

Ela não se importava com isso; eu temia.

Um leve tremor percorreu minha espinha, e não tinha nada a ver com as temperaturas negativas. Eu mal conseguia me controlar. Chorei muito nos últimos dias. Quase não dormia - até que Royce descobriu que eu tinha medo do escuro.

Então, ele instalou uma luz noturna no meu quarto e no quarto do Gabriel. Byron tratou de todas as questões legais com seus advogados e com a ajuda de Winston. Esses dois poderiam governar o mundo juntos.

Meus olhos percorreram o pequeno grupo. Os três irmãos Ashford, Willow e Aurora, e o pequeno Gabriel. E Anya descansando em um lindo caixão branco.

Todas as pessoas que importavam.

O pequeno Gabriel dormia em meus braços.

Para onde quer que eu olhasse no topo dessa montanha, o cenário era sereno. Tranquilo. Mas dentro de minha alma, uma tempestade estava se formando. Feia e verde. Odiosa e vermelha. Eu queria fazer meus pais pagarem. Queria fazê-los sofrer, como fizeram Anya sofrer.

Era um sentimento horrível, mas eu me recusava a deixá-lo ir embora e deixá-lo apodrecer dentro de mim. Eu não sabia como ou quando, mas eu os faria pagar.

— Das cinzas às cinzas. Pó ao pó. Na esperança segura e certa da ressurreição...

Parei de ouvir. Minha mente ficou à deriva. Minha alma doeu.

Cada membro da minha nova família veio até mim e me abraçou, com o pequeno Gabriel ainda dormindo profundamente em meus braços.

Eu não suportava ir embora. Precisava de mais um minuto para me despedir.

— Lembre-se, loirinha, — Royce sussurrou suavemente em meu ouvido enquanto envolvia seus grandes braços ao meu redor. — Você está de luto hoje. Amanhã, se vingue.

Encontrei o olhar escuro de Royce. Ele e Aurora eram muito parecidos. Cabelos e olhos escuros.

A queimação em minha garganta sufocou e meu peito se apertou. — Não consigo deixá-la ir, — eu disse.

— E você não vai, — garantiu Royce. Seus olhos se voltaram para o bebê em meus braços. — Ela faz parte de Gabriel. Ela sempre será parte de você.

As lágrimas em meu rosto congelaram enquanto escorriam pelo meu rosto. Senti o gosto de sal em minha língua.

Segui seu olhar até ao bebê embrulhado em roupas de neve em meus braços, com os olhos fechados enquanto ele dormia confortavelmente. As mechas de seu cabelo escuro eram visíveis mesmo sob todas as camadas de roupas. Ele era lindo.

— Quer que eu fique com você? — Royce ofereceu. Balancei a cabeça. A casa dele ficava a cerca de três quilômetros daqui e todos nós dirigimos até aqui em dois veículos. Mas, neste momento, eu precisava de um tempo sozinha. — Vou esperar por você no carro.

— Obrigada.

A cada passo que dava, o ranger da neve sob suas botas ficava cada vez mais fraco.

Meu olhar se fixou no caixão. Os homens estavam esperando que eu saísse para poderem fechar a sepultura.

*Porra, doeu tanto deixá-la ir. Eu não conseguia reunir a vontade de me mover. Um arranjo elaborado cheio de prímulas vermelhas repousava em cima do caixão branco. Ele se encaixava no cenário. O sangue manchou a inocência de Anya. **Ele** manchou a inocência dela.*

Meu coração sangrava, cada respiração trêmula que eu tomava era como um vidro estilhaçado que me cortava por dentro. O vento aumentou, o suave uivo dele agitou a neve ao nosso redor. Uma tempestade estava chegando. Era hora de ir embora, mesmo que eu não quisesse.

— Vou fazê-lo pagar, Anya, — sussurrei ao vento, com os olhos fixos no lugar onde ela descansava. — E vou manter Gabriel a salvo.

Um uivo de vento foi minha resposta.

E eu jurava que podia ouvir sua voz suave nele. — Seja feliz, Sail.

Um arrepio percorreu minha espinha com essas lembranças. Eu não tinha ido ao túmulo nos últimos seis meses. Era o maior tempo que eu passava sem visitá-la.

Nossos pais odiavam Gabriel. Isso eu sabia. Mas será que eles chegariam ao ponto de machucá-lo?

Eles machucaram Anya, minha mente sussurrou. Se eles machucaram Anya, machucariam Gabriel. Deus, nossa família estava tão destruída desde que me lembro. Ela me protegia, mas ninguém a protegia.

Olhando em volta, lamentei não ter visto um sofá ou uma cadeira. Qualquer coisa, para que eu pudesse dormir no mesmo quarto que meu filho. Como se eu sentisse que algo estava prestes a acontecer. A ele. A mim. A nós.

Com um suspiro, saí do quarto de Gabriel, deixando a porta aberta para que eu pudesse ouvi-lo se ele me chamasse. Não que ele tenha chamado. Isso era mais para meu benefício do que para o dele.

Assim que virei a esquina do quarto de Gabriel, choquei-me com um peito duro e quente. Apoiei minha mão em um conjunto de abdominais musculosos para me firmar. Um suspiro ficou preso em minha garganta ao perceber quem eu havia encontrado. *Raphael*.

Minha palma parou, repousando em sua camiseta branca, e o calor queimou através dela e foi direto para o meu âmago. Como uma chama acesa, ele tremeluziu e se espalhou por minha corrente sanguínea. A casa estava tão silenciosa que eu ouvia meus próprios batimentos cardíacos e o aviso gritava. Mesmo assim, permaneci grudada em meu lugar.

Dei um passo para trás e levantei os olhos para encontrar sua estrutura imponente. Ele me encarou com aquele olhar azul encapuzado, sua presença tomando todo o ar e espaço do corredor.

Ele tinha um telefone em uma das mãos ao seu lado, observando-me com curiosidade.

— Não está conseguindo dormir? — ele finalmente perguntou. Balancei a cabeça. — Você está segura aqui, — ele garantiu, mas isso não fez nada para que eu me sentisse melhor.

— Obrigada, — murmurei.

Seguiu-se uma longa pausa. — Sobre sua sugestão, — comecei hesitante. — Se formos em frente com isso, qual é o seu plano? O que acontecerá comigo e com Gabriel depois que você acabar com o Cartel Tijuana?

Fiquei preocupada com nossa segurança. A ilha deveria ser segura, mas a cabana dos Ashford também era. Mesmo assim, fomos encontrados.

— Gabriel está dormindo profundamente? — perguntou ele, fugindo da minha pergunta. Não seria bom pressioná-lo. Não em minha primeira noite aqui, mas eu teria que obter pelo menos algumas respostas.

— Sim.

— Bom, — ele disse. Seus olhos caíram para minhas bochechas, a escuridão dançando em seu olhar. Cheio de promessas. Consumidor. Luxurioso.

— Você não respondeu à minha pergunta, — observei.

— Você e Gabriel estarão sempre seguros comigo, — declarou ele. — Tenho muitos inimigos vagando por este mundo. Você também deveria ir dormir. A menos que esteja procurando diversão.

O criminoso. O demônio com um brilho perverso dançando em seus olhos. A maneira como ele me observava prometia uma forma de esquecer todas as mágoas. Pelo menos por um pouco.

Era tentador. Oh, tão tentador ceder à dor que latejava entre minhas pernas.

Em vez disso, me afastei dele e fui em direção ao meu quarto como se o diabo estivesse em meu calçado. Sua risada suave me seguiu por todo o caminho até ao quarto.

Capítulo 24

RAPHAEL

Ao fechar a porta do meu quarto, que ficava na ala oposta da mansão, voltei à minha mesa e liguei o computador. O arquivo que Nico enviou era grande e, até agora, eu só tinha me concentrado nas informações sobre Sailor.

Meu peito ficava cheio cada vez que eu pensava em Sailor e Gabriel. Não demorou muito para que eu caísse em seu feitiço. O garoto usava seu coração na manga. Em nosso mundo, isso não era uma boa qualidade, mas eu não me importava. Eu ajudaria Sailor a preservar essa inocência pelo tempo que pudesse. Havia muito tempo para ser um canalha.

Assim como Sailor, senti a necessidade de checar Gabriel esta noite. Meu meio-irmão inocente e de bom coração, diferente daquele com quem cresci. Vincent era um bastardo sádico e cruel. Gabriel não estava cansado do mundo ao nosso redor. E eu, eu não era exatamente inocente, mas gostaria de pensar que não era tão sádico quanto Vincent, que gostava de torturar os indefesos e inocentes.

Afinal de contas, eu tinha Diablo tatuado em minha mão. Eu tinha seis anos quando fiz minha primeira morte. Peguei um dos homens do meu pai estuprando nossa empregada e fiquei louco. Peguei uma faca de açougueiro da mesa próxima e o esfaqueei no pescoço. Depois disso, foi um borrão. Quando finalmente saí de cima dele, minha pele estava

encharcada com seu sangue e ele tinha sessenta e seis ferimentos. Um menino de seis anos e sessenta e seis ferimentos. As pessoas viram seis-seis-seis e eu fui declarado *diablo*.

A partir do momento em que Vincent foi declarado morto, eu me tornei o filho visível. O único filho vivo. E eu odiava isso. Até aquele momento, eu tinha minha própria agenda e negócios que havia iniciado. Eu sabia de minhas responsabilidades para com a família, mas o fato de ser o segundo filho me dava liberdade para fazer o que eu quisesse fora dos negócios da família. Eu discordava dos métodos de Vincent e de nosso pai. Tráfico de pessoas. Prostituição forçada. Venda de mulheres.

Eu odiava tudo isso.

Mas as mudanças eram impossíveis porque, enquanto meu pai viveu, ele governou o Cartel Santos. Imagine a surpresa quando Sasha Nikolaev, aquele maldito bastardo idiota e impulsivo, executou meu pai. De repente, o mundo voltou sua atenção para mim. Um novo chefe para o Cartel Santos. Um mais frio. Mais focado. Mais letal. Mas não mais cruel.

No dia em que enterrei meu pai na Igreja Católica St. Peter and Paul, fileiras e mais fileiras de cidadãos íntegros vieram vê-lo partir. Não porque ele era um homem bom, mas porque fazia parte do submundo da Flórida e comandava o crime de todo o estado. Eles queriam garantir que ainda tinham um lugar na minha mesa, com as mãos já ávidas por mais subornos.

A procissão de limusines, paparazzi e repórteres permaneceu por toda parte, vislumbrando os criminosos visitantes.

Se ao menos todos esses cidadãos íntegros soubessem quanto drama acontece em seus próprios mundos.

Basta olhar para D.C. e para a família McHale. Essa cidade poderia muito bem ser chamada de Sin City em vez de Vegas. Ela escondia sujeira e segredos sob a ilusão de justiça e longas filas de figuras políticas proeminentes.

Meus olhos percorreram a tela. Páginas e páginas de informações, e finalmente fazia sentido saber como Anya e meu pai se conheceram.

O velho McHale devia um favor a Benito King e havia assinado o acordo das Belas e Mafiosos com o pai de Cassio. A esposa de Nico atirou em Benito, mas, infelizmente, décadas de merda levam muito tempo para serem limpas. Anya foi uma das vítimas do infame acordo entre as Belas e os mafiosos de Benito. Meu pai comprou o contrato de Benito quando meu pai decidiu que iria foder tudo o que estivesse ao seu alcance para poder gerar outro filho. Meu pai ligou para cobrar a dívida e o velho McHale ofereceu Anya como um cordeiro sacrificado. Embora, tecnicamente, McHale tivesse violado o contrato - porque ele não lhe deu sua filha biológica.

E depois havia a informação sobre a paternidade de Anya. *Interessante*. Isso explicava a declaração de Sailor na noite em que nos conhecemos. O pai dela odiava todas as coisas hispânicas. Eu apostaria minha fortuna que esse era o motivo.

Eu me perguntava se Sailor sabia, e o quanto exatamente. Ela me odiava o suficiente. Talvez pensasse que eu era igual ao meu pai. Era difícil dizer quando ela se mantinha tão fechada.

Os pais de Sailor não eram melhores do que meu pai, exceto pelo fato de que Sailor não tinha os Nikolaevs de olho em sua família. Suspeito que os irmãos Nikolaevs nunca perceberam que, na verdade, me fizeram um favor, mesmo que eu tivesse que me vingar por isso. De repente, como chefe do cartel, pude implementar mudanças e novas regras. Pus fim ao tráfico de pessoas e a todos os nossos negócios com o Cartel Tijuana, que era o principal fornecedor de carne humana.

Isso foi bem recebido. Ou não. E nossa rixa começou.

Que irônico que esse mesmo inimigo agora estivesse de olho no meu meio-irmão e na mãe dele. Só que eles não sabiam da ligação de Gabriel comigo.

Mas os pais de Sailor sim.

Li novamente o e-mail de Nico. Foi o último contrato que me deixou furioso. A raiva era tão forte que tive que engoli-la. Ardia em minha garganta, em meu peito e manchava minha visão de vermelho.

Assim como no dia em que matei meu primeiro homem.

Meus olhos percorreram as páginas e meu maxilar se apertou quando a necessidade de caçar os pais de Sailor e dar um tiro na maldita cabeça deles percorreu minhas veias.

Eu não conseguia acreditar. Eu esperava qualquer coisa de figuras proeminentes, rígidas e traidoras, mas nunca algo assim. Dei uma

olhada na data do contrato. Ele foi assinado há uma semana. O pai dela vendeu Sailor para Santiago Tijuana. O velho maldito era a conexão de Santiago em D.C. e foi somente graças ao velho de Sailor que o Cartel Tijuana roubou a área e pagou a fiança.

Era hora de destruir a família de Sailor.

Ninguém consegue se safar de machucar meu irmãozinho. Ou minha mulher.

Capítulo 25

SAILOR

Fiquei me revirando pelo resto da noite. A preocupação invadiu minha mente.

Casar ou não casar. Confiar ou não confiar.

Gabriel precisava de proteção. Dos meus pais. Do Cartel Tijuana. Provavelmente de muitos outros se sua ligação com a família Santos viesse à tona. Tudo isso me fez revirar durante a maior parte da noite. Os primeiros lampejos do amanhecer surgiram no horizonte e eu desisti de dormir.

Peguei meu celular, liguei-o e verifiquei minhas mensagens. Eu tinha muitas mensagens perdidas e ligações de Aurora e Willow.

Aurora: Onde você está?

Willow: Por que aquele cara assustador de Nova Orleans está me perseguindo?

Aurora: Quem? Alexei? Ele está comigo.

Willow: Seu irmão assustador.

Aurora: Sasha?

Willow: Eu não perguntei o nome dele. Ele está à espreita, assustando meus encontros.

Aurora: Sailor, onde você está?

Willow: Responda, mulher. Todas as suas roupas e as do Gabriel sumiram. Estou enlouquecendo.

Aurora: Sailor, vou mandar Alexei atrás de você se não responder.

Bom Deus. Qualquer um, menos aquele homem assustador. Eu não gostava de julgar as pessoas por suas aparências, mas Jesus Cristo, ele era assustador pra caramba. Ainda me custava pensar nele e em Aurora juntos. Eles eram os opostos polares.

Verifiquei a hora da última mensagem. Algo me dizia que, se eu me escondesse na maldita Sibéria, aquele homem me encontraria. A mensagem de Aurora foi registrada há uma hora, então digitei rapidamente minha resposta.

Estou bem. Gabriel e eu estamos seguros. Entrarei em contato. Não se preocupe.

Depois disso, tomei um banho rápido e me vesti, mas antes de descer as escadas, fui ver como estava meu filho. Ele estava torcido na cama, com o pé pendurado para fora da cama novamente, bem fora do travesseiro e com as cobertas meio fora da cama. Meus lábios se curvaram

em um sorriso ao vê-lo dormindo tão profundamente, com a boca ligeiramente aberta. Pelo menos os eventos de ontem o deixaram ileso.

Estava tudo quieto enquanto eu caminhava pela casa, a maioria dos membros da família ainda estava dormindo. Quando aterrissamos ontem, vi guardas circulando pela casa e pela ilha. Raphael mencionou ontem que tinha guardas e funcionários da casa na ilha, mas nunca mencionou quantas pessoas realmente moravam aqui. No entanto, pela minha observação, ele tinha uma pequena operação militar em andamento aqui.

O sol nascente projetava sombras pelo corredor. A casa era magnífica. Era luxuosa, mas também acolhedora. Diferente da casa de meus pais. Aprendi desde cedo a não tocar em nada em nossa casa. Uma vez, acidentalmente, quebrei o cinzeiro de meu pai. Ele me bateu com tanta força que voei pelo escritório, com a parte de trás da minha cabeça batendo na parede. Anya veio em meu socorro naquele dia, como fez tantas outras vezes. Ela disse a ele que o havia quebrado. Ele sabia muito bem que tinha sido eu. Afinal de contas, ele me viu fazer isso.

Mas ele sorriu, com aquele sorriso horrível e maligno, e a mandou para o quarto. Naquela noite, Anya me proibiu de ir ao seu quarto.

Sacudindo a cabeça e o passado junto com ela, virei a esquina e me vi em uma cozinha enorme. O fogão e o forno já estavam funcionando, e o cheiro de pão fresco me deu água na boca. Aproximei-me do fogão e levantei a tampa, encontrando algo parecido com frango. Pelo menos eu achava que parecia frango, embora parecesse estranho estar cozinhando frango pela manhã.

Colocando a tampa de volta, dei uma olhada no forno. Parecia pão, mas tinha um cheiro doce, quase como chocolate derretido.

— É uma panela de chocolate. — A voz grave de Raphael veio de trás de mim, e eu me arrepiei com o som que encheu a cozinha silenciosa.

Eu lentamente me endireitei e me virei para encontrar seu olhar. Raphael, de jeans e camiseta, era um espetáculo para ser visto. Meu coração acelerou muito e minha respiração ficou mais lenta quando seu olhar desceu pelo meu corpo.

Algo na maneira como ele me observava acendeu um fósforo e provocou faíscas em minha corrente sanguínea que ameaçaram se transformar em fogos de artifício.

Eu estava ali, com um par de shorts brancos e uma blusa azul de gola alta, descalça contra o azulejo frio, enquanto minha pele vibrava com o calor. A tinta preta cobria seus braços, os músculos lisos e bronzeados me davam vislumbres que faziam minha imaginação correr a quilômetros por minuto. Fiquei imaginando o quanto de seu corpo bronzeado estava realmente coberto de tinta. A parte curiosa de mim queria examinar cada centímetro dele.

O calor correu para o fundo do meu estômago e se espalhou por mim como fogo.

— Você vai ficar só olhando ou vai dizer alguma coisa?

Pisquei ao ouvir seu tom de voz.

— É assim que você trata todos os seus convidados? —
retruquei, com a voz ofegante.

Ele balançou a cabeça, soltando um pequeno suspiro de diversão.
— Só os que não sabem dizer bom dia.

Eu estreitei meus olhos para ele. Não era minha culpa que seu corpo fosse tão lindo que me deixava sem palavras.

— Bom dia, — resmunguei. — Feliz?

— Sim.

Desviando de mim, ele desligou o forno, pegou uma luva e tirou uma frigideira cheia de pães com um cheiro delicioso.

— Você não me parece ser do tipo que gosta de cozinha, —
pensei em voz alta. — Acordou horas atrás para ser escravo do fogão?

Outro sopro de diversão o deixou e seu olhar brilhou. — Não, foi Beatrice. Minha cozinheira.

Como se fosse uma deixa, uma mulher de cabelos escuros entrou na cozinha e meu queixo quase caiu. Aquela não podia ser a cozinheira. Tinha que ser uma modelo ou alguma gostosa que Raphael estava namorando.

— Ah, aí está ela. — Raphael lançou um olhar fugaz na direção da mulher antes de voltar seus olhos para mim. — Bom dia, Beatrice.

— Bom dia, señor. — Seus olhos escuros me observaram com curiosidade. — Señora.

— O café da manhã tem um cheiro delicioso, — elogiei. Meus olhos se deslocaram entre Raphael e ela, imaginando se os dois tinham algo

em comum. Eu não conseguia imaginar alguém capaz de resistir a ela. Ela era linda.

Observei Beatrice se movimentar pela cozinha com confiança. Como se ela fosse a dona do lugar. E durante todo o tempo, os olhos de Raphael permaneceram em mim enquanto ele se encostava no batente da porta.

Beatrice arrumou a mesa e colocou um prato cheio de bolos e algo que parecia ser tacos.

— Humm, posso ajudá-la em alguma coisa? — ofereci. Ela estava limpando as superfícies da cozinha.

Ela acenou com a mão. — Por favor, sente-se.

Meus olhos se voltaram para Raphael, sem saber se eu deveria me sentar aqui ou em outro lugar para comer.

— Vou me juntar a você. — Raphael deu três passos e encontrou-se à mesa, depois puxou uma cadeira para mim.

Uma vez sentados, Beatrice colocou uma xícara de café na frente de Raphael e na minha frente. — Com baunilha francesa, do jeito que você gosta, — ela comentou, seu sorriso genuíno.

Pisquei os olhos, confusa. — Como você sabia?

Seu rosto empalideceu um pouco e ela lançou um olhar preocupado para Raphael.

— Está tudo bem, Beatrice, — ele lhe assegurou, então seus olhos se fixaram em mim. — Eu dei a todos na ilha informações sobre você

e Gabriel, conforme necessário. Beatrice sabe quais alimentos e bebidas você gosta, então ela pode preparar refeições que você vai gostar.

— Oh. — Um pouco exagerado, mas atencioso. *Eu penso.* — E como você sabe do que gostamos ou não gostamos?

— Nosso amigo em comum, — comentou misteriosamente.

Arqueei uma sobrancelha. — Nico Morrelli? — Perguntei hesitante. Não que eu o considerasse um amigo. Era mais como um conhecido.

Ele acenou com a cabeça. — Ele tem um jeito de descobrir informações sobre as pessoas. Relatórios detalhados são sua especialidade.

— Que relatórios detalhados, — resmunguei.

— Você não faz ideia.

Decidindo não comentar sobre isso, comi a massa e olhei para o relógio enquanto mastigava. Gabriel gostava de dormir até mais tarde, portanto, seriam mais algumas horas antes de vermos seu rosto. Isso poderia me dar algum tempo para trabalhar. Eu tinha três artigos para editar antes de serem impressos. Um deles era sobre os cartéis sul-americanos, incluindo o de Raphael Santos.

Outro motivo pelo qual casar com Raphael era uma má ideia. No entanto, cheguei à conclusão de que ele poderia ser meu melhor caminho. Ele protegeria Gabriel. Só que eu tinha dificuldade em dizer aquele ‘sim’ final em voz alta.

Por um tempo, mantive meus olhos em meu prato enquanto comia, Raphael sentado bem em frente a mim.

— Quanto tempo eles vão ficar aqui? — Beatrice perguntou de repente, mudando para o espanhol. Não mexi nem um músculo, determinada a não deixar transparecer que a entendia. Eu estudava francês e grego na escola, mas como Gabriel tinha espanhol desde o jardim de infância, eu o estudava com ele. Ele tinha um talento natural, e eu me esforçava para acompanhá-lo.

— O tempo que for necessário, — ele respondeu também em espanhol.

— Entendo que queremos que o menino fique aqui, mas por que ela tem que ficar? — Seu tom se tornou choroso e tive que morder a parte interna da bochecha para não dizer algo ríspido.

— Ela é a mãe dele. — O tom de Raphael era claro. Ele não toleraria ser questionado.

— Não acredito que ela tenha dormido com o velho, — Beatrice riu, novamente em espanhol. — Provavelmente uma caçadora de ouro. Sem princípios. Uma daquelas prostitutas que gostam de abrir as pernas para quem tem dinheiro.

Precisei de tudo o que havia em mim para não sair em disparada e dar um soco no rosto da mulher. Jesus, quando foi que me tornei tão violenta? Ainda assim, a necessidade de colocá-la em seu lugar fez minha mão tremer de raiva.

Talvez mais tarde. Por enquanto, eu fingiria que não falava espanhol.

Para o mundo, fui eu quem teve o bebê. Então, é claro, ela presumia que, como eu era a mãe de Gabriel, eu havia dormido com o pai

de Raphael. De qualquer forma, a insinuação não me agradou. Lombardo Santos estuprou Anya. O pai a forçou, mas Anya se recusou a me contar o motivo. Esse segredo morreu com ela.

— Beatrice, escolha sua próxima palavra com sabedoria ou você não vai gostar do que vem a seguir, — disse Raphael suavemente, mas uma pitada de veemência gritou. Porra, havia algo sexy quando ele falava em espanhol.

— Ela era do seu pai e você odiava seu pai, — ela continuou a falar em espanhol.

Prendi a respiração, esperando que Raphael a corrigisse. Ele não o fez.

Será que Raphael realmente odiava seu pai? eu me perguntava.

Eu não perguntaria a ele agora. Haveria tempo para isso mais tarde, quando estivéssemos sozinhos.

— Você trabalha aqui há muito tempo, Beatrice? — perguntei, encontrando seus olhos e sorrindo docemente. Ela não saberia que era um sorriso falso, a menos que me conhecesse.

— Sim.

— Você transa com seu chefe? — perguntei, mantendo minha voz moderada.

Eu não dava a mínima para o fato de ela ter transado ou não, mas que se dane se eu deixaria que ela me degradasse. Ou a minha irmã. Ela não sabia o que Anya havia passado naquela noite. Ninguém sabia, exceto

Aurora, Willow e eu. Tínhamos assentos na primeira fila para o show de merda.

Meus olhos subiram pela mesa e encontraram o olhar de Raphael já voltado para mim. Sua expressão brilhava com uma diversão seca, mas Beatrice estava furiosa, com uma série de xingamentos em espanhol saindo de sua boca.

— Você vai deixá-la falar comigo desse jeito? — Beatrice sibilou, seus olhos brilhando de raiva.

Raphael nem sequer lhe deu uma olhada.

— Caine a levará de volta ao continente, — ele falou casualmente. — Você será compensada pelos próximos seis meses.

Um suspiro agudo soou e eu meio que esperava que ela agarrasse o peito em um gesto teatral. Ela não o fez. Em vez disso, pegou um vaso grande, pronta para jogá-lo em mim quando Raphael se levantou e agarrou seu pulso.

— Eu não faria isso se fosse você, — advertiu ele, com a voz mortalmente calma, mas com veneno em cada palavra pronunciada, dando-me um vislumbre do mafioso implacável que ele era.

Antes mesmo que eu pudesse piscar os olhos, dois guardas apareceram e a escoltaram para fora da cozinha e, em seguida, para fora da casa, enquanto suas rápidas palavras em espanhol a seguiam.

Quando não podíamos mais ouvi-la, Raphael finalmente falou: — Agora, vamos conversar.

Arqueei uma sobrancelha. — E nós não poderíamos ter conversado antes de você dispensar sua namorada?

— Beatrice não é minha namorada, — ele explicou calmamente. — Ela nunca foi.

Eu zombei suavemente. — Ela pode não ter recebido esse memorando.

Ele deu de ombros. — Esse é um problema dela. Agora vamos falar sobre nosso futuro.

— Não existe ‘nosso’ futuro, — eu ri. — Portanto, não vamos nos precipitar.

O olhar que ele me lançou dizia algo diferente, mas não me preocupei em avaliar. Talvez ele esperasse que eu o criticasse ou talvez achasse que eu começaria a reclamar. Não fiz nada disso. Anya me ensinou há muito tempo que, às vezes, era melhor guardar suas opiniões para si mesma. Até que você tenha o controle da situação.

Nesse caso, e com esse homem, eu me preocupava em não conseguir levar a melhor. Afinal de contas, ele era um criminoso. O demônio. Embora o homem fosse definitivamente suave e carismático, eu não conseguia esquecer o que o pai dele havia feito com Anya. O que ele quase havia feito *conosco* - minhas melhores amigas e eu.

— Você realmente odiava seu pai? — Perguntei-lhe, mantendo meu olhar fixo nele.

Seus olhos escureceram, algo cruel e cheio de veneno passou por seu olhar, mas desapareceu tão rapidamente quanto apareceu.

— Ele não era minha pessoa favorita. — Uma pequena admissão, mas algo nela me deu esperança.

— O meu também não, — murmurei. Limpei minha garganta. — Nem o seu nem o meu. Na verdade, eu ficaria bem se nunca mais visse meu pai, — esclareci.

Ele acenou com a cabeça como se estivesse entendendo e eu acreditei que sim. Era peculiar o motivo pelo qual as pessoas se uniam.

— E sua mãe? — Perguntei hesitante. Talvez eu estivesse forçando a barra, mas se eu me casasse com ele, precisava saber pelo menos alguma coisa sobre o homem. Além de suas atividades criminosas.

— Eu era o favorito de minha mãe. — Um lampejo de dor e lamento cruzou sua expressão. — Ela era uma boa mulher, mas a crueldade de meu pai a destruiu. Quando ela morreu, era apenas uma casca da mulher que costumava ser. Viciada em cocaína e buscando alívio no esquecimento.

Ele amava sua mãe. Ele não dizia isso, mas não precisava dizer. E só isso já me fez pensar que Raphael Santos era muito mais do que aparentava.

— Sinto muito. — E eu realmente sentia. Não gostei do indício de dor que permaneceu em seus olhos. — Anya era isso para mim. Minha mãe. Meu pai. Minha irmã.

O silêncio preenchia o ar e laços frágeis se entrelaçavam nele. Ele me assustava e me emocionava. Ele me confundiu e me acalmou. Eu não conseguia entendê-lo.

— Você entende espanhol. — Não era uma pergunta, mas uma afirmação clara.

— E daí? — Eu desafiei. — Você entende inglês.

Ele passou a mão na boca, murmurando algumas palavras ininteligíveis em espanhol.

— Nós realmente precisamos conversar, — disse ele finalmente. — Sobre nós.

— Já estamos conversando, — disse eu secamente. Algo no modo como ele me olhava fez meu alarme interno disparar, e eu não ia ignorar meu sexto sentido nunca mais. — E já não estabelecemos que não existe um *nós*?

— Há algo que você precisa ler. — Não me passou despercebido o fato de ele ter ignorado meu comentário sobre *nós*.

Meu telefone tocou e, esquecendo-me temporariamente do homem à minha frente, tirei o celular do bolso de trás da calça. Minhas sobrancelhas se franziram ao ver que era uma mensagem de um número desconhecido.

Deslizei a mensagem para abri-la. Era um anexo.

Provavelmente spam, pensei, e estava prestes a excluí-lo quando a voz de Raphael me impediu.

— Talvez você queira abrir isso. — Meus olhos se voltaram para ele enquanto meu dedo passava sobre o teclado.

— Por quê? — perguntei, hesitante.

— Porque você precisará lê-lo. — Quando fiquei quieta, ele continuou, — É um acordo feito por seus pais.

O medo encheu meu estômago e a velha e familiar ansiedade tocou minha pele. Em toda a minha vida, nada de bom saiu de meus pais. Talvez eles não fossem criminosos como o pai de Raphael, mas isso se devia ao fato de nunca terem sujado as mãos. Eles tinham outros que faziam o trabalho sujo para eles.

Abri o anexo e meus olhos percorreram as letras. Meus dedos tremiam e, a cada respiração trêmula, meu coração se afundava mais e mais. Nada tornava seu dia pior do que seus pais provarem que sua intuição estava certa.

Meu pai me vendeu para Santiago Tijuana. Eles queriam Gabriel morto.

Eu sabia que eles não se importavam com ele, mas isso estava além do meu medo. Voltei ao início do documento para verificar a data do acordo. Uma semana atrás.

O medo se insinuou nos cantos de minha mente. As lembranças doíam. Era como ficar muito perto do fogo enquanto as chamas lambiam sua pele, mas sem poder se mover. Mesmo depois de sete anos mantendo distância, as duas pessoas que deveriam ter tido o melhor interesse de Anya e o meu no coração foram as que mais nos machucaram.

‘As meninas merecem ser punidas’.

Cada respiração parecia cacos de vidro cortando meus pulmões.

— *Fique escondida, Sailor. — Meus pulmões ficaram gelados. — Não importa o que aconteça, — disse Anya, — fique quieta.*

A cama rangeu acima de mim, sufocando-me.

Mordi com mais força, sentindo o gosto de sangue.

Minha mão doía. Gemidos. Grunhidos.

Meus pulmões se contraíram, os velhos pesadelos batendo contra as portas, ansiosos para se libertar. Eu não os deixaria. Não podia deixá-los.

Por Gabriel. Por mim.

Mordi minha mão com mais força, o sangue escorrendo pela minha pele. Pegajoso. Mal cheiroso. Quente.

O terror subiu pela minha espinha. Minha pele estava úmida. Eu estava sufocando.

Duas mãos grandes seguraram meu rosto. Um rosto embaçado. Sua boca se moveu. Meu cérebro não conseguia processar suas palavras.

Meu corpo inteiro tremia. Eu precisava de alguém para me salvar. Sempre se tratava de ser salva. Anya me salvou dele. Do nosso pai.

— *Respire, Reina. — A voz era profunda e suave. Veemente. Eu não conseguia puxar uma única respiração para meus pulmões. —*

Concentre-se em minha voz e respire. — Fechei os olhos e escutei. — Abra seus olhos e respire.

Seu rosto entrou lentamente em foco. Pele bronzeada. Olhos azuis. — Você está segura aqui. — O cheiro dele foi registrado. *Segura*. Ele nos manteria seguros.

Encostei meu rosto na curva de seu pescoço, seu calor e força se infiltrando em mim. Foi como uma injeção de tudo o que eu precisava para que meu coração finalmente diminuísse o ritmo. Descansei meu rosto em seu pescoço, enquanto suas mãos encontravam o caminho para minhas costas, passando-as para cima e para baixo, acalmando-me.

O demônio me tirou do pesadelo. Minha decisão foi tomada.

Capítulo 26

RAPHAEL

— Tudo bem? — Perguntei-lhe com calma, embora no fundo minha raiva fervesse. Algo ou alguém deve ter machucado essa mulher para causar tanta dor.

— Sim, — ela murmurou, olhando para qualquer lugar, menos para mim. — O documento foi... — pausa, — ...inesperado. — Ela engoliu com dificuldade e forçou um sorriso. Na verdade, eu não tinha certeza se ela sabia ou não do documento até ao momento em que teve o colapso.

— Família, hein? — ela tentou zombar, mas saiu fraco demais.

Não foi exatamente a reação que eu esperava dela. Claramente, ela não sabia sobre o acordo que seus pais fizeram com Santiago Tijuana. O pânico em seus olhos era real demais, como fantasmas que ela havia mantido escondidos por muito tempo.

Seus pais a venderam. Ela e seu filho. Para um dos homens mais sádicos do planeta. A história estava se repetindo. Primeiro, eles venderam Anya. Agora era a vez dela.

— Há famílias melhores, — foi tudo o que eu disse. — Você consegue isso com as pessoas que a apoiam.

Ela acenou com a cabeça como se estivesse entendendo e eu acreditei que sim.

Com uma expressão cautelosa no rosto, ela se recostou na cadeira, e percebi que precisava de espaço. Eu não podia culpá-la. Não era todo dia que você descobria que seus pais tinham um contrato para você e seu filho.

Então, eu permiti. Dessa vez.

Sentei-me ao lado dela e tomei meu café. Ela precisava de um tempo para se recompor.

Havia mais na história de Sailor do que o arquivo que Nico conseguiu para mim.

Estava escrito no ataque de pânico que eu acabara de testemunhar. No pesadelo do qual ela acordou quando estávamos no avião. Quase como se ela tivesse sofrido abuso ou testemunhado isso em primeira mão. Será que aquele bastardo do pai dela a usou para saldar sua própria dívida?

Nenhum dos arquivos de Nico refletia isso, e ele era muito minucioso.

Aqueles olhos azuis extraordinários encontraram meu olhar e ela passou a língua no lábio inferior antes de falar.

— E se eu me recusasse a me casar com você? — perguntou ela suavemente.

Um suspiro sardônico saiu de mim. Eu desejava que ela se casasse comigo porque ela sentia essa atração se formando entre nós. Era parte do ar que respirávamos. E aqui estava ela questionando o que

aconteceria se não o fizesse. Eu incendiaria a porra do mundo inteiro, é isso que aconteceria.

— Tenho muitos inimigos, Sailor. E vai se espalhar a notícia de que Gabriel é um Santos. Mantereí vocês dois em segurança. De seus pais, de Santiago Tijuana e de qualquer outra pessoa, — prometi. Eu a protegeria mesmo que ela se recusasse a se casar comigo, mas não diria isso a ela. — A maneira mais eficiente de fazer isso é você se casar comigo.

Seus ombros caíram um pouco e algo nisso me fez lembrar de um anjo cansado. Suas ondas grossas cobriam seus ombros finos, como uma coroa pesada demais para carregar.

— Liguei para minha mãe, você sabe, — ela começou suavemente, com os olhos voltados para a janela. — Da cabana. Eu não tinha falado com ela desde que Anya morreu, mas achei que... — Ela mastigou o lábio inferior como se estivesse sentindo dor ao dizer o nome da irmã. — Pensei que talvez ela tivesse pelo menos um instinto maternal. Ela se recusou a me ajudar, mas eu cometi um erro. Eu lhe disse que estava em uma das casas de Ashford. Meus pais sabiam a localização da cabana. Se eu tivesse que adivinhar, foi assim que Santiago Tijuana nos encontrou.

Fiquei quieto diante de sua admissão. Não porque eu estivesse surpreso, mas porque isso demonstrava sua frágil confiança. Ela desabrochou como uma flor delicada entre nós e eu faria qualquer coisa para mantê-la.

— Byron chegou à mesma conclusão, — eu disse e seus olhos brilharam de surpresa. — Ele me ligou durante nosso voo. Ele estava pronto para vir atrás de mim.

Seus lábios carnudos se curvaram em um sorriso suave. — Os irmãos Ashford gostam muito de Gabriel.

— E de você.

Ela soltou um suspiro pesado. — Eles praticamente salvaram Gabriel e eu. Byron e Royce enfrentaram meus pais e depois ajudaram a mim e a Gabriel para que eu pudesse terminar a faculdade. Sem Aurora, Willow e eles, quem sabe onde teríamos ido parar.

Porra, eu queria que fosse eu que estivesse com ela durante tudo isso. Achei que estava prestando um serviço a ela ao não caçá-la e levá-la comigo para as profundezas do inferno. Afinal, era lá que ela estaria segura. Sob minha proteção.

— Você teria encontrado uma maneira. — E eu estava falando sério. Apesar de sua vulnerabilidade, ela tinha um tipo de força silenciosa. E teimosia.

Observei seu pescoço delicado e pálido balançar enquanto ela engolia e nossos olhares se fixavam. Olhar para ela era como olhar para a luz, ou para o oceano azul cristalino no qual você quer se afogar. Porque esse seria o melhor tipo de caminho a seguir.

— Raphael?

— Sim?

— Se algo acontecer comigo...

— Nada vai acontecer com você, — rosnei. Este mundo arderia no fogo do inferno se ousasse tirá-la de mim.

Um pequeno sorriso tocou seus lábios. — Você pode ser assustador, sabia? — Seus olhos se voltaram para minha mão. — É por isso que você tem essas palavras tatuadas em sua mão?

Balancei a cabeça. — Eu tinha seis anos quando matei um homem pela primeira vez. Eu o esfaqueei sessenta e seis vezes. As pessoas interpretaram isso como um mau presságio. — Ela me lançou um olhar confuso. — Seis-seis-seis. É um sinal do demônio.

— Oh.

— Com medo?

Ela inclinou a cabeça, estudando-me. Não havia medo em seus olhos. — Não. Não sei bem porquê, mas não, não estou.

— Bom. — Porque sua leveza pode ser minha salvação.

Ficamos sentados em silêncio, ambos perdidos em nossos próprios pensamentos. Às vezes, eu temia me tornar meu pai. Eu vivia e respirava crueldade desde que me lembro. Quando matei o primeiro homem por estuprar uma mulher, nossa empregada, meu pai ficou orgulhoso. Não por defender uma empregada inocente, mas por ser selvagem.

Foi minha mãe que me chamou de salvador. Acho que os salvadores existem em todas as formas e tamanhos.

— Meus pais odiavam muito a Anya. — Sailor quebrou o silêncio, pesado com os fantasmas de nosso passado. Eu podia ouvir a dor em sua voz e senti-la como se fosse a minha própria. — Se você é o

demônio, pode, por favor, empurrar meus pais para o último nível do inferno de Dante?

— Por você, qualquer coisa, — eu respondi, um pouco divertido.
— Sabe, eles não mereciam você e sua irmã, — disse-lhe suavemente.

Eu descobriria tudo sobre elas e depois afugentaria seus fantasmas. Sim, a mulher era um pouco irritante. Linda, inteligente e cheia de opiniões. Forte também, apesar do medo que ela escondia em algum lugar lá no fundo. E eu adorava cada coisa sobre ela.

Fazia apenas menos de vinte e quatro horas que eu havia lhe imposto a condição de casamento. E foi só agora que ela concordou que senti um alívio em mim. Não que ela tivesse realmente uma escolha. Mas, para manter a aparência, eu a deixaria pensar que tinha. Porque esse demônio seguiria sua mulher até aos confins da Terra.

Tudo nela me intrigava. Eu dizia que era para manter meu irmão seguro, mas estava mentindo para mim mesmo. Que se danem as consequências, eu *a queria*. Assim como o diabo, eu queria sua alma, seu coração e seu corpo. Eu estava investindo demais nesse casamento iminente. Nela. Eu estava há muito tempo.

E a garota nem sequer se lembrava de mim. Durante oito longos anos, ela se escondeu em minha mente. Eu até tentei encontrá-la. Sem sucesso. Ela usou uma identidade falsa para entrar na boate. Nunca, em meus sonhos mais loucos, pensei que ela cairia em meu colo.

Acontece que eu tinha que agradecer novamente a Nikolaev. Eles não paravam de dar, não é mesmo?

— Então, o que você vai fazer agora sem a sua cozinheira? — perguntou Sailor, mudando abruptamente de assunto, com os olhos fixos na janela com vista para o oceano. — Vai ser difícil encontrar outra cozinheira bonita.

— Você está com ciúmes, *Reina de nieve*?

Sailor se endireitou, com um leve constrangimento colorindo suas bochechas, mas ela ainda estava muito gostosa. Eu só podia imaginar como ela ficaria bem em minha cama. Porque era para lá que estávamos indo.

É claro que ela não saberia disso até aterrissar lá.

— Eu disse a você, — ela resmungou. — Não me chame de rainha do gelo. Ou você não gostará do nome que eu inventar para descrevê-lo, maldito diabo.

Dei uma risadinha. Sua coragem me encantava. — Significa rainha da neve.

Ela piscou os olhos em confusão. Depois, piscou novamente. — Por que você não me corrigiu da primeira vez?

Eu dei uma risadinha. — Eu gosto de sacudir você.

Suas sobrancelhas se franziram. — Por quê rainha da neve?

Meus olhos percorreram seu cabelo. Ela levantou a mão, auto-conscientemente passando os dedos por ele. — Eu sei que é estranho, — ela murmurou. — As pessoas o chamam de cinza.

— É lindo pra caralho, — eu disse. A visão mais linda que eu já tinha visto. — E certamente não é cinza. Ele me lembra uma neve recém-caída com o toque do sol brilhando em sua superfície. Eu o adoro.

Porra, talvez eu amasse ainda mais o modo como ela corou. — Obrigada, — ela sussurrou baixinho.

— Tenho um presente para você, — disse-lhe casualmente.

— Tenho medo de perguntar, — murmurou ela. — Há um olhar desonesto em seus olhos. — Joguei minha cabeça para trás e ri. Com força. Ela sorriu como se estivesse satisfeita com o som. — É o fogo do inferno? O forçado do demônio? — ela perguntou, embora seu sorriso ainda permanecesse em seus lábios.

Meu lábio se inclinou para cima. — Não exatamente.

— Então, por favor, conte, — resmungou ela.

Peguei meu celular e digitei uma mensagem para Diego. — Você vai ver.

Ela olhou em volta, como se esperasse que o domínio do inferno tomasse conta da cozinha. Foi muito divertido.

Diego entrou naquele momento, segurando um cobertor. Sem dizer uma palavra, ele se aproximou de Sailor que, instintivamente, se afastou dele.

— Eu não mordo, — disse ele secamente. — Pegue-o.

— Ele? — ela murmurou, com uma expressão confusa. Seus olhos se voltaram para mim e depois para Diego.

— Raphael o escolheu para você, — explicou Diego. Então, vendo que Sailor não tinha intenção de estender o braço, ele colocou o pacote na mesa à sua frente.

O cobertor começou a se mover e um guincho suave escapou dos lábios de Sailor quando uma pequena cabeça passou por ele. — O que...

Sua voz vacilou e ela se inclinou para mais perto. — Isso é um... — Aqueles olhos azuis se ergueram e encontraram os meus. — Isso é um animal?

Ela engoliu em seco e abaixou o olhar. Como se estivesse com medo, ela estendeu a mão e retirou o cobertor. Um pequeno Bulldog Francês marrom chocolate, com apenas oito semanas de idade, espreitou sua cabeça para fora. Os olhos de Sailor se arregalaram e sua boca se abriu.

— Um cachorro, — ela disse. Seus dedos tremeram quando ela foi acariciá-lo. — É um cachorro, — ela repetiu em um sussurro.

— Sim. — *Você se lembra?* Eu queria perguntar. Durante nossa primeira dança, ela me disse que queria um cachorro.

Mas era muito cedo para falar sobre isso. Em vez disso, fiquei observando o cachorro e a mulher tremerem. Seria engraçado, mas algo sobre isso aqueceu meu coração. Sim, esse demônio estava ficando meloso.

O filhote se levantou e Sailor instintivamente colocou os braços em volta dele para que não caísse. Ele se balançou sobre os pés, empurrando o focinho para a palma da mão dela.

— Oh, meu Deus, — ela sussurrou. — É um cachorro de verdade.

— Você prefere um cachorro falso? — Diego, sempre mal-humorado, resmungou.

Isso não incomodou Sailor nem um pouco. Um sorriso largo se espalhou em seu rosto. — Eu gosto dele. Ele é tão pequeno. Ele está doente?

— Não, Reina, — eu lhe assegurei. — É um Bulldog Francês. Eles são pequenos.

— Oh. — Seus olhos permaneceram grudados nele, como se ela estivesse com medo de que ele desaparecesse se ela piscasse.

— Que nome você vai dar a ele? — Eu lhe perguntei.

Sua cabeça se levantou, seus olhos se movendo entre mim e Diego. — Eu?

Eu dei uma risadinha. — Sim, você. Agora o cachorro é seu.

Seus globos oculares quase saltaram das órbitas. — Sério?

— Sim, de verdade. — Seu lábio inferior tremeu, mas ela se recompôs rapidamente. Sua reação me divertiu muito. Uma repórter durona, disposta a derrubar o cartel, ficou toda melosa por causa de um cachorrinho. — Você vai lhe dar um nome? — perguntei.

O filhote estava ficando cada vez mais à vontade com Sailor, com a cauda balançando loucamente. Com cuidado, ela o pegou, depois se levantou do assento e o colocou no chão. Ela se ajoelhou. Eu não tinha certeza se gostava do fato de ela ter se esquecido de mim tão facilmente, mas que se dane. Ela parecia feliz.

Acenei com a cabeça para Diego, e ele desapareceu.

— Não sei, — ela murmurou. — Talvez Gabriel e eu possamos pensar em um nome juntos.

Uma lágrima rolou pelo seu rosto e eu me ajoelhei. — Achei que um cachorrinho a deixaria feliz. Por que está triste?

Ela balançou a cabeça, e as profundezas cintilantes do oceano me encontraram de frente.

— Não estou triste, — ela sussurrou

Mas os fantasmas se escondiam em seus olhos e seu lábio tremia enquanto ela se esforçava para controlar suas emoções. Nossos olhares se cruzaram, e a dor em suas profundezas cintilantes me atingiu como uma tempestade violenta.

— Eu nunca tive um cachorro antes, — admitiu ela, baixando os olhos para o filhote que já estava abraçado a ela. — Anya e eu sonhamos em ter um cachorro juntas um dia.

— Há uma primeira vez para tudo. — Ela assentiu com a cabeça, com os olhos ainda fixos no cachorrinho farejando. Era um tipo estranho de cachorro, mas eu não achava que Sailor fosse gostar de um pastor alemão ou de um husky. Pelo menos não como seu primeiro cachorro.

Uma risada suave. — Bruno?

— Hmm? — Perguntei a ela, confuso. Eu não tinha a menor ideia de quem era Bruno. É melhor que não seja outro homem.

— Você gosta de Bruno para o cachorrinho? — perguntou ela, com a mão coçando a orelha dele enquanto ele empurrava a pequena cabeça contra ela, com os olhos baixos.

— Eu gosto disso.

Ela sorriu. — Eu também. Vamos ver se o Gabriel gosta. Se ele gostar, então será Bruno.

Com o filhote dormindo profundamente, ela colocou o cobertor em volta dele e se levantou, depois se sentou novamente à mesa. E durante todo o tempo, ela continuou sorrindo. A felicidade lhe ficava bem.

— Temos que chegar a um acordo sobre minha proposta, — disse eu, mantendo meus olhos nela. Ela se enrijeceu, mas não olhou em minha direção. Em vez disso, seu olhar se concentrou em sua própria xícara de café enquanto soprava o vapor.

— Por que tenho a sensação de que é uma armadilha? — ela murmurou e me senti divertido. A mulher tinha bons instintos. Não havia necessidade de prolongar essa merda, então fui direto ao assunto.

— Eu mantereí você e seu filho seguros. Tudo o que você precisa fazer é colocar meu anel em seu dedo.

Seus olhos encontraram meu olhar pesado. Pude ver uma gama de emoções passar por aqueles oceanos profundos - da descrença à suspeita e à resignação.

Ok, isso poderia ter saído melhor. Eu deveria ter praticado. Não é todo dia que se pede uma mulher em casamento. Eu sabia que Sailor seria uma distração da pior espécie. O tipo de vício que seria difícil de abandonar. Mal havia passado um dia em minha casa e ela me fez demitir minha cozinheira.

No entanto, eu sabia que nada me impediria. A ideia de não tê-la era, de certa forma, pior. Gabriel nos conectou e eu a veria em um futuro próximo. Ela não tinha um relacionamento sério, mas acabaria tendo. Só de pensar nisso, eu tinha vontade de quebrar as pernas e as mãos de todos os homens e depois cortar seus paus.

— Você sabe que os pedidos de casamento costumam vir acompanhados de bons jantares e anéis de luxo, — resmungou ela.

Ficamos nos encarando em um silêncio espesso, com a evidência de seu nervosismo na veia pálida de seu pescoço. Ela tinha a pele mais delicada e pálida, e o desejo de colocar minhas mãos ásperas sobre ela rivalizava com a necessidade de respirar.

— Acabei de demitir uma cozinheira, então teremos que sair para um jantar sofisticado. Mas um anel sofisticado acontecerá. Quero que você o ame, portanto, terá de me dizer exatamente de que tipo gosta.

— Você está brincando, certo?

— Eu nunca brinco com assuntos sérios, — eu disse a ela. Eu queria agarrar sua nuca e morder seu pescoço, marcá-la. Passei a língua em meus dentes e reprimi o desejo. Se ela visse um vislumbre disso, a delicada repórter sairia correndo.

Eu a observei colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha antes de finalmente encontrar meu olhar novamente. O ar estava tenso, seus grandes olhos azuis me encaravam, e eu esperava que uma bomba fosse detonada. Só que essa mulher mantinha tudo sob controle. Como se houvesse tantos segredos que ela guardava, que nem mesmo sabia como sair deles.

O tique-taque fraco do relógio e o som das ondas do mar eram como uma distração calmante de tudo, menos do corpo pequeno e cheio de curvas sentado ao meu lado.

Ela mastigou o lábio, olhando-me com desconfiança, e um sutil rubor subiu por seu pescoço. Ela abriu a boca, fechou-a e depois a abriu novamente, limpando a garganta.

— Seria um casamento falso, — afirmou ela, emoldurado como uma pergunta e uma sugestão ao mesmo tempo. — Certo?

Um sentimento sardônico me invadiu o peito. Será que essa mulher era realmente tão alheia a mim? Mesmo agora, a atração que estava se formando dentro de mim era forte. Como um furacão se preparando para atingir a terra firme.

Fiz uma pausa, pesando minhas opções. Se eu lhe dissesse que queria enterrar meu pau em sua boceta e fodê-la até ao esquecimento, até que ela se esquecesse de todo e qualquer homem antes de mim, ela certamente rejeitaria a ideia do nosso casamento.

Até mesmo para manter seu filho seguro.

— É claro. — *Minha primeira mentira para ela.*

Capítulo 27

SAILOR

Estou ferrada.

Certamente não era assim que eu imaginava um pedido de casamento. No entanto, seria um casamento falso. Apenas no nome. Assim que a ameaça a Gabriel fosse eliminada, poderíamos acabar com a farsa e ambos seguiríamos nossos próprios caminhos. Talvez até continuássemos amigos.

Ou não. Algo me dizia que Raphael não estava interessado em amizade. Pelo menos não comigo.

Ainda assim, a insegurança corria em minhas veias - não tinha certeza se era por causa da proposta ou do que eu acabaria fazendo. Mas as ameaças eram reais. Do Cartel Tijuana e de meus próprios pais.

Eu não podia permitir que Gabriel e eu nos tornássemos vítimas. De ninguém.

Depois de ler o acordo contratual entre meus pais e Santiago Tijuana, o fato de Raphael nos encontrar acabou sendo a melhor coisa que poderia ter acontecido a Gabriel. Pelo menos eu poderia ter certeza de que Raphael o manteria seguro.

O pânico começou lentamente a apertar meu peito novamente, mas rapidamente mudei meus pensamentos para a melhor alternativa.

O casamento falso.

Era minha melhor opção para manter Gabriel em segurança. Eu devia isso à minha irmã.

Olhando para Raphael, pesei todas as minhas opções e continuei voltando para a que Raphael acabara de me oferecer. Algo no fundo daqueles olhos que parecia me fascinar me fez acreditar que eu poderia confiar nele.

Por enquanto.

O homem era intimidador. Cada vez que eu me concentrava em suas características faciais, ficava sem fôlego. Aqueles olhos azuis claros me faziam querer me perder neles. A sombra da barba por fazer que ele parecia usar o tempo todo lhe dava uma aparência sexy e desalinhada. E seus cabelos escuros eram quase pretos e longos o suficiente para agarrar seus fios.

Sim, esse homem era requintado. Lindo. Mortal.

Era essa última parte que me deixava preocupada.

Ele poderia facilmente me mastigar e me cuspir quando terminasse comigo. Assim como seu pai havia feito com Anya.

Balancei a cabeça, expulsando essas imagens da minha mente. Já havia fantasmas suficientes aparecendo esta manhã. Além disso, Raphael não era seu pai. Ele o desprezava.

Levantando meu olhar para encontrar o dele novamente, minha decisão foi tomada. Eu não tinha muitas opções, mas sabia instintivamente que essa era a que manteria meu filho vivo.

E eu faria meu pai pagar pelo que fez com Anya. Ambos os meus pais. Porque, aos meus olhos, nossa mãe era igualmente culpada. Ela deixou o pai machucar Anya. E agora, eles estavam vindo atrás de nós dois.

— Tudo bem, — disse eu finalmente, com as palavras pesadas em minha língua. — Mas tenho algumas condições.

O desejo de fugir era tão forte que cravei as unhas nas palmas das mãos para permanecer firme e colada ao meu lugar. E, durante todo esse tempo, Raphael sentou-se como um rei em seu trono. É claro que esse era seu trono, sua casa, seu império.

— Vamos ouvi-las, Reina. — Ele parecia quase divertido e isso me deixou furiosa. Não que eu tenha deixado isso transparecer. Embora eu desejasse poder ler *sua* expressão. Isso tornaria tudo muito mais fácil, mas a cara de pôquer de Raphael era boa demais.

O demônio de olhos azuis que incendiou minhas entranhas. Não havia um ditado que dizia para não confiar em um colombiano de olhos azuis? Ou seria um homem de olhos azuis? Foda-se se eu sabia, era tudo muito estúpido.

Respirei fundo. — Certo, primeira. Este será um casamento apenas no nome.

Dois batimentos cardíacos. — De acordo.

Hmmm. Eu não conseguia distinguir se a sensação em meu estômago era de decepção ou alívio. *Definitivamente, alívio.*

— Nós decidimos juntos quando é o melhor momento para contar a Gabriel sobre seu... — Minhas palavras me falharam por um

momento. Era algo que eu temia desde o momento em que Gabriel começou a falar. Ter que explicar a ele como ele surgiu. Ele ainda não começou a perguntar sobre seu pai. Ele achava que era meu filho biológico. Eu sabia que tudo acabaria se revelando.

Raphael não se deu ao trabalho de esperar que eu encontrasse as palavras certas. — De acordo.

Certo, até agora tudo bem. Talvez o dia estivesse melhorando.

— Seremos discretos com relação a sair com outras pessoas, — continuei.

— Não.

— Mas...

— Esse é um não rígido, — ele grunhiu, com a voz cheia de determinação e os olhos ardendo com algo que fez minhas coxas se contraírem.

— Não quer ouvir meu raciocínio? — protestei fracamente.

— Você. Não. Vai. Ver. Outros. Homens. — Sua voz era suave e veemente, sublinhada por algo que eu não conseguia identificar.

Minha boca se abriu e fechou como um peixe, engolindo ar. Depois dos dois primeiros acordos, eu esperava que esse fosse o mais fácil.

— Então, como... quando... — Não consegui formular a pergunta.

— Deixe-me esclarecer isso para você, Sailor. — Ele me olhou com um olhar que me causou arrepios na espinha. — Se eu a vir com outro homem, eu o matarei. Também não será uma morte rápida. Vou cortar as

mãos dele por tocar em você e o pau dele por ficar duro por você, porque o cabrón nunca terá a chance de tocar em você com ele.

Inspirei profundamente e, em seguida, expirei o ar com calma. Algo nesse homem me perturbava. Devem ser suas palavras selvagens ou talvez a maneira como ele me observava. Como se ele fosse me devorar se eu o deixasse.

Engoli com força. — Então, celibato enquanto estivermos casados? Mas você não tem... hummm... necessidades? — Como ele não respondeu, continuei: — É hipocrisia sua ter outras mulheres e não me conceder o mesmo com outros homens.

O canto de seus belos lábios se ergueu e meu coração bateu em uma batida estranha. Como o bater de asas contra a jarra de vidro.

— Não precisa ser um relacionamento com celibato, — ele disse em um tom preguiçoso que fez minha boceta latejar. — Nenhuma outra mulher para mim e nenhum outro homem para você. Quando você sentir a necessidade de sexo, venha até mim.

Eu o observei confusa. Será que ele esperava que eu dissesse o *mesmo*? Ele se levantou e eu imediatamente dei um pulo, preocupada que ele testasse a teoria agora. Ele deu um passo em minha direção e eu dei um passo para trás. Outro passo à frente e a cadeira bateu na parte de trás dos meus joelhos. Sua altura fez com que eu me sentisse pequena, seu corpo de um metro e noventa e três ou um metro e noventa e quatro se elevando sobre mim.

— Sério? — Eu respirei chocada. E tão excitada que achei que fosse derreter.

— Sim, sério. — Sua mão se estendeu e colocou um pedaço de cabelo atrás da minha orelha. — Afinal, nós vamos nos casar, então o que nos impede? — Ele estava certo. Por quê nos conter? Imediatamente me dei um tapa mental. Eu precisava me controlar.

— Bem, para começar, isso é um arranjo, — eu disse. — Um casamento falso. Não existe sexo falso.

Porra, estava quente aqui ou o quê? Pressionei a palma da mão fria em minha bochecha ardente e Raphael sorriu de forma tão devastadoramente bela que eu estava pronta para testar o sexo falso.

— Essa é uma má ideia, — murmurei mais para mim mesma do que para ele.

— É uma boa ideia, — ele me contradisse, sua voz quase um ronronar. Como se ele já estivesse trabalhando para tentar me seduzir. — Eu mantereí você e Gabriel seguros. E todo o resto... — ele deu de ombros — ...vai se resolver sozinho.

— Jesus, se essa é a sua estratégia para enfrentar a vida, estamos ferrados, — resmunguei.

Ele jogou a cabeça para trás e riu. Uma risada despreocupada e profunda que senti vibrar em cada fibra do meu ser.

— Você certamente tem jeito com as palavras, Reina.

Ele inclinou a cabeça, sua boca estava a apenas um sopro de distância de mim. E a vontade de diminuir a distância era tão grande que tive de cerrar os dentes para não ceder ao meu desejo.

Esse homem era pura tentação. E eu temia não ser capaz de resistir a ele.

— Quando? — Eu me engasguei.

— Quando o quê?

— Quando vamos nos casar? — Eu mal consegui pronunciar a última palavra.

No que eu me meti?

Capítulo 28

RAPHAEL

Deixei Sailor e Gabriel em minha ilha.

Quando meu helicóptero levantou voo, avistei duas figuras na varanda, abraçadas e cuidando de um pequeno buldogue francês. Foi uma boa decisão pegar o filhote. Sailor e Gabriel já estavam apegados a ele.

Eles estavam em minha casa há dois dias e toda a mansão já estava cheia de vida. Gosto disso.

Levou apenas duas horas para aterrissar de volta em D.C.

— De volta tão cedo, — Nico me cumprimentou no aeroporto quando saí da aeronave. — Visitando seus futuros sogros?

Não foi surpresa que ele soubesse de meus planos. Solicitei uma licença de casamento ontem. Nada escapa de Nico e sua empresa.

— Será uma ocasião alegre, — zombei. As palavras de Sailor ainda me incomodavam. Eu preferia matar o pai dela, mas isso traria mais problemas para ela. A única razão pela qual eu não estava tomando esse caminho era por ela e Gabriel. — Você conseguiu descobrir como as pessoas a encontraram e a Gabriel na cabana?

— Descobri. Santiago recebeu uma ligação de um número não rastreável logo após a ligação de Sailor para a mãe. Consegui identificar a

localização aproximada de onde a chamada foi originada. Definitivamente, perto da residência dos McHale.

Perfeito. Descobrir essa informação no momento em que eu estava prestes a ir visitar os pais dela não era um bom presságio. A vontade de matar a porra dos pais dela crescia a cada segundo.

— Quer que eu vá com você? — Nico ofereceu.

— Você está se oferecendo para me ajudar a matar o velho dela ou para me impedir de matá-lo? — resmunguei.

Ele deu uma risadinha. — O que você preferir. — Ele enfiou as mãos nos bolsos do terno. — Embora isso possa agitar o pote, matando o desgraçado. Ele tem contatos.

Essa era a parte infeliz.

— Obrigado pela oferta, mas não precisa me acompanhar. Darei ao velho bastardo um aviso justo, — eu lhe disse. — Se eu ouvir mais um pio sobre a porra do contrato com o Cartel Tijuana, acabo com os dois. Portanto, seja lá o que for que ele tenha recebido de Santiago Tijuana, é melhor devolver o dinheiro. Talvez eu me ofereça para pagá-lo.

Ele acenou com a cabeça. — O dinheiro fala com esse bastardo ganancioso. Tenho homens vigiando a casa deles. Não há sinal de nada fora do comum.

— Não deve haver problemas, — reconheci. — Ninguém além de Diego e eu sabem que estamos fazendo uma visita.

Montamos dois carros de isca, além de um para observar o terreno. Era apenas uma precaução extra. Eu não perderia meu próprio casamento em apenas dois dias.

Nico e eu apertamos as mãos. — Obrigado por sua ajuda, — eu disse a ele.

— É claro. Veremos você em dois dias. — A boca de Nico se contorceu e eu sabia que a próxima coisa que sairia de sua boca seria um comentário espertinho. — Devo levar meus filhos ou deixá-los em casa? Não quero que eles vejam você arrastando sua noiva pelo corredor.

Idiota de merda.

— Sailor concordou em se casar comigo, — eu sorri. — Pelo que me lembro, você deu um soco no amigo de sua esposa no dia do casamento.

— Tudo isso faz parte do passado, — Nico riu. Balancei a cabeça enquanto entrava no carro.

Levamos cerca de uma hora para chegar à mansão McHale, nos arredores de Richmond, Virgínia. A grande propriedade era cercada por muros altos e guardas no portão.

Apertei o botão e a janela se abriu. O guarda de segurança viu nossos rostos. Era o homem que eu havia colocado em minha folha de pagamento.

— Estou aqui para ver o Sr. e a Sra. McHale, — eu disse a ele.

Com seu aceno conciso, o portão se abriu. Diego dirigiu pela longa entrada de automóveis até darmos a volta na entrada circular até à frente da casa.

Ao estacionar, ele saiu do carro e deu a volta para abrir minha porta. Parecia ser apenas o meu motorista, quando na verdade era um dos meus melhores executores. Saí do carro e subi a grande escadaria.

Antes de chegar à entrada, a porta se abriu.

Não havia dúvidas de quem era a mulher que abriu a porta. Ela não tinha cabelos loiros platinados como Sailor, mas seu rosto se assemelhava ao de sua filha. Era uma mulher bonita, mas, ao contrário de sua filha, tinha uma beleza fria, quase cruel.

Sua mãe cambaleou quando seu olhar se fixou em mim. Lentamente, ela me olhou de cima a baixo, depois seu lábio se curvou em repulsa. As palavras que Sailor me disse em nosso primeiro encontro voltaram à tona em minha mente. Ela disse que seus pais odiavam hispânicos.

Acontece que Sailor não estava exagerando.

— Sra. McHale. — Fui até ela e peguei sua mão. — Raphael Santos. Seu marido reconhecerá o nome.

Ela estremeceu, depois empalideceu, e eu soltei um suspiro sardônico.

— Não estávamos esperando você, — comentou a mãe dela, com uma clara confusão evidente na voz.

— Tenho algumas novidades que quero compartilhar com você e seu marido, — disse eu, com os lábios se inclinando em um sorriso. — Sei que ficarão felizes em saber que sua família formará uma conexão permanente com um colombiano.

Se eu achava que ela estava pálida antes, não se comparava à sua aparência agora. Seus olhos pareciam prestes a se desprender de suas órbitas.

— Indique o caminho, Sra. McHale, — insisti em uma voz fria.

Ela não se mexeu, então, só para garantir que ela entendesse que a opção de me negar não estava na mesa, acrescentei, — É sobre o contrato que ele fez com meu meio-irmão e sua filha, Sailor. Você sabe, o meu meio-irmão hispânico que sua filha mais velha deu à luz.

Ela permaneceu imóvel. Minha paciência se esgotou. — Gostaria que eu sacasse minha arma e a incentivasse?

Isso finalmente a fez se mexer. Ela abriu caminho pelo saguão e desceu por um corredor, com as costas rígidas. Abriu uma porta e entrou no que parecia ser um escritório. Não lhe dei chance de bater a porta e avisar o marido.

Ela foi forçada a entrar mais na sala ou correr o risco de eu empurrá-la para fora do caminho. No momento em que vi o bastardo, lutei contra a vontade de sacar minha arma e atirar nele.

Em vez disso, fechei a mão em punho. Era melhor do que pegar minha arma ou sua garganta e depois dar uma surra nele. Então, inspirei profundamente e mantive o controle sobre mim.

— McHale, — eu o cumprimentei, encontrando seu olhar confuso. Ele me reconheceu imediatamente. Não porque já tivéssemos nos encontrado antes, mas porque ele sabia exatamente quem eu era. E minha semelhança com meu pai. Ao contrário de Sailor, que era uma mistura de ambos os pais, com seu cabelo loiro platinado, cortesia de seu pai.

— Santos. — Ele não estava tão corajoso agora.

— Vou ser breve, — comecei, sorrindo presunçosamente. — E relativamente indolor. — *Talvez*. — Sailor e Gabriel estão sob minha proteção. Minha família. Não vou tolerar *nenhuma* ameaça contra eles. — Deixei as palavras penetrarem em seu crânio grosso por um momento antes de continuar. — E deixe-me colocar isso bem claro. Se você tentar alguma coisa, não hesitarei em divulgar seu contrato com Santiago Tijuana para a imprensa. Nem o contrato que você tinha com meu pai e Benito King. — O rosto dele empalideceu, mas depois ele se sacudiu e olhou entre a esposa e eu. — Você vendeu sua filha mais velha para meu pai por meio do acordo entre as Belas e Mafiosos, e sua filha mais nova para Santiago Tijuana.

Sua mão voou para baixo, batendo na escrivaninha.

— Minhas filhas são assunto meu, — sibilou ele, com puro veneno escorrendo de sua boca. Não sei como um homem como ele conseguiu produzir uma mulher bonita como Sailor.

Fui em sua direção, puxei a faca ao mesmo tempo e a enfiei em sua mão, que estava encostada na escrivaninha.

O pai de Sailor soltou um grito alto, tão alto que poderia ter quebrado o vidro.

— É aí que você se engana, — retruquei, olhando-o fixamente.
— Sailor é assunto meu. Vou garantir que minha esposa e meu irmão estejam seguros a qualquer custo.

Jogo. Definido. Filho da puta.

Seu rosto ficou vermelho, pronto para explodir. Gotas de suor em sua testa e sangue acumulado em torno de sua mão velha e enrugada, encharcando sua pele e seu elegante anel crescente da família McHale.

Eu queria que ele me desse um motivo para matá-lo, para que eu acabasse com ele de uma vez por todas. Por Sailor. Por Gabriel.

— Sailor não pode ser sua esposa, — ele gritou. — Ela está prometida a Santiago.

Eu me inclinei mais para perto dele, de repente tirei minha arma do coldre e apontei para seu crânio miserável.

— Se você voltar a mencionar Sailor e Santiago na mesma frase, vou mandar matá-lo e enterrá-lo no fundo do rio Potomac. Entendido?

Ele não reconheceu a princípio, com a mão livre cerrada. Ele pegou um copo em sua mesa. Scotch com gelo. Ele o segurou com força ao levá-lo à boca. Ficou claro, pela forma como o segurou com os nós dos dedos brancos, que ele mal conseguia manter o controle.

— Considere Sailor como pagamento pelo acordo entre as Belas e Mafiosos, — eu disse com um olhar preguiçoso e autocrático. Ele não precisava saber que Sailor já havia concordado em se casar comigo. — Afinal de contas, ainda é uma dívida não paga, — zombei.

Vamos lá, filho da puta. Perca o controle, minha mente sussurrou, pedindo que ele me mostrasse suas verdadeiras cores. Meu instinto avisou que suas cores eram ainda mais sombrias do que qualquer um já havia visto. Exceto talvez por sua família.

— Você. Entendeu?

Ele acenou com a cabeça. Eu apostaria minha vida que não.

Capítulo 29

SAILOR

Meus olhos se voltaram para o relógio na parede. Passava um pouco das cinco.

Gabriel e eu nos sentamos no jardim nos fundos da casa. A longa piscina infinita se estendia à nossa esquerda, enquanto um grande gramado verde se estendia à direita.

Bruno e Gabriel correram pelo gramado, perseguindo um ao outro. Ou talvez apenas correndo em círculos. Eu não sabia dizer ao certo.

Meu filho estava no paraíso aqui.

Dei uma olhada no meu celular. Nenhuma mensagem de Raphael. Eu não conseguia decidir se isso era bom ou ruim. Eu meio que esperava que meu futuro marido desse notícias. Por quê? Eu não fazia ideia. Nós mal nos conhecíamos.

Agora que concordei em me casar com ele, me senti um pouco perdida. Eu não tinha ideia de quando Raphael esperava que nos casássemos. Mas eu sabia que queria minhas amigas e os irmãos Ashford lá. Eles haviam feito muito por mim e eram uma grande parte da vida de Gabriel.

Abri o celular e liguei para Aurora.

— Sailor! — Ela respondeu no primeiro toque. — O que está acontecendo? Byron disse que você está com Raphael Santos. Mas. Que. Porra?

— Olá para você também, — respondi secamente. Não que eu pudesse culpá-la. Eu teria exatamente a mesma reação se os papéis fossem invertidos.

— Eu estava muito preocupada, — ela murmurou. — Você está bem?

Suspirei. Essa era uma pergunta difícil. Aconteceram tantas coisas que eu nem sabia por onde começar.

— Sim, Gabriel e eu estamos bem, — eu finalmente lhe disse. — Depois que Santiago Tijuana saiu sob fiança, perguntei a Royce se eu poderia ficar na cabana até a poeira baixar. Eu não esperava que Santiago nos encontrasse. Felizmente, Raphael chegou até nós, cedo o suficiente para nos tirar de lá.

— Jesus Cristo.

— Como você está? — Perguntei a ela. — Está tudo bem com o homem assustador?

Ela deu uma risadinha. — Sim, tudo está perfeito. Finalmente.

Meus lábios se curvaram em um sorriso. Eu adorava ouvir a felicidade em sua voz. Ela merecia isso depois de anos perseguindo o homem que sequestrou seu irmão.

— Estou muito feliz por você, Aurora.

— Obrigada. Quero que você seja feliz também.

Meus olhos percorreram o horizonte. Eu não poderia dizer que estava infeliz. Mas feliz? Eu não sabia. Talvez eu não soubesse como ser feliz.

— Vou me casar com Raphael Santos, — disse sem rodeios.

Seguiu-se uma longa pausa.

— Tem certeza de que isso é sensato? — perguntou ela. Era uma pergunta razoável.

— Ele sabe sobre o Gabriel, — eu disse a ela. — Ele já me salvou duas vezes. E parece que meus pais me venderam para Santiago Tijuana. Estou sem opções.

— Seus pais fizeram o quê? — gritou ela ao telefone. — Meus irmãos vão protegê-la, — argumentou ela.

— Não os quero no meio disso, — retruquei. — Você e sua família fizeram muito por mim. Você e a Willow me ajudaram a sobreviver àqueles primeiros anos com um bebê. Se algo acontecesse com você ou com eles, eu nunca me perdoaria.

— Meus irmãos são garotos grandes. Eles podem cuidar de você e deles mesmos. — Eu dei uma risadinha. Eles *eram* garotos grandes! — Você sabe... — Ela hesitou. — Sempre achei que você e Royce acabariam juntos um dia.

O choque me percorreu. — Por que você pensaria isso?

— Porque você e Royce sempre se deram bem. Sim, todos falavam que você e Aaron Kennedy seriam uma combinação política. Mas

você nunca confiou nele como confiava em Royce. Vocês dois eram como o mesmo lado da moeda.

Lembrei-me de todas as vezes em que Royce me ajudou. Todo o conforto que ele ofereceu. Mas sempre como amigos.

— Éramos apenas amigos, — assegurei a ela.

Sua risada suave veio através da linha. — Eu sei, mas acho que esperava que fôssemos irmãs.

Foi minha vez de rir. — Não precisamos disso para sermos irmãs. Você e a Willow têm estado comigo em todos os momentos.

— No entanto, seremos cunhadas distantes se você se casar com Raphael.

— O que você quer dizer com isso?

— Bem, Raphael é meio-irmão da meia-irmã de Alexei, Isabella Nikolaev. Então, isso nos conecta.

Mundo pequeno. Eu não conseguia nem começar a compreender como isso aconteceu. Cada família tinha algumas cruzeiras para carregar. Acontece que a família Nikolaev não era uma exceção.

— Essas são algumas relações familiares complicadas, não é? — respondi secamente.

— Com certeza, — ela murmurou. — Quero dizer, veja meu pai. Ele engravidou uma mulher antes de se casar com minha mãe. Ele sabe que teve um filho ilegítimo. Ele até sabe quem ele é. Ele se importa? Não, porra. O mesmo acontece com sua filha ilegítima.

— Você ainda está verificando como ela está?

— Com certeza, — respondeu ela. — Espero que um dia eu a conheça. Todos nós passaríamos o Natal juntos, beberíamos e comeríamos, teríamos crianças correndo por aí. E Sailor?

— Sim?

— Tenho a intenção de tê-la na festa de Natal.

Meu coração se aqueceu com sua gentileza. — Como tive tanta sorte de tê-la como amiga?

— Minha personalidade encantadora, — respondeu ela, e nós duas rimos.

Suspirei. — Você pode me fazer um grande favor?

— Qualquer coisa.

— Meu instinto está me dizendo que Raphael não é nada parecido com o pai dele. — Ela sabia o que eu queria dizer. Ver Lombardo Santos estuprando minha irmã contaminou todas nós. Éramos garotinhas assustadas, presas em um pesadelo. Willow e Aurora conseguiram seguir em frente. Eu não. — Mas preciso da confirmação de alguém que saiba mais. Tenho medo de confiar em mim mesma.

Minha visão sobre o sexo havia sido manchada desde o momento em que vi meu pai se forçar sobre Anya. Ver Lombardo estuprando-a só reforçou esse medo.

Curiosamente, quando estava com Raphael, senti um pouco do medo e da ansiedade diminuírem.

Seguiu-se um silêncio tenso.

— Eu já fiz isso. No momento em que Byron me disse que Raphael tinha você, perguntei a Alexei. Ele disse que Raphael é um bom homem. — Havia algo mais ali. Eu praticamente podia ouvir o ‘e’ dançando no ar. — E foi ele quem contou a Raphael sobre você e Gabriel.

— O quê? — Eu engasguei.

— Quando eu e ele estávamos na Rússia, tive um pesadelo, — admitiu ela. — Ele disse que eu lhe contei enquanto dormia que Santos havia machucado Anya. Ele estava pronto para matar Raphael, mas eu lhe disse que era o velho Santos.

Bem, pelo menos eu sabia que não tinha sido eu quem trouxe Raphael até nossa porta.

— Por favor, não fique brava, Sailor.

— Não estou, — sussurrei. — Só quero passar por tudo isso com vida e ver Gabriel crescer. Seguro e saudável. Como prometi a Anya.

Capítulo 30

SAILOR

Palmeiras ladeavam nosso caminho em direção à praia. O farfalhar das folhas verdes e o som do oceano batendo contra a costa quase me fizeram acreditar que eu estava em um resort de férias. Quase.

— Vamos, Bruno, — Gabriel incentivou nosso novo cachorrinho. Aparentemente, os buldogues franceses eram preguiçosos pra caramba. Bonitos, mas preguiçosos. Fizemos três pausas desde que saímos de casa, e a caminhada da mansão até à praia é de apenas 800 metros.

— Acho que está na hora de fazer outra pausa, — disse ao meu filho, sorrindo.

Ele não se importava. Estava encantado com a nova adição à família. E quando eu lhe disse que era um presente do Raphael, ele pareceu gostar ainda mais do cara. Nós dois nos abaixamos no chão e nos sentamos, o filhote já estava roncando.

A umidade e o calor sufocaram a nós três. Até mesmo o vestido branco de seda que eu usava parecia pesado demais contra minha pele. O calor, a Flórida e eu não combinamos muito bem. Nem com o Bruno. Gabriel, por outro lado, adorava.

— Você fez sua lição de casa, Gabriel? — Eu lhe perguntei. Felizmente, consegui chegar a um acordo com seus professores. Desde que

acompanhássemos as lições e entregássemos o dever de casa na data prevista, ela lhe daria crédito.

— A maior parte. Só me falta fazer a matemática.

— Bom trabalho, — elogiei. Bruno se virou, expondo sua barriga branca. Eu não sabia muito sobre cães, mas achei que ele tinha uma coloração interessante. Seu pelo era marrom, com patas brancas como a neve e uma barriga ainda mais branca. Esfregando sua barriga suavemente, ouvi seu quase ronronar.

— Mamãe?

Levantei os olhos e vi a expressão de Gabriel franzida. — Sim?

— Vamos ficar aqui para sempre?

Balancei a cabeça. — Não, não para sempre.

— Quando poderei voltar para a escola?

Suspirei. Eu sabia que a pergunta estava chegando. Gabriel, ao contrário de outras crianças, adorava ir à escola. Ele adorava aprender e adorava o aspecto social da escola.

— Não tenho certeza, amigo, — disse-lhe com sinceridade. — Mas espero que não demore muito. Só temos que ter certeza de que é seguro antes de voltarmos.

— Você acha que a vovó e o vovô McHale vão nos deixar voltar?

— Por que você fala nisso? — perguntei, surpresa. Nunca falávamos sobre meus pais.

— Ouvi um dos homens dizer que não podemos voltar para casa até que a vovó e o vovô McHale estejam mortos. — Fiquei paralisada. — Porque eles nos querem mortos.

Malditas pessoas e suas bocas grandes.

— Não quero que você se preocupe com a vovó e o vovô, — eu disse a ele com firmeza. — Nós temos a Willow, a Aurora e os irmãos dela.

— E Raphael, — acrescentou.

Ugh. Ele o conhecia há apenas alguns dias e o garoto já estava apaixonado pelo homem.

— Sim, — murmurei vagamente, sem querer confirmar ou negar.

Eu ainda não tinha certeza se era sensato me casar com ele. Era quase como pular da proverbial frigideira para o fogo. Muito apropriado, já que o inferno estava em chamas e Raphael era definitivamente um demônio. Um demônio bonito, carismático e lindo pra caramba.

— E o meu pai? — Minha cabeça girou para ele. Ele nunca havia perguntado sobre seu pai. Nem uma única vez.

— O que você quer dizer com isso? — Perguntei, minha voz soando estranha para meus próprios ouvidos.

— Ele poderia ajudar?

Arrepios percorreram meus braços. Qualquer coisa sobre o pai dele me dava nojo.

— Não, — eu disse a ele, mantendo minha voz calma.

— Por que não? Os pais não devem ajudar?

Eu engoli. Ele estava certo. Os pais deveriam ajudar. Só que o meu não ajudava. Nem minha mãe. E seu pai estava morto; não que eu achasse que ele ajudaria.

— Sim, é verdade, — respondi finalmente. — Raphael vai nos ajudar.

De repente, Bruno deu um pulo, algo parecido com um latido vibrou no ar, distraíndo-nos e nós dois começamos a rir.

— Esse é um latido muito feminino, Bruno. Nunca ouvi um assim, — eu o provoquei.

— Cuidado, senhora, — um som profundo e familiar nos encontrou e minha cabeça se levantou. — Ele pode levar isso para o lado pessoal.

Com certeza, Raphael veio em nossa direção, vestindo uma camiseta branca e uma bermuda preta que caíam nos quadris de dar água na boca. Meu Deus, nenhum homem deveria ficar tão bem de bermuda. Forçando meus olhos para o rosto dele, notei uma sombra de barba por fazer roçando seu maxilar. Ele tinha saído ontem e, independentemente do que tenha feito, não dormiu muito.

Talvez ele tenha se enrolado e não houve sono envolvido, pensei em silêncio, embora a amargura do meu tom não tenha me escapado. Eu não me importava. Realmente não me importava; era apenas o princípio da coisa. Se ele não podia manter sua palavra sobre algo assim, então não manteria nenhuma de suas outras promessas.

— Raphael! — Gabriel se levantou, seus olhos se iluminaram e correu em direção ao irmão, depois se jogou em seus braços. Raphael o

pegou e o girou, enquanto seus olhos azuis encontravam os meus e uma fome feroz como luxúria se refletia em seu olhar duro. Todo o ar saiu de meus pulmões, nós dois nos encarando e nenhum de nós querendo desviar o olhar primeiro.

Ele manteve meu olhar fixo, algo urgente se movendo como uma brisa entre nós. A questão era se estava indo na direção errada.

— Sailor, — ele me cumprimentou e meus olhos se desviaram dele, com medo de me afogar naquelas chamas azuis e esquecer de respirar.

Assenti com a cabeça.

— Sentimos sua falta, — exclamou Gabriel.

— Eu também senti falta de vocês. — Ele colocou Gabriel no chão antes de se abaixar e esfregar a cabeça de Bruno. — Ei, Bruno. Sim, você também, amigo.

Gabriel deu uma risadinha. — Ele ainda está aprendendo o nome dele.

— Mas você gosta? — Raphael perguntou a ele e Gabriel assentiu com entusiasmo.

— Mamãe escolheu um bom nome.

— Com certeza, — concordou Raphael. Os olhares dos dois, cheios de malícia, se voltaram para mim. Algo atravessou meu peito ao vê-los assim. Nunca tinha ficado tão evidente que Gabriel era parecido com o irmão. Não havia como negar isso.

E, apesar de todas as merdas que aconteceram e que eu testemunhei, uma espécie de alívio me invadiu. Porque se eu tivesse que

me preocupar com a tarefa impossível de explicar a Gabriel, um dia, que seu avô era seu pai porque ele estuprou sua mãe, eu não teria certeza se conseguiria fazer isso. Eu preferia matar pessoas a ter que dizer algo assim para meu filho e ver a dor destruir toda a inocência dele.

Levantei-me rapidamente. — Certo, vamos continuar. Ou nunca chegaremos à praia.

Eu me afastei dos dois e comecei a andar, com o pequeno Bruno trotando ao meu lado. Às vezes, ele entrava e saía entre minhas pernas, e eu prestava atenção em meus passos. Seria ruim pisar nele.

— Como está a vida com o Bruno? — Raphael me alcançou e agora estava caminhando ao meu lado.

Olhei para ele de lado, e seu olhar não era nada além de diversão seca.

— Além de fazer cocô e xixi por toda parte e sua governanta gritar que o animal está solto? — observei sarcasticamente. — Você fez isso de propósito?

Os cantos de sua boca se inclinaram. — Vou dizer à minha governanta para parar de gritar e chamar Bruno de animal. Ele é da família agora.

— Sim, mas ele ainda faz cocô e xixi em todos os lugares, — comentei. — Pesquisei no Google e li tudo sobre buldogues franceses e como treiná-los. Ainda estou fazendo tudo errado.

Ok, eu pareci um pouco chorona.

— Eu a ajudarei, — ele ofereceu.

— Você já teve cachorros antes? — Gabriel perguntou a ele com curiosidade e nós dois o encaramos com expectativa.

— Eu tive um, — admitiu Raphael, esfregando o maxilar. — Quando eu tinha mais ou menos a sua idade, Gabriel. Era uma labradora chocolate. Ela morreu quando eu fui para a faculdade.

Os olhos de Gabriel se escureceram. — Por que ela morreu?

Raphael bagunçou o cabelo do irmão. — Ela ficou velha. Depois ficou doente. Mas não se preocupe, ela era uma cachorra muito boa e foi para o céu dos cachorros.

— Bruno não vai para o céu dos cachorros por um bom tempo, — assegurei a Gabriel.

O cachorro e Gabriel saíram correndo, deixando-me sozinha com Raphael. Seguiu-se um silêncio, nós dois mergulhados em nossos pensamentos. Era um silêncio tenso, mas quase confortável. Algo invisível nos consumia, mascarado como uma sensação de paz. Como a calma antes da tempestade.

— Fez uma boa viagem? — perguntei, quebrando o silêncio.

Ele acenou com a cabeça. — Fui visitar seus pais.

Um alerta me atingiu em cheio. — O quê?

— Fui ver seus pais, — ele repetiu, como se fosse a coisa mais natural para ele ir visitar meus pais.

Ranger. Ranger. Os gemidos suaves de Anya.

— Mas por quê? — Eu engasguei, não conseguindo puxar ar suficiente para meus pulmões. Sempre que pensava em meus pais, eu voltava a ser aquela garotinha assustada.

A respiração pesada e os gemidos invadiram minha memória.

Eu vou quebrar você. As ameaças de meu pai em uma voz áspera, sua respiração causando arrepios frios e nojentos em minha espinha.

O ódio sufocou minha garganta. Meus pulmões se comprimiram.

— Para avisá-los que, se tentarem algo contra você e Gabriel, eu os matarei, porra. — Sua voz era suave e veemente. Foi só quando seu braço me envolveu que percebi que estava prendendo a respiração. — Respire, Sailor.

Exalei lentamente, embora meu coração ainda estivesse disparado sob minha caixa torácica.

Duas mãos grandes e quentes seguraram minhas bochechas. — Eles não importam mais, Sailor.

Ele passou o polegar em minha bochecha, a intensidade de seu olhar azul quebrando as lembranças.

— Você... — Engoli com dificuldade. — Você descobriu se eles mandaram os homens de Tijuana para a cabana?

Ele acenou com a cabeça. — Recebi a confirmação de que eles deram as informações da cabana para Santiago.

Um riso amargo escapou de mim. — Eu fico fora do caminho deles e ainda assim não é bom o suficiente.

— Seu pai estará muito ocupado cuidando da mão dele no futuro próximo, — comentou secamente.

— Eles poderiam ter matado você, — eu disse asperamente.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou ele.

Balancei a cabeça. Era muita história para contar. — Prometa-me que não irá vê-los novamente.

Um sorriso tocou seus lábios. — Cuidado, Reina. Ou vou pensar que você se importa comigo. — Enterrei meu rosto em seu peito, inalando profundamente, lutando por cada respiração. — Eu sou o demônio, lembra-se? Eles não podem vencer o demônio.

— Não brinque com isso, — engasguei.

Suas mãos me envolveram, as palmas esfregando minhas costas para cima e para baixo, num movimento suave. Respirei fundo e lentamente deixei o ar encher meus pulmões. O alívio me atingiu como uma onda e, aos poucos, minha respiração se estabilizou e minha frequência cardíaca diminuiu.

— O que eles fizeram com você?

Nada. Tudo.

Inspirei, depois expirei e dei um passo para trás, colocando uma certa distância entre nós.

— Não fique perto deles, Raphael. — Ainda estávamos perto o suficiente para que seu calor penetrasse em minha corrente sanguínea e seu cheiro em meus pulmões. — Eles agem de forma civilizada, mas são maus. Odiosos e maus.

Sua mão chegou ao meu rosto e afastou uma mecha solta da minha testa.

— Eu sou pior do que eles, Reina, — ele disse com voz rouca.

Balancei a cabeça.

— Você não é, — sussurrei. — Eles são muito... — Um soluço escapou de mim. — Muito piores.

Porque eles machucaram suas próprias filhas.

Observei os dedos de Raphael voarem pela tela do celular. No momento em que ele tirou a camiseta, o jogo acabou para mim.

E na frente da porra do meu filho.

Eu era uma mãe ruim. Eu salivava sobre Raphael, estudando cada centímetro de sua pele. Toda a parte superior de seu torso estava coberta de tatuagens. Quando ele usava seus ternos de três peças, era fácil esquecer que ele era um mafioso. Ele quase parecia um homem de negócios distinto. *Quase*.

Meus olhos percorreram seu abdômen e eu jurei que senti a baba escorrer pelo meu queixo. Aquela pele bronzeada e a tinta me tentaram. Se ao menos ele tirasse a bermuda. Meus dedos dos pés afundaram na areia macia, saboreando a sensação e meu corpo relaxando a cada minuto passado na praia.

Depois de tirar meu vestido de verão, revelando o biquíni que usava por baixo dele, entrei na água, com a água fria e azul batendo em

mim enquanto o sol aquecia minha pele. Eu precisava me refrescar. Tipo, agora mesmo. Respirei fundo o ar úmido, enquanto uma brisa passava pelos meus cabelos.

A água brilhava ao meu redor, chegando às coxas e deixando meu minúsculo biquíni fora da água.

Foi quando Raphael guardou o celular e levantou a cabeça que pensei em entrar em combustão. Seus olhos pousaram em mim e a temperatura subiu mais cem graus. E, para começar, não estava frio para começar.

O suor brilhava em minha pele, fazendo cócegas como gotas de óleo quando escorria entre meus seios.

Engoli um gole alto e meu coração disparou a cento e sessenta quilômetros por hora. Com esse calor, era provável que eu tivesse um ataque cardíaco. Felizmente, Gabriel e o filhote brincavam a uns três metros de distância na água rasa, aproveitando a sombra.

E finalmente realizei meu desejo. Sem desviar o olhar de mim, ele tirou os sapatos e, em seguida, a bermuda. *Finalmente!*

Com seu passo poderoso, ele atravessou a areia e chegou às águas azuis cristalinas em questão de segundos. Olhou para Gabriel e para o filhote, depois voltou sua atenção para mim.

Olhei em volta, mas ninguém além de nós estava aqui. Afinal de contas, era uma ilha particular.

Ele parou a meio metro de mim. Minha respiração ficou mais fraca. Minha pele ardia e isso não tinha nada a ver com o calor do sol e sim com o olhar dele.

Devorando-me.

Meu estômago se revirou e meu coração acelerou ao imaginar sua boca em mim.

E prendi a respiração. Esperando.

Ele se inclinou para mais perto. Eu podia sentir seu hálito quente e mentolado fazendo cócegas em minha carne. Seus dedos acariciaram meu rosto e sua boca roçou na minha. Sua língua passou pelo meu lábio inferior. Suave como uma pluma. Depois, seu nariz encostou no meu.

Inspirei o cheiro dele profundamente em meus pulmões. Uma mistura de oceano e *Aguardiente*.

Segurança.

Uma risada alta viajou pelo ar, misturando-se com as ondas que batiam na praia. Nós dois viramos a cabeça em sua direção para encontrar Gabriel rolando na água rasa enquanto Bruno lambia seu rosto, com seu pequeno rabo balançando a cem quilômetros por hora.

A risada estrondosa de Raphael veio em seguida e eu pude sentir a vibração dela no fundo da minha alma. Era uma risada alta e contagiante, e eu me vi sorrindo também.

Nós dois seguimos pelas águas azuis cristalinas em direção a eles e, no momento em que nos aproximamos, Gabriel se sentou. A expressão feliz em seu rosto aqueceu meu coração mais do que o calor do sol do sul.

Seus olhos azuis brilhavam maliciosamente e, no momento em que demos mais um passo em sua direção, ele se levantou e nos molhou.

Eu gritei ao sentir a água fria contra minha pele quente. Sem pensar, me abriguei atrás do corpo grande de Raphael. Ele tentou se mover, mas coloquei minhas mãos em seus dois bíceps.

— Não se atreva a se mexer, — dei uma risadinha. — Você está com calor. Pode se refrescar.

Em seguida, houve outro respingo de água e eu ri tanto que as lágrimas saltaram de meus olhos.

— Vamos lá, grande demônio mau, — eu o provoquei, empurrando-o para a frente. — Você não tem medo de um garotinho e um cachorrinho, tem?

Woof. Woof.

Dei uma olhada ao redor do grande corpo de Raphael. Bruno já estava encharcado. Latindo para as ondas, depois mordendo as cristas brancas. Gabriel também estava molhado, com o cabelo grudado na testa e um grande sorriso no rosto.

Em um movimento rápido, antes mesmo que eu percebesse o que estava acontecendo, Raphael me pegou em seus braços e o próximo respingo caiu sobre mim.

— Brrrr. — Eu me dobrei e me enrosquei ainda mais em Raphael, roubando seu calor. — A água está muito fria, — reclamei, meus punhos batendo em seu peito. — Me coloque pra baixo. Agora!

— Sem chance, — respondeu Raphael, sorrindo. — Este demônio gosta muito de uma luta na água. Desde que um anjo esteja em meus braços.

A risada de Gabriel encheu o ar. — Mamãe parece um anjo com seu cabelo, não é?

Os olhos de Raphael brilharam enquanto ele me observava.

O olhar neles prometia o paraíso, ou talvez o pecado mais delicioso.

Capítulo 31

RAPHAEL

Fechei a porta atrás de mim e entrei na sala de vigilância.

A imagem de Sailor com aquele biquíni ficou gravada em meu cérebro. Se houvesse outro homem na praia, eu teria de matá-lo com um tiro, porque ninguém podia vê-la daquele jeito. Com suas pernas longas e aquele biquíni rosa chiclete, era difícil não notá-la.

Seu bronzado de praia fazia com que seu cabelo loiro platinado na altura da cintura se destacasse ainda mais. Ela ficou ali como uma ninfa das águas, olhando para mim sem rodeios, com a boca entreaberta e as bochechas coradas. Meu pau se contorceu.

Mas quando ela ria, o mundo inteiro se iluminava. Não havia som igual. Sua risada era melhor do que os sinos da igreja. Melhor do que a doce melodia do rouxinol. Fazia com que eu me sentisse completo, mais feliz do que jamais havia sido.

Foi então que percebi que a felicidade dela era tudo para mim. A dela e a de Gabriel. Porque as duas estavam intimamente ligadas. E eu passaria o resto de minha vida fazendo os dois felizes.

— Foi bom ir à praia? — Diego perguntou, com uma expressão vazia, mas eu o conhecia bem o suficiente para saber que o maldito

provavelmente teve um vislumbre de Sailor naquele maldito biquíni que eu nunca seria capaz de esquecer.

— É uma boa hora para matar você? — respondi secamente.

— O quê? Não vi nada, — murmurou ele.

Caine e Diego sentaram-se em uma mesa, enquanto os outros três homens sentaram-se na outra mesa. Minha equipe estava sempre atenta. Desde que terminei o acordo com os homens com quem meu pai lidava, eu estava preparado para qualquer ocorrência.

Nunca se sabia onde e quando o ataque seria lançado. Já passava um pouco da hora do almoço e, como verdadeiros colombianos que eram, eles preferiam tomar café quente. Não importava a temperatura.

Eu me ajeitei na cadeira, meus pensamentos ainda estavam na última conversa que tive com Sailor. Faltava uma peça do quebra-cabeça e eu pretendia descobri-la. A evidência me encarou com o pânico e o terror que marcaram seu rosto quando ela falou sobre seus pais.

Isso me fez lembrar da noite em que a conheci, quando encontrei aquele maldito a apalpando.

Ela ainda não se lembrava de mim. Oito anos e a garota deixou uma impressão duradoura em mim e ela nem se lembrava de mim.

Seria engraçado se não fosse eu.

Depois de passarmos um tempo na praia, Gabriel voltou a fazer a lição de casa e Sailor tinha um trabalho editorial a fazer. Com Bruno acomodado em seus braços.

— Como estão as coisas com a senhora? — Caine quebrou o silêncio primeiro.

Dei de ombros. Era difícil ler Sailor. Ela se mantinha reservada. Quase como se tivesse escondido seus sentimentos a vida inteira e não soubesse como se abrir.

— Diego, preciso que você fique de olho no que Sailor está fazendo. Monitore tudo o que ela faz no celular e no laptop. Quero ter certeza de que ela não pode ser rastreada. Mantenha o IP dela em constante mudança, caso alguém esteja tentando localizá-la.

Eu não confiava nem um pouco nos pais dela. E eu suspeitava que Sailor ainda pudesse estar seguindo suas pistas, inflexível para colocar homens como eu atrás das grades. Ela não era do tipo que desistia. A teimosia permanecia naqueles olhos azuis e estava estampada em seu queixo.

Diego acenou com a cabeça. — Nico tem seu endereço IP oculto para que ninguém possa rastreá-lo.

— Bom.

Voltei-me para Caine. — Preciso que você investigue mais sobre o Sr. e a Sra. McHale, — eu disse a ele. — Há algo que ninguém sabe. Algo de que Sailor tem medo e eu preciso saber o que é.

As sobrancelhas de Caine estavam franzidas e, pelo modo como ele me olhava, percebi que tinha algo em mente.

— Desembuche, Caine.

— Você não acha que deveria contar à garota sobre o contrato entre o pai dela e o seu? O acordo Belas e Mafiosos.

Isso me passou pela cabeça, mas como é que se aborda esse assunto? Estava claro que Sailor não era próxima de seus pais, mas ela amava sua irmã. Dar uma notícia como essa abalaria qualquer pessoa.

Balancei a cabeça. Não era o momento certo para lhe contar. Ela e sua irmã eram próximas. Sailor abriu mão de tudo e adotou Gabriel. Seria cruel dizer a ela que Anya foi dada ao meu pai para engravidar e depois transformá-la em uma prostituta.

— Ela se lembra de você? — A voz de Diego estava baixa e ninguém podia nos ouvir, mas eu queria que estivéssemos tendo essa conversa em um local mais privado.

— Não.

— Não me leve a mal, — murmurou Caine. — Você não tem exatamente um rosto que uma mulher esquece. Já testemunhei isso muitas vezes. — Diego riu. — Tudo o que estou dizendo é que é estranho.

— Concordo, — disse Diego. — É extremamente estranho que ela não se lembre de você. Afinal de contas, você matou um homem por ela.

Uma ideia surgiu em minha cabeça. — Pegue homens para nos encontrar em Miami. Vou levar Sailor para um encontro.

Os olhares vazios de ambos se encontraram com o meu. Eu não podia culpá-los. Eu não namorava de verdade. Sim, eu transava com mulheres, mas não havia espaço para namoro e relacionamentos em meu

ramo de trabalho. E uma jovem loira de oito anos atrás, sempre à espreita no canto da minha mente, não ajudava em nada.

— Encontro? — Caine finalmente perguntou. — De que tipo?

— Eu a levarei para a festa de arrecadação de fundos que estamos organizando para o prefeito no La Reina.

— Ela vai concordar? — Diego questionou. — Primeiro o casamento e agora um encontro.

Tive que lutar contra a vontade de não gritar com ele e bater em seu rosto contra a mesa.

— Faça isso acontecer, Diego, — ordenei, depois me levantei e saí da sala, ciente dos olhos deles em minhas costas.

Bati na porta do quarto de Sailor e, depois de muita agitação, a porta finalmente se abriu. Para revelar Gabriel.

— Olá, amigo, — eu o cumprimentei. — Sua mãe está pronta?

Ele olhou por cima do ombro e depois revirou os olhos. — Ela não está feliz com o vestido.

— Ela não gostou?

Mandei trazer o vestido especialmente da Colômbia. O vestido azul-claro com a parte de baixo alargada tinha o mesmo tipo de rosas por toda parte - do rosa-claro ao rosa-escuro. Era parecido com o vestido que ela usava na noite em que a conheci.

— Ela o chamou de inchado e exagerado, — respondeu Gabriel, dando de ombros.

Sailor apareceu e, caramba, ela parecia um milhão de dólares. Seus cabelos claros estavam presos em um coque elegante e suas bochechas estavam rosadas.

— Com certeza, é demais, — murmurou ela. — Que tipo de evento é esse, afinal? Você não disse.

Naquele momento, uma pequena sombra marrom correu para dentro de suas saias elaboradas. Um olhar compartilhado por nós três e, no segundo seguinte, nossas risadas encheram o quarto.

Os olhos de Sailor brilharam de felicidade e aquela linda boca se curvou em um sorriso. Diminuí a distância entre nós e me ajoelhei.

— Aqui, deixe-me ajudá-la a encontrar o Bruno.

— Bruno adora os vestidos da mamãe, — comentou Gabriel. — Ele adormeceu em seu vestido preto. Você tem sorte, Raphael. Caso contrário, ela teria usado esse vestido. — Então ele deu uma risadinha. — Ela disse que era o vestido perfeito para o funeral.

Meu olhar se fixou no dela, o olhar sem remorso brilhando através de seu oceano azul.

Sailor levantou o vestido e o pequeno Bruno se aconchegou, ficando de bunda para baixo contra a perna de Sailor. Tive um vislumbre daquelas belas panturrilhas finas, me provocando. Porra, eu só podia ser um caso triste se achava as panturrilhas dela sexy.

Então, xinguei que a saia dela subiu mais alguns centímetros. Meus olhos se arregalaram para encontrá-la olhando para mim, seus olhos azuis ficaram um pouco mais escuros.

— Você está pegando o cachorrinho ou olhando para as minhas pernas, Raphael? — disse ela de forma travessa. Gabriel deu uma risadinha e foi embora, deixando-nos sozinhos.

— Ambos, Reina, — eu disse a ela. — Sou um bom multitarefa.

Aquela pequena raposa. Peguei o cachorrinho que estava pressionado contra sua perna e fiz com que os nós dos meus dedos roçassem em sua pele. Porra, a pele dela era macia.

Voltei à minha altura máxima e observei seus dedos agarrando o tecido do vestido com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Eu quase esperei que ela girasse, mas Sailor era muito legal para isso. E muito bonita.

O corte de seu vestido na parte de trás era baixo, deixando à mostra suas costas lisas e pálidas, deixando muito para a imaginação. Ele era baixo o suficiente para dar a você mais do que apenas um vislumbre daquela pele linda e macia. Para me fazer imaginar o que eu poderia fazer com aquela bunda aninhada logo abaixo da borda do vestido.

Ignorei o calor que ia direto para o meu pau e forcei meu olhar para cima de seu torso. Poucas mulheres seriam capazes de usar um vestido como aquele. Mas Sailor, ela parecia uma rainha com ele.

— Você se parece com a minha rainha, — rosnei.

Porra, ela era uma rainha pela qual valia a pena esperar.

Capítulo 32

SAILOR

Os saltos estalavam contra o piso de mármore.

O clube La Reina foi transformado em um salão de baile, enquanto os andares superiores abrigavam mesas de pôquer e roletas.

— Você faz isso com frequência? — perguntei, olhando de lado para Raphael.

— O quê?

— Organizar jogos de azar ao mesmo tempo em que uma arrecadação de fundos?

— Não, geralmente é uma boate e um cassino. — Seu olhar percorreu a sala. — Mas para esse evento, meu pessoal não organizou nada. Deixei a cidade sediar a arrecadação de fundos e eles têm rédea solta do prédio e do evento hoje.

Uma lembrança cintilou no canto da minha mente no momento em que chegamos, mas desapareceu antes que eu pudesse me concentrar nela. Era uma lembrança importante, meu instinto me avisou, mas por mais que eu tentasse me lembrar dela, não conseguia.

— Qual é o problema? — O olhar de Raphael se concentrou em mim, seus homens andando logo atrás de nós.

Balancei a cabeça. — Nada.

Bandejas de prata cheias de taças de champanhe e aperitivos circulavam pela sala. As taças brilhavam sob o grande lustre. Uma mini orquestra tocava música suave no canto e, durante todo o tempo, homens de terno e mulheres com vestidos extravagantes se misturavam.

Raphael pegou uma taça de champanhe de uma bandeja que estava passando e a entregou para mim.

— E quanto a você? — perguntei.

— Eu não bebo nesse tipo de eventos, — respondeu ele, com o olhar fixo em um grupo de homens que se aproximava de nós e com a mão no meu quadril.

Ele parecia relaxado, mas isso era um disfarce. Eu podia sentir sua tensão como se fosse a minha própria.

— Está tudo bem? — sussurrei baixinho e, ao mesmo tempo, mantive um sorriso no rosto.

— Apenas fique perto de mim.

— Ok. — Que diabos estava acontecendo?

Tomei um gole de champanhe, tentando acalmar meus nervos e observando os homens que se aproximavam de nós. Foi então que o vi. O fodido Santiago Tijuana. Eu me aproximei de Raphael enquanto o medo envolvia minha garganta.

Ele sabia quem eu era, eu não tinha dúvidas. De repente, dois homens apareceram à minha direita e à esquerda de Raphael. Reconheci

Diego e Caine, e percebi que eram seus homens. Graças a Deus. Isso significava que estávamos seguros. *Certo?*

Os olhos de Santiago percorreram-me, observando meu vestido, e algo sombrio cintilou naqueles olhos negros.

— Santos, — um dos homens que tinha se aproximado cumprimentou Raphael, estendendo a mão. — Aqui está você. Comecei a pensar que talvez você tivesse decidido não vir.

— Prefeito. — Raphael pegou a mão oferecida e a apertou, depois desabotoou o paletó do terno, mostrando o colete preto que abraçava sua barriga lisa e o coldre da arma. Eu apostaria minha vida que ele fez isso de propósito. — Seria rude não aparecer em meu próprio clube, você não acha?

O prefeito parecia cansado e desgastado. Eu não o invejava. A Flórida tinha diferentes versões de organizações criminosas lutando durante anos. Dia diferente; criminoso diferente. Ele provavelmente só queria sobreviver e manter sua família intacta.

Ao contrário de outras famílias influentes, como a minha, que de fato lucraram com isso. Meu pai era um monstro, assim como Santiago Tijuana.

— E quem temos aqui? — A voz com sotaque forte e o olhar de soslaio de Santiago fizeram a pele dos meus braços formigar, e não de uma maneira boa.

— Esta é minha esposa, — Raphael me apresentou, mentindo como o verdadeiro demônio que ele era. Permaneci imóvel, rezando a Deus

para que minha expressão estivesse vazia. Exceto pelo sorriso delicioso e falso. — Sailor, este é o prefeito de Miami, Sr. Sanders.

Inclinei a cabeça em sinal de reconhecimento.

— Não me diga. — Sanders deu um tapinha no ombro de Raphael, um movimento meio cômico, já que Raphael era uma cabeça mais alto do que ele. — Parabéns. Bem-vindo à felicidade do matrimônio.

— Ou não, — acrescentou Santiago, seu olhar frio e inabalável. O simples fato de estar em sua presença causou arrepios repugnantes em minha espinha. Santiago Tijuana era alto, mas redondo, e seus mais de cento e trinta quilos o faziam parecer o Brutus, do desenho animado Popeye.

Sua pele cor de oliva, ao contrário da de Raphael, parecia doentia. Seu cabelo penteado para trás tinha tanto gel que não se movia. E brilhava como um cristal negro de obsidiana.

Seu olhar percorreu meus antebraços nus e até deu dois passos ao meu redor para vislumbrar minhas costas nuas. O cara me dava nojo.

Raphael me puxou para perto dele e Caine se aproximou um pouco mais, bloqueando sua visão. De repente, eu adorava os homens de Raphael. Aquele homem era um milhão de vezes melhor do que Santiago Tijuana.

— Srta. McHale, como estão seus pais? — Santiago provocou.

— Sra. Santos, — corrigi, corroborando a mentira de Raphael, depois dei de ombros. — Tudo bem, eu acho.

Os olhos do prefeito se arregalaram. — Não são os McHales?

— Exatamente os McHales, — disse Santiago, observando-me como uma cobra. Pronto para atacar a qualquer momento. Eu odiava o bastardo mais do que imaginava ser possível. — Sua carreira política rivalizava com a dos Kennedy. Na verdade, achei que havia rumores sobre sua ligação com Aaron Kennedy.

Eu enrijeci. — E ouvi um boato sobre um contrato. — Fingi uma expressão de tédio enquanto deixava meus olhos vagarem atrás dele, como se ele não valesse meu tempo. — E aqui estamos nós. Estou casada.

Foda-se!

— As coisas mudam, — ele resmungou, mantendo um sorriso falso, semelhante a uma careta.

— Oh, estou ansioso para tê-lo como morador de Miami, — disse o prefeito, alheio à tensão que fervilhava ao nosso redor.

— Ouvi dizer que seu irmão tem novos seguidores, — disse Raphael. — O irmão preferido de Tijuana.

Isso rendeu a Raphael um sorriso apertado que não alcançou seus olhos, mas pelo menos a atenção do bastardo não estava mais em mim.

— Você me roubou, Santos, — sibilou Santiago em espanhol. O prefeito ainda estava parado com um sorriso congelado no rosto, parecendo um fantoche descartado. Era exatamente o que ele era, um fantoche entre os criminosos.

— Ela nunca pertenceu a você, cabrón, — respondeu Raphael em inglês.

Uma tensão espessa permeava o ar e dificultava a respiração, enquanto meus olhos se moviam entre os dois criminosos. Algo sombrio se escondia nos olhos de Raphael e estava claro, pelo menos para mim, que um único movimento errado de Santiago e Raphael entraria em modo assassino.

Diablo.

Meus olhos se voltaram para a mão dele que envolvia minha cintura e lá estava ela. A tatuagem com a qual eu sonhava às vezes. Minhas têmporas latejavam enquanto minha mente procurava por algo. Algo importante.

Ele se evaporou, assim como todos os sonhos de liberdade de Anya antes de morrer.

Forçando um sorriso em meus lábios, eu me virei para olhar para Raphael. — Pronto para fazer a ronda, querido?

Os olhos de Raphael estavam em Santiago, com algo sombrio em seu olhar. *Uma gota, outra e outra.* Sim, Raphael estava coberto de sangue até ao pescoço, mas pelo menos ele não traficava seres humanos nem estuprava mulheres inocentes. Seu pai poderia ter feito isso, mas ele não fazia.

O canto dos lábios de Raphael se ergueu. — Senhores.

Sua voz continha uma ameaça implícita de retribuição e, de repente, me vi feliz por tê-lo ao meu lado.

Capítulo 33

RAPHAEL

De uma coisa eu poderia ter certeza.

Sailor não se lembrava de mim nem de La Reina. Era como se ela nunca tivesse visitado o clube. É claro que agora eu sabia que uma das mulheres que estava com ela naquela noite era Aurora Ashford.

— Nunca pensei que veria o Diablo esperando por sua dama no corredor dos banheiros, — brincou Diego.

Eu não dei a mínima. A segurança dela era a coisa mais importante para mim. Sailor precisava usar o banheiro, e eu me recusava a deixá-la vagar por este lugar desprotegida, mesmo que por um segundo, enquanto o maldito Santiago Tijuana estivesse aqui.

Ele estava sendo escoltado para fora. Neste exato momento. E, com certeza, protestos e reclamações em espanhol ecoaram no ar.

Soltei um suspiro sardônico enquanto lançava um olhar entediado na direção do barulho, bem a tempo de ver meus dois seguranças empurrando Santiago pelo corredor.

— Que diabos Sanders está fazendo com Tijuana? — Caine resmungou.

Com o celular na mão, comecei a digitar uma mensagem para Alexei.

— Provavelmente está fazendo acordos pelas minhas costas, — eu disse. — Talvez seja hora de lembrá-lo a quem pertence a Flórida.

— O que você está pensando? — perguntou ele.

— Ainda temos uma foto dele transando com sua amante? — Caine acenou com a cabeça. — Deixei escapar para a imprensa.

Terminei de digitar a mensagem para Alexei.

Verifique se sua mulher se lembra de ter ido ao clube La Reina em Miami há oito anos com Sailor.

Sailor saiu do banheiro e seus olhos se iluminaram com um brilho de surpresa.

— A festa foi transferida para o corredor? — perguntou ela, divertida.

Embora algo estivesse errado. Eu podia ver isso gravado em seu rosto. *Preocupação.*

— Não se preocupe, Reina. A escória de Tijuana foi escoltada para fora.

Um aceno conciso com a cabeça, mas ela não disse mais nada.

Nos trinta minutos seguintes, fizemos nossa ronda. Foi então que a educação de Sailor brilhou. Ela era elegante e calma, escondendo-se atrás de um rosto perfeito e de um sorriso perfeito. Ela se sentou à mesa com a

esposa do prefeito, juntamente com algumas outras socialites de Miami. Na aparência, ela se encaixava perfeitamente.

Eles não conseguiam distinguir entre seus ombros tensos e sua postura perfeita, nem entre seu sorriso sincero e o falso.

Eu estava com o prefeito conversando sobre a próxima campanha política e ele estava se esforçando para me convencer a fazer uma doação. Decidi deixá-lo se esforçar.

Um movimento no canto do olho chamou minha atenção quando um vislumbre de um material azul e esvoaçante desapareceu de vista. O vestido de Sailor.

Eu a segui pelo corredor, mantendo-me nas sombras, interessado em ver para onde ela estava indo. Ela virou à esquerda e depois à direita até avistar um terraço e sair. Uma vez distante, ela colocou o telefone no ouvido, olhando por cima do ombro.

— Sim, eu posso falar. — Sua voz era suave, mas o silêncio era tão pesado que permitia que sua voz viajasse sobre a brisa leve.

— Sério, você encontrou? — sua voz era esperançosa, seus ombros magros estavam tensos. — Que tipo de evidência? — Seguiu-se um período de silêncio e ela expirou em descrença. — Isso não é novidade. Preciso de algo que ligue os dois.

Outro trecho de silêncio.

— Bem, Santiago Tijuana não deveria ter direito a fiança, — ela sibilou. — As provas eram sólidas. — O que quer que estivesse sendo dito, ela não gostou.

Ela exalou um ar de frustração. — Não, obrigada. É a última vez que confio nos federais para nos manter seguros.

Não me surpreendeu que Sailor ainda estivesse perseguindo sua história. Sim, isso me decepcionou, mas eu não esperava nada menos da mulher.

— Jesus Cristo, porra, — ela murmurou, e meus lábios se contraíram para cima. — Esses filhos da puta. — Ela tinha uma boca suja. — Sabemos pelo menos onde procurar?

Ela passou a mão no cabelo. O que quer que fosse, ela estava preocupada com isso. — Se eles o tivessem deixado na porra da cadeia, não estaríamos tendo essa porra de conversa. — Seguiu-se outro silêncio e uma série de xingamentos. — Não, eu não quero perguntar ao meu pai. Pode ir se foder.

Ela se meteria em problemas. Caine estava alguns metros atrás de mim e me deu um sinal de positivo. Ele conseguiu captar a conversa. Mais algumas palavras e ela desligou.

Ela começou a andar de um lado para o outro, murmurando algo para si mesma.

Saí das sombras e fui em direção a ela. Sua cabeça girou e seus olhos se arregalaram ao me ver. Meus dedos queriam agarrar sua nuca e depois castigá-la sem sentido com minha boca por continuar a se colocar em perigo.

Coloquei minhas mãos nos bolsos do meu terno. — Está tendo um bom tempo? — Eu disse.

Seus ombros ficaram levemente tensos, mas ela os forçou a relaxar.

— O melhor. — A voz dela ficou carregada de sarcasmo.

— Vamos para casa, — eu disse a ela.

Afinal de contas, tínhamos um casamento para preparar amanhã.

Capítulo 34

SAILOR

A luz do sol brilhava através das janelas do meu quarto. Partículas de poeira dançavam no ar como pequenos lampejos de prata e ouro. Assim como meu vestido.

— Oh, meu Deus, — Willow sorriu. — O vestido é lindo. Foi você quem o escolheu?

Balancei a cabeça enquanto olhava para o meu reflexo. Minha maquiagem estava pronta e meu cabelo estava preso em um elegante coque trançado. Uma tiara de diamantes me fez sentir como uma princesa. Uma princesa da neve. Uma princesa de prata.

O vestido de noiva era uma mistura perfeita de branco e prata, como neve recém-caída. As alças finas tinham pequenas contas de diamante que combinavam com os diamantes da tiara. O corpete tinha a mesma decoração, abraçando meu tronco enquanto o material transparente descia até ao piso de madeira e formava uma longa cauda atrás de mim.

Era simplesmente lindo. De tirar o fôlego.

— Combina perfeitamente com você, — disse Aurora ao puxar o último cadarço das minhas costas. — Você está brilhando.

— Estou nervosa, — admiti.

— Bem, se você quiser fugir, eu vou sequestrar o avião. — A voz de Royce veio de trás de mim e eu me virei para encontrar os três irmãos Ashford aqui.

Eu sorri.

— Vocês vieram? — Eu sorri.

— É claro, — respondeu Royce. — Nós nunca perderíamos isso.

Gabriel veio logo atrás deles, parecendo bonito. — Oh, meu Deus, — murmurei baixinho. — Você está muito bonito, amigo.

Ele ajustou a gravata e puxou cada manga, o movimento era suave. Eu nunca tinha visto Raphael fazer tal gesto, mas isso me fez lembrar dele.

— Meu terno combina com o de Raphael. Ele disse que eu me pareço com ele, — anunciou meu filho com orgulho. E ele estava certo. Ele se parecia com Raphael.

— Você tem os anéis? — perguntei, sorrindo com seu entusiasmo. Gabriel era o portador das alianças e levava a responsabilidade a sério.

Ele as tirou do bolso. — Tudo seguro.

Meus olhos percorreram as pessoas no quarto e percebi que essa era a primeira vez, desde que enterramos Anya, que todos nós estávamos na mesmo lugar. Se ao menos ela estivesse...

— Anya está aqui conosco, — disse Royce, com a voz baixa.

— Assistindo do céu? — perguntou Gabriel.

Eu o puxei para um abraço apertado. — Sim, amigo. Ela está sempre olhando por nós do céu.

— E de sua montanha.

Pisquei os olhos, esforçando-me para não derramar lágrimas. — Porque ela o ama muito, — sussurrei.

— E a você, — acrescentou.

Assenti com a cabeça, sem conseguir dizer nada. As emoções me sufocaram e meu coração se apertou. Mas, pela primeira vez em toda minha vida, a promessa de um futuro melhor foi mais forte do que qualquer outra coisa.

— Você, Sailor Brooke McHale, aceita Raphael Matteo Santos como seu legítimo esposo, para viverem juntos em matrimônio, amá-lo, confortá-lo, honrá-lo e mantê-lo, na saúde e na doença, na tristeza e na alegria, para ter e manter, de hoje em diante, enquanto ambos viverem?

Passou-se um segundo muito longo. Meu coração estava acelerado. Meu peito subia e descia. Fiquei preocupada em desmaiar.

Muito rápido.

Tudo estava acontecendo muito rápido. Cada palavra, cada passo em direção a essa charada era incerto de minha parte. No entanto, parecia certo. Seguro. Essa parte me preocupava ainda mais. Eu sabia que havia homens bons e homens ruins neste mundo. Os irmãos Ashford eram homens bons.

Os mafiosos eram ruins. Só que agora encontrei alguns que tinham alguns padrões. Uma bússola moral melhor do que a de meus próprios pais, que destruíram a inocência de uma criança. A da minha irmã. A minha. Até mesmo a de Gabriel, se lhes fosse dada uma chance. Eu nunca permitiria isso.

— Eu aceito. — Algumas meninas sonham em se casar com um príncipe, enquanto eu sonhava com um demônio. Nunca imaginei que realmente me casaria com um.

Mas, no fundo, eu sabia que essa era a decisão certa. Para meu filho e para mim. Esse diabo veio para nos salvar daqueles que nos ameaçavam. Mas a questão era como eu me salvaria dele? A cada dia que passava, eu caía mais e mais em seu feitiço.

Esse demônio protegeria Gabriel. Raphael pode ser muitas coisas, mas ele protegia inocentes. Assim como Nico Morrelli.

— Agora vocês são marido e mulher, — proclamou o padre.

Raphael deu um passo à frente e seu braço envolveu minha cintura, puxando-me contra seu corpo duro. Meu corpo estremeceu em antecipação. Minha respiração ficou mais lenta, tudo se desvaneceu e eu sustentei seu olhar enquanto ele se aproximava cada vez mais. Ele pegou meu queixo entre os dedos e inclinou meu maxilar para cima. As chamas azuis em seu olhar agitaram algo dentro de mim, e temi que meu acordo com o diabo pudesse ser minha ruína.

Não era inteligente sentir todas essas emoções confusas. Não em relação a esse homem.

Mais um centímetro. Prendi a respiração, com o coração batendo forte contra o peito. Nossas bocas se conectaram e todos os pensamentos evaporaram quando sua boca se conectou à minha. Quente. Alucinante. Ela roubou meu fôlego. Meus lábios se separaram e sua língua deslizou para dentro da minha boca. O gosto dele era ainda melhor do que o cheiro. Como o mais delicioso bourbon. Meus olhos se fecharam. Esqueci onde estávamos. Esqueci o motivo pelo qual estávamos fazendo isso. Esqueci-me das ameaças que estavam à espreita de meu filho e de mim.

Tudo se desvaneceu e me deixou apenas sentindo. Esse homem sabia beijar. Foi o mais quente, sem dúvida o melhor beijo de todos. Era a sensação mais emocionante que eu já havia experimentado. As palmas das minhas mãos se pressionaram contra seu peito, o calor dele se infiltrando em mim. Ele tinha toda a minha atenção.

Deus, ele era todo musculoso e eu não conseguia nem imaginar como seria bom ter seu corpo cobrindo o meu. Ansiosamente, meu corpo foi pressionado contra seu peito duro, sua boca na minha e a dor pulsou entre minhas coxas.

Latejante. Exigente.

Esse homem poderia me arruinar se eu o deixasse. E tive a nítida sensação de que já estava indo nessa direção.

O som dos aplausos atravessou a névoa em meu cérebro.

Dando um passo instável para trás, empurrei suavemente seu peito e pisquei. Eu havia esquecido que tínhamos uma plateia.

Seu olhar ainda permanecia em meus lábios, a intensidade em seus olhos fez meu coração disparar. Um calor possessivo brilhava em seus

olhos azuis e meu sangue queimou em resposta. Meu corpo se deslocou para a frente, como um ímã para um aço.

Quando você sentir necessidade de sexo, venha até mim.

Deus, eu sentia a necessidade de sexo. Agora mesmo.

Seria demais se deixássemos os convidados e eu o arrastasse para o quarto dele? Porra, eu não sabia onde era o quarto dele. Certo, meu quarto.

— Oba! — o grito de Gabriel me tirou de minhas alturas de loucura sexual. — Isso faz dele meu pai?

Raphael e eu estremecemos ao mesmo tempo, depois trocamos um olhar.

— Não estou pronta para isso, — murmurei, balançando a cabeça. Não havia nenhuma maneira sensata de explicar essa árvore genealógica para uma criança de sete anos.

— Obrigado por ser meu portador do anel, — respondeu Raphael. — E por me ajudar a escolher o anel certo. Não poderia ter feito isso sem você.

Gabriel brilhou como uma lâmpada de cem watts, com um sorriso de orelha a orelha.

Pelo canto do olho, vi de relance minhas melhores amigas. — Oh, veja, — exclamei, tentando distrair Gabriel. — Tia Aurora e Willow querem você.

Funcionou porque ele virou a cabeça e, sem olhar mais para nós, seu rosto se iluminou e ele fugiu na direção delas.

— Nós vamos ter que contar a ele, Reina. — A voz de Raphael era suave como veludo. Eu não tinha ideia de por que ele continuava me chamando de Reina, mas secretamente eu adorava. Embora eu ficasse irritada se ele chamasse todas as mulheres assim. Eu poderia ficar com um complexo e insistiria que ele me chamasse pelo meu primeiro nome quando fizéssemos sexo.

Fiquei paralisada com esse pensamento. Será que eu já havia decidido que faríamos sexo? Não, eu não poderia ser tão imprudente. Exceto que pensei *quando*, e não *se*, *faríamos* sexo.

Capítulo 35

RAPHAEL

O corpo de Sailor se enrijeceu ao meu lado enquanto eu lutava contra o desejo de arrastar minha noiva para o meu quarto e me entregar ao seu corpo. Ela estava linda em seu vestido de noiva. Prateado e branco. Estava linda. Seu cabelo loiro estava em um coque trançado, os raios de sol lhe davam uma aparência de auréola, e ela quase não usava maquiagem. Mesmo assim, ela era a mulher mais bonita que eu já tinha visto.

Sua boca estava inchada por causa do meu beijo e ela tinha a aparência de uma mulher que tinha acabado de ser fodida. E, caramba, se meu pau não ficou duro como uma rocha com a sensação de seu corpo em meus braços. Flexível e macio.

No entanto, neste momento, ela me observava com desdém. Como se estivesse horrorizada consigo mesma. Isso foi o suficiente para azedar meu humor. O fato de eu me importar com isso me irritava muito.

— Eu decidirei o que dizer a Gabriel, — ela cerrou os dentes com força. — E quando.

E, caramba, se isso não me irritou. Sim, ele era filho dela, bem, tecnicamente sobrinho, mas também era meu irmão. Ele tinha o direito de saber que éramos parentes e, quanto mais esperássemos, mais difícil seria.

— Vamos embora. — Minha voz era fria e estranhamente calma. A mudança em seu comportamento era evidente. Pelo menos para mim.

Saímos da parte de trás da casa, que dava para o pôr do sol, e nos dirigimos para a sala de jantar formal. Caminhamos em silêncio, seu sorriso ligeiramente reservado enquanto passávamos por nossos convidados, que consistiam em nossos amigos mais próximos. Gabriel, Caine, Luciano com sua esposa, Cassio e Nico com suas respectivas namoradas, os homens Nikolaev, minha irmã e as melhores amigas de Aurora.

E, é claro, um repórter de confiança que publicaria um artigo amanhã para que tanto a família dela quanto os Tijuanas entendessem que, se a machucassem, ganhariam minha ira.

Uma vez no corredor, pude sentir que ela relaxava a cada passo em direção à sala de jantar, onde teríamos um jantar comemorativo. A sala estava decorada com velas e flores. Sutil e de bom gosto. Nada era exagerado e pude perceber pela expressão de Sailor que ela estava agradavelmente surpresa.

— Isso é bom, — ela murmurou.

— O que você esperava? Piñatas?

Seus olhos se estreitaram para mim. — Não, não piñatas. — Em seguida, tentou arrancar seu braço do meu controle. Sem sucesso. — Não precisa ser tão idiota, — ela sibilou em voz baixa.

Ela estava certa. Claro que tinha, mas me incomodou o fato de ela agir como se aquele maldito beijo não tivesse provocado fogos de artifício.

Quando cheguei à cabeceira da mesa, puxei a cadeira para ela e ela se sentou silenciosamente. Uma vez sentada, ela voltou sua atenção para os amigos sentados à sua esquerda. O restante dos convidados ocupava a sala, enquanto Caine se sentava à minha direita.

Ele olhou para Sailor, examinando-a com um olhar apreciativo, e o ciúme me invadiu. Droga, o que diabos estava acontecendo comigo perto dessa mulher?

— Você está linda, — ele elogiou. — A noiva mais bonita que já vi.

Ela sorriu suavemente, com as bochechas levemente coradas. Que ótimo, agora eu estava pronto para matar meu homem mais confiável.

— Caine, — rosnei, e a surpresa apareceu em seu rosto. Eu nunca fui do tipo ciumento e possessivo.

Ele levantou as mãos para cima, como se estivesse se rendendo. — Não se preocupe, chefe. Ela é casada. Eu não brinco com mulheres casadas.

Sailor zombou, revirando os olhos, e depois se virou para falar com a amiga, enquanto Caine me atualizava sobre a segurança.

— Uma tentativa de invasão.

Um rosnado baixo vibrou em meu peito. — Quem?

Desde o momento em que fui forçado a voltar aos negócios da família, pedi a Caine que fizesse verificações detalhadas de todos que trabalhavam para mim. Os homens e mulheres que pisavam na minha ilha

passavam por verificações adicionais de antecedentes juntamente com suas famílias - do cozinheiro à empregada e a todos os guardas.

Ele me deu um olhar incisivo e nada mais foi necessário.
Beatrice.

Meu punho se fechou com tanta força que meus dedos começaram a ter câibras. — Onde? — A palavra era quase irreconhecível já que cerrei os dentes.

Caine olhou para o meu lado e respondeu em voz baixa: — Ela tentou nadar em um barco.

— Que barco? — Beatrice não tinha um barco.

— Um novo namorado. Estamos procurando informações sobre ele. Aparentemente, ela o convenceu a dirigir até aqui.

— Então há um estranho que sabe a localização desta ilha? — rosnei.

Os olhos de Caine passaram por mim e depois voltaram para mim. — Nós os seguimos de volta a Miami. Eles atracaram no Sunset Harbor Yacht Club. Mas ambos desapareceram.

— Faça com que eles continuem procurando, — eu disse. — Você afundou o barco?

Um aceno de confirmação conciso.

Fui um idiota por dar uma chance a Beatrice. Ela teve uma infância difícil e achei que ela merecia uma chance. Errado pra caramba. Precisei de todo o meu autocontrole para não me levantar e ir atrás dela. Dar uma lição naquela maldita vadia.

— Certifique-se de que o artigo seja publicado amanhã, — eu disse a ele, mudando de assunto. — É imperativo que esteja no jornal de D.C., bem como em todos os nossos jornais locais.

Pelo canto dos olhos, vi Sailor se enrijecer de novo e a irritação se acendeu dentro de mim.

— Por que estamos publicando isso nos jornais? — questionou ela. Eu teria de me certificar de manter minhas conversas privadas. Afinal de contas, eu não gostaria que minha esposa publicasse um artigo sobre meus negócios.

— Para que não haja dúvidas sobre a ira que eles terão de suportar se tocarem em um único fio de cabelo seu ou do Gabriel.

Ela inclinou a cabeça como se estivesse considerando minhas palavras. Não importava se ela concordasse ou não. Eu faria o que fosse necessário para manter ela e Gabriel protegidos. Não importa o que acontecesse.

Durante nosso jantar, continuei a observá-la. Ela e suas amigas faziam piadas, Gabriel estava no meio de tudo e os quatro jogavam a cabeça para trás e riam. Alexei se aproximava de sua esposa, como se estivéssemos no meio de um campo de batalha, inflexível para não perdê-la de vista.

Depois do jantar, o quintal foi aberto para a dança. Considerando que tudo foi organizado em questão de dias, o organizador do casamento se superou. Todo o quintal estava iluminado, a brisa do oceano soprava e a atmosfera era relaxante. Embora a música fosse um pouco questionável.

Um pouco de rap tocava nos alto-falantes e as três garotas dançavam como se isso fosse sair de moda.

Dessa vez, fiquei com Nico, Cassio, Vasili e Alexei na extremidade mais distante da pista de dança improvisada. Minha esposa e suas amigas cochichavam entre si. O que quer que estivessem discutindo deixava Aurora e Willow confusas. As três olharam para nós, franziram a testa e continuaram a cochichar entre si.

Deparei-me com os olhos árticos de Alexei sobre mim. — Conversei com Aurora sobre sua noite de garotas no La Reina há oito anos, — disse ele, sem dizer nada. Esperei, sentindo que suas próximas palavras não seriam algo de que eu gostasse. — Anya, a irmã de Sailor, recebeu um convite de seu pai. As quatro foram para a casa dele depois de uma boate. Quando ninguém abriu a porta, elas entraram sorrateiramente e foram nadar nuas na piscina.

— Porra, — murmurei, com a raiva amargando em minha língua. Nenhuma mulher deveria ficar perto de meu pai, muito menos meninas. Eu deveria ter matado meu pai há muito tempo.

— Seu pai apareceu e arrastou todas elas para dentro. Ele estuprou Anya com as meninas no quarto.

A fúria, vermelha e violenta, tomou conta de mim. Ela exigia vingança.

— Isso afetou Sailor da pior forma, — continuou Alexei. — Fodeu a memória dela. Aurora disse que era a única coisa que ela lembrava das férias de primavera

— Ele as tocou? — Eu me esforcei. Se ele tivesse tocado em Sailor, eu desenterraria seus ossos e os queimaria.

Alexei balançou a cabeça. — Apenas Anya.

Deixei o alívio tomar conta de mim, acalmando a raiva ardente. Hoje não era o dia para ficar irritado e a última coisa que eu queria era assustar minha esposa.

Minha esposa. As duas palavras que soavam perfeitas.

As esposas de Nico, Cassio e Vasili estavam a poucos metros de nós. Os pequenos corriam soltos e despreocupados, tão diferentes de nossas próprias infâncias. Era a promessa de uma geração nova e melhor.

— Bem, você é o último, — Cassio me deu um tapa nas costas.

Levantei uma sobrancelha. — Até onde eu sei, há mais dois que ainda não se casaram. — Sasha e Luca eram os últimos. Uma gargalhada prateada ecoou pelo ar, atraindo meus olhos para a fonte.

Meu olhar escureceu ao ver com quem ela estava dançando.
Sasha Nikolaev.

— Embora ele possa estar morto antes de ter a chance de entrar na frente de um padre.

O maldito era um dançarino suave, e eu odiava ver suas mãos em minha esposa.

— Se você vai matá-lo, avise-me, — disse Alexei com sua voz fria e monótona. — Vou retirar Aurora dessa área.

— Percebi que ela não está bebendo, — comentei secamente.

Ele não respondeu, mas não precisava. O lábio do desgraçado se contraiu, o que foi a maior emoção que eu já tinha visto em seu rosto.

Sailor deve ter sentido meu olhar, porque ela olhou para mim.

— Com licença, senhores.

— Porra, não o mate, — resmungou Vasili. — Isabella não vai ficar feliz com isso. Ele vai ficar de babá para nós neste fim de semana.

Colocando meu copo em uma mesa próxima, fui direto para minha esposa.

Capítulo 36

SAILOR

O champanhe estava me afetando, incendiando minhas entranhas. Ou talvez fossem os olhares que meu novo marido lançava em minha direção. Eles eram como uma carícia quente em minha pele e me faziam sentir melhor do que a leve brisa do mar contra minha pele.

Durante todo o jantar, eu estava ciente de seus olhos cheios de promessas e, pela primeira vez, isso não causou arrepios de medo em minha espinha. E isso me assustava mais do que qualquer outra coisa.

— Qual é o problema? — Aurora perguntou, inclinando-se para mais perto de mim enquanto seu braço se enlaçava no meu. Willow imitou o movimento do meu outro lado. Nós três caminhamos juntas em direção à área de dança.

— Você está ansiosa para que ele coma seus miolos? — Willow comentou, com os olhos brilhando de diversão.

Enrijei um pouco. Não era exatamente porque eu era inexperiente, mas nunca tinha ido até ao fim.

Essa era a razão pela qual meu relacionamento com Aaron funcionou. Ele nunca me pressionou, e eu deixei Aurora e Willow acreditarem que eu era sexualmente ativa, quando, na verdade, eu ficava

assustada sempre que Aaron me tocava. Como ele preferia não me tocar, isso funcionava perfeitamente.

Mas como explicar isso às minhas melhores amigas? Ei, sou virgem com 25 anos de idade porque a ideia de ir até ao fim era uma farsa mental de proporções épicas. Ah, e a propósito, meu pai estava estuprando minha irmã mais velha desde que me lembro.

E eu não tinha feito nada para protegê-la. Que droga!

— Sailor, o que foi? — Aurora puxou meu braço.

Suspirei. — Estou preocupada com mais tarde.

As duas piscaram, olhando para mim com uma expressão confusa.

— Mais tarde? — perguntou Willow.

— Sim, se ele tentar dormir comigo, — resmunguei. Realmente, ela precisava que tudo fosse explicado?

As duas olharam na direção do meu novo marido e depois voltaram para mim. — Você quer dizer porque ele é muito gostoso? — Ela acenou com a mão e, antes que eu tivesse a chance de comentar, continuou, — Não se preocupe. Você também é gostosa. Então, dois fogos só deixam tudo mais gostoso.

Não pude deixar de revirar os olhos.

— Estou preocupada porque nunca fui até ao fim antes, — sussurrei em um tom baixo. Minha agitação deve ter ficado evidente em meu rosto porque meu marido e seus amigos mantiveram seus olhares curiosos sobre nós.

Aurora soltou um suspiro sardônico. — O que você quer dizer com isso? Você e Aaron estão namorando há muito tempo.

Eu queria puxar meu cabelo em sinal de frustração, mas isso estragaria meu penteado. — Nós. Nunca. Fomos. Até. Ao. Fim. — A frustração cintilou em meu peito e minhas bochechas ficaram quentes com ela. — Não sei o quanto posso ser mais clara.

As palavras saíram da minha boca e, com a admissão, veio o alívio. Willow era a mais sexual de nós três e, às vezes, era cansativo fingir.

No entanto, enquanto as duas me olhavam agora, eu me perguntava se não deveria ter guardado as palavras para mim. Minhas bochechas já deviam estar coradas de carmesim e, de repente, meu lindo vestido de noiva branco prateado parecia tão pesado que fiquei tentada a tirá-lo.

— Jesus Cristo, você deveria contar a ele, — Aurora sussurrou. — Como não percebemos isso? E eu sou uma maldita traçadora de perfis do FBI.

— Não, não, você não deve contar-lhe, — Willow protestou, depois se virou para olhar para Aurora. — Acho que você não é tão boa em traçar perfis. Afinal de contas, o homem com quem você está saindo é psicótico. Mesmo agora, posso senti-lo nos encarando, pronto para atacar.

Os olhos de Aurora se voltaram novamente para Alexei e ela sorriu suavemente, depois voltou sua atenção para nós. — Ele é o melhor psicopata e é meu. Não fique com ciúmes por não conseguir encontrar um, Willow.

Eu gemi baixinho. — Vocês duas me deixam louca às vezes.

— Mas você nos ama, — cantaram as duas em uníssono. Era tão bom ver Aurora feliz. Ela e Alexei estavam juntos há pouco tempo e ela brilhava. É claro que poderia ser a gravidez dela também. Embora os olhares que esses dois compartilhavam com frequência me dissessem que provavelmente era uma combinação dos dois.

— Eu amo vocês, — admiti.

— Certo, sobre a situação da virgindade, — interrompeu Willow. — Ele vai adorar a sua boceta virgem, mas se você disser que é virgem, ele pode ficar hesitante em fazer direito. Eu me lembro de como foi estranho para mim com o primeiro cara.

Aurora revirou os olhos. — Ele deveria saber, para não a arrebatrar. — Nós três olhamos de relance para Raphael, que estava com Vasili, Nico, Cassio e alguns outros. Seus olhares estavam fixos em nós.

Não sei, arrebatrar soa um pouco emocionante, — Willow riu.

— Vou fingir que tenho experiência, — resmunguei. — Vocês duas não ajudam em nada.

— Ele vai saber, — protestou Aurora. — Você não deveria fingir.

Acenei com a mão. Ela provavelmente estava certa, mas eu já tinha cansado de falar sobre isso.

— Olá, vocês três. — Sasha apareceu do nada, com sua cunhada Isabella ao seu lado. Isabella Nikolaev era a meia-irmã de Raphael. Mundo

pequeno, não é? — Do que vocês três estão falando? — perguntou ele com curiosidade.

— Nada, — respondemos as três.

Isabella deu uma leve risada. — Ah, agora também estou curiosa.

Willow encolheu os ombros. — Estávamos apenas dizendo como os perseguidores são irritantes.

Os olhos de Sasha se estreitaram para ela. — Eu não sou seu maldito perseguidor, Willow. Raphael me contratou para mantê-la segura.

Willow acenou com a mão. — Tanto faz, perseguidor. Você assustou meu encontro.

Aurora e eu compartilhamos um olhar fugaz. — Quem era o seu encontro? — Perguntei com curiosidade.

— Alguém parecido com Ryan Gosling, — esclareceu Sasha, sorrindo como Lúcifer.

— *Era* o Ryan Gosling, idiota. Era um encontro de negócios.

Sasha levantou o ombro. — Parecia uma versão horrível dele, e Ryan Gosling não era tão gostoso, para começar.

Aurora arqueou a sobrancelha. — Eu não sabia que você era especialista em níveis de sensualidade masculina, Sasha.

O mesmo sorriso de tubarão que ele tinha quando interrompeu nosso jantar em Nova Orleans se espalhou em seu rosto. O cara era bonito se você olhasse para ele por tempo suficiente, mas assustador como o inferno. Se eu achava que Raphael era o demônio, Sasha era Satanás.

— Tenho muitas habilidades, — disse Sasha. — Dançar é uma delas. — Seus olhos se fixaram em mim. — A nova noiva pode me dar uma dança?

Levantei meu ombro. — Acho que sim, se você realmente insiste. Só para você parar de irritar a Willow.

E lá fomos nós para a pista de dança. Apesar de seu porte avantajado, Sasha era um bom dançarino. Excelente, de fato.

— Você sabe como agitar as coisas, não sabe? — brinquei.

— Não tanto quanto você, aparentemente, — ele respondeu com frieza. — Nem mesmo eu consegui irritar um cartel inteiro.

— Não tenho certeza se chamaria isso de um cumprimento, — murmurei.

— Você deveria. — Então ele se inclinou para mais perto. — Nós odiamos qualquer organização que trafica mulheres e você, Sailor Santos, derrubou uma sozinha. Nem uma única pessoa nesta sala conseguiu isso sozinha. — Dois batimentos cardíacos se passaram antes que ele continuasse, — Você é uma mulher durona.

Joguei minha cabeça para trás e ri. — Eu sou muitas coisas, Sasha Nikolaev, mas uma mulher durona não é uma delas.

O sorriso que ele me deu foi sincero. — Teremos que concordar em discordar, então.

Seu olhar passou por cima da minha cabeça.

— Seu novo marido está vindo direto para nós, — anunciou Sasha, com um olhar levemente malicioso. — Ele não está parecendo muito feliz.

Então, como se ele precisasse agitar ainda mais Raphael, suas mãos desceram até minha cintura, depois serpentearam por trás de mim e sua cabeça se abaixou, aproximando-se de meus lábios. Revirei os olhos, mas antes que eu tivesse a chance de agarrar suas mãos e colocá-las de volta para cima, senti Raphael atrás de mim.

— Tire suas mãos da minha esposa, — rosnou Raphael. — Se eu tiver que tirá-las, você não terá mais nenhuma.

Sasha apenas sorriu. — Eu estava apenas me familiarizando com a bela garota. Nós nos encontramos em Nova Orleans. Se ao menos eu pudesse tê-la pego antes que o grande e mau colombiano aparecesse.

— Pare de provocá-lo, — repreendi Sasha. — O colombiano pode chutar seu traseiro russo.

— Esse colombiano *vai* lhe dar uma surra, — rangeu Raphael.

Sasha encolheu os ombros. — Vamos lá. Seria um bom exercício. Tive que pular um hoje de manhã, correndo para o seu casamento.

Sim, os mafiosos invadiram meu casamento. Estranhamente, eu gostava de todos eles. Raphael, a maior parte. Para minha tristeza, porque a cada hora que passava, eu sabia que seria cada vez mais difícil resistir-lhe.

— Reina, tenho algo para lhe mostrar. — A voz de Raphael estava contaminada com algo perigoso, dando-me uma dica do homem implacável que se escondia por trás de todo aquele exterior polido.

Minhas sobrancelhas se franziram em confusão. — O quê?

— Meu quarto. — Meus lábios se curvaram em um sorriso ligeiramente idiota. Ok, talvez o champanhe tenha sido uma má ideia. Eu raramente bebia e isso parecia ter subido direto para a minha cabeça.

— Nós vamos ficar de olho no Gabriel, — garantiu Willow. —
Vá dar uma olhada no quarto do seu marido.

A última frase ela quase gritou e minhas bochechas ficaram vermelhas. Eu a encarei, querendo matá-la com meu olhar, mas antes que meu olhar assassino pudesse sequer perturbá-la, Raphael me pegou em um movimento rápido e me jogou sobre seu ombro.

Um grito escapou de mim e então ele me deu um tapa na bunda. Na frente de todos os nossos convidados.

Risadas. Risos. E eu quase morri de mortificação.

— Coloque-me no chão, seu bruto, — chutei e gritei. Outro tapa. — Que porra é essa, Raphael? Isso doeu.

— É para doer. — Senti que o controle dele estava bem restrito. — Da próxima vez que eu encontrar as mãos de outro homem em você, farei com que sejam removidas. — Então, ele bateu em minha bunda novamente e acrescentou. — Permanentemente.

— Um pouco exagerado, — murmurei.

— Você e mamãe estão indo em lua de mel agora? — A voz de Gabriel estava próxima e eu levantei a cabeça, mas não conseguia vê-lo. As costas largas de Raphael bloqueavam a visão.

— Em breve, amigo, — respondeu Raphael. — Isso o deixa encarregado dos nossos convidados. Posso contar com você?

— Sim. Sim. Claro que sim. — Eu não precisava ver o rosto de Gabriel para saber que ele estava sorrindo. Eu podia ouvi-lo em sua voz.

— Obrigado, Gabriel. Agora mamãe e eu vamos fazer as malas. — Bufei, o som me escapou antes que eu percebesse. Uma leve palmada na minha bunda. Na frente do meu filho! Soltei um suspiro indigno. — Talvez voltemos antes de partirmos. Se tivermos tempo.

Como eu estava pendurada de cabeça para baixo, sobre suas costas, estendi a mão para baixo e belisquei sua bunda. Com força. Ele nem se mexeu. E Jesus, sua bunda era toda musculosa. Até que era legal.

Um tapa. *Ugh*.

Entramos em sua grande casa, passamos por um corredor desconhecido e depois descemos por uma grande porta. A porta se fechou firmemente atrás de nós e meu corpo deslizou pelo dele, deixando-me frente a frente com ele.

Ele me girou e pressionou seu corpo duro contra minhas costas. Mesmo nessa posição, eu podia sentir seus músculos contra minha coluna. Mas não foi isso que me deixou em chamas. Foi sua ereção dura contra a parte inferior das minhas costas, enorme e pronta para mim. Minha respiração ficou difícil, saindo rápida e agitada com minha bochecha aquecida pressionada contra a parede.

Ele entrelaçou os dedos em meu cabelo, pegando um punhado e empurrando-o para o lado, expondo meu pescoço para ele. Sua outra mão envolveu minha nuca, segurando-me com uma força de aço antes que eu sentisse sua boca em minha pele sensível.

Foi apenas um roçar de seus lábios em minha pele e, ainda assim, todo o meu corpo estremeceu com aquele pequeno toque, e meu gemido vibrou contra as paredes. Seus dentes tocaram o lóbulo da minha orelha e ele mordeu. A colônia de Raphael era forte, almiscarada e potente. *Toda masculina.*

Ele me segurava com firmeza, mantendo-me refém, e a sensação de estar à sua inteira mercê era boa. Segura .

Ele lambeu o lóbulo da minha orelha, mordiscando-o e traçando-o com a língua.

— Vou transar com você sem camisinha, — ele sussurrou contra meu ouvido, causando arrepios na minha espinha. — Depois disso, vou ficar com sua calcinha e vamos voltar para nossos convidados. Quero vê-la falar com eles, sabendo que meu esperma está escorrendo pelas suas coxas.

Jesus, por que isso me deixou excitada? Não deveria. Se qualquer outra pessoa tivesse dito essas palavras para mim, eu lutaria contra elas e fugiria. No entanto, com ele, eu queria ouvir mais.

Seu aperto em meus pulsos ficou mais forte. — Entendido, Reina?

Meus olhos ficaram semicerrados com a pressão de seu corpo contra o meu. De sua voz profunda e rouca e de seu hálito quente contra minha orelha. Esse homem era *viciante*. Ele parecia certo.

Eu bati minha bunda contra ele e um gemido vibrou em seu peito direto para o meu núcleo.

— Entendido, — eu respirei.

Uma palavra. Foi tudo o que precisei para incendiar o mundo. Sua mão envolveu minha garganta, seu polegar roçou meu pulso e depois o pressionou. Eu deveria estar apavorada com isso, mas não estava. Não com Raphael.

E, como uma viciada, pressionei meu pescoço com mais força em seu aperto.

— Tudo em que consigo pensar é em transar com você. — Sua voz estava rouca, o aperto de mão um pouco mais forte. — Seu cheiro. Sua risada.

— Idem. — Ele ficou quieto, como se eu o tivesse surpreendido. O que estava acontecendo comigo? O diabo estava me tentando com suas palavras e suas mãos e, como uma pecadora, caí em seu feitiço. — Por favor, você vai me foder? Mal posso esperar...

As palavras se dissiparam enquanto seus dentes mordiscavam meu pescoço. O desejo por ele corria em minhas veias. Cada respiração aumentava esse desejo e não havia como voltar atrás. Ele passou a língua sobre a concha da minha orelha e depois mordeu. *Com força.*

Deus, isso era o céu e o inferno. Muito e pouco. Talvez eu devesse avisá-lo de que nunca tinha ido até ao fim.

— Eu lhe direi quando transar com você, — ele rosnou. — Não o contrário.

Revirei os olhos, embora meu interior estivesse iluminado por um calor lânguido. — Tão mandão, — reclamei, minha voz muito rouca e carente.

— Abra suas pernas.

Como uma mulher faminta de prazer, obedeci avidamente ao seu comando. Desde que ele tocasse minha boceta, eu faria qualquer coisa. *Dentro dos limites*, eu mentia para mim mesma.

Enquanto uma das mãos segurava minha nuca, a outra alcançava a parte de baixo do meu vestido e minha cabeça caiu para trás, repousando em seu ombro no momento em que ele tocou meu núcleo quente e necessitado. Desejei que minha calcinha tivesse desaparecido.

— Porra, — ele gemeu. — Você está pronta para mim.

Um movimento rápido e o som de um rasgo encheu o quarto. Realizei meu desejo, minha calcinha havia sumido. Isso deveria ter me aterrorizado. Mas não.

Eu nunca havia me sentido tão viva como quando esse homem me tocava. Meus nervos pulsavam de excitação ao ouvir a excitação em sua voz e ao sentir sua mão em minha boceta nua.

Eu pressionei minha bunda contra sua ereção dura. — E você está pronto para mim, — gemi.

Ele deslizou os dedos entre os lábios úmidos de minha boceta, espalhando a umidade e me deixando mais sensível por toda parte. Eu tinha perdido a cabeça e culpava esse homem por isso. Todas as suas arestas afiadas, sua natureza suave e carismática me transformaram em uma

mulher carente. Era emocionante e eu queria mais dele. No momento em que seu dedo penetrou profundamente em mim, levantei-me na ponta dos pés, abafando um gemido.

— Sempre buscando a última palavra, — ele murmurou, aprofundando ainda mais o dedo. — Talvez você precise se engasgar com meu pau para que eu possa lhe dar uma lição.

Outro gemido. Cada célula de mim estava em chamas.

Qualquer tipo de resposta se dissipou no ar quando ele enfiou mais um dedo em mim, apertando ainda mais a minha nuca. A sensação me dominou enquanto ele deslizava os dedos para dentro e para fora do meu corpo, com força e profundidade.

— Sem mais palavras, — disse ele, roucamente, enquanto enfiava os dedos. O prazer se intensificava a cada investida selvagem, até que tudo o que eu conseguia sentir era o orgasmo iminente.

— Porra, você é apertada, — ele grunhiu. Girei os quadris, respondendo a cada investida de seus dedos. Sua boca queimava meu pescoço, seus dentes roçavam minha pele, marcando-me até que todo o meu corpo estivesse em chamas. A pressão aumentava e aumentava até que faíscas explodiram e ondas se chocaram contra mim, fazendo-me ver estrelas atrás das pálpebras.

Os dedos de Raphael continuaram a penetrar em mim, prolongando meu orgasmo. Era diferente de tudo o que eu já havia sentido antes, me quebrando em pedaços e me recompondo.

— Abra esses lindos olhos, Reina, — ele exigiu com uma voz sombria. Ele me agarrou pela nuca e me girou para ficar de frente para ele.

Meus olhos, semicerrados e turvos, encontraram os dele e algo suave e sombrio se escondia em seu olhar. Eu me delicieei com uma sensação lânguida que puxava meus músculos e não pude resistir a pressionar meus lábios contra os dele. Ele segurou minha nuca com mais força e me beijou com força e profundidade.

Apoiei minhas mãos em seu peito e seu coração disparou forte. Rompendo o beijo, passei os lábios por sua barba por fazer e pelo pescoço.

Passei a boca por seu pescoço, sentindo o gosto de sua pele. Fiquei de joelhos e o calor brilhou em seus olhos. Eu o encarei e a fome profunda em seus olhos combinava com a que eu sentia no fundo do meu estômago.

A expectativa percorreu minha espinha junto com a incerteza. Eu não era tão experiente quanto aparentava ser e não queria decepcioná-lo. Por mais ridículo que isso parecesse. Abri seu cinto e o tilintar do metal fez meu pulso disparar. No momento em que sua calça foi aberta, envolvi minha mão em torno de seu membro duro. Ele era macio e quente, duro e grosso. Minha boca estava cheia d'água, minha necessidade me impelindo a prová-lo.

Inclinando-me para a frente, lambi-o da base até à ponta e seu gemido encheu o ar. Ele agarrou um punhado de meu cabelo, como se estivesse preocupado que eu parasse. Lambi-o novamente, mantendo meus olhos em seu rosto. Ele soltou outro gemido que provocou um zumbido de satisfação em mim. Minhas coxas se fecharam e a pulsação dolorosa entre minhas pernas se intensificou.

Passei a língua ao redor da cabeça de seu pau antes de sugá-lo em minha boca. Sua cabeça caiu para trás com um grunhido de ‘Foda-se’.

Eu o chupei novamente, mais profundamente e deslizando para cima e para baixo. Seu pré-sêmen tinha um sabor salgado e almiscarado. Adorei, inalando-o profundamente em meus pulmões

Sua mão em meu cabelo se deslocou para o lado e ele moveu minha cabeça, controlando o ritmo. Para cima e para baixo, mais profundo e mais forte. Meus olhos se fecharam e eu gemi em torno de seu eixo. Ele estava empurrando, com força e indomável. E eu o deixei usar minha boca para seu próprio prazer.

— Olhe para mim, — ele ordenou com aspereza e meu olhar se voltou para cima, ansioso para agradá-lo.

Ele se enfiou mais fundo em minha boca, atingindo o fundo da minha garganta. Levei mais dele para dentro, esvaziando minhas bochechas. Usando seu controle sobre meu cabelo, ele empurrou seu pau mais fundo e eu relaxei minha garganta para permitir que ele afundasse profundamente. Seus grunhidos me estimularam, deixando-me ansiosa para fazê-lo perder o controle. Suas pálpebras caíram e seu ritmo diminuiu, mas continuei a chupá-lo com avidez. Eu me deliciava com os sons de seu prazer, aqueles grunhidos baixos e gemidos profundos. Isso aumentava minha própria excitação e me excitava.

Sua respiração era pesada e ele me observava com um olhar pesado e semicerrado. Balancei a cabeça avidamente e, com um gemido, ele me afastou dele.

Pisquei confusa e depois limpei a boca com as costas da mão. — Qual é o problema?

— Na nossa primeira vez, vou derramar na sua boceta, não na sua boca bonita e inteligente, Reina.

Fiquei vermelha, suas palavras me incendiaram e mordi o lábio para impedir que um gemido escapasse de mim.

— Roupas. Tire. Agora.

Eu me levantei e tirei meu vestido. Suas mãos grandes deslizaram sobre minha pele, o toque possessivo. Ninguém poderia dizer que Raphael Santos não ia atrás do que queria. A maneira como seu olhar me percorria fazia com que eu me sentisse a mulher mais bonita do mundo.

Sua palma passou pelo meu pescoço, desceu pelo meu peito e se deteve sobre meu seio. Ele agarrou um mamilo com os dedos, apertou-o e depois o torceu. Em seguida, sua boca se fixou em meu seio e uma chama percorreu minha corrente sanguínea. O modo como ele me tocava era faminto e urgente, áspero e consumidor, alimentando meu próprio fogo.

Minhas mãos subiram e se enterraram em seu cabelo enquanto ele chupava e mordiscava cada centímetro do meu pescoço.

— Deite-se na cama, — ele ordenou e eu me esforcei para obedecer enquanto ele tirava suas próprias roupas. Não pude deixar de manter meus olhos grudados nele, ansiosa para ver cada centímetro dele. E não fiquei desapontada.

Meu Deus, cada centímetro desse homem era lindo. Perfeito. Achei que entraria em combustão só de vê-lo. Ele nem tinha me fodido ainda e eu já estava caindo aos seus pés.

Um pensamento penetrou em meu cérebro cheio de luxúria.

Eu deveria contar a ele. Sim, até agora não havia entrado em pânico, mas geralmente era o ato em si que me fazia ter um ataque de pânico.

— Raphael, — eu disse, com tremores descendo por minha espinha. — E-eu tenho que lhe dizer uma coisa.

Seu pau duro como uma rocha pulsava, pressionando em mim, mas ele se acalmou imediatamente.

— Eu a machuquei?

Foram essas quatro pequenas palavras que mudaram tudo para mim.

Capítulo 37

RAPHAEL

— Eu a machuquei?

Se eu tivesse feito isso, teria cortado meu pau. Tocá-la foi tão bom que perdi a cabeça. Fiquei tão embriagado com seu cheiro que deixei minha fome por ela dominar todos os meus sentidos.

— Sailor, eu a machuquei? — Repeti, com a preocupação e o arrependimento desconhecidos abrindo caminho em meu coração.

Ela balançou a cabeça, mas algo a estava preocupando. Ela mordeu o lábio inferior, seus olhos estavam olhando para qualquer lugar, menos para mim. *Porra.*

Peguei minha cueca, mas suas palavras seguintes me congelaram. — Hum, eu nunca fiz isso antes.

Minha mão ainda estava na cueca, e eu tinha certeza de que não havia entendido. Eu me endireitei, esquecendo tudo, menos a mulher sentada ao meu lado. Ela parecia uma deusa de uma pintura renascentista. Seus longos cabelos loiros prateados caíam em cascata pelos ombros e seus olhos azuis claros estavam fixos em mim enquanto ela mordiscava o lábio inferior.

— Eu não ouvi direito, — grunhi, meu pau ainda duro. Não era possível que eu a tivesse entendido direito. Sailor era linda. Não havia um único homem que pudesse resistir a uma mulher como ela.

— Hum... — Ela passou as mãos pelos cabelos e depois olhou para mim. Suas bochechas ainda estavam coradas por causa do orgasmo que acabara de ter.

— Não ria, — ela advertiu, seus olhos brilhando de irritação. — Se você fizer isso, eu juro, Raphael, eu vou te matar.

— Não vou, — prometi. Não haveria como eu entendê-la direito. Diablo não teve essa sorte.

Observei as linhas delicadas de seu pescoço balançarem quando ela engoliu, depois seus ombros se endireitaram como se ela precisasse de coragem para dizer as próximas palavras.

— Eu nunca fui até ao fim antes, — ela suspirou. — Aaron e eu éramos mais platônicos do que qualquer outra coisa. Nós tentamos, mas eu... — Ela limpou a garganta, depois respirou fundo e exalou. — Eu surtei ou algo assim.

Santa Madre de Dios!

Meu sangue subiu à cabeça. Foda-se os dois. Meu pau se contorceu, ansioso para sentir a boceta dela ao meu redor. Aquelas palavras eram como o canto de uma sereia para o meu pau.

— Você é virgem? — Repeti, só para ter certeza de que a havia entendido bem.

— Sim.

Minhas mãos envolveram sua cintura minúscula e eu a empurrei gentilmente para trás contra o colchão. Sua pele parecia mais pálida contra mim, seu cabelo ainda mais branco contra minha pele. Sua leveza para minha escuridão. Um anjo e um demônio.

Eu não dava a mínima. Eu mataria qualquer um que a tocasse ou tentasse tirá-la de mim.

— Mi amor, — murmurei baixinho. Ela corou, o que me disse que havia entendido minhas palavras em espanhol.

Meu dedo traçou levemente o contorno de seus lábios macios, abrindo-os. Sua língua roçou nela, e meu pau estava pronto para sua boceta. Estava pronto para ela desde o momento em que a vi. Seus dedos se enroscaram em meu bíceps, sua aliança de casamento era uma versão menor da minha. Ônix preto. Achei que ela optaria por diamantes, mas não essa mulher. Quando lhe perguntei que tipo de anel e pedra ela queria, sua resposta foi, ‘Aquele que combine com o seu’.

Nossa união começou de uma forma não convencional, mas eu a manteria segura. Eu a faria feliz. Eu a amaria até meu último suspiro e, mesmo na minha morte, eu tinha certeza de que minha alma negra a procuraria.

— Irei devagar, — murmurei minha promessa, passando lentamente meu dedo sobre sua pele macia, desde o pescoço, passando pelos seios, costelas, barriga lisa até ao centro. — Se doer ou você não se sentir confortável em algum momento, é só dizer.

Seu olhar baixou entre nossos corpos. — Não vai ser difícil parar?

— Por você, não. — Porra, seria, mas eu preferiria sofrer mil mortes a ver o medo em seus olhos ou machucá-la. — Eu paro quando você precisar.

— Ok, — ela respirou.

Meu dedo circulou seu clitóris e suas pálpebras se fecharam, seu corpo respondendo com arrepios enquanto eu deslizava lentamente meu dedo para dentro dela. Ela estava encharcada. Seu doce gemido encheu o quarto, o som era uma das mais belas melodias que eu já ouvira.

— Abra seus olhos, Reina, — exigi. Seus olhos brilharam para encontrar meu olhar. — Quero que você olhe para o seu diablo enquanto eu a faço gozar.

Nossos olhares se cruzaram, um desejo ardente em suas piscinas de cristal que combinava com o meu próprio desejo ardente em minha alma. Eu queria roubar sua alma, seu coração. Mas o anjo me enganou. Em vez disso, ela roubou o meu. Ela se tornou meu paraíso. Minha salvação. Meu tudo.

— Por favor, Raphael, — ela implorou e eu imediatamente fiquei tenso. — Eu sofro por você, — ela acrescentou, arqueando o corpo em direção ao meu toque e me observando com seus olhos cheios de desejo.

Ela era perfeita.

Empurrei meu dedo para dentro dela, suas pernas se abriram para mim. Observei seus dentes mordendo o lábio inferior. Eu estava louco para sentir seu gosto novamente. Mexi meu dedo para dentro e para fora dela e observei sua expressão facial ficar eufórica enquanto seus gemidos ficavam mais altos e meu nome em seus lábios como uma oração sussurrada.

Jesus! Eu poderia explodir só de vê-la assim. Arruinando minha esposa virgem que estava escorregadia de desejo e tentando-a com minha escuridão e prazeres pecaminosos.

Seu cheiro e seus gemidos acenderam a obsessão que corria em minhas veias, a necessidade de possuí-la. Tirei meu dedo de sua boceta molhada e um gemido de protesto saiu de seus lábios.

— Não pare, — ela implorou.

— Não vou parar, Rainha, — prometi. — Estou fazendo o que deveria ter feito no momento em que entramos em nosso quarto. Fazer amor com você.

Sua boca se entreabriu e seus olhos brilharam como as safiras mais claras, misturando anseio e desejo ardente.

— Você me fez gozar, — murmurou ela, sacudindo os quadris em direção ao meu toque. — Então você fez algo certo, — gaguejou ela.

Levei seu mamilo à boca, meus dentes roçando o botão sensível.

— Oh, meu Deus, — gemeu ela, seus dedos passando pelo meu cabelo e as unhas arranhando meu couro cabeludo. Mordi seu mamilo e seu corpo se arqueou para fora da cama, empurrando-se contra mim. — Mais. Com mais força.

Eu sorri contra sua pele macia, seu seio se esforçando para receber meu toque. Meu anjo ansioso.

Voltei minha atenção para o outro mamilo e mordi com mais força, enquanto meus dedos deslizavam para dentro e para fora dela. — Ohhh. Raphael, eu vou...

Outro gemido.

Porra, com todos aqueles barulhos que ela estava fazendo, eu não duraria muito. A expressão de êxtase em seu rosto era um espetáculo para ser visto. Eu a adoraria pelo resto de meus dias, só para ver aquela expressão em seu rosto.

Suas paredes internas se apertaram em torno de meus dedos e continuei a empurrá-los para dentro e para fora, depois os enrolei para atingir o ponto ideal dentro dela.

Seus olhos ficaram com um tom mais escuro. Seu corpo começou a tremer. Meus dedos estavam encharcados de seus sucos. Ela estava pronta para mim. Deslizei por seu corpo, beijando seu estômago. Mais para baixo. Até chegar à sua boceta, e o cheiro de sua excitação era a melhor fragrância de todas.

Minha língua deslizou por sua fenda. Sua doçura escorregadia estava ao meu redor. Saborear minha esposa era a melhor sobremesa de todos os tempos. E como uma iguaria, eu a devorei. Mordisquei seu clitóris, devorando-o enquanto ela pressionava sua boceta contra meu rosto. Deslizei minha língua para dentro dela e um som agudo saiu dos lábios de Sailor. Lambi seus sucos, ganancioso, e o tempo todo mantive meus olhos nela. Suas bochechas estavam coradas e seus cabelos pareciam uma auréola ao redor dela.

Um demônio devorando seu anjo.

Mordisquei seu clitóris novamente e seu corpo se retesou, suas unhas agarraram meu cabelo e senti seu corpo estremecer embaixo de mim.

— Raphael, — ela choramingou. — Oh meu Deus, eu estou...

Não diminuí o ritmo. Continuei lambendo sua boceta, determinado a saborear cada gota dela.

Ela era extraordinária. A maneira como ela se apertou ao redor do meu dedo. A maneira como ela gemia meu nome.

Levantando-me e pairando sobre seu corpo. — Você, Rainha, é o paraíso em minha língua.

Pressionei minha boca contra a dela, deixando-a sentir o gosto de si mesma em meus lábios. — Você está pronta?

Suas mãos envolveram meu pescoço, puxando-me para mais perto. Nossos olhares se afogaram um no outro.

— Sim, — ela disse, seus lábios macios roçando os meus.

Coloquei meu pau na entrada dela, mergulhando apenas a ponta, e senti sua boceta se contrair, ávida por ele.

— Você quer? — Eu grunhi.

— Sim, — ela choramingou. — Por favor, me dê isso.

Deslizei mais profundamente dentro dela, mantendo meus olhos em seu rosto. Procurei por qualquer traço de pânico ou sinais de que ela precisava que eu parasse, enquanto lutava contra o instinto de penetrá-la profundamente e preenchê-la até ao fim.

Suas pernas me envolveram, fechadas atrás das minhas costas. Suas costas se arquearam, e sua boceta quente levou meu pau ainda mais fundo.

— Porra, Reina. — Meu controle estava por um fio. — Você parece tão bem. — Meus olhos procuraram os dela. — Estou machucando você?

Ela balançou a cabeça. — Não, — ela respirou. Seu aperto ficou mais forte ao meu redor. — Preciso de você dentro de mim.

— Reina, não quero perder meu controle.

Sua boca desceu pelo meu pescoço, seu nariz roçando em minha pele. E então ela inalou profundamente, como se precisasse de mim em seus pulmões. Assim como eu precisava dela em meu sangue.

— Nunca cheguei tão longe, — sussurrou ela contra meu pescoço. — Acho que estou bem. Não se contenha.

Eu me afastei, apenas o suficiente para ver seu rosto. Eu precisava ver seu rosto, para ter certeza de que ela estava falando sério. Nossos olhos se encontraram e vi segurança nos dela. Luxúria. E a necessidade neles refletia a minha própria.

Eu enfiei até ao fim, enchendo-a até profundamente e parei. Sua boceta se apertou ao meu redor e um tremor percorreu minhas costas.

— Porra, você é tão grande, — gemeu ela.

— Minha reina sabe exatamente como bajular o demônio. — Tive que lutar contra o desejo de começar a cravá-la como uma fera. Mas ela tinha que se acostumar comigo primeiro.

Seus lábios se curvaram em um sorriso, seus cabelos se espalharam ao redor dela como um leque. Como meu próprio anjo pessoal.

— Não se retraia, Raphael, — ela murmurou. — Estou pronta.

Ela arqueou as costas para fora da cama, seu canal estrangulando meu pau. Meus músculos tremeram com a necessidade de penetrá-la. O suor se acumulou em minha testa. Ela parecia tão bem.

— Dê-me tudo, — ela falou suavemente em meu ouvido.

E meu controle se rompeu. A necessidade primordial se impôs e, como o demônio, eu me soltei. Afastei-me e depois a penetrei com força. Seu gemido alto foi a melhor música. Meu corpo grande a prendeu contra o colchão, batendo nela, e ela aguentou tudo.

Meu corpo em cima do dela, apoiando-me com os antebraços, meus quadris continuavam a empurrá-la repetidamente, enquanto eu mantinha meu olhar em seu rosto. Sua boceta quente se apertou ao redor do meu pau, dando-lhe as boas-vindas.

Meus ouvidos zumbiam e eu me perdia em seu paraíso.

— Minha. — Impulso.

— Sempre minha. — Impulso.

— Para sempre. — Impulso.

Ela gritou meu nome. Eu não sabia dizer se minhas palavras saíram em inglês ou espanhol. Tudo o que eu fazia era senti-la. Aquele lindo olhar cheio de luxúria. Sua boceta se apertando ao redor do meu pau. Seu corpo macio cedendo ao meu.

Nossos gemidos e grunhidos se misturaram.

Ela era tão boa. Eu a amava muito. Eu a havia esperado por muito tempo. Nunca a deixaria ir embora. Eu a penetrei sem pensar, cada vez mais fundo e com mais força.

— Oh meu Deus. Raphael, Raphael. — Meu nome saiu de sua boca como uma oração. — Por favor, Raphael, — ela ofegou. — Mais.

Eu empurrei com mais força, preocupado, no fundo de minha mente, se eu deveria ser mais gentil. Mais doce. Mas eu estava tão longe e ela ainda não tinha me parado. Tomei sua boca e continuei a penetrá-la, afundando-a mais profundamente. Nossas línguas se entrelaçaram, o ritmo delas combinando com minhas investidas. Nós nos beijamos com força e aspereza, nossos dentes e línguas se chocando.

Ela gritou. Senti seu corpo se contrair embaixo de mim, mas não consegui parar de fodê-la com força. Ela gritou contra minha boca e eu engoli seu som. A visão de minha rainha atingindo o orgasmo seria meu único objetivo para o resto da vida. Meu vício.

Sua boceta se apertou ao redor do meu pau em um estrangulamento. Seu corpo tremia contra mim, e eu adorava isso e continuei a cavalgá-la até que meu próprio clímax subiu pela minha espinha.

Gozei mais forte do que nunca, meu pau pulsando dentro dela e todos os meus músculos se contraindo.

— Mi reina, — grunhi enquanto me derramava dentro dela, meu rosto enterrado na curva de seu pescoço.

Foi só quando o cheiro de prímula e sol em sua pele penetrou em meus pulmões que percebi que havia transado com minha esposa virgem como uma fera.

Levantei-me sobre meu cotovelo. — Porra, eu sinto muito, Reina.

O sorriso mais suave que eu já tinha visto em uma mulher permaneceu em seus lábios e sua expressão era de pura felicidade.

— Isso foi... — murmurou ela, com as pálpebras pesadas. — Incrível, — ela murmurou.

Então, um ronco suave soou no quarto e um sorriso permaneceu em seu rosto.

Não conseguimos voltar para ver nossos convidados.

Observei Sailor dormindo, aconchegada em minha cama, de frente para mim, e finalmente encontrei minha paz. Ela ocupava meus pensamentos desde aquela noite em que dançamos em La Reina, oito anos atrás. Eu a queria naquela época, e agora finalmente a tinha.

Ela me equilibrou. A paixão que se formou entre nós foi mais ardente do que qualquer coisa que eu já havia experimentado antes. Nós dois, perdidos no meio da paixão, nos deixamos sozinhos neste mundo onde só nós existíamos.

Nada nem ninguém a tiraria de mim novamente. Gabriel e Sailor eram da família. *Minha família*. O tipo de família que eu não tive, nem com meu pai nem com meu irmão. Apenas com minha mãe por alguns poucos anos.

Minha mente voltou para o funeral do meu irmão. A última vez que meu pai exerceu alguma influência sobre mim.

Fiquei do lado de fora da igreja e ninguém me deu atenção. Não foi nenhuma surpresa. Desde que nasci, eu era invisível, o filho que só se via em caso de necessidade. E eu estava perfeitamente bem com isso. Eu me escondia à vista de todos, sempre sem ser detectado porque fazia minhas próprias coisas nas sombras.

E agora, com a morte de Vincent, esse não era o cenário que eu havia imaginado para mim.

Os repórteres ficavam à espreita na frente da igreja, esperando por um vislumbre de mim. Para ver se era verdade que eu era o assassino sem coração de meu próprio irmão. Eu podia ser insensível, mas não era seu assassino.

Enquanto eu me dirigia para a entrada da igreja, os repórteres se aglomeravam na área como moscas na merda. Vincent e meu pai prosperavam com isso. Eu odiava isso, assim como os odiava. Eles fizeram um acordo com os Tijuana e traficaram mulheres, permitindo que elas atracassem em nossos armazéns. Ainda mais, eles pensaram em trair o velho Nikolaev. Não era de se admirar que Vincent estivesse morto. Irmão ou não, o desgraçado merecia. Eu tinha visto o que ele havia feito com algumas das mulheres que contrabandeava. Marcou-as. Arrancou seus olhos das órbitas.

Meu pai era um bastardo sádico, mas Vincent levou isso um pouco longe demais.

Os microfones foram enfiados na minha cara. Todos queriam uma maldita declaração. Os repórteres matariam para conseguir uma exclusiva. Então, acho que eles não eram muito melhores do que nós.

— Raphael, é verdade que você não tem um álibi para a noite do assassinato? — gritou um repórter.

— Sr. Santos, o senhor ordenou que matassem seu próprio irmão? — Meus punhos se cerraram, mas não parei de andar e meu rosto estava vazio enquanto eu avançava pela multidão. Quando cheguei às pesadas portas de madeira da igreja, os gritos de todos não passavam de ruído branco.

As acusações não importavam. O que importava era o arrependimento - por ter deixado Vincent se safar com muita coisa. Por não ter me preocupado em investigar o que ele estava fazendo ou os negócios que estava fazendo até que o nome da nossa família ficasse tão manchado que seriam necessários litros e litros de alvejante para limpá-lo.

Agarrando a maçaneta ornamentada da porta, eu a abri e cruzei a soleira da igreja. Surpresa, surpresa, ela não pegou fogo.

— Já era hora de você aparecer, — Caine me cumprimentou com um resmungo. — Seu pai está em algum tipo de agitação. O padre está se mijando de medo de começar a missa.

— É melhor ele trocar de roupa antes de começar o serviço. Ninguém quer sentir o cheiro dessa merda.

Caine fixou seu olhar em meu rosto e nos vários ferimentos espalhados por ele. Eu não estava em meu melhor estado. Ainda podia sentir o gosto metálico do sangue seco em minha língua. Eu já sabia que tinha alguns hematomas pretos e azuis e um corte profundo na testa.

— O que diabos aconteceu com você?

Eu simplesmente dei de ombros. Não fazia sentido entrar nos detalhes do meu encontro com o Cartel Tijuana, que estava pegando uma carga em nosso depósito. Resumindo, quebrei o acordo. Acabei com alguns dos caras deles, matei o resto e tirei de lá as mulheres que estavam enfiadas em um contêiner como gado.

Cassio e Luca as tinham agora. Eles as levariam para um lugar seguro.

Maldito Vincent. Eu não tinha a menor ilusão de que meu pai também soubesse disso. Era um negócio em que meu avô nunca tocou. Era um negócio em que nunca deveríamos ter tocado.

— Seu pai vai lhe dar uma bronca quando descobrir. — Sim, ele estava dizendo o óbvio.

Caine cruzou os braços, olhando para mim. Esse era um dos motivos pelos quais éramos bons amigos. Ele me falava as coisas de maneira direta, dando-me sua opinião sincera. Quer eu quisesse ou não. Isso era raro em nosso mundo.

— Pelo amor de Deus, Raphael. Eu sei que você está chateado. — Ele baixou a voz para que ninguém mais pudesse nos ouvir. — Agora que ele se foi, você pode fazer mudanças. Seu pai não pode impedi-lo.

— Ele vai tentar. — O fogo ardeu em meu peito com as imagens de mulheres que eu tinha visto. — Mas não vai conseguir.

Ele acenou com a cabeça. — Apenas faça o papel. Deixe-o às cegas.

Era fácil para ele dizer isso. Ele não testemunhou o que eu testemunhei. Eu podia dizer quais mulheres Vincent tinha experimentado naquele grupo. Cada uma delas ficou com uma cicatriz ou outra. Isso fez meu estômago revirar. Se ele ainda estivesse vivo, eu mesmo poderia tê-lo matado.

Com um aceno conciso, entrei mais na igreja e fui atacado por um perfume de flores avassalador. Centenas de arranjos e coroas de flores forravam todos os bancos e cantos da igreja. Eu me perguntava se era para esconder o mau cheiro do homem que jazia naquele caixão. Ou daquele que estava sentado na primeira fileira com a cabeça baixa.

Foi a única vez que meu pai abaixou a cabeça. Na igreja. Talvez fosse para pedir perdão, para que ele pudesse fazer mais merda. Ou talvez ele pensasse que poderia comprar sua absolvição, quem diabos sabia.

Passei pelos bancos cheios de familiares, soldados e políticos. Até mesmo rivais. Fixei meu olhar em Santiago Tijuana, sentado ali com uma bimba⁴ com seios falsos que chegavam até ao queixo. Ele tinha o gosto mais horrível para mulheres.

Sem reconhecê-lo, continuei até à frente. Mais três passos. Dois. Um.

Foi então que meu pai finalmente me viu.

— Deveria ser você no caixão, — meu pai gaguejou em espanhol. — Não meu primogênito.

⁴ Uma jovem atraente, mas não inteligente ou frívola

Nada como uma reunião de família em que se deseja que você morra!

— Engraçado, eu também poderia desejar sua morte, — avisei, dando ao meu pai toda a minha atenção pela primeira vez em anos. Como era de se esperar, ele ficou vermelho, pronto para explodir. Isso sim poderia ser divertido.

— Tenha cuidado, meu filho, — sibilou ele. Foi a primeira vez em mais de uma década que ele me chamou de filho. Eu poderia ter passado mais uma década sem isso. — Ou eu poderia encontrar uma maneira de você visitar sua mãe.

Eu era o favorito de minha mãe. Vincent era o favorito de meu pai. E meu pai sabia exatamente como garantir lealdades.

— Sua mãe não precisa de maquiagem quando está com o rosto roxo, azul e inchado, — disse ele, e a fúria me atravessou como heroína. Um sorriso lento se espalhou por seu rosto, e eu queria poder bater em seu velho traseiro. — Adoro ouvi-la gritar.

Era de se esperar que uma mãe viesse ao funeral de seu filho. Mas nós não éramos uma família comum. Estávamos fodidos, em todos os sentidos. Minha mãe deu à luz Vincent, mas ele deixou de ser filho dela no primeiro estupro que cometeu. Sob seu teto. Ela o odiava tanto quanto meu pai. Afinal de contas, foi assim que surgimos. O velho gordo forçou-se sobre ela.

A última vez que meu pai a viu, ela estava ensanguentada, machucada e tremendo tanto que teve de ser desamarrada e levada para fora do quarto dele. Meu peito se apertou com aquela lembrança

repugnante e minha postura caiu por um instante. Nunca tive tanta vontade de matar meu pai quanto nos momentos em que ele achava que torturar minha mãe era uma forma de entretenimento.

Minha mãe era minha fraqueza. Ela não merecia esse destino fodido, nem aquele velho bastardo do marido dela.

Nenhuma mulher merecia essa merda.

E mesmo assim não a salvei. Meus olhos baixaram para minha esposa em meus braços.

Eu salvaria essa, mesmo que tivesse que morrer no processo.

Capítulo 38

SAILOR

Acordei e a primeira coisa que vi foi o mar azul claro com um grande pássaro Kiskadee, pousado sozinho e confiante em um galho. A dramática faixa branca em seu rosto preto o tornava um dos pássaros únicos da costa colombiana.

Lua de mel. Então, lentamente, os eventos do último dia vieram à tona. O casamento. Nossa viagem para as Ilhas Rosário. A Colômbia. Nossa lua de mel.

Chegamos ontem à noite à ilha na costa colombiana que está na minha lista de desejos há muito tempo. Não era de se imaginar que Raphael escolheria esse destino. Eu adorei. Gabriel estava com Aurora, Alexei e Willow. Eles ficariam com ele até ao dia do nosso retorno.

O sol brilhava no quarto, o ar úmido e tropical era denso. Inspirei e depois expirei enquanto ouvia o farfalhar das árvores, as ondas e o chilrear dos pássaros.

O lugar ao meu lado estava vazio e eu me levantei para encontrar Raphael sentado aos pés da cama.

— Bom dia.

Alisei meu cabelo e passei meus dedos por ele. — Bom dia. — Ele me entregou uma xícara de café, e eu a peguei. — Obrigada.

— Você dormiu bem?

O calor subiu às minhas bochechas. Ele deu uma risadinha. — Sailor, eu provei cada centímetro do seu corpo ontem à noite e você vai corar quando eu perguntar como você dormiu?

Revirei os olhos. — Tudo bem. Eu dormi muito bem.

Ele sorriu, um sorriso de satisfação pessoal.

— Quer dar um mergulho?

Meus olhos se voltaram para a janela. — As praias estão lotadas aqui?

Ele balançou a cabeça. — Seremos apenas nós.

— Está bem.

A praia de areia branca estava vazia. O som das ondas batendo suavemente contra a praia era acompanhado pela brisa. O sol estava bom em minha pele. Era a primeira vez que me senti completamente em paz desde a morte de Anya.

Raphael descansou ao meu lado. Seus óculos de aviador protegiam seus olhos e suas tatuagens estavam à mostra. Algo em meu peito vibrou, como as asas frágeis de borboletas e sentimentos florescendo.

Ele ficava bem em seu calção de banho branco. Sua pele parecia mais escura e meus dedos se esticaram para traçar suas tatuagens. Eu

adorava tocá-lo. Tracei sobre sua pele quente, minha pele em contraste com a dele.

— Reina, — ele murmurou, sem se mexer. — Se você continuar me tocando assim, vamos acabar pelados.

Meus lábios se curvaram em um sorriso. — Isso não é uma coisa tão ruim.

— Venha cá. — Ele me puxou e eu deitei minha cabeça em seu peito, fechando os olhos e colocando meu rosto contra o sol enquanto ouvia seus fortes batimentos cardíacos.

Sorri sonhadoramente, apreciando o calor do sol e dele contra minha pele.

— Este lugar é o paraíso, — murmurei, ouvindo as ondas e o farfalhar das folhas.

— Não, você é o paraíso. — Eu sorri contra seu peito, inalando seu perfume profundamente em meus pulmões. — Você está sorrindo.

Levantei minha cabeça. — Como você sabia?

Ele tirou os óculos escuros e, no momento em que seus olhos azuis se chocaram com os meus, de repente o oxigênio ficou escasso.

— Você brilha quando está feliz. — Recostei minha cabeça em seu peito e fechei os olhos.

Zombei suavemente. — Talvez eu brilhe quando estou com raiva.

Seu peito tremeu sob minha cabeça, e eu rolei para que pudesse ver seu rosto. Ele estava rindo, com os olhos brilhando de diversão.

— Raphael?

— Hmmm.

— Você pode passar protetor solar em mim? — Perguntei, tirando o protetor solar da sacolinha de praia e entregando-o a ele.

Eu precisava de suas mãos em mim. Eu precisava dele em mim.

Ele tocou minha bochecha. Os nós de seus dedos ásperos passaram pela minha bochecha. Seus olhos se suavizaram, com o desejo à espreita em seu olhar, enquanto seu polegar passava pela borda do meu lábio inferior.

— Nada de sexo até que você se sinta melhor.

— Estou me sentindo melhor. Eu garanto.

Rolei de barriga para baixo e, depois de um instante, ouvi o aperto do frasco de protetor solar e fechei os olhos, sorrindo alegremente contra a toalha. Ele montou em minha bunda, suas mãos se esfregando, depois senti suas palmas ásperas deslizarem pelas minhas costas. Ele abriu a parte de cima do meu biquíni e levou o movimento até meus ombros.

— Gosto desse biquíni em você, Reina. — Raphael não parou seus movimentos, esfregando a loção em minha pele. — Embora eu goste ainda mais de você sem ele.

Virei a cabeça para o lado e olhei para ele por cima do ombro. — Poderíamos tirá-lo, — sugeri usando minha voz mais sedutora.

Sua mão foi descendo, descendo e descendo, até que sua palma roçou minha bunda seminua na calcinha do biquíni. Enquanto Raphael optou por um calção de banho branco, eu optei por um biquíni preto.

Diferenças marcantes entre nós. No entanto, apesar de todas as nossas diferenças marcantes, nós dois nos complementávamos.

— Você ligou para Gabriel? — perguntou Raphael. Quando estávamos nos preparando para sair para a praia mais cedo, Raphael recebeu uma ligação de negócios que tinha que atender, então aproveitei e liguei para Aurora para poder falar com Gabriel.

— Liguei. Aurora, Alexei e ele estavam indo para a praia. Surpreendentemente, ele gosta do Alexei, — comentei.

— Ele é um cara simpático, — respondeu.

Levantei-me sobre o cotovelo e girei meu corpo para poder vê-lo melhor. — Um cara simpático?

— Ok, ele é um pouco tenso. Mas é um bom homem.

Eu acreditei nele. — E quanto à sua ligação? — perguntei.

Sua expressão não mudou, mas ele ficou tenso. Apenas um tremor, mas era inconfundível. — Há algo errado? — Não pude deixar de perguntar.

— Não, está tudo bem.

Não estava. Eu apostaria minha vida nisso. Ele se afastou e eu me virei novamente, depois coloquei os joelhos no peito.

— Raphael, se algo estiver errado, eu quero saber, — eu disse a ele.

— São coisas de negócios, — garantiu ele. — Nada com que você deva se preocupar.

Está bem.

Nossos olhares se cruzaram e, naquele exato momento, quase parecia que éramos os únicos no universo. Sem perigo ou contratos distorcidos para pairar sobre nossas cabeças.

Soltei um suspiro pesado.

— Qual é o problema, Reina? — Raphael segurou meu rosto. — Diga-me o que está em sua mente. O que está lhe preocupando?

— Como isso vai acabar? — Eu disse sem rodeios. — Meu pai. Santiago Tijuana. O contrato deles. Nenhum deles vai simplesmente parar, eu sei disso.

Ele segurou meu rosto. — Não se preocupe com isso, Reina. Vou acabar com os dois.

— Eu estava tão perto de derrubar meu pai, — murmurei. — Tão perto, e a fiança foi estabelecida. Sei que foi meu pai quem mexeu os pauzinhos.

Mulher inteligente. Não me surpreendeu o fato de ela saber.

— Há quanto tempo você sabe? — ele perguntou. Ele podia ver demais. Provavelmente também sabia demais. — Há quanto tempo você sabe que seu pai fazia negócios paralelos com criminosos?

Engoli com dificuldade. — Desde... — Era tão difícil falar sobre Anya. Era tão difícil pensar naquela noite em Miami, quando entramos na casa dos Lombardo Santos, como cordeiros indo para o abate. — Desde que Anya foi ver seu pai, — admiti suavemente. — Nunca vou entender

por que ela concordou com isso, mas ela disse que meu pai exigiu. Ou então...

Um suor frio brotou sob minha pele. Como sempre acontecia quando eu pensava naquela noite. Estávamos no meio do paraíso e eu mal conseguia respirar. Não havia oxigênio suficiente aqui.

— Respire, — ele exigiu. Agarrei-me em seus braços. Meus ouvidos soaram. Meus pulmões se fecharam. — Reina, respire.

Inspirei profundamente e ainda assim não foi suficiente. O pânico atravessou meu peito. Eu estava sufocando.

A água fria atingiu minha pele. E foi só então que meus pulmões se abriram. A pressão diminuiu em meus pulmões e o ar finalmente entrou em minha corrente sanguínea.

A névoa se dissipou em minha cabeça e eu a enterrei no peito quente de Raphael. As ondas subiam e desciam contra nossos corpos, lavando meu medo.

Ele me manteve pressionada contra seu corpo quente, e foi só agora que percebi o quanto eu tremia. Eu me agarrava a ele como se ele fosse toda a minha vida. Temia que ele já tivesse se tornado uma grande parte de minha vida.

— Melhor? — Raphael perguntou. Ele era meu bote salva-vidas na tempestade.

Assenti, respirando fundo mais uma vez em meus pulmões. O alívio foi forte. Avassalador.

— Sim, obrigada.

Encostei meu rosto em seu pescoço e envolvi minhas pernas em sua cintura, enquanto ele passava a mão em meus cabelos. Repetidas vezes. O ato era relaxante, pacífico. Inspirei com firmeza. Meus batimentos cardíacos diminuíram. O vento passou por meus cabelos. E, durante todo esse tempo, meus lábios passaram pelo seu pescoço.

Ele parecia tão bem. Seu corpo era forte contra o meu, pele com pele. Meus dedos brincavam com as pontas de seus cabelos escuros.

— Um dia você terá que me contar o que aconteceu, — disse ele suavemente. Algo sombrio ressoou sob sua pele, com uma pitada de veemência aparente. Meu corpo confiava nele. Meu coração confiava nele. Mas era minha mente que estava assustada.

Eu nunca havia contado a ninguém. Nem Anya. Esse era o nosso segredo. Nossa vergonha. Às vezes, eu desejava ter contado a alguém, para que pudessem salvar minha irmã. Assim, ela teria parado de se sacrificar por mim. Mas ela me fez jurar.

— Um dia. — Minhas palavras foram calmas. Suaves. Promissoras. — Você vai me beijar agora?

O olhar de Raphael desceu para meus lábios, com uma fome sombria neles. Possessivo. Profundo. Sombrio. Consumidor.

Inclinando-me, aproximei meus lábios dos dele, parando a uma respiração de distância. Minha língua percorreu seu lábio inferior e depois o puxou. O calor pulsou e se espalhou por mim como um incêndio, minha boceta latejando de necessidade. Por ele.

Depois mordisquei seu lábio inferior, enquanto meus dedos agarravam seu cabelo. Um gemido baixo ressoou em seu peito. Eu até achava isso sexy quando se tratava dele.

— Leve-me de volta para a cama, — murmurei enquanto lambia seus lábios novamente. Uma necessidade pura e inadulterada corria em minhas veias.

Com seu passo forte, ele avançou pelas ondas até à praia e, durante todo o tempo, minha boca não deixou sua pele. Não havia delicadeza em meu beijo, mas eu não conseguia parar de beijá-lo. Degustá-lo.

Não estávamos mais na praia. Eu não tinha ideia de quanto tempo levou para voltar ao nosso pequeno chalé ou ao banheiro. Deslizei para fora de seu corpo, meus pés tocando o azulejo frio. Descartamos nossos trajes de banho avidamente.

Coloquei as palmas das mãos em seu peito, seu calor se infiltrando em mim. Meus dedos percorreram as tatuagens em seu peito e desceram por seus abdominais duros como pedra. A cada centímetro que me aproximava de seus pelos pubianos, meu coração batia mais forte e minha pulsação acelerava. Ele já havia me penetrado várias vezes, mas ainda não era o suficiente.

Levantei-me na ponta dos pés e alcancei seus lábios. Fiquei a uma respiração de distância, sua forma subitamente imóvel. Como se ele estivesse esperando por algo. Por *mim*. Fechei a distância e liberei seu monstro faminto. Ele me beijou com tanta paixão que não consegui manter meus olhos abertos e todos os pensamentos me abandonaram.

Nossos beijos se tornaram frenéticos. Como se ambos estivéssemos famintos há anos por um toque humano. Rompemos a barragem e deixamos um desejo descontrolado em seu rastro. Minhas mãos foram para seu cabelo, puxando-o para mais perto. Eu precisava dele mais perto, de sua pele na minha.

— Raphael, por favor, — choraminguei.

Suas mãos agarraram minha bunda e me levantaram, com minhas pernas envolvendo sua cintura.

Ele mordeu meu lábio inferior, suavemente, mas o suficiente para arder, e eu gemi em sua boca. Eu podia sentir seu desejo ardendo e se chocando com o meu. De alguma forma, nos encontramos no banheiro, com minhas costas pressionadas contra o azulejo frio, refrescando minha pele queimada.

Abri os olhos e encontrei seus olhos em mim, absorvendo-me. O olhar azul-escuro brilhava com um inferno em suas profundezas.

Deslizei por seu corpo e ele abriu a parte de cima do meu biquini e a jogou para o lado. Seus dedos percorreram meu corpo, causando arrepios em cada centímetro do meu corpo. Sua palma áspera contra minha pele macia causou arrepios na minha espinha. Seus dedos se prenderam à parte de baixo e ele se ajoelhou, deslizando-a pelas minhas pernas.

Um sibilo de agradecimento saiu de seus lábios. Minhas pernas tremeram e teriam falhado se seus braços fortes não estivessem me segurando. Ele abriu minhas pernas, seu olhar queimando buracos em minha pele e causando uma dor pulsante entre minhas coxas. Meu sexo latejava, a evidência da minha excitação escorria pela parte interna da

minha coxa. No momento em que sua boca se conectou à minha boceta, um gemido alto ecoou pelo banheiro, vibrando contra o azulejo.

Ele levantou uma de minhas pernas e a colocou sobre seu ombro, sua boca não deixando a parte mais íntima de mim.

— Mmmmm. — O barulho dele vibrou em meu âmago e meus dedos se enroscaram em seus cabelos escuros.

— Raphael. Oh meu Deus, Raphael. — Ele me beijou com a boca aberta, enfiando sua língua em minha entrada. — Porra.

Eu cedi, minhas costas se arquearam contra a parede de azulejos. A sensação era demais. Não era suficiente. Seus dedos se enfiaram dentro de mim. Sua língua percorreu minha boceta molhada, provocando uma série de estremecimentos em mim.

Estou morrendo. O melhor tipo de morte.

Ele chupou e lambeu minha parte mais íntima sem parar. Cada fibra do meu corpo tremia de prazer. Estava bem ali, ao meu alcance. Ele estava me tocando.

— Observe-me, Reina, — ordenou ele, com a voz rouca.

Abri minhas pálpebras, encontrando seu olhar enquanto os músculos de seu maxilar se contraíam enquanto ele comia minha boceta. Mordeu meu clitóris e eu me sacudi contra a parede, arqueando-me em sua boca. Sua mão foi para meu estômago, mantendo-me imóvel, e minhas mãos agarraram sua cabeça.

— Oh, oh, oh, — ofeguei, suas lambidas nunca diminuindo. Ele mordiscou meu clitóris novamente e o orgasmo me atravessou como uma

represa aberta. Sua língua não parou, ele chupou e lambeu, absorvendo até à última gota do meu orgasmo.

Minhas pernas tremeram e meus ouvidos zumbiram com o intenso prazer.

Quando voltei para a Terra, Raphael estava novamente em meu foco. Seus olhos ardiam de fome, mas ele não fez nenhum movimento para se despir, ainda usando o calção de banho.

Ele se levantou, com uma mão ainda no meu quadril, enquanto com as costas da outra mão limpava a boca. Nossos olhos se fixaram, nossa respiração se sincronizou e nenhum de nós desviou o olhar. Eu queria dar a ele o mesmo tipo de prazer. Ele possuía tudo o que era meu, eu queria possuir tudo o que era dele.

A adrenalina correu em minhas veias, e meus olhos se fixaram em seus ombros volumosos e em toda a tinta que marcava sua pele dourada. Seu corpo me deixou sem fôlego. A visão de seus músculos e tórax largo, com cabelos escuros e uma linda pele bronzeada dourada, me deu água na boca. Peguei seu calção de banho branco e o empurrei para baixo.

Seu estômago era duro como uma rocha, o abdômen tanquinho fazia minha parte interna das coxas pulsar de dor. Seu grande pau pendia pesado e grosso entre suas pernas. Até agora, tudo foi apressado, mas agora eu absorvia tudo, bebendo-o. Veias grossas corriam por seu pau duro.

Ele era uma visão gloriosa de se ver, todo nu e meu. Ele ficou parado, com uma mão no meu quadril e a outra ao seu lado, enquanto meus olhos o absorviam.

Pressionei a palma da mão contra seu peito, seu coração disparando ao meu toque.

— Você é tão lindo, — sussurrei, baixando os olhos.

O pré-sêmen escorria da extremidade de seu pau e minha mão envolveu sua haste grossa, esfregando o pré-sêmen com o polegar. Uma inspiração forte saiu de seus lábios e meus olhos se ergueram para seu olhar azul.

Meu peito subia e descia, lutando por ar. Essa necessidade desesperada por ele, pelo gosto dele, seria a minha morte. No entanto, eu me recusava a ser razoável. Não conseguiria viver um único dia sem prová-lo.

Ele era minha própria marca de droga. E, assim como uma droga, eu teria que acabar com esse vício nele. Eventualmente. Meu coração se agitou dentro do peito. Aproximando-me de seus lábios, beijei-o suavemente. Esse seria o beijo do qual eu me lembraria para sempre. O beijo que acabaria por partir meu coração, pois ficaria gravado em minha mente.

Sua mão se enrolou em minha cintura, seu corpo duro pressionando contra o meu.

— Você é minha, — ele grunhiu, com a possessividade vibrando em sua voz. — Desde o momento em que a vi, Rainha.

O coração batendo, outra e mais outra vez. Lá se vai meu coração.

O chuveiro ainda estava funcionando e qualquer restrição que ele tivesse sobre si mesmo nos últimos minutos foi quebrada. Ele fechou o espaço entre nossos corpos. Sua boca ardeu contra a minha, acendendo um fogo em todo o meu corpo novamente.

Meus dedos famintos percorriam todo o seu corpo, precisando sentir cada centímetro dele sob as pontas dos meus dedos. Levantei-me na ponta dos pés, aprofundando nosso beijo ardente, gemendo em sua boca.

Ele segurou meus pulsos e os prendeu acima da minha cabeça. Com a outra mão, pegou meu queixo entre os dedos e diminuiu a velocidade do beijo. Nós dois estávamos escorregadios por causa da água, mas nada disso foi registrado. Apenas seu corpo pressionado contra o meu, sua boca se movendo contra a minha, ajustando o ângulo do nosso beijo.

Capítulo 39

RAPHAEL

Engoli o gemido de Sailor, nossas línguas deslizando uma contra a outra.

Meus dedos percorreram suas costelas delgadas até à perfeita protuberância de seu seio, depois roçaram o mamilo com o polegar. Seus olhos azuis encontraram os meus e nossos olhares se fixaram enquanto meu pau entrava em sua entrada quente. Um arrepio percorreu minha espinha ao sentir sua boceta apertada agarrando meu pau. Era o céu e o inferno ao mesmo tempo.

Balancei os quadris lentamente, inclinando-os para aumentar seu prazer. Ela ofegou, com as bochechas pálidas corando de vermelho. Alcançando entre nós, deslizei meus dedos sobre seu clitóris e ela estremeceu. Empurrei meus quadris mais rápido e outro suspiro irrompeu de seus lábios.

Levantei a perna dela e a enganchei em meu quadril, mudando o ângulo de minha investida e deslizando mais profundamente dentro dela. Ela jogou a cabeça para trás, expondo seu pescoço pálido e elegante. Ela choramingou, depois gemeu. Com a penetração e a expiração, mais forte e mais rápida, sua respiração aumentou. Seu olhar procurou o meu novamente, mantendo-o enquanto eu me afundava nela, preenchendo-a até ao fim.

Mantendo meus movimentos controlados, eu a penetrei repetidamente, saboreando suas paredes apertadas em torno do meu pau.

— Raphael, — ela ofegou.

— É isso mesmo, Reina, — grunhi. Eu podia senti-la chegando ao ápice, seu corpo trêmulo era o melhor prêmio que um demônio poderia receber. — Dê-me tudo de si. Grite meu nome.

E ela o fez. Eu a fodi com força e profundamente. Fechei meus lábios sobre a pele macia de sua garganta e mordi. Eu queria marcá-la. Reivindicá-la.

Ela se retesou e estremeceu com força. Murmurei minha aprovação antes de mergulhar nela. Meu ritmo foi ficando cada vez mais rápido. Meu pau se contorceu, sua boceta se apertou com mais força em torno do meu pau e eu empurrei mais fundo. Beijei sua boca e deslizei minha língua para dentro dela, engolindo outro gemido quando ela teve um orgasmo ao meu redor e me levou ao limite.

Uma última investida e disparei meu esperma dentro dela com um tremor violento.

— Mi reina, — murmurei enquanto enterrava meu rosto em seu pescoço, com a respiração ofegante de ambos. — Finalmente encontrei você.

Capítulo 40

SAILOR

Bem, em se tratando de lua de mel, não foi ruim.

Foi incrível.

Mas no momento em que voltamos para a ilha, senti as grades invisíveis me cercando. Quando o helicóptero pousou na ilha, Caine e Gabriel já estavam lá esperando por nós. No momento em que saí do helicóptero, Gabriel correu em minha direção com Bruno em seus calcanhares.

Um grande sorriso se abriu em meu rosto e peguei Gabriel quando ele se jogou em meus braços.

— Ei, amigo. — Eu o peguei e o apertei com força. — Senti sua falta.

Ele deu uma risadinha. — Só se passaram dois dias, mamãe.

Eu dei uma risadinha. — Eu sei, mas foram dois longos dias.

— Isso não é um bom presságio para o noivo, — comentou Caine em tom de brincadeira. — Ele não se saiu bem?

Revirei os olhos, ignorando seu comentário, apesar de minhas bochechas terem esquentado. Raphael mais do que se saiu bem. Eu sentia

isso em cada doce dor em meus músculos e jurava que me sentia como se andasse de forma estranha.

— Adivinha, mamãe? — Gabriel perguntou entusiasmado, com os olhos passando entre Raphael e eu.

— O quê? — Nós dois respondemos ao mesmo tempo. Os lábios de Raphael se contraíram com a excitação de Gabriel.

— Eu me pareço com Raphael, — anunciou Gabriel.

Meu coração ficou gelado e pisquei os olhos, antes de desviá-los lentamente para Raphael. Ele também pareceu surpreso com o comentário de Gabriel.

Limpei minha garganta. — O que você quer dizer com isso? — Mal consegui pronunciar as palavras.

— Vi fotos do Raphael e da mãe dele, — explicou.

Meus olhos se voltaram para meu marido. — Fotos?

Ele deu de ombros. — Tenho algumas fotos de família na biblioteca.

Meus molares se fundiram. Ele achava que Gabriel não iria explorar a casa?

— Como é que eu me pareço com você e não com a mamãe? — perguntou Gabriel com curiosidade, alheio à tensão.

Os olhos de Raphael se fixaram em mim, com um significado claro e silencioso. Era hora de contar a Gabriel. Só que eu não queria contar. Eu queria manter toda a história suja longe dele.

— Vamos caminhar até à praia, certo? — sugeriu Raphael. Balancei a cabeça, mas meu marido era um homem determinado. — Sim.

— Você deveria ter pedido desde o início, em vez de fazer parecer que era uma opção, — murmurei baixinho.

— Reina, por aqui, — ele disse.

Suspirei. — Não estou vestida para ir à praia, — tentei fracamente. — Você também não está.

Era uma desculpa estúpida. Ele usava uma calça jeans que pendia dos quadris e uma camiseta preta, o que o fazia parecer um belo demônio, enquanto eu usava um simples vestido amarelo que ia até às panturrilhas. Eu teria preferido usar um mini-vestido curto, mas Raphael resmungou sobre mostrar demais as pernas e então me entregou esse vestido longo.

— Ninguém vê essas *bonitas piernas*, — ele murmurou, chamando minhas pernas de bonitas em espanhol. — Elas são todas minhas.

Parecia inútil discutir com ele. Além disso, o tom possessivo de sua voz tinha algo de muito sexy. Então, joguei minha emancipação pela janela e cobri minhas pernas. Mas agora, eu me arrependia um pouco.

Olhei para o meu vestido longo. Que se dane!

Segurando o material com meus dedos, levantei o vestido e dei um nó, deixando-o mais curto. Agora ele chegava até meus joelhos. Sorrindo como uma tola, levantei a cabeça e encontrei o olhar de Raphael. A diversão se escondia naqueles olhos, em vez de raiva, como eu esperava.

Não importa.

Começamos a caminhar por um caminho largo, contornando uma entrada de automóveis que abrigava veículos luxuosos. Jeep preto, Ferrari preta, Lamborghini preta.

Sim, o demônio amava o preto.

É uma pena que a elegante mansão tenha sido feita de mármore branco. O mármore preto combinaria muito mais com Diablo. O gramado verde perfeitamente bem cuidado também arruinou a imagem.

Mas as torres de observação que cercavam a casa e davam vista para cada canto da ilha se encaixam perfeitamente na imagem da gaiola dourada.

Gabriel e Bruno correram à nossa frente, sem se importar com a tensão e os fantasmas que se escondiam entre mim e Raphael. Nossos fantasmas unidos deram vida a Gabriel.

— Ele não está pronto para ouvir isso. — Finalmente, quebrei o silêncio. Lágrimas de raiva impotente picaram os cantos dos meus olhos. — Não posso lhe contar.

— Temos que fazer isso. — Ele me puxou para o calor de seu corpo, seu olhar encapuzado oferecendo conforto e desejo. Eu aceitaria a luxúria, mas aceitar o conforto oferecido era muito mais assustador. — Não precisamos lhe contar tudo.

— Tudo? — Engoli. Nunca entramos nos detalhes macabros de como Gabriel surgiu. — O que você quer dizer com isso?

— Podemos dizer que você o adotou quando sua irmã faleceu. Se ele perguntar sobre o pai, diremos que ele morreu e que fazia sentido você tê-lo adotado.

— E quando ele perguntar sobre você? — Eu gritei.

— Diga a ele que você não me conhecia.

Inspirei profundamente e depois expirei lentamente. — Isso pode funcionar.

— Isso vai. — Ele parecia ter certeza. — As crianças são resistentes. É melhor que ele descubra agora do que quando tiver dezesseis anos e os hormônios da adolescência estiverem em alta.

— Falando por experiência própria? — questionei, olhando-o de lado.

Ele deu uma risadinha. — Ter acessos de raiva não era um luxo que eu tinha.

— Idem, — murmurei.

A risada de Gabriel interrompeu e foi um som bem-vindo.

— Deveríamos nadar, — sugeriu Gabriel, assim que pisamos na areia. Tirei meus sapatos e enfiei os dedos dos pés descalços na areia quente.

— Hoje não, amigo, — respondeu Raphael. — Sua mãe e eu queremos conversar com você.

Meu coração bateu contra minhas costelas. Era do meu filho que estávamos falando. Eu não queria ver sombras de dúvida em seus olhos.

Nunca quis que ele soubesse dos fantasmas que me assombravam. Nunca quis que ele passasse por nada do que Anya e eu passamos.

Os olhos de Gabriel se deslocaram entre Raphael e eu com curiosidade. — Ok.

Dobrando meu vestido embaixo de mim, sentei-me na areia e dei um tapinha em um lugar ao meu lado. — Aqui, venha se sentar ao meu lado.

Bruno pulou em meu colo e Gabriel se abaixou ao meu lado, enquanto Raphael ficou do outro lado.

Meus olhos se voltaram para meu marido por cima da cabeça de Gabriel. Um aceno de cabeça e eu respirei fundo.

— Tenho que lhe dizer uma coisa, Gabe, — comecei suavemente. — Mas quero que você saiba que eu o amo. Eu o amei desde o momento em que a enfermeira o colocou em meus braços.

Gabriel sorriu. — Eu sei, mamãe. Eu também amo você.

A hesitação corria em minhas veias. Eu queria que houvesse um manual com instruções sobre como criar um filho. Desde o momento em que peguei Gabriel no colo, estou seguindo o instinto. Esperança. Amor.

Engoli em seco, fiz uma oração silenciosa e as palavras saíram de meus lábios. — Você se lembra de todas as histórias sobre minha irmã. Anya?

Gabriel assentiu com a cabeça. — Sim, minha tia Anya.

Mastiguei meu lábio inferior. — Ela não é sua tia. — Gabriel me lançou um olhar confuso e meus olhos arderam. — Ela é sua mãe.

Uma onda bateu na costa. Um som normalmente suave parecia mais um crescendo dissonante, deixando meus dentes em frangalhos. Prendi a respiração, esperando.

— O-o quê? — A voz de Gabriel mal era um sussurro. Eu odiava ver meu filho chateado. Porra, odiava isso.

— Minha irmã era tudo para mim, — comecei suavemente, puxando-o para os meus braços. — Tive muita sorte em tê-la. Sempre que eu estava com medo, ela estava sempre lá para mim. — Meu nariz formigava e meus olhos ardiam. A dor de perdê-la nunca foi curada. — Eu a amava muito. Então ela engravidou do pai do Raphael e veio você. É por isso que você se parece com ele.

— Meu pai também não me queria? — A voz de Gabriel era baixa.

A mão de Raphael pousou no ombro de Gabriel. — Ele queria, mas não era um cara legal. Sua mãe, Sailor, manteve você em segurança.

Eu não achava que estava fazendo um bom trabalho aqui. — Sua mãe e eu fizemos planos. Queríamos nos mudar para algum lugar ao sul, ter um pequeno chalé e criar você juntas. Nenhuma de nós jamais pensou que ela morreria. Então, eu o tomei como meu. Eu tinha medo de que... — Que a família Santos ficasse sabendo de você. Mas não era a coisa certa a dizer. — Eu não sei, querido. Acho que eu só estava com medo. A tia Aurora e seus irmãos, junto com a tia Willow, me ajudaram. Em um piscar de olhos, anos se passaram.

Seguiu-se o silêncio. Meu coração doía. Por ele. Por Anya. Por todas as coisas que deram errado. Mas tudo isso nos trouxe até aqui. Ele nos deu um menino precioso.

Gabriel olhou de relance para Raphael. — Você é meu irmão?

Raphael assentiu com a cabeça. — Somos irmãos.

Os olhos de Gabriel voltaram para mim e eu assenti.

— Ela o amava muito, Gabe, — eu disse, com a voz embargada pela emoção. — E eu também. Todos nós amamos.

Os olhos de meu filho brilharam, mas ele não chorou. Nossos olhares se cruzaram e ele enterrou o rosto em meu peito. — Eu também te amo, mamãe.

No fim das contas, meu marido estava absolutamente certo.

Capítulo 41

SAILOR

Dois dias confinada nesta casa. Nesta ilha. Esse mundo era uma gaiola em forma de paraíso e cercado por um oceano azul de sonho.

Eu estava pronta para gritar. Só que eu já havia feito isso, com os homens de Raphael. Isso me fez muito bem. Eu não podia perder a cabeça com Gabriel por perto. Ele gostava de Raphael e, depois de nossa conversa na praia, ele o amava ainda mais. Se é que isso era possível.

Eu me sentia como um animal enjaulado. A ansiedade e a tensão fervilhavam sob minha pele. Eu precisava queimar um pouco dessa energia e esta ilha não era grande o suficiente. Eu precisava de cento e sessenta quilômetros não trinta e dois quilômetros entre Raphael e eu neste momento.

Tentei sair da ilha para fazer compras, mas me disseram que não. Quando Gabriel e eu quisemos ir ao zoológico de Miami, fomos impedidos e nos disseram que não era um bom momento.

Liguei para o meu chefe, planejando cobrir a história editorial, mas antes que eu pudesse dizer cinco palavras, a ligação foi interrompida e o sinal caiu.

Foi então que perdi a cabeça. A raiva vibrava em minhas veias enquanto eu atravessava a grande mansão e ia direto para o escritório de

Raphael. Minhas mãos tremiam de raiva e fui direto para a grande mesa de mogno atrás da qual ele se sentava, como o diabo governando seu inferno.

Bati as palmas das mãos contra a escrivaninha de madeira. Ele usava uma camisa branca, que realçava seus bíceps e dava indícios das tatuagens que eu conhecia tão bem. Ele me observava com um olhar sombrio e semicerrado, Diablo dominando seu reino, enquanto meu coração acelerava com adrenalina e raiva.

— Reina...

— Não me venha com essa porra de reina, — sussurrei. — Sou sua maldita prisioneira ou o quê?

— Você é minha esposa.

— Que se dane a merda da esposa, — rosnei. — Aparentemente, uma esposa também pode ser uma sentença para toda a vida. Sou sua maldita prisioneira?

A animosidade parecia pesada no ar, dançando entre nós como veneno.

— Sailor. — Uma palavra, dita em um tom suave, mas sublinhada com o mais leve cerrar de seus dentes. Não dei atenção ao aviso.

— Raphael.

Meu marido fez um aceno conciso para os homens em sua sala. Eu nem sequer olhei para trás. Tudo o que ouvi foi o barulho de pés, seus homens esvaziando a sala.

— O que é que a incomodou?

Esse cara não podia ser de verdade. Ou ele era burro ou estava tentando me irritar de propósito.

— Você me incomodou. E seus homens que não me deixam sair desta maldita prisão.

— Isto não é uma prisão. — Ele se recostou na cadeira, afrouxando seu único botão, e meus olhos se voltaram para seu peito de bronze. Se eu pudesse arrancar meus olhos, eu o faria, porque bastava um vislumbre e eu tinha que lutar contra um arrepio que me percorria.

Lençóis desgrehados. Seus gemidos. Meus gemidos. Seu corpo cobrindo o meu, empurrando dentro de mim.

Ótimo, agora eu estava toda quente e incomodada.

Esse homem me deixou hiperconsciente de cada respiração dele. Maldito bastardo.

— É, — disse eu, com o tom ligeiramente ofegante. — É uma prisão se eu não puder sair quando quiser.

— Não é um bom momento para sair. — Foi só isso. Nenhuma explicação. Nada.

Eu deveria simplesmente aceitá-lo.

— Por quê? — Não houve resposta e isso alimentou ainda mais minha raiva. A raiva aqueceu minhas bochechas, as batidas nervosas do meu coração fizeram meu sangue fluir com pura frustração. Eu não queria ser uma mulher fraca, nada além de massa de modelar para ele.

— Por quê, Santos? — Eu rangi.

Ele se levantou da cadeira e deu a volta na mesa, com sua mão grande em volta do meu pulso em uma fração de segundo. Ele me girou e me curvou sobre sua mesa.

Tentei lutar contra ele, mas foi inútil. Seu peito pressionava minhas costas, minha respiração enchia a sala e, para meu horror, eu estava excitada, o que me irritou ainda mais.

— Santos era meu pai. — Sua boca encostou em minha orelha e seu hálito quente aqueceu minha pele. — Eu sou Raphael. Seu marido. Seu amado. Seu cariño. Faça sua escolha.

— Meu diablo, — ofeguei e senti seu corpo tenso contra mim. Maldito seja ele e essa sensação lânguida que puxava meus músculos.

Ele encostou os lábios em minha orelha, enquanto sua outra mão envolvia minha cintura. — *Seu diablo.*

Jesus Cristo. O que estava acontecendo comigo? Eu estava mais excitada do que nunca. A confusão lutava dentro de mim e, quando sua boca mordiscou meu pescoço, um tremor visível percorreu meu corpo. Ele inalou e depois emitiu um som baixo de satisfação. A vibração do som se propagou entre minhas pernas, tornando-me dolorosamente consciente de cada centímetro dele.

— Mi reina, — ele disse asperamente enquanto apertava minha cintura com mais força. Ele encostou sua frente nas minhas costas, nossos corpos estavam alinhados um com o outro e sua ereção pressionava a curva da minha bunda.

Faíscas se acenderam sob a minha pele, fazendo arder o sangue em minhas veias, e tive dificuldade para respirar. Meu coração batia forte, no ritmo da pulsação entre minhas pernas. Em antecipação.

Maldito seja, eu o queria. Agora.

Meu corpo contrariou minha ordem explícita e se moveu, meu bumbum se chocando contra ele.

— Não comece algo que você não vai terminar, Reina, — ele grunhiu, e eu poderia ter me excitado só com o som de sua voz e com a contenção que senti vibrando em cada músculo dele.

Eu me virei e encontrei seu olhar. *Azul*. Diabólico.

— Pretendo terminar, — grunhi. — Você quer terminar?

Minha respiração estava ofegante, meu coração batia no peito com tanta força que era difícil respirar. Ou pensar. Tudo o que eu sentia era o desejo por ele se acumulando entre minhas pernas e exigindo ser aliviado. Fiquei tão perto dele que seus joelhos estavam praticamente roçando em minha pele.

Diminuí a distância entre nós e o incentivei a dar um passo para trás. Um passo. Dois passos. E suas pernas estavam pressionadas contra o sofá. Como o verdadeiro demônio que era, ele se sentou, com os joelhos bem abertos, dando-me as boas-vindas.

Então, me coloquei entre eles.

Cada centímetro do meu corpo ardia, somente para ele. Minha pele formigava, alternando entre ardência e arrepios. Essa deve ser a

sensação do vício pelo demônio - tão bom, mas tão ruim para você. E ainda assim eu me recusava a parar.

Meu corpo gritava por ele, cada célula em mim exigia que eu tivesse meu alívio. Talvez eu tenha esperado demais, anos sem sentir nada. Ou talvez eu estivesse esperando por esse homem e meu corpo o reconheceu antes da minha mente. Eu simplesmente sabia que precisava dele, independentemente de todas as consequências. Esse homem, meu marido, estava provocando isso.

O gosto dele se tornou minha necessidade.

Meus lábios se separaram e os olhos de Raphael baixaram até eles, o fogo neles combinando com o fogo que ardia dentro de mim.

Ele não se moveu. Ficou sentado ali, esperando, com as mãos aparentemente relaxadas, mas havia muita intensidade saindo dele. Como se ele quisesse me dar a escolha. Mas não havia nenhuma, porque eu estava com medo de me apagar como uma vela sem ele. Eu queria que seu toque continuasse aceso.

Ele disse que queria *tudo* meu - ter meu corpo e minha alma - mas o Diabo exigiria uma alma, não é? Só que parte de mim queria dormir e acordar com seu corpo junto ao meu.

Eu queria dar a ele tudo de mim e superar as correntes invisíveis que me prendiam.

Peguei a barra do meu vestido e o puxei sobre a cabeça, deixando-o cair silenciosamente no carpete. Meus mamilos se contraíram, formigando de expectativa. O calor pulsava entre minhas coxas, querendo senti-lo ali.

Meu sutiã e minha calcinha vieram em seguida, e o tempo todo ele me observava com aquele olhar de pálpebras pesadas.

Minha pele ardia enquanto eu estava ali, nua e sem fôlego.

Ele se inclinou para a frente, levou meu seio até sua boca e mordeu. Com força.

Eu gritei. — Isso é por ter entrado em meu escritório. — Então ele lambeu a picada e chupou, puxando-o gentilmente, e minha cabeça caiu para trás com um gemido.

Ele me colocou entre as pernas, deslizando dois dedos para dentro de mim. — E esta é a minha recompensa.

Eu precisava dele.

Como o sol precisava da lua para equilibrar a noite e o dia. Seu toque me inflamou e me acalmou. Agora que eu estava tão perto dele, respirando seu perfume, sentindo seus olhos me consumirem sem esforço, meu coração estava preso na garganta. Eu o queria tanto. Eu sabia que tinha me envolvido demais nessa suposta farsa de casamento.

Desde o momento em que o conheci, eu sabia que ele acenderia o fósforo em meu corpo e que eu me desintegraria em pó sem ele. Isso acontecia toda vez que ele me tocava.

Passei a mão em seu pescoço e em seu cabelo escuro e espesso. Suas mãos calejadas chegaram às minhas coxas com um leve toque e deslizaram pela minha carne, deixando um rastro de faíscas em seu caminho. Seus dedos se tornaram mais firmes, agarrando a carne da minha bunda, causando uma dor insuportável entre minhas pernas.

Meus dedos se enroscaram em seu cabelo, a necessidade quente e escorregadia por ele me fez perder todos os meus sentidos.

— Raphael... — seu nome escapou de meus lábios em um suspiro.

Essa necessidade era tão estranha e os sinais de alerta deveriam estar surgindo em minha mente. Mas não estavam. Minha mente foi enganada pelo meu corpo, sussurrando que eu estava esperando por ele. Ele era meu e eu era dele.

Pelo menos por enquanto.

Meus olhos se fecharam com a intensidade da sensação de que aquilo era certo. Ser dele e reivindicá-lo como meu. Suas mãos voltaram para o meio das minhas coxas e, sem aviso, seu dedo entrou em mim.

— Foda-se, — ele disse com uma voz áspera. Sua voz percorreu minha espinha. Esse homem era tudo. Amor, luxúria e felicidade. O pensamento soou no canto mais distante da minha mente, mas foi abafado quando sua boca se prendeu ao meu seio novamente e ele arrastou os dentes pelo meu mamilo. Enquanto isso, seu dedo me fodia lentamente, entrando e saindo.

Minha cabeça caiu para trás e minhas mãos foram até seu pescoço, agarrando-me a ele como se fosse minha própria rocha. Ele continuou movendo o dedo, a pressão aumentando entre minhas pernas até que foi demais e tive medo de me desintegrar em cinzas.

Eu me inclinei para ele, sem me importar se iria me queimar. Não seria uma maneira tão ruim de morrer, com sua boca em mim e seu toque marcando minha pele.

— Tão molhada, — ele rosnou. Dois dedos deslizaram profundamente dentro de mim, e minha cabeça caiu para trás com um gemido.

— Oh, meu Deus, — ofeguei. A pressão aumentou; eu estava tão perto quando ele me tocou com força e rapidez. Sem parar. Minha pele estava tão quente e um fogo ardia em meu baixo ventre, criando uma chama que só ele poderia alimentar.

Sua boca adorava meu seio; sua língua e seus dentes alternavam entre mordiscadas e beijos. Seus dedos deslizavam para dentro e para fora do meu corpo, roçando em meu clitóris, aumentando a pressão. Eu não tinha percebido que estava me abaixando em seu colo, me esfregando contra ele, desesperada por liberação, até que o fiz.

Até que eu explodisse em chamas, com luzes brancas atrás de minhas pálpebras e um tremor percorrendo meu corpo, um calor lânguido se espalhando por cada centímetro de meu sangue.

Seus lábios mordiscaram o lóbulo da minha orelha e sua voz profunda e rouca ressoou em mim. — Minha. Para sempre.

Sua afirmação deveria ter me trazido de volta à Terra, mas, em vez disso, me fez flutuar mais alto no espaço. Meu coração bateu forte contra a caixa torácica. Abri os olhos e encontrei suas chamas azuis ardentes. Não havia percebido que minhas pernas haviam cedido, deixando-me sentada em sua coxa.

— Eu quero mais, — respirei, alcançando o zíper de sua calça. Meus dedos se atrapalharam com ele, ansiosos por mais daquela altura. Uma risada escura saiu de seus lábios. Não me importei. Ele me ajudou a

tirar a calça e eu peguei sua camisa, com os dedos tremendo. Deus, eu estava ansiosa para ter outro vislumbre de seu peito glorioso.

Quando suas roupas se juntaram às minhas no chão, meus olhos o observaram. Ninguém, e eu quero dizer ninguém, tinha abdominais melhores do que Raphael.

E aquelas tatuagens em seu peito e braços, cobrindo sua pele dourada, me tentaram desde o momento em que o conheci.

— Levante-se, — ele grunhiu, com uma exigência dura em sua voz. Ele me empurrou para cima, abriu minhas pernas e me puxou para perto dele. Minha boceta estava próxima ao seu rosto. Eu me apoiei com uma mão em seu ombro, suas mãos cravadas em minha bunda e seu rosto enterrado em minha boceta. O fogo se acendeu como um vulcão, sua boca chupou e lambeu, mordiscando meu clitóris. Minha pele ardia de necessidade. Minhas unhas cravaram-se em seu ombro e eu rebojava os quadris contra sua boca. Ele estava me matando, roubando meu fôlego - e minha sanidade. E eu não poderia estar mais feliz com isso.

Antes que a liberação me atingisse, ele agarrou meus quadris, deslizou para o seu colo e bateu dentro de mim.

Um grito sufocado me escapou. Ele se aquietou, com os olhos escurecendo e ardendo em brasa. Eu ainda estava sensível e dolorida.

— Sinto muito, — ele murmurou suavemente. Suas mãos se acalmaram sobre mim. Ele se inclinou para a frente e tomou meus lábios com reverência, beijando-me. Capturando meu lábio superior entre os seus, meu corpo relaxou a cada beijo e toque gentil que ele me dava. Ele se

inclinou e passou os lábios por toda a extensão da minha garganta, deixando escapar beijos que me marcariam como dele pelo resto da vida.

— Eu lhe darei tudo, — ele disse, uma promessa que eu sabia que ele cumpriria. Sua barba roçou minha pele macia, seus dentes mordiscaram minha clavícula. Suspirei e minhas mãos percorreram seu corpo. Eu queria sentir cada músculo, conhecer cada centímetro dele. Seu toque no meu corpo era faminto, urgente, e alimentava as chamas dentro de mim. Eu não queria que elas se apagassem.

Rolei os quadris, devagar e com calma no início. A dor estava presente, mas o fogo e a necessidade por ele eram maiores. Envolvi meus braços em torno de seus ombros e enterrei meu rosto em seu pescoço, inalando profundamente. Ele tinha cheiro de lar, segurança, aguardente e desejo, tudo em um só.

Um arrepio me percorreu, o calor faiscando enquanto eu pressionava meu clitóris contra sua pélvis. Suas mãos percorreram minhas costas, as palmas duras raspando contra minha pele macia. Elas pararam na minha bunda e seus dedos se enterraram nela, puxando-me com mais força contra ele. Ele estava bem dentro de mim e, a cada movimento dos meus quadris contra ele, meus gemidos ficavam mais ofegantes e mais altos. Subi um centímetro e depois deslizei de volta para baixo, movendo-me para cima e para baixo contra seu pau.

Suas mãos assumiram o controle e começaram a me mover para cima e para baixo. Eu também queria lhe dar tudo. Ele tomou minha boca com a sua, capturando meu próximo gemido. Ele me fodeu, guiando meu

corpo para cima e para baixo sobre ele, e a pressão quente começou a aumentar. Minha respiração estava pesada, meu peito pronto para explodir.

— Porra, Reina, — ele gemeu. Ele abaixou a cabeça e sugou um mamilo em sua boca e, a cada investida dentro de mim, seus dentes puxavam os botões sensíveis.

— Oh, Deus, — eu gemi. — Oh, Deus. Oh, Deus. Por favor.

Seus dedos se cravaram em meus quadris e ele empurrou novamente. Com força. E mais uma vez. Ele beijou meus lábios com força, mordeu meu lábio inferior e meu corpo explodiu quando a pressão se transformou em um milhão de estrelas. Seu corpo se retesou, ele pressionou o rosto contra a minha garganta, soltou um gemido e mordeu meu pescoço enquanto se libertava.

Isso era o paraíso. Ou o inferno mais delicioso.

Ficamos sentados, ambos respirando freneticamente, minha pele quente contra a dele. Peito contra peito e batimento cardíaco contra batimento cardíaco.

Juntos.

Tudo sobre esse homem penetrou na essência do meu ser e me moldou. Me transformou. Ou talvez eu estivesse esperando por ele o tempo todo. Eu simplesmente não sabia. Poderia ter me importado ainda menos naquele momento.

A única coisa que eu sabia era que partes de mim que sempre estiveram um pouco quebradas se curaram ao lado dele.

Minhas mãos repousaram em seu peito, esse desejo, essa necessidade, me puxando mais para dentro das profundezas do inferno. O inferno dele e eu não conseguia encontrar forças para me importar.

— Você está tomando a pílula? — Sua pergunta me pegou desprevenida. Ainda mais porque a proteção não tinha passado pela minha cabeça.

— Sim. — Senti minhas bochechas corarem de vergonha. Eu sabia que era burra. Eu estava sentada em seu colo, nua, e estava corando.

— Quero que você pare de tomá-la.

Fiquei olhando para ele por alguns instantes e depois pisquei. — Absolutamente não, — respondi. — Não vou fazer nada disso até que esteja pronta e tenha certeza de que meus filhos não estão ameaçados.

Ele não pareceu satisfeito com minha resposta, mas não disse mais nada. — Raphael, me diga o que está acontecendo?

— O que a faz pensar que algo está acontecendo?

Ele evitou me responder. — Porque seus homens estão nervosos. Você está tenso. Chamadas urgentes.

— Não é nada com que você deva se preocupar.

Soltei um suspiro exasperado. — Veja, isso me deixa ainda mais preocupada.

— Não se preocupe, Reina. Não quero que você se estresse com bobagens.

— Se for uma bobagem, — resmunguei. — Por que você é tão inflexível em não me contar o que está acontecendo?

Sustentei seu olhar, estudando-o. Um músculo de seu maxilar se contraiu.

— Alguns de meus negócios explodiram, — ele finalmente respondeu.

— Quem fez isso?

Algo sombrio e cruel passou por sua expressão. — Ainda não temos certeza.

Eu apostaria minha vida que ele tinha uma ideia de quem foi. No entanto, ele se recusou a dizer. Será que talvez meu pai e Santiago Tijuana estavam retaliando?

— É Santiago? — Eu respondi minha pergunta. — Ou meu pai?

— Minhas informações dizem que nenhum deles ou seus homens foram vistos em Miami.

Ele disse antes que tinha muitos inimigos, mas o momento era peculiar. Muito próximo de tudo o que estava acontecendo.

— Você está mentindo para mim? — Eu lhe perguntei calmamente.

— Não. — Ele estava.

— Então, por que me mantém presa aqui?

Ele não respondeu e balancei a cabeça em sinal de decepção. Eu queria não me importar, mas me importava. Demais.

Eu me afastei e, no momento em que me afastei dele, meu corpo inteiro gritou em protesto. Mas certas coisas não se pode deixar que um

homem dite. E ele certamente não ditaria minha liberdade. Peguei minhas roupas descartadas e comecei a me vestir.

O silêncio era ainda mais ensurdecedor depois do que tínhamos acabado de compartilhar. Eu podia ouvir o tambor do meu coração e o tique-taque de um relógio de cuco.

Virei-me para encará-lo e nossos olhares se encontraram.

— Quero sair da ilha, — pedi baixinho, minha voz suave e lânguida, todas aquelas sensações ainda nadando em minhas veias.

— Não.

Foda-se. Isso. Que merda. — Eu quero acabar com isso, — ofeguei. *Mentira*. Eu não queria acabar com isso; eu queria mais dele.

— Você está cansada de mim? — perguntou ele, com a voz perigosamente calma.

— Essa não é a questão, Raphael, — argumentei com ele. — Mas você não pode nos manter aqui para sempre. É uma sentença de prisão.

— Eu digo quando você pode sair, — ele gritou.

A raiva explodiu dentro de mim. Todos aqueles sentimentos maravilhosos de momentos atrás desapareceram em um piscar de olhos. O incômodo por ele achar que poderia me prender daquela forma os substituiu em um instante. — Você disse que isso era temporário.

Seu maxilar se contraiu, com uma expressão irritada brilhando em seus olhos. — Nada em nós é temporário. E eu nunca disse que era temporário. Você presumiu que era.

— Você... você... — Eu não conseguia encontrar a palavra certa para chamá-lo. — Se é assim que vai ser, eu quero o divórcio.

— Não haverá divórcio de mim, Reina. Se você está cansada de mim. Vá para a cama, — ele me disse com um sorriso presunçoso. — Tentaremos novamente amanhã.

— São três horas da tarde, porra, — eu disse irritada. — Não sou do tipo que cochila.

Seus lábios se contraíram. — Talvez você possa começar a tirar cochilos. Afinal, ouvi dizer que é bom para mulheres grávidas.

— Eu. Não. Estou. Grávida. — Meus dentes se cerraram com tanta força que meu maxilar doeu. — E vou continuar tomando a pílula.

Meu marido não pareceu incomodado com minha raiva. — Em breve. Vamos trabalhar nisso hoje à noite, certo, Reina? Por enquanto, me obedeça. Confie em mim para manter você e Gabriel seguros.

Minha temperatura corporal subiu pelo menos cem graus. Naquele exato momento, eu não tinha certeza se queria matar meu marido ou transar com ele novamente.

Ugh, prioridades!

Capítulo 42

SAILOR

Dormi em meu antigo quarto. Minha débil tentativa de protesto.

E evitar o marido.

Em poucos dias, me acostumei a dormir com o corpo do Raphael ao meu lado. A luz noturna estava acesa. Foi só quando voltei a dormir sozinha que percebi que dormia no escuro com Raphael. A luz noturna nem passou pela minha cabeça.

Fiquei olhando para as sombras que dançavam no teto escuro, amaldiçoando-o, depois a mim e depois de volta a ele. Era tudo culpa dele. Ele me fez desejá-lo. Eu estava perfeitamente bem antes de ele aparecer. Bem, sem a explosão e as ameaças de assassinato.

Com um suspiro, virei-me de lado e fiquei olhando pela janela. A luz da lua refletia ao longe, a única luz visível no céu escuro. Nem mesmo as estrelas podiam ser vistas. Apenas a lua solitária na escuridão do espaço. Mais ou menos como essa ilha no meio do oceano.

No entanto, eu não me sentia solitária. Apenas agitada pra caramba.

Eu me remexi pela centésima vez e finalmente desisti de dormir. Joguei fora o lençol e deslizei para fora da cama. Saindo silenciosamente do quarto, fui na ponta dos pés pelo corredor escuro e desci a escada dos

fundos até à cozinha. A luz da lua entrava pelas grandes janelas e eu abri a porta da geladeira quando percebi uma figura escura atrás de mim.

Assustada, reagi por instinto, agarrei a primeira coisa e a joguei para o alto. A sombra se abaixou e evitou o jarro de leite, deixando-o bater contra a parede e respingar em todo o ladrilho.

Uma risada profunda e familiar ecoou pela cozinha. — Você sempre joga leite nas pessoas?

Meu coração acelerou e coloquei a mão no peito. — Jesus, Raphael. Você me mata de susto.

— Você estava esperando outra pessoa? — provocou ele. Ele não parecia nem um pouco preocupado.

— Não, mas você poderia ter anunciado sua presença, sabe? — Quando ele não respondeu, continuei: — O que você está fazendo acordado?

— Minha esposa não veio para a cama, — ele respondeu secamente. — Isso torna difícil dormir.

Uma batida saltou em meu peito e o calor irrompeu em meu corpo. Era ridículo que palavras tão simples pudessem causar um efeito tão forte e me fazer derreter por dentro.

Meu marido estava diante de mim só de calça de pijama, com a parte superior do corpo marcada de tinta à mostra. Meu corpo ficou incandescente quando olhei para seu peito duro e musculoso. Eu já tinha visto minha cota de abdominais masculinos, mas nenhum deles se comparava ao de Raphael. Não havia um único exemplar que pudesse se

comparar a esse homem. Seu abdômen tanquinho me provocava a empurrar meu corpo macio contra o dele. Aquelas mãos fortes, cheias de veias e tinta, podiam ser tão duras, mas tão gentis.

Desviando meus olhos dele por pura vontade própria, entrei em ação, correndo para pegar um rolo de papel-toalha e molhei-o contra o azulejo. Em seguida, corri até à lata de lixo e a trouxe para evitar respingos na cozinha.

Durante todo o tempo, evitei olhar para o corpo mais magnífico e de dar água na boca de todos os tempos, dolorosamente consciente de sua presença, observando cada movimento meu. O mínimo que ele poderia fazer era ajudar. Mas ele permaneceu ali como uma estátua, seu olhar me queimando.

Lavei minhas mãos, seu olhar queimando um buraco em minhas costas. Deus, esse homem estava me fazendo de idiota. Meus olhos se voltaram para a janela, mas a escuridão ocultava qualquer tipo de visão.

Depois de secar as mãos, corri para as grandes portas francesas e as abri, esperando que o ar fresco ajudasse a acalmar essa energia nervosa que zumbia sob minha pele. Abri a porta e uma brisa quente entrou. Fechando os olhos, inspirei profundamente e depois expirei. Repeti o processo várias vezes, com o desespero aumentando a cada segundo.

Eu me meti nessa confusão. Pior ainda, coloquei a vida de Gabriel em risco. No entanto, o contrato que meus pais tinham com Santiago Tijuana me dizia que estávamos caminhando para o problema o tempo todo. Eu apenas nos levei até lá um pouco mais rápido.

— Reina, temos que conversar.

Meus olhos se voltaram para ele, vendo-o cercado pela escuridão. Meus batimentos cardíacos vibravam sob meu peito. A maneira como ele me olhava me deixava com os joelhos fracos.

Com um suspiro pesado, olhei para a porta e depois voltei meu olhar para ele. A escuridão dançava entre nós - a dele, a minha, a nossa. O brilho da lua lançava luz suficiente para ver fantasmas cintilando em sua expressão e eu me perguntava se ele podia ver a minha.

— Você vai me dizer por que está me mantendo presa nesta ilha?

Eu não conseguia encarar meus fantasmas nem a culpa esmagadora. Ainda não.

— Não é seguro agora, — ele explicou, mas a imprecisão não me escapou. — Há ameaças chegando e não posso arriscar que algo aconteça a você ou ao Gabriel.

— Era sua intenção me deixar ir embora? — questionei. Ele não precisava de uma explicação. Ele sabia exatamente a que eu estava me referindo. Esse casamento era para ser uma farsa, uma proteção temporária. E ele o transformou em um nó permanente.

— Não.

— Por quê?

— Porque você é minha, — disse ele, como se fosse a coisa mais natural do mundo. — Porque você é minha há muito tempo.

Algo na maneira como ele me observava me perturbava, como se estivesse esperando - não sei o quê.

Espere. O quê? Ele disse que eu era dele há muito tempo.

Mais uma cutucada em minha memória, mas ela se dissipou antes que eu pudesse me agarrar a ela.

— Acabamos de nos conhecer, — respondi, com a voz fraca e o sangue pulsando em meus ouvidos.

Ele soltou um suspiro sardônico. — Você é minha há anos, Reina. Desde aquela primeira dança em La Reina. Desde a primeira palavra que você disse naquela noite, eu estive sob seu feitiço.

E, sem mais nem menos, a memória se encaixou.

Capítulo 43

RAPHAEL

Ela finalmente se lembrou.

Eu podia ver isso em seus belos olhos e em seus lábios entreabertos, o choque evidente em sua expressão.

— Você, — disse ela sem fôlego. — Eu já vi você antes.

Seus olhos baixaram para minhas mãos e permaneceram fixos nelas.

— Diabo, — ela sussurrou. — A tatuagem. — Seus olhos voltaram para meu rosto. — Eu me lembro dela.

Ela me olhava fixamente e eu me perguntava o que passava por aquela mente linda. A mulher não fazia ideia de como eu estava obcecado por ela há anos. Ela nunca havia saído de minha mente. Era difícil acreditar que, depois de oito anos, eu pudesse tocá-la. Chamá-la de minha. Se ela achava que eu a deixaria ir embora, estava fora de si.

Esperei muito tempo para encontrá-la. Eu lhe daria *tudo*, menos sua liberdade.

— Esperei muito tempo por você, — admiti suavemente.

Ela suspirou e estendeu a mão, tocando meu peito nu. Como se estivesse tentando reivindicar o que estava por baixo dele. Ele já era dela. Sempre foi dela.

— Esqueci que fomos àquela boate naquela noite, — murmurou ela. — Na verdade, tudo sobre aquela noite foi um borrão, exceto o final dela.

— O final?

Suas safiras brilharam e uma dor pura e crua passou por sua expressão. — Seu pai estuprou Anya, — ela sussurrou tão baixo que, se não estivéssemos apenas nós dois acordados, eu não teria ouvido. — Seu pai a ameaçou e disse que ela tinha de ir vê-lo. Nós fomos e então seu pai a estuprou. Na nossa frente.

Lembrei-me das palavras de Byron quando o encontrei com sua irmã em Nova Orleans. As meninas foram pegas nadando nuas na piscina do meu pai. Alexei praticamente confirmou a mesma coisa. Foi o pai de Byron que veio buscá-las depois. Por que o pai de Aurora não teria dito nada? Meu pai estava escondendo algo dos Ashfords?

— Conte-me tudo. — Tentei controlar o veneno em minha voz. Não queria assustá-la.

Ela engoliu, tentando manter a respiração estável. — Estávamos em nossas férias de primavera. Anya foi convidada para ir à casa de seu pai. Todas nós fomos. Aurora e Willow ficaram loucas e pularam na piscina. Fomos pegas. Ele e seus guardas nos levaram para um dos quartos que tinham grades. Todas nós, menos Anya. — Notei o pequeno tremor em sua mão. — Então ele a estuprou. Várias e várias vezes. Fomos obrigadas a

assistir. A ouvir os gemidos de Anya. E eu não conseguia fazê-lo parar. Não consegui nem mesmo salvá-la.

Foda-se. Eu odiava meu pai, mas, naquele momento, desejava trazê-lo de volta à vida para poder torturá-lo. Fazê-lo sangrar. Fazê-lo gritar. Por Sailor.

Dei um pequeno passo em direção a ela e peguei seu rosto entre minhas mãos. Ela não recuou. Não se afastou. Entendi isso como um bom sinal.

— Ele era um canalha sádico, — eu disse a ela. — Ele destruiu tudo o que tocou, inclusive minha mãe. — Minha testa se encostou na dela. — Eu gostaria de poder tirar sua dor e mudar a história. Eu queria tanto ter levado você comigo depois de bater naquele cabrón que a tocou e tê-la mantido comigo. Tanto você quanto sua irmã.

Porque, por uma fração de momento, eu a tinha visto. Era a garota que peguei meu pai sufocando em meu escritório naquela noite e a mandei embora, sem pensar em nada.

O nariz de Sailor ficou vermelho, mas ela se recusou a chorar, apesar das lágrimas brilharem em seus olhos. — Eu sinto muito. Se eu pudesse voltar atrás e matar meu pai, eu o faria. Por você, Reina, eu queimaria o mundo. Eu falhei com você.

Ela balançou a cabeça. — Você me salvou daquele canalha no corredor. Se você não tivesse vindo, quem sabe o que teria acontecido.

Eu rocei nossos narizes um no outro. — Nós poderíamos ter passado todo esse tempo juntos. Eu deveria tê-la agarrado como o demônio que eu era e tê-la aquecendo minha cama e minha casa.

Ela piscou os olhos e soltou um suspiro incrédulo. — Por favor, não me diga que você não faz sexo desde aquela noite.

— Eu não tenho uma mulher na minha cama desde a noite em que conheci você, há oito anos, — eu disse. — Sim, transei com outras mulheres, mas nunca em minha cama. Nunca em minha casa. Esse lugar era reservado para alguém que significava mais para mim do que uma transa casual. Para você.

Peguei sua mão na minha, sua suavidade contrastando com minha dureza. Ela era tão macia que às vezes eu me preocupava em quebrá-la.

Passei o polegar pela veia pálida de seu pulso e ela estremeceu visivelmente.

— Você está com medo, Reina?

Observei seu pescoço delicado balançar enquanto ela engolia. — Não.

Ela apertou seu abraço, seus braços me abraçaram e meu peito inchou. Anos de solidão tomaram conta de mim e foram seu cheiro e seu calor que os substituíram. Pela primeira vez em toda minha vida, eu sabia que estava exatamente onde deveria estar.

Eu a levantei do chão de ladrilhos, suas mãos envolvendo meu pescoço e seus lábios deslizando pelo meu pescoço.

— Meu diabo, — ela murmurou, sua boca se movendo contra minha pele. — Eu me lembro de você. — Ela lambeu minha pele, beijando cada centímetro dela. E eu adorei isso.

Eu a levei para o nosso quarto. Sim, a porra do *nosso* quarto. Tudo era nosso, mas ela era *minha*.

— Raphael. — Sua voz suave e rouca penetrou em cada pedaço contaminado de minha alma. Se eu era seu demônio, ela era meu anjo. Cada centímetro de seu corpo me chamava. Sempre foi assim.

Seus olhos azuis claros refletiam minha própria luxúria e necessidade, meus sentidos consumidos por sua doce excitação.

No momento em que a deitei em nossa cama, enterrei meus punhos em seu cabelo e esmaguei minha boca contra a dela. Sailor podia ser macia, mas beijava com a mesma necessidade feroz que eu. Ela me agarrou com mais força, puxando-me para mais perto e pressionando seu corpo contra o meu.

Eu gemi profundamente em sua boca.

— Mi reina, diga-me que você quer isso, — exigi.

— Sim, — sussurrou ela, puxando avidamente minha calça do pijama para baixo. Graças aos santos que eu não usava boxers. — Me dê tudo.

Acariciei sua bunda e ela envolveu suas pernas esguias em minha cintura. Eu precisava estar dentro dela. Em um movimento rápido, puxei sua camisola de cetim babydoll e o som do rasgo do material encheu o quarto.

— Essa é a minha camisola favorita, — ela murmurou contra meus lábios.

— Comprarei mais, — prometi, descartando-a no chão. Sua calcinha veio em seguida, e eu a empalei com um único impulso violento.

Nós dois gememos ao mesmo tempo, e quase enlouqueci quando seu calor me envolveu, suas entranhas se apertando ao meu redor, atraindo-me cada vez mais para dentro de seu corpo. Então, comecei a empurrar, entrando e saindo. Profundo e rápido.

— Raphael! — ela gemeu. — Oh, meu Deus. Sim. Sim. Sim.

— Isso mesmo, grite meu nome, — ordenei com severidade, procurando seus lábios. Ela abriu a boca, acolhendo a investida de minha língua. Esse frenesi e fome por ela aumentavam a cada vez que eu a provava. Não havia como aliviar. Era como se todos os anos em que a procurei, que esperei por ela, tivessem se transformado em um filho da puta ganancioso que precisava compensar o tempo perdido.

Eu não conseguia controlar meu ritmo, empurrando-a com força e rapidez. Seus músculos internos se apertaram em torno do meu pau, estrangulando-o, fazendo com que eu entrasse em uma espiral de porra.

— Goze para mim, Rainha, — gritei, nossos dentes se chocando. Ela ficou tensa, com a cabeça caindo para trás contra os travesseiros, e eu enterrei minha cabeça na curva de seu pescoço, marcando-a com meus dentes enquanto ela convulsionava em torno de meu pau. Ao mesmo tempo, meu próprio orgasmo saiu do controle, levando-me a um esquecimento em que ninguém além de nós dois existia.

Com nós dois esgotados e meu pau ainda enterrado dentro dela, uma paz se instalou em mim.

Nunca a deixarei ir.

Capítulo 44

SAILOR

O demônio que me salvou.

Ele está de volta há semanas e eu nem sabia. Como eu poderia esquecer? Ele me salvou, assim como Anya.

Eu mal me lembrava daquela noite ou daquela semana. Exceto pelo estupro de Anya por Lombardo Santos. Foi como se a noite inteira tivesse vindo à tona e minha mente se revoltasse.

Não fazia sentido que eu tivesse esquecido de ir à boate naquela noite. Quase fui estuprada e Raphael me salvou. No entanto, a única coisa que eu lembrava claramente daquela noite era o velho Santos tirando o último pedaço da minha irmã. Aquele olhar morto em seus olhos.

Talvez fosse meu mecanismo de enfrentamento. Eu não fazia ideia, mas não deveria ter me esquecido de Raphael. Ou o fato de ele ter me salvado naquela noite. Antes que uma ameaça ainda maior viesse para minha irmã. Aurora tentou me convencer a procurar um terapeuta depois daquele dia. Eu recusei. Mal conseguia pensar no assunto, quanto mais falar sobre ele. Eu *queria* esquecer.

Após a admissão do meu marido, dormi em sua cama. Todas as noites. Às vezes, com meu rosto em seu peito. Às vezes, com seu corpo

abraçado ao meu, com seus braços me apertando contra ele. E sempre com seu coração batendo em sincronia com o meu.

Há oito anos, dancei com o demônio. Depois fugi, mas ele me salvou. Depois que as meninas e eu fomos embora, os acontecimentos pioraram e percebi que meu demônio era, na verdade, um salvador. Eu deveria ter ficado com ele.

Desta vez, eu o faria.

Assim como na primeira vez em que o conheci, algo nesse homem me tocou profundamente em meu peito. Era quente e frágil. Dias de momentos ternos roubados e outros difíceis.

Sua boca em cada centímetro do meu corpo era o paraíso. Seu corpo sobre o meu era a mais doce tortura. Sua pele contra a minha me marcou para sempre como sua.

Os dias eram um borrão. As noites eram uma clara revelação.

O sol brilhava através das grandes portas francesas. O brilho quente contra a minha pele me fez sorrir enquanto dormia e procurar meu marido.

Sentia-me satisfeita. Sim, ainda havia coisas que precisavam ser resolvidas, mas estávamos indo na direção certa. Eu não tinha dúvidas de que chegaríamos lá. Nossos caminhos não haviam se cruzado novamente para serem separados.

Senti sua mão percorrendo meu corpo, suas palmas ásperas contra minha pele macia se tornaram um tipo diferente de conforto que eu passei a desejar. Seu polegar roçou meu lábio inferior. Abri minha boca, lambi seu dedo e o chupei.

— Minha reina, — ele grunhiu, seu corpo grande cobrindo o meu. O tom rouco de sua voz acariciou minha pele, sua boca passou pelo meu pescoço e depois ele me beijou. Eu me derreti contra seu corpo, passando minhas mãos sobre seus músculos.

— Meu diablo, — murmurei contra sua boca. Meus batimentos cardíacos zumbiam de felicidade. Em ritmo com o dele, e eu teria morrido feliz nesse exato momento.

O toque do telefone celular fez o ar estremecer.

— Ignore-o, — sugeri. Ele beijou minha garganta e eu inclinei a cabeça. Ele desceu sua boca por minha garganta quando o zumbido parou. Então, sua boca tomou a minha novamente. Com força. Úmida. Possessiva.

Em seguida, seu celular tocou novamente e sua testa encostou na minha. Suspirei. — Acho melhor você atender.

Ele saiu de cima de mim e pegou o celular.

— É melhor que seja bom, — disse ele ao telefone.

Percebi que era ruim. Fosse qual fosse o assunto da ligação, sua expressão estava escurecendo. Ele não disse nada, apenas ouviu palavras apressadas em espanhol que eu não conseguia ouvir bem o suficiente para entendê-las.

Raphael terminou a ligação com uma expressão sombria e batendo os dentes no lábio inferior. Ele estava *realmente* irritado.

— O que aconteceu? — perguntei.

Ele não olhou para mim, seu maxilar se contraiu e seu olhar se fixou no horizonte.

— Explodiram meu clube La Reina.

Capítulo 45

RAPHAEL

Mensagem recebida, filho da puta.

Era uma mensagem de Santiago Tijuana. Ele veio atrás de mim por eu ter tirado algo que ele considerava dele. E agora que ele realmente conheceu Sailor, ele a queria ainda mais. Ele era do tipo que prosperava em conseguir o inatingível.

Filho da puta.

Ele estava tentando me atrair atacando meu clube favorito.

— Sinto muito. — A mão de Sailor pousou em meu bíceps. — Alguém se machucou?

Cerrei os dentes. — Sim, dois homens e uma mulher.

Fiquei arrasado ao saber que pessoas inocentes perderam suas vidas por minha conta. Eu deveria ter tido uma segurança melhor no local. Melhores guardas. Melhor qualquer coisa.

— Posso fazer alguma coisa? — ela ofereceu.

— Sim, fique aqui. Na ilha.

Ela ficou comigo enquanto eu me vestia e depois vestiu seu próprio vestido. Depois me acompanhou até à plataforma do helicóptero e

não pude deixar de sentir meu peito quente. Ela não sabia que minha mãe sempre tentava ver o marido sair e lhe desejava um bom dia.

Ele ria da cara dela e a mandava de volta para dentro. Até que um dia ela parou de vê-lo sair.

Parei e virei-a de frente para mim, depois segurei suas bochechas e aproximei meu rosto do dela.

— Fique em segurança, ok? — murmurou ela, roçando o nariz no meu.

Aproximei meus lábios dos dela e a beijei com força. Ela tinha um gosto tão doce. Era como dar água a um homem que está morrendo de sede.

— Eu estarei seguro.

Diego e Caine se aproximaram de nós, e o piloto já havia ligado o helicóptero, com o potente motor rugindo para a vida. — Tenho que me certificar de que suas famílias sejam atendidas. — E caçar a escória de Tijuana.

Em menos de trinta minutos, eu estava em Miami. Assim que aterrissei, outro dos meus cassinos virou fumaça. Sim, a porra do fogo estava sobre mim.

— Ordene o fechamento de todas as minhas empresas, — ordenei com firmeza. — Podemos prever que haverá mais bombardeios, e não quero que homens e mulheres morram por minha causa.

Tijuana era um idiota se achava que eu aceitaria isso de braços cruzados. Levei uma hora, duas ligações telefônicas e três homens para

obter a localização dos detalhes do carregamento de drogas de Santiago. E vejam só, estava acontecendo hoje.

Assim, quando outro prédio meu, vazio, virou fumaça, o mesmo aconteceu com os dez milhões de dólares em drogas do filho da puta.

A vingança era uma merda, e eu perderia de bom grado cem milhões de vezes mais só para ver aquela vadia do Santiago chorar. Eu nunca tinha visto um homem chorar tantas lágrimas.

Waaa. Waaa. Waaa. Filho da puta.

Diego, Caine e eu observamos do alto do prédio ao lado, puxando seus cabelos e xingando o céu.

— Você pode dar tudo de si, mas não aguenta, não é mesmo, vadia? — murmurei, observando-o de minha torre.

Estava na hora de acabar com o filho da puta. Talvez seu irmão fosse um líder melhor.

Funcionou para o Cartel Santos, não foi? Pensei com um sorriso sardônico.

Capítulo 46

SAILOR

A tensão se infiltrou em cada célula do meu ser. Desde que Raphael e seus homens saíram rapidamente, eu estava nervosa. Andei pela mansão, de cômodo em cômodo, desesperada para me distrair. Gabriel estava totalmente absorto em seu jogo e eu não queria distraí-lo. A última coisa que eu queria fazer era passar meu pânico para ele.

Tentei trabalhar no editorial que precisava fazer, mas não conseguia me concentrar o suficiente para terminar uma frase, muito menos um parágrafo. Gostaria que Raphael tivesse me contado tudo o que sabia. Queria que ele estivesse aqui. Conosco. Sempre achei que estávamos mais seguros com ele aqui.

Meu instinto alertou que Santiago Tijuana estava por trás das explosões. E se ele estivesse, isso também colocaria meus pais no meio.

Entrei no salão de festas onde a recepção foi realizada apenas alguns dias antes. Estava impecável, como se nunca tivesse acontecido. Continuei até à sala adjacente. Uma sala de jantar, tão grandiosa quanto qualquer outro cômodo da mansão.

Ao abrir a grande porta francesa, encontrei dois guardas. Eles me cumprimentaram e eu continuei pelo caminho, cada passo me levando cada

vez mais para longe da casa. Em pouco tempo, me vi na praia. Abaixei-me na areia fina e branca e deixei meus olhos vagarem pelo vasto horizonte.

Viver aqui era como estar presa em um paraíso permanente. Umas férias permanentes, mas eu teria que acordar para o mundo real em breve. Raphael não poderia me manter presa aqui para sempre. O local era fortemente vigiado, com homens posicionados em cada canto da ilha. Não era assim que as pessoas deveriam viver.

Talvez as pessoas gostem de Raphael, mas não de mim. Não de Gabriel.

Eu queria conversar com meu marido sobre um plano. Tínhamos que descobrir uma maneira de ter uma vida normal. Pelo Gabriel. Pelos nossos futuros filhos.

Meu coração se acalmou. *Nossos filhos.*

Nunca em minha vida eu havia pensado em ter filhos. Mas agora, com Raphael, eu queria isso. Eu queria tudo com ele e Gabriel. Nossa família. *Uma família feliz.*

Um farfalhar de folhas desviou minha atenção do horizonte e dos meus pensamentos.

Beatrice.

Que diabos ela estava fazendo aqui? Eu a vi parada em um lindo vestido branco, balançando com a brisa. Sua linda e impecável pele morena contrastava com o vestido branco que ela usava e meus olhos relutantemente baixaram para minha própria roupa. Um vestido rosa

choque com listras brancas e verdes, enquanto minha pele pálida mal parecia bronzeada.

Detesto admitir isso, mas Beatrice e Raphael formariam um casal de aparência impressionante e exótica. Não que isso importasse. Ele era meu agora. E eu era dele.

Levantei-me, alisei o vestido e fui em direção a ela.

Ela não deveria estar aqui, a menos que Raphael tivesse mudado de ideia e ele não me pareceu um homem que mudasse de ideia facilmente. O demônio era teimoso como uma mula.

Eu me aproximei dela, ignorando o nó pesado em meu estômago que gritava que ela não deveria estar aqui. Culpei meu ciúme.

— Beatrice, — eu a cumprimentei, parando a um metro e meio de distância dela. — O que está fazendo aqui?

A expressão sinistra em seu rosto deveria ter sido meu primeiro aviso. Talvez eu estivesse cega por sua beleza. Ou talvez eu estivesse tentando me convencer de que não sentia inveja dela. Ela esteve com ele todos esses anos, mesmo que fosse apenas sua cozinheira.

— Eu vim atrás de você, — ela anunciou. Sim, isso não soou nada estranho e certamente não era o tipo de saudação que eu esperava.

— Você não deveria estar aqui, — eu disse a ela. — Raphael não ficará feliz se descobrir que você está invadindo a propriedade. — Ela não se mexeu. — Você precisa ir embora agora.

Seus olhos percorreram todo o meu corpo. — Ele poderia ter tanta coisa melhor do que você, — disse ela com amargura.

Meus ombros se enrijeceram e meu queixo se inclinou para cima. — Mas ele tem a mim, — disse com frieza. — Então, por que você não vai embora e cuida da sua vida?

— Raphael sabe sobre o acordo Belas e Mafiosos, você sabia?

— O quê? — Perguntei com cautela. Eu nunca tinha ouvido falar de nenhum acordo de Belas e Mafiosos antes.

— A que o querido papai de Raphael comprou de Benito King, — respondeu ela, presunçosa. Suas palavras não faziam sentido. Minha mente procurou pelos nomes que encontrei durante minha pesquisa. Benito King soava familiar, mas eu não conseguia localizá-lo. Eu estava sempre tão concentrada no cartel sul-americano.

Ela riu. — Benito King era um chefe do crime de Nova York. Seu pai precisava de um favor que só um criminoso poderia fazer. E bum. Aí está você.

Um alerta me atingiu e meus pulmões se apertaram. De repente, todo o ar fresco do mar do Caribe não era oxigênio suficiente para alimentar meus pulmões.

— Aí está o quê? — Eu a questioneei. — Você não está fazendo nenhum sentido.

Olhei para ela com desconfiança. Talvez a mulher estivesse usando drogas.

Ela deu uma risada do tipo louca. Do tipo sinistro. Ouvi muito isso quando cresci com meu pai.

— Posso ver que você não sabe porcaria nenhuma. — Engoli o caroço grosso em minha garganta. — Você quer saber qual foi o acordo? — ela perguntou.

Balancei a cabeça, embora cada fibra do meu ser gritasse que sim. Só que eu não queria saber isso por ela. De qualquer um, menos dela. Risque isso. Eu queria ouvir isso de Raphael. Se ele sabia disso, deveria ter me contado.

Ela riu novamente, uma risada ameaçadora. — O pai de Raphael ia arrombar sua irmã. Logo depois que ela lhe desse um herdeiro, é claro.

Chiado. O sangue escorria pela minha mão. *Guincho.* Marcas de dentes em minha mão, abafando meus sons. *Rangido.*

— Arrombá-la? — Eu engasguei, minha própria voz soando distorcida. Como se eu estivesse me afogando na parte rasa de uma piscina.

— Sim, para que ela pudesse ser uma prostituta em um dos bordéis de Santos, — ela se gabava. Ela adorava infligir dor. — Anya concordou com isso, você sabe, — ela continuou, como se estivéssemos falando de um assunto cotidiano. A bela boca de Beatrice se curvou em um sorriso cruel, e eu sabia que o golpe final estava chegando. — Para que seu pai *a deixasse* em paz.

Anya se sacrificou por mim!

A dor familiar percorreu meu peito e eu lutei para respirar. Minha garganta ardia. Meu peito ardia, com os cortes antigos queimando como ácido em uma ferida aberta. A dor era tão forte que eu tinha certeza de que devia estar sangrando. Meus olhos baixaram para o meu peito. Nada.

Voltei minha atenção para Beatrice, com raiva e mágoa fervendo em minhas veias. Eu queria arranhar seu belo rosto, fazê-la sangrar e sofrer. Assim, ela saberia a dor que eu sentia. Que Anya sentia.

— Como você sabe de tudo isso? — Eu me engasguei com minhas próprias palavras. Com minha própria dor.

— Santiago gosta de compartilhar informações quando transa.

Seus olhos cintilaram acima da minha cabeça e eu segui seu olhar. Os familiares olhos cruéis se concentraram em mim.

Dei um passo para trás, minhas mãos tremendo com o medo familiar.

— Aí está você.

Antes mesmo que eu tivesse a chance de abrir a boca e gritar, sua mão cobriu minha boca e um pano cobriu meu nariz. O odor de éter penetrou em meus pulmões. Percebi que era clorofórmio.

O mundo ficou preto.

Capítulo 47

SAILOR

Balançando. Caindo.

Parecia que o chão inteiro estava balançando debaixo de mim. Minhas pálpebras se abriram e encontrei a escuridão ao meu redor. Sem um pinga de luz. Foi então que percebi que algo estava errado. Raphael nunca mantinha o quarto na escuridão total.

Então, a última imagem que vi antes de perder a consciência veio à tona. Meu pai me pegou. Meu pesadelo se tornou realidade. Meus dedos deslizaram sobre as cobertas macias da cama em que eu estava deitada.

Encontrei um botão e o apertei. Uma luz suave se acendeu no cômodo, e olhei ao redor. O quarto grande e luxuoso, lindamente decorado.

Balanço. Balanço.

Com horror, percebi onde estava. Em um barco.

Ao me sentar na cama, senti-me grogue, mas ignorei a sensação. Eu tinha que sair daqui. Meus pés tocaram o carpete de pelúcia e dei dois passos em direção à pequena janela com cortinas puxadas.

O luar se refletia à distância e tremeluzia sobre a superfície escura e móvel.

Merda. Merda. Merda.

Isso não era bom. Eles levaram Gabriel? Ele ainda estava na mansão quando fui para a praia e os guardas estavam em peso ao redor da casa. Talvez papai não tenha chegado perto da casa.

Eu fui uma idiota ao sair de casa. Retrospectiva e toda essa merda.

Meu coração batia forte contra as costelas, dificultando a respiração. O medo envolveu minha garganta como um cinto apertado. Eu me senti como aquela garotinha novamente, vulnerável e fraca. Anya sempre me protegeu. Não era justo. Eu não deveria tê-la deixado. Ela pagou o preço mais alto por mim.

Estava na hora de pagar essa dívida. Garantindo a segurança de Gabriel.

O barco estava se movendo muito lentamente e eu esperava que ainda estivéssemos perto da ilha de Raphael.

Peguei a maçaneta da porta da cabine e a empurrei para baixo.

Aberta.

A porta estava aberta. Isso era um bom sinal. Certo? Saindo do quarto, passei pelo corredor, subi as escadas e fui em direção à frente do barco. Eu estava certa, o barco estava se movendo lentamente.

Um passo. Outro.

A luz piscou em um dos quartos. Virei a cabeça em sua direção, e foi quando finalmente o vi. Meu pai.

Os mesmos olhos cruéis. O mesmo sorriso cruel.

Ele estava mais velho, com o cabelo mais ralo e as rugas no rosto mais proeminentes. Seus óculos escondiam seus olhos, mas não a crueldade. Ele usava um terno caro, provavelmente para mostrar seu domínio. Seu cabelo platinado, tão parecido com o meu, estava penteado para trás e sua estrutura parecia menor de alguma forma.

Eu poderia derrubá-lo. Se fosse necessário, eu colocaria minhas mãos em sua garganta e o sufocaria até à morte.

— Finalmente acordou, — ele ronronou com aquela voz que eu tanto odiava.

— O que está acontecendo aqui?

Minha tentativa de parecer forte falhou. Minha boca estava muito seca, minha voz muito fraca.

— Vou lhe contar uma história muito interessante, pequena Sailor, — disse meu pai. — É sobre você, eu, sua mãe e Anya.

Tentei engolir, mas minha boca estava muito seca. Parecia areia em minha boca.

— Você machucou Anya, — respondi com um cuspe. Meu estômago se revirou em repulsa. — Não preciso de nenhuma de suas histórias. Você me dá nojo.

Ele jogou a cabeça para trás e riu. Um tipo de riso sinistro. — Mas você vai ter de qualquer forma, pequena. — Engoli com força, o medo preenchendo minha expressão. — Você sempre teve medo de sua própria sombra.

Meu Deus, como eu o odiava. Era o tipo de ódio cegante que o levava a cometer crimes impensáveis. Eu poderia matar meu próprio pai e não perder o sono por isso. Era assim que eu o odiava.

— Você estuprou sua própria filha, — sibilei, o velho ácido familiar borbulhou em minha garganta. Era revoltante. — Várias e várias vezes. Você destruiu a infância dela. Nossa infância.

Seu olhar cruel me percorreu com repugnância, como se estivesse avaliando um pedaço de lixo sob seus pés.

— Você é um pedaço de merda nojento, — cuspi. — Doente da cabeça e meu dia mais feliz foi quando me afastei de você e da mamãe.

Ele suspirou com uma falsa angústia. — Anya não era minha filha. — A admissão foi como uma bomba detonada.

— O quê? — Gaguejei, com a confusão evidente em meu rosto.

— Significa que Anya não era a porra da minha filha, — ele cuspiu. — Casar com o maldito Santos fez de você uma idiota?

Os olhos do meu pai me examinaram e eu precisei de tudo o que tinha para não colocar as mãos à minha frente e cobrir o máximo possível de mim.

— Sou sua filha? — *Diga não. Diga não.*

Ele deve ter visto a expressão de tristeza em meu rosto, pois deu um sorriso apertado.

— Você é minha. — *Extinto.* Foi uma esperança de curta duração. — Você não acha que eu a deixaria livre se você não fosse minha.

— O veneno e a insinuação em sua voz eram inconfundíveis, e eu jurava que minha pele devia ter ficado mortalmente pálida.

— Quem é o pai dela? — Perguntei, mas ele permaneceu em silêncio. — Sua filha ou não, como pôde machucar Anya dessa maneira?

— Porque o pai dela tocou em algo que me pertencia, — ele cuspiu. — Sua mãe aprendeu desde então que isso foi um erro. Ela estava acostumada a viver na alta classe. Mas era tarde demais. Ela engravidou. Daquela maldita bastarda que eu tive de criar como se fosse minha.

— Você não a criou, — sussurrei. — Você a torturou. Tornou nossas vidas um inferno. Deveria ter simplesmente nos abandonado. Deveria ter deixado que ela encontrasse uma família que a quisesse.

Ele gargalhou. — Mas veja, pequena, eu já tinha um contrato assinado naquela época. Eu tinha contratado Benito King para matar um homem em troca de uma filha. O acordo sobre as Belas e Mafiosos era inquebrável. E quem melhor para pagá-lo do que Anya.

O ódio cruzou minha expressão e correu por minhas veias. Oito anos longe de meu pai não foram suficientes. Os oito anos longe dele não compensaram os primeiros dezoito anos em que vivi com medo. Por Anya e por mim.

Então, compreendi as palavras dele. O contrato era para uma de suas filhas. Mas Anya não era dele. — Você os enganou, — eu disse.

Uma expressão presunçosa em seu rosto me dizia que ele estava satisfeito consigo mesmo. Tanto que eu queria lhe dar uma facada no coração. De novo e de novo. Como Raphael quando matou sua primeira vítima.

— Eu disse, — ele se gabou. — E eu disse a Anya que, se ela não se arrastasse até ao velho Santos, eu a colocaria no açougue. Ela queria protegê-la a todo custo. Para ela, tudo girava em torno de você. Eu lhe dei instruções específicas. Eu queria que você visse isso. Funcionou melhor do que qualquer chicote contra sua pele.

O horror entrou em meus olhos. Meu pai era Satanás reencarnado. Não havia outra explicação para isso.

— Ela era uma criança. Uma inocente.

Ele deu uma risadinha. Riu pra caramba, como se destruir uma vida humana fosse uma piada.

— Ela nunca foi inocente. Nasceu do pecado e morreu do pecado.

Pisquei os olhos. — Você é doente.

Uma mão passou pelo meu rosto e o tapa me fez cair de joelhos. Meus ouvidos zumbiram e minha bochecha queimou. Minha bochecha explodiu de dor. As lágrimas picaram a parte de trás dos meus olhos e precisei de toda a minha força de vontade para evitar que elas caíssem. Eu me recusava a chorar na frente de qualquer pessoa.

Pisquei as lágrimas e levantei a cabeça. Foi só então que avistei Santiago Tijuana.

Uma zombaria saiu de meus lábios. — Eu deveria saber que você não conseguiria fazer isso sozinho, — disse as palavras, mas minha voz tremeu de emoção. — O que aconteceu com seu ódio aos hispânicos, *pai*?

Nossos olhares ardiam, chocando-se um contra o outro. Ele sabia que eu o odiava. Eu não me preocupava mais em esconder isso.

— Você fodeu com um hispânico, — meu pai cuspiu. — O que é outro?

— Raphael é meu marido. E ele vai destruir você. — Tentei desesperadamente me manter forte. — Onde está meu filho?

Por favor, não o tenha. Se houvesse um Deus, ele não permitiria que esses homens colocassem suas patas sujas em alguém tão inocente.

— Não se preocupe, nós o pegaremos também, — disse Santiago. Soltei um suspiro de alívio. Isso significava que eles não o tinham.

Não, você não o pegará. Eu manteria minha promessa a Anya. Raphael o manteria seguro.

— Como você encontrou a ilha de Raphael? — Eu perguntei, ganhando tempo.

Eu precisava descobrir uma maneira de fugir desses monstros.

— Beatrice ficou mais do que feliz em compartilhar o local, — disse meu pai, satisfeito consigo mesmo. — Ela correu para Santiago, transou com ele e pediu ajuda para tirar você da foto.

— É claro que tivemos que nos livrar dela, — acrescentou Santiago. — Sem testemunhas.

Não consegui nem mesmo reunir forças para sentir pena dela, porque ela mesma causou isso.

— Ok, agora a história, — meu pai murmurou, enquanto estendia a mão para afastar uma mecha de cabelo do meu rosto. Eu me virei, pois o toque dele me arrepiava. — Era uma vez, sua mãe foi prometida a mim.

Revirei os olhos. — Uma história tão chata.

Dessa vez, minha bochecha direita explodiu.

— A paciência é uma virtude, — disse meu pai. Que se dane a *paciência*, mas eu sabia que não deveria dizer essas palavras. — De qualquer forma, sua mãe foi dormir com um homem comum e engravidou.

— Nossa, isso deve ter doído, — cuspi. — Engravidada por um cara comum.

Santiago Tijuana deu mais um passo ameaçador, mas o pai levantou a mão, sinalizando que estava tudo bem.

— Sim, um hispânico comum. Seu nome era Miguel, se não me falha a memória. Um trabalhador da construção civil, reformando nossa futura casa. — E seu ódio pelos hispânicos finalmente estava explicado. Não que eu desse a mínima. Eu queria ver meu pai morto.

Então, suas palavras foram filtradas. Ele disse ‘*era*’ — Como assim, Miguel *era* o nome dele? Ele não está mais por aqui?

Ele riu, de uma forma assustadora. — Sim, ele foi minha primeira morte. Foi por causa dele que contratei Benito King. Para me livrar dele. O homem não tinha escrúpulos. Como Miguel fugiu para se esconder aqui em Miami, Benito combinou com o velho Santos para caçá-lo e matá-lo. — Engoli em seco. O pai de Raphael matou o pai de Anya. O

pai de Raphael estuprou Anya. Onde isso iria parar? — Houve uma ironia na maneira como Anya acabou sob o comando dele, não foi?

Uma sensação de nojo crescia em meu estômago a cada segundo.

O sorriso em seu rosto me deu a resposta. — Poético, não é? Pai e filha destruídos pelo mesmo homem. Eu. O velho Santos era apenas minha ferramenta. E a melhor parte é que o pagamento era Anya. Nem mesmo era minha filha.

— Seu filho da puta doentio, — sussurrei, dando um passo à frente, pronta para atacá-lo e derrubá-lo. A expressão de meu pai se tornou feroz e ele tirou uma faca de algum lugar, depois a sacudiu.

Um único corte. Pressionei minha mão contra ele, e um líquido quente manchou meus dedos. *Sangue*. A cor do sangue era vermelha. Assim como meu ódio por esse homem.

— Olhe o temperamento, Sailor, — provocou meu pai. — Não lhe ensinei que controlar seu temperamento é tudo? Dê a ela uma lição, Santiago, — instruiu ele, com os olhos voltados para o meu lado. Outro golpe em minha bochecha e mordi minha língua com tanta força que pude sentir o sabor metálico do sangue.

— Você não me ensinou nada, — eu disse, segurando minha bochecha e piscando as lágrimas. Maldita fosse se ia chorar na frente dele. — A menos que você queira contar ‘o que não ser’ como parte de seus ensinamentos. Estuprador. Molestador. Predador de crianças.

Ele fez um estalido com a língua. — Quer saber a melhor parte? — perguntou ele, ignorando minhas acusações.

— Na verdade, não.

— Vou lhe contar de qualquer forma, — disse ele com satisfação. Meu pai tirou os óculos e depois os limpou como se estivéssemos discutindo as notícias de hoje. Não sobre seus pecados. — Quando seu marido veio me visitar, ele falou sobre o contrato que não cumpri com o antigo Santos. — Meu coração gelou e eu sabia que suas próximas palavras me quebrariam. Eu podia ver isso em sua expressão feroz de autossatisfação. — Ele exigiu que eu o cumprisse entregando você a ele. Ele sabia que Anya não era minha e que enganei a família Santos, no contrato. Acho que a maçã não cai da árvore. Seu marido é igual ao pai dele. Raphael Santos queria comprar você.

Bum-bum. Bum-bum. Lá se foi meu coração.

Capítulo 48

RAPHAEL

— Envie tudo o que você tem.

Caine encerrou a ligação, com a boca esticada em uma linha sombria.

Fazia dois dias que eu não via minha esposa e parecia que já fazia dois anos. Eu estava ansioso para voltar para casa. Para ela e para Gabriel. No entanto, tudo o que eu estava fazendo era perseguir meu próprio rabo aqui em Miami.

Mas era importante que eu visitasse as famílias de meus funcionários mortos. Pelo menos isso eu devia a eles. Eu estava terminando a visita à última família dos meus funcionários falecidos. Mas no momento em que os olhos de Caine encontraram os meus, fiquei instantaneamente em alerta máximo.

Foi necessária toda a educação de minha mãe para permanecer imóvel e continuar oferecendo conforto. Em seguida, procurei o irmão mais novo da família colombiana. O garoto tinha quinze anos. — Raul?

Ele deu um passo à frente. — Sim, senhor.

— Leve sua mãe para dentro, — ordenei a ele. — Diga à funerária para enviar todas as despesas para mim. Vou criar um fundo mensal para sua família.

Sua coluna se enrijeceu e o jovem se endireitou até sua altura máxima. — Não queremos caridade.

— Não se trata de caridade, — eu lhe disse. — É uma dívida.

Ele balançou a cabeça. — Vou arrumar um emprego e...

— Você vai terminar a escola, — eu o interrompi, vendo a expressão abalada no rosto de sua mãe. Ela perdeu um filho hoje, não precisava temer perder outro. — Então você irá para a faculdade. Você e sua mãe não ficarão sem nada. Vou me certificar disso. — Quando ele abriu a boca para protestar, continuei, — Depois que terminar a faculdade, se ainda quiser trabalhar, venha me procurar. Entendeu?

Observei a mãe e o filho entrarem na pequena casa geminada e, em seguida, me aproximei de Caine.

— O que é? — Eu exigi, enquanto um pavor frio tomava conta de mim.

Eu poderia trazê-los para cá, mas a ameaça era maior aqui do que na ilha.

— Sailor se foi. — Palavras simples. Um efeito ondulado. — Ninguém sabe onde ela está.

— Gabriel? — Eu sussurrei. Será que ela me deixou?

— Ele não... — ele se afastou, olhando para mim. — Ele ainda está na casa.

Se Gabriel ainda estava na casa, isso significava que alguém havia levado Sailor. Ela nunca o deixaria para trás. Eu apostaria minha vida

nisso. Mas, por outro lado, o significado dessa afirmação me atingiu em cheio.

— Alguém a levou, — sussurrei. — Ela nunca o deixaria para trás.

Ele acenou com a cabeça.

— Quando foi a última vez que alguém a viu? — Minha raiva me atingiu no peito. Meu sangue ferveu. Mas eu tinha que manter a cabeça fria. Eu tinha que encontrar minha esposa. — Há três horas. Ela foi para a praia e não voltou.

— Quem é o traidor? — Eu limparia todos os meus homens, até encontrar o desgraçado que achou que me trair era uma boa ideia.

— Beatrice.

Porra! Lá se vai a ideia de dar às pessoas uma segunda chance na vida. É melhor essa vadia se esconder, porque quando eu puser minhas mãos nela, ela será uma vadia morta. Caine deve ter lido minha expressão, pois acrescentou, — Encontraram seu cadáver na praia.

Eu não podia ficar pensando naquela vadia. Ela escolheu seu lado. A raiva me encheu ao pensar em Sailor machucada. Para quem ela me traiu? O pai de Sailor? Tijuana? Para quem, porra?

— Eles devem tê-la levado de barco. Peça a Diego para verificar todos os ângulos de vigilância.

— Ele já está fazendo isso.

Inferno.

Eu o dominava. Até mesmo prosperava nele. Mas isso era muito pior.

Minha reina tinha desaparecido.

Fiquei parado no meio da minha mansão, sem conseguir respirar. Incapaz de me mover. Eu precisava dela. Não precisava de nada há muito tempo, mas precisava dela.

A mensagem de texto que acabei de receber era clara.

Santiago Tijuana e seu pai a possuíam.

Em um movimento rápido, arremessei o telefone para o outro lado da sala e ele se espatifou contra a porta de vidro. Pedacos de vidro voaram pelo piso de mármore.

Todos os meus sentidos foram dominados pelo medo.

Medo por *ela*. Medo de *perdê-la*.

— Vou matar cada um desses *cabrones* nojentos. — Idiotas de merda.

Desamparado. Com medo.

Há muito tempo eu não sentia essa sensação, que tinha um sabor diferente do que eu me lembrava. Costumava estar ligado ao bem-estar de minha mãe. No entanto, essa sensação era muito pior. Todos os músculos do meu corpo se retorceram em nós.

— *Lo siento, Reina.*

Eu queimaria esse maldito estado até ao chão. De um jeito ou de outro, eu a encontraria.

Capítulo 49

SAILOR

Eu tinha certeza de que morreria aqui. Com nada além da escuridão para me engolir inteira.

Minhas pálpebras estavam pesadas. Meu corpo inteiro doía. O cheiro de podridão, sal, metal e mijo se misturava no ar. Sentei-me na cama e me encostei na parede, envolvendo os braços ao meu redor. Estava frio e escuro.

Gritos de gelar o sangue percorriam o ar. Os sons horríveis causaram medo em minha espinha.

Rangido. Rangido. Grito.

Meus gritos. Meus braços se apertaram ao meu redor e comecei a me balançar para a frente e para trás. Para a frente e para trás. Lutei contra a vontade de gritar para que eles parassem.

Em vez disso, levei minha mão à boca e mordi minha carne. Com força. Um líquido quente escorreu pela minha pele, o cheiro metálico era familiar.

Era disso que eram feitos os pesadelos. Que ironia a minha vida terminar da mesma forma que começou.

Santiago ainda não havia me estuprado. Mas isso estava chegando. Eu podia sentir isso a cada segundo que passava.

Outro grito. Uma garota diferente. Terror diferente.

Meu olhar se voltou para a porta de aço e eu fiz uma oração silenciosa para que ela permanecesse fechada. Embora isso só tenha prolongado as longas e torturantes horas. Talvez tenham sido dias, eu não sabia dizer.

Tentei não pensar em Raphael porque dói. Dói tanto que pensei que meu peito tinha sido rasgado. Ele sabia que seu pai havia tentado quebrar Anya e não disse *nada*. Ele sabia sobre o contrato. Ele sabia que Anya não era do meu pai. Ele tentou fazer-me um contrato.

No entanto, ele não disse *nada*.

Eu queria gritar minha raiva. A traição. Em vez disso, mantive tudo fervendo dentro de mim.

Minha garganta ardia. Meus olhos ardiam. Meus ouvidos zumbiam.

A porta fez um barulho e o pânico subiu ao meu peito quando meus olhos se voltaram para ela.

— Eu vim para você, pequena. Minha princesa de gelo.

Eu não conseguia me mexer. O cheiro desagradável do quarto escuro e da podridão me fez querer vomitar, mas eu não tinha mais nada no estômago. Aquilo era um pesadelo. Eu havia aprendido a respirar esse medo de não saber quando viria a próxima chicotada.

Santiago Tijuana se divertia me provocando.

Esse foi o gosto do terror que Anya suportou por toda a sua vida. Os minutos se transformaram em horas. As horas se transformaram em dias e noites.

Meus ombros gritavam de dor, minha cabeça latejava e minha visão ficava embaçada.

Eu poderia morrer aqui. Lágrimas silenciosas se misturaram ao suor em meu rosto.

A exaustão pesava em meus pulmões e em meus ossos, mas ainda encontrei forças para xingar minha própria estupidez. Anya fez com que seu sacrifício por minha vida não valesse nada porque, no final, eu estava fraca demais para lutar.

Eu não tinha ideia de onde estávamos. No porão. Em algum lugar do Caribe, pensei.

Tick. Tock.

Perdi a noção do tempo. O porão estava escuro, sem qualquer vislumbre de luz. Não havia janelas. O desespero substituiu meu medo da escuridão. Fiquei mais fraca e mais desesperada a cada hora.

Morrer seria um alívio bem-vindo.

Mas continuei lutando. Continuei respirando, minha mente se revoltando com a ideia de desistir.

Mordi meu lábio, antecipando outra chicotada. Ela não veio. Mas meu corpo se recusou a relaxar. Minha mente sabia que a dor viria. Talvez eu tivesse atingido o ponto de entorpecimento e nada mais doesse. Perdi a conta depois de vinte.

Crack.

Eu gritei quando o chicote cortou minhas costas. Puxando meu cabelo, ele levou minha cabeça para trás. Sua respiração fez meu estômago revirar. Eu me esforçava para respirar e tentava desesperadamente me afastar dele.

Eu precisava de espaço para respirar.

A boca de Santiago esmagou a minha. A bile subiu em minha garganta. Eu odiava seu toque. Odiava tudo nele. Eu o mordi. Com força.

Ele gritou, pulando para longe de mim como se eu o tivesse queimado. Minha cabeça tombou para a frente e um soco forte veio em seguida. A dor explodiu em meu crânio. Pontos pretos apareceram em minha visão. Eu os afastei com uma piscadela.

— Talvez consigamos pegar seu filho, — ele provocou. — Quão rápido você vai quebrar então?

O pânico em meu peito me sufocava. A falta de oxigênio em meus pulmões me deixou tonta. Ou talvez tenha sido por falta de fluxo sanguíneo.

Gritos ao longe. Alguma pobre alma suportando algo que eu tinha certeza que viria em minha direção.

— Logo será a sua vez, — prometeu Santiago, confirmando meus pensamentos.

Minha cabeça latejava. Minha visão ficou embaçada. O medo explodiu em meu peito, mas ainda havia esperança. Que Raphael protegeria Gabriel. Talvez ele não se importasse comigo, mas se importava com

Gabriel. Eles nunca colocariam as mãos nele. O legado de Anya continuaria vivo por meio dele.

— Aquele desgraçado do Santos pegou você primeiro. — A amargura na voz de Santiago era inconfundível. — Você era meu pagamento e lá foi você abrir as pernas para a escória do Santos.

Crack.

Outro chicote cortou minha pele. — Ele pode ter transado com você, mas eu vou acabar com você.

Um soluço sufocado saiu de minha garganta, mas eu o engoli rapidamente. Anya nunca deu a papai a satisfação de chorar. Eu também não daria essa satisfação a esse idiota.

Foi então que senti. Suas mãos carnudas e nojentas entre minhas coxas, afastando-as. Sua pélvis se chocando contra mim.

Balancei a cabeça. *Não. Não. Não.*

Minha boca se moveu, mas nenhum som saiu. *Por favor, não.*

Seus dedos se aproximaram mais. A bile subiu em minha garganta, um tremor repugnante percorreu minha espinha e arrepios surgiram em minha pele.

Não. Não. Não.

Mais um centímetro e ele roçou em minha entrada. Eu me afastei, mas não havia para onde ir. Não havia como fugir de seus dedos sujos e nojentos. Não havia Anya para me salvar.

Ele forçou minhas pernas a se afastarem ainda mais e eu lutei contra ele. Com força. Não com força suficiente.

Sua outra mão agarrou meu cabelo e o puxou para trás, fazendo a dor explodir em meu couro cabeludo.

— Pare, — gemi.

Ele se recusou, enfiando os dedos dentro de mim. Um grito saiu de meus lábios e, quando comecei, não consegui parar. Gritei até que meus pulmões ardessem, até que minha garganta ficasse seca e, durante todo o tempo, lágrimas rolaram pelo meu rosto, e a ardência foi uma dor bem-vinda.

Ele enfiou os dedos, a dor me invadiu e me consumiu. Eu podia sentir seu hálito viciado em meu pescoço e seu pau duro pressionando minhas costas. Ele respirava alto, inspirando e expirando, esfregando o pau contra mim, grunhindo.

Fiquei imóvel e ele achou que tinha vencido. Ouvi uma risada vitoriosa, mas meu corpo permaneceu imóvel. Até que ele estava exatamente onde eu precisava que ele estivesse. Sua cabeça atrás da minha, sua boca contra minha orelha.

Eu empurrei minha cabeça para trás, nossos crânios se chocaram. Estrelas se agitaram em minha visão e ele xingou, seu punho esmagando minha cabeça contra a parede. Senti um líquido quente. Dele ou meu, eu não sabia. Eu me esforcei para enxergar. Os pontos se alternavam em minha visão, a escuridão dançava, tentando-me a cair no esquecimento.

Então, sua mão se enrolou em minha garganta. — Não é de se admirar que seu pai não a quisesse. Puta de merda.

— Não dou a mínima para o meu pai, — eu disse, agarrando-me à minha consciência com desespero. Seu aperto em meu pescoço ficou mais forte.

Estou morrendo. Eu estava sufocando. Rezei pelo esquecimento. Por alívio. Para acabar com esse sofrimento. Mas não enquanto ele estivesse no quarto.

Anya suportou anos de tortura. Para mim, foram apenas alguns dias, talvez, e eu estava pronta para sucumbir.

Lute! Eu quase podia ouvir a voz de Anya. *Lute, porra!*

Seu aperto afrouxou e o ar voltou a entrar em meus pulmões. E mais lágrimas também. Elas rolaram pela minha bochecha sem minha permissão, e o ardor seguiu seu caminho. Eu não precisava de um espelho para saber que meu rosto estava coberto de cortes e hematomas.

— Uma prostituta, — Santiago cuspiu as palavras com nojo.

Ele deu dois passos à frente e segurou meu queixo, apertando-o com muita força enquanto sacudia minha cabeça para a esquerda.

— Quando eu terminar com você, você estará gritando meu nome.

E tudo o que eu podia fazer era esperar.

Capítulo 50

RAPHAEL

Quatro dias.

Quatro malditos dias sem ela e eu estava pronto para perder a cabeça. Não conseguia dormir, não conseguia descansar. Meu temperamento era curto e mortal. O único momento em que eu mantinha alguma aparência de sanidade era quando Gabriel estava perto de mim.

E fiz isso por minha esposa. Somente por ela.

O céu sem estrelas oferecia cobertura enquanto eu conduzia meus homens a Cuba.

Alexei, Nico e Sasha também vieram. Minha irmã Bella, Vasili e Aurora ficaram na minha ilha, mantendo Gabriel em segurança.

Cada minuto desde que ela foi levada foi agonizante. Procurei o barco que o pai de Sailor e Santiago usaram para levar Sailor. Procurei em todos os barcos em que pude colocar minhas mãos. O pai de Sailor não tinha um barco. Nem o desgraçado do Santiago. Por isso, obtive registros de vendas de barcos, bem como contratos de aluguel de barcos recentes.

E finalmente encontrei o cabrón que o fez. O pedaço de merda não tinha mais um barco para vender.

E graças a Nico. Foi somente graças à sua busca incansável que conseguimos seguir o caminho do barco. Ele teve que invadir vários

satélites do governo, inclusive o de Cuba, para seguir o barco até seu destino final.

Contratamos barcos de pesca para nos disfarçar. Digamos que esses pescadores ficariam estabelecidos pelos próximos cinco anos. Mas precisávamos de um disfarce, e eles eram a melhor maneira de entrar. A única munição era o que podíamos carregar.

Estávamos a cerca de um quilômetro e meio da costa.

Estou indo, Reina. Apenas se segure.

No momento em que os pescadores engancharam as cordas na costa, pulei do barco e meus homens seguiram rapidamente. A falta de sono fez minha cabeça rodar. Mas eu não podia parar agora. Precisava chegar até minha esposa.

Quando a tivesse de volta, eu dormiria. Com ela em meus braços.

Meus olhos percorreram meus homens. Diego e Caine ao meu lado, como sempre.

— É hora de agir. Lembrem-se do plano. A equipe A deve cuidar dos guardas. A equipe B é de busca e resgate. Qualquer vítima. — Eu dou uma olhada em todos eles. — Vamos trazer minha esposa para casa.

Eu não podia permitir que a dúvida se infiltrasse em minha mente. Isso me deixaria em pedaços. Eu tinha que me manter firme.

Por ela. Por Gabriel.

Os olhos de Alexei encontraram os meus. — Se eu tivesse que adivinhar, diria que eles a mantêm em um porão.

Era uma boa suposição. E ouvi rumores sobre a aversão de Alexei a porões.

— Vou verificar os porões com Sasha, — ofereci-lhe uma saída.

— Eu também vou, — disse ele em uma voz fria. Não havia tempo a perder.

Um breve aceno de cabeça e estávamos em movimento.

Colocando minha arma no cós da calça, subi o caminho que levava à pequena fortaleza. Um antigo complexo militar do antigo regime. Adivinhe quem o comprou? O maldito Santiago Tijuana. Eu ia ficar devendo uma vida inteira de favores a Nico por toda a sua ajuda na localização de Sailor, favores que eu pagaria com prazer. Repetidas vezes.

Mas, primeiro, eu pretendia arrasar este lugar antes de sair desse buraco de merda.

Através das paredes de pedra quebrada, chegamos a um pátio.

E foi aí que o inferno começou. A explosão sacudiu a ilha, dando a impressão de que o chão estava desmoronando sob nós. As paredes dos prédios tremeram e os gritos vieram de todas as direções.

— Há mulheres lá dentro, — sibilou Sasha.

Corri em direção ao prédio, com meu grupo de homens atrás de mim.

Em seguida, houve outra explosão, fazendo com que grandes pedaços de pedra se espalhassem pelo ar. Os homens estavam atirando em nós de todos os ângulos. Nunca diminuímos nosso ritmo, atirando de volta neles enquanto avançávamos.

O tempo era essencial.

Recarreguei minha arma em movimento enquanto Sasha e Alexei me cobriam, atirando de volta nos bastardos.

— Esses homens estão atirando em nós, — cuspiu Sasha. — Nunca conseguiremos entrar assim.

Havia quatro portas, cada uma levando a um prédio separado.

— Qual prédio? — Nico gritou.

— Nós nos separamos. — Olhei de relance para os homens do grupo. — Dois para cada um. Se encontrarem alguma prisioneira, levem-na de volta para os barcos. Assim que encontrarem minha esposa, me avisem pelo rádio e vamos embora daqui.

— Sasha e eu vamos com você, — ofereceu-se Alexei.

— Ok. — Eu me virei para Caine e Nico. — Vocês dois podem liderar os outros?

Sem perguntas. Sem atrasos. Todos nós corremos em direções diferentes.

Entrei pela porta mais à esquerda. No momento em que entrei, vi que o prédio estava em pior estado do que eu imaginava. Havia dois andares, mas metade dos degraus estava faltando, e não achei que a explosão os tivesse destruído.

Dei uma olhada para Alexei. — É o porão, — murmurei.

Continuamos pelo corredor escuro que nos levava mais fundo no porão. Estava úmido, com cheiro de sangue, urina e mofo no ar. As paredes ásperas de pedra faziam o corredor parecer menor do que era. Ou talvez nossas grandes estruturas não pertencessem a esse lugar, pois ambos tínhamos que inclinar a cabeça para passar por certas seções.

Quando chegamos ao final do corredor, vimos uma única porta de ferro que se assemelhava a uma jaula dos velhos tempos dos gladiadores.

A cada passo que dávamos mais perto, os gemidos ficavam mais altos. Nós três nos olhamos, com nossas armas prontas em nossas mãos.

Um passo. Outro. E mais um.

Foi então que eu as vi. Escondidas no escuro. Um grupo de cinco mulheres, escondidas no canto mais escuro da sala. O fedor era insuportável.

— Porra, — sussurrei. Isso era ruim.

— Virem-se de costas para a porta, — eu lhes disse. Quando nenhuma delas se mexeu, repeti em espanhol. Um breve olhar compartilhado e elas obedeceram.

Sasha colocou o pequeno explosivo na porta. Nós três nos afastamos e nos protegemos. *Bum*.

Foi forte o suficiente para quebrar a fechadura da porta. Passamos correndo por ela. Percorri todos os rostos, procurando os olhos azuis que roubaram meu coração. Eles não estavam aqui.

— Ela não está aqui. — Sasha refletiu meus pensamentos.

— Leve as mulheres para fora daqui.

— Raphael, este é um beco sem saída. Você não pode ficar aqui. Você vai acabar sendo morto, — Sasha tentou argumentar. Mas sair sem ela não era uma opção.

— Não vou embora sem ela, — gritei. — Vou verificar a extremidade sul do edifício. Vocês dois tirem as mulheres daqui.

Alexei não parecia estar muito bem. O russo frio, normalmente imóvel, tinha suor acumulado em suas têmporas. Ele não precisou de outro estímulo e começou a incitar as mulheres em direção à porta. Ele era um filho da puta assustador e, em seu estado, eu não tinha certeza se ele as estava assustando ainda mais.

Um puxão em minha manga e parei, depois baixei o olhar. Uma mulher, com cerca de um metro e meio de altura, estava diante de mim, com o medo estampado em seu rosto machucado. Ela não devia ter mais de vinte anos, com seus olhos de cores estranhas olhando para mim.

Ela apontou para a parede sul e eu segui seu dedo, mas não entendi o que ela estava tentando dizer. Meus olhos se voltaram para Sasha, perguntando-me se ele teria visto algo que eu não vi. Ele apenas encolheu os ombros.

— Cabelos brancos, — ela disse com voz rouca e minhas costas ficaram tensas. Ela apontou para o mesmo local. Sailor estava aqui? Eu não conseguia ver ninguém.

Fui em direção à área. O canto estava vazio. Mas foi então que eu a vi. A rachadura na parede. Olhei por cima do ombro e encontrei os olhos da jovem. Ela acenou com a cabeça.

— Gracias. — Um aceno de reconhecimento. — Sasha, ajude seu irmão e leve as mulheres para um lugar seguro. Eu continuarei aqui.

— Você não pode...

— Eu não perguntei o que posso fazer, — eu disse. Eu encontraria Sailor, viva ou morta. Ir embora sem ela não era uma opção. — Leve as mulheres para um lugar seguro. Se eu não conseguir voltar, já tomei providências. Caine ficará com Gabriel. Alexei já me deu sua palavra de que o levaria.

Aurora e Alexei cuidariam dele como se Gabriel fosse deles.

O maxilar de Sasha se contraiu. Ele não concordou com minha decisão. Ele não entenderia até encontrar sua própria mulher.

— Ir para casa sem o corpo dela não é uma opção, — eu disse a ele.

— O que há com todos vocês que ficam loucos e estúpidos por causa de suas mulheres? — ele murmurou, depois me deu um sorriso. — É melhor você voltar. Porque nosso barco não vai partir sem você.

Puxei outro detonador e o empurrei contra a porta. Sasha se apressou com Alexei e as mulheres, empurrando-as para a entrada. Quando o último saiu da sala, deu-se a explosão e sacudiu as paredes do edifício.

Eu estava ficando sem tempo. Poderíamos acabar enterrados aqui se eu tivesse que usar mais um detonador. Quando a poeira baixou, pude ver o caminho para outro corredor. Mais escuro. Mais sinistro.

Recarreguei meu pente e passei pelos detritos e pedras. No momento em que entrei no espaço, pude ver que havia portas em cada lado da parede. O corredor de pedra fria era bem maior desse lado, abrindo-se de vez em quando para um espaço mais amplo onde havia mais celas.

Algumas celas vazias. Outras estavam cheias de cadáveres. Olhos sem vida de mulheres jovens. Vidas interrompidas.

— Reina? — Eu gritei. Eu podia sentir a dormência me preenchendo, o velho medo de perder algo precioso aumentando a cada passo que eu dava. Então, cheguei a outro lance de escadas. Que levava mais para baixo, para a sujeira.

Para o inferno.

Que apropriado!

Desci os degraus em espiral, levando-me cada vez mais para as profundezas da escuridão e do inferno. A poeira e o mofo pareciam mais pesados aqui embaixo. O cheiro de sangue sobrepujava todos os outros odores.

Foi quando cheguei ao último degrau que finalmente a vi.

Meu coração negro parou de bater.

Todo o ar foi liberado de meus pulmões em um ímpeto. Foi ali mesmo que eu soube que não era nada sem ela. Não conseguiria viver sem ela. Eu queimaria a porra deste mundo por ela.

Ela estava acorrentada, de frente para a parede, com seu cabelo loiro platinado quase irreconhecível. A sujeira e o sangue o manchavam agora. Aquele cabelo que normalmente brilhava como ouro platinado estava solto em suas costas, com partes dele grudadas na pele, escondendo parte de suas costas chicoteadas e ensanguentadas.

A dor que me atingiu foi tão profunda quanto as marcas de chicote em suas costas.

Por favor, não me deixe perdê-la, rezei pela primeira vez em muito tempo para todos os santos aos quais minha mãe sempre rezava.

Minha esposa estava pendurada, de cabeça para baixo, com os braços e as pernas acorrentados e as roupas retalhadas até se tornarem trapos irreconhecíveis. Sua pele pálida era uma tela de sujeira, hematomas e sangue. Sua cabeça pendia solta, como a de um anjo quebrado.

Seus braços, costas e pernas estavam cobertos de cortes e, naquele momento, eu os sentia como se fossem meus. Desejei muito que fossem, para que ela fosse poupada. Ela não havia se mexido.

Seu corpo estava mortalmente imóvel. Imóvel demais.

Diminuí a distância entre nós.

— Reina. — Não senti minha boca se mover, mas seu nome saiu da minha boca várias vezes. Soltei uma corrente e seu corpo frágil caiu sobre mim. — Agente firme, Reina. Vou levá-la para casa.

Seu corpo estava frio. Muito frio. Apressei-me em soltar seu outro braço. Sua pele estava úmida, seus olhos fechados e seu belo rosto

com hematomas de partir o coração. Cerrei os dentes, uma combinação de medo e raiva correndo em minhas veias.

Aproximei meu rosto do dela, com o pavor enchendo meu peito. Seus lábios eram azuis. Azul pálido. A única cor em seu rosto era a do sangue e dos cortes roxos.

Um suave suspiro soou. *O dela*. Como um lampejo de luz na escuridão do inferno, eu me agarrei a ele. Era o melhor som que eu já tinha ouvido. Ela não estava morta. Eu podia sentir a leve subida e descida de seu peito. Mantendo sua cabeça erguida com uma mão, pressionei minha boca em sua testa.

— Só não morra em cima de mim, porra, — eu disse, com a voz trêmula. — Por favor, Rainha. Não morra.

Os olhos dela se abriram, e o tom azulado de seus olhos me atingiu em cheio no peito.

— M-meu diabo. — Sua voz ficou trêmula e uma única lágrima rolou por seu rosto cheio de hematomas. — Você veio.

— Sempre. — Droga. Minha garganta se apertou e meu coração sangrou. O Diabo nunca chorou, mas por ela, talvez eu chorasse. — Eu sempre irei atrás de você, Rainha. O que é um demônio sem sua rainha?

Seus olhos se fecharam e, em seguida, um ataque de tosse sacudiu seu corpo. Atirei nas correntes que mantinham suas pernas como reféns, desintegrando-as, e seu corpo estremeceu. Envolvi-a com meus braços, não a deixando cair.

Seu corpo frágil bateu em meu peito e eu jurei que meu coração se partiu naquele momento. Ao ver o estado de seu corpo. Ela estava mole em meus braços. Ela perdeu a consciência, provavelmente buscando alívio no esquecimento.

Ela nunca deveria ter passado por isso. Eu deveria tê-la protegido melhor.

Eu estava muito envolvido em cuidar dela quando um braço forte envolveu meu pescoço por trás, esmagando minha traqueia. O corpo inconsciente de minha esposa escorregou de minhas mãos e caiu no chão.

Foda-se.

— Você nunca a terá. — Reconheci a voz. Santiago Tijuana. Seu aperto aumentou em minha garganta. — Ela gritou por você. Chorou por você. Implorou por você.

Não dei ouvidos às suas palavras. Elas iriam me ferrar. Eu apenas reagi. Eu tinha que tirar Sailor daqui.

— Ela é demais, sua prostituta, — ele provocou. — Essa boca dela.

Uma onda de vermelho encheu minha visão, a fúria alimentando minha raiva. Eu queria arrancá-lo membro por membro. O corpo mole de Sailor estava imóvel, com os olhos fechados e os cabelos loiros platinados agora cobertos de vermelho. Como minha raiva.

— Eu ia enfiar meu pau nela hoje, mas você tinha que aparecer, — ele gritou. — Eu ia fazer um test drive nessa boceta privilegiada, seu merda. Porque ela é minha.

Puxei o braço para a frente e dei uma cotovelada forte em suas costelas. De novo e de novo. Santiago gritou, o maldito covarde tentando se afastar. Puxei o cotovelo novamente e o golpeei com toda a minha força. A eletricidade atravessou meu cotovelo, e eu me delicieei com seu grito de dor enquanto suas costelas eram esmagadas pela força do impacto.

— Ela nunca será sua, — cuspi, com seu aperto ainda muito forte em meu pescoço.

Enfiei a mão no bolso da frente e tirei o canivete. Ao mesmo tempo em que apertei o botão, girei meu braço e enfiei a faca em seu pescoço.

Um sibilo torturado saiu de seus lábios e eu me virei, vendo o miserável pedaço de merda segurando seu pescoço, tentando estancar o sangramento. Se eu tivesse tempo, eu o curaria, apenas para cortá-lo novamente. Assim, ele sentiria o gosto de seu próprio remédio.

Mas eu não tinha tempo a perder. Minha Reina precisava de mim. Ela estava ferida e era minha prioridade. Então, saquei minha arma, apontei para a testa dele e puxei o gatilho. Seis vezes. Assim, se alguém o encontrasse, saberia que o diabo o havia encontrado.

Tirando minha jaqueta do ombro, joguei-a em volta do corpo seminu de minha esposa e a levantei em meus braços. Voltei para a escada e encontrei o caminho de volta da mesma forma que cheguei, com o corpo frágil de Sailor em meus braços arfando de vez em quando.

— Fique comigo, Reina, — implorei. Não dava a mínima para o que eu dizia. Ela era tudo o que importava para mim. Ela encostou o rosto em meu peito, seu corpo tremendo.

O caminho de saída parecia muito mais longo do que o de entrada. Eu estava ansioso para sairmos daqui. Eu vim longe demais para perdê-la. Gabriel precisava dela. Eu precisava dela, porra.

Sáímos para o pátio sem demora. Outra explosão foi detonada, ensurdecendo-me e fazendo com que pedras voassem pelo ar.

— Raphael! — Sasha gritou, chegando até mim. O maldito estava esperando, apesar de eu ter dito para ele ir embora. Era isso que o tornava um bom homem. Um bom amigo. — Seu bastardo maluco. Achei que você estava perdido. — Seus olhos baixaram para Sailor em meus braços e a fúria cobriu sua expressão. — Jesus Cristo, porra.

Sailor estava com frio, o que provavelmente era bom. — Temos que ir, — eu disse a ele.

Seguindo atrás dele, voltamos para os barcos. As mulheres ocupavam cada um deles.

— Onde diabos vamos colocar todas elas? — perguntou Diego, olhando para o rosto machucado de Sailor. Eu não podia colocá-la no chão. Eu precisava sentir o batimento cardíaco fraco dela, senti-la respirar ou eu perderia a cabeça.

— Quantas mulheres? — Perguntei, sentindo meu próprio cansaço me invadir.

— Cerca de cinquenta. — Foi Nico quem respondeu.

Enquanto ainda segurava Sailor, peguei meu celular com a outra mão e liguei para Cassio. Ele me devia alguns favores. E ele era um amigo. Ele atendeu no primeiro toque.

— Cassio, temos cerca de cinquenta mulheres. Você pode providenciar um alojamento?

— Sim. — Sem perguntas. — Precisa de uma carona?

Meus olhos percorreram os barcos que nos levariam ao meu iate, que, por sua vez, nos levaria de volta à minha ilha.

— Minha ilha.

Capítulo 51

SAILOR

Duas semanas.

Flutuei em um sonho por duas semanas. O anjo Anya sussurrava palavras de conforto. O demônio pai me disse para partir. Meu demônio implorou para que eu ficasse. Anya sussurrou palavras de conforto e um lembrete de minha promessa.

Eu amava minha irmã. Ela nunca me falhou. Ela era minha mãe, meu pai e minha irmã. Ela era tudo para mim.

Até que não era mais.

Eu não sabia quando o demônio de olhos azuis e pele dourada se tornou meu coração e minha alma. Meu tudo. Foi há oito anos, quando dançamos pela primeira vez? Foi quando ele me salvou do homem cruel no corredor?

Ou foi quando ele veio atrás de mim e de Gabriel?

Em algum momento durante todos esses anos, Diablo voltou para mim. No fim das contas, eu estava esperando por ele o tempo todo.

Mas ele me traiu.

Eu me mexi na cama, com a dor persistente em cada músculo me lembrando do que havia acontecido. Eu queria esquecer. Não queria sentir.

Fazia duas semanas que Raphael tinha vindo me buscar. Pelo menos foi o que me disseram.

Eu estava entrando e saindo da consciência. Às vezes, eu ouvia a voz de Gabriel. Ele me abraçava e sussurrava que tudo ficaria bem. As palavras que Anya sussurrava carinhosamente quando eu estava com medo.

Minha garganta se apertou com tanta força que eu tinha certeza de que iria sufocar. No entanto, meu coração continuava batendo. Então, mantive meus olhos fechados - com vergonha e determinação de esquecer.

Tudo e todos.

Sussurros.

Tons abafados. O aroma de *Aguardiente*. Uma presença tão dolorosamente familiar que minhas pálpebras se abriram.

A luz da lua destacou o contorno de um homem. Uma figura alta e escura. Meu demônio.

— Você tem que deixá-la ir. — Reconheci a voz feminina. A de Aurora. — Eu a conheço. Ela vai querer espaço.

— Onde diabos está seu homem? — A voz de Raphael parecia cansada. Quase resignada.

— Ele está lá fora, — sibilou Aurora. — Eu quero levá-la para casa. Willow e eu cuidaremos dela.

Eu podia sentir o gosto da animosidade no ar. A dele. A dela. — Se tocar em minha esposa, você não viverá...

— É melhor você pensar duas vezes antes de fazer essa afirmação. — O ar ficou ártico. Reconheci a voz de Alexei Nikolaev. As coisas estavam ruins, mas eu não conseguia encontrar forças para me importar.

— Por que não vamos nos acalmar? — A irmã de Raphael, Isabella, entrou na conversa. — Sailor é a esposa de Raphael. Ela passou por um inferno, deixe-a descansar. Depois eles conversarão e decidirão o que é melhor para eles.

— Ir embora é o melhor para ela, — disse Aurora. Ela estava errada, mas também estava certa. — Tenho ouvido ela gritar à noite há três semanas. Ela *não* está melhorando. Ela está morrendo. Não está comendo. Não está dormindo.

— Eu vou fazê-la melhorar. — A voz de Raphael refletia uma fúria mal contida.

— Ela já passou por um inferno, — Aurora sibilou. — Não estou dizendo que ela o deixaria para sempre. Mas ela tem que se conformar. Ela nunca se conformou com a morte da irmã. Ela continuou. Pelo bem de Gabriel. É hora de ela cuidar de si mesma. Ela precisa se curar.

— Ela vai se curar comigo. — Eu podia ouvir a teimosia na voz de Raphael. Droga, eu estava tão cansada. Três semanas de sono não foram suficientes. Eu sentia como se houvesse tijolos sobre meu peito, dificultando a respiração.

Eu me mexi na cama e todos ficaram quietos. Virei-me de costas para eles antes que o colchão baixasse bem ao meu lado.

— Todos saiam. — Uma ordem. Uma exigência.

Pés arrastando.

Clique.

Eu estava sozinha com o demônio.

O silêncio era pesado. A história e a verdade foram finalmente reveladas. As estrelas cintilavam na escuridão, sugerindo sua beleza. Mas eu estava cega demais. Meu coração sangrava demais, colorindo a escuridão com as cores vermelho-carmesim de nossos passados.

— Não me deixe de fora, — ele disse, com a voz áspera. — Fale comigo.

— Você mentiu. — Uma acusação. Uma traição. — Você sabia que Anya era minha meia-irmã. Você sabia sobre o acordo. Você tentou me comprar do meu pai.

Sua respiração parou. Seu rosto se aproximou, suas palmas ásperas seguraram meu rosto, depois seu nariz roçou no meu.

— E eu mentiria mil vezes mais, só para manter você comigo.

Era apropriado. Meu diablo não sentia arrependimento. Nem mágoa. Nem dor. Nem medo. Enquanto eu sentia tudo isso.

— Ele está morto? — Em vez disso, perguntei, minha voz parecia uma lixa contra minha traqueia.

— Santiago Tijuana está morto. — Meu alívio. Sua fúria. Eu podia sentir o gosto dela; era uma coisa viva e respiratória viajando pelo ar. — Seu pai é o próximo.

Esperei que a culpa viesse. Isso não aconteceu. Quando muito, havia uma decepção pelo fato de meu pai não estar morto.

— Minha mãe também, — eu disse sem graça.

Ela deixou que ele machucasse Anya. Ela deixou que ele viesse atrás de Gabriel. Ela era igualmente culpada, e eu não tinha mais perdão em mim. Nem para eles, nem para mim.

Eles se safariam facilmente. Anya sofreu por vinte e dois anos. Suas mortes seriam rápidas.

Outra pausa. — Eu cuidarei disso. Por você, Reina, eu cobriria as ruas de sangue.

Quando eu não disse mais nada, ele se levantou e se dirigiu à porta. Uma luz suave invadiu o quarto quando ele a abriu.

Ele olhou por cima do ombro e seus olhos encontraram os meus.

— Eu amo você, Reina, — disse ele suavemente. Três pequenas palavras que deveriam significar o mundo inteiro. No entanto, agora elas estavam manchadas de amargura e mentiras. — Foi preciso apenas uma única dança para me apaixonar por você. Nem mesmo meu último suspiro acabará com isso.

Um demônio. Dois corações. Três almas.

Raphael. Eu. Gabriel.

— Eu quero ir.

Capítulo 52

SAILOR

Três semanas e dois dias desde que fui resgatada. Dois dias desde que eu disse ao meu demônio que queria ir embora.

Aurora me visitou, garantindo que eu estava segura. Isabella também veio. Gabriel apenas me abraçou e conversou sobre coisas normais. Eu sabia que não estava mais naquele porão. Mas minha mente continuava voltando para lá. Voltando àquele lugar escuro.

Os pesadelos me atormentavam. Eu acordava gritando, ouvindo a voz de Santiago. Às vezes, a do meu pai.

Mas Raphael estava sempre lá para me trazer de volta. Meu salvador e meu captor.

Não havíamos nos falado desde que eu disse a ele que queria ir embora. Não que tenhamos nos falado muito desde que ele me resgatou. Mas minha mente estava decidida. Eu tinha que ir embora, curar-me em meus próprios termos. Descobrir para onde ir a partir daqui.

Meus terrores afetaram Gabriel. Eu podia ver isso em seus olhos. Eles até mesmo atormentavam meu marido. Sombras escuras permaneciam sob seus olhos. Eu ouvia sussurros sobre o temperamento do diabo dos funcionários quando eles vinham limpar o quarto e pensavam que eu estava dormindo.

— Tenho que ir, — rosnei para meu reflexo, que me olhava de volta.

Sentada no assento preto do vaso sanitário no luxuoso banheiro de mármore preto de Raphael, ouvi o chuveiro funcionando, observando como a água rolava sobre o mármore escorregadio.

Gabriel o visitou mais cedo e depois foi para a escola. Raphael o matriculou em uma escola que ele costumava frequentar quando menino. Foi uma boa decisão. Gabriel precisava de estabilidade, de uma rotina. Objetivos.

Eu não sabia mais quais eram minhas metas.

Sem objetivos. Estagnada.

Era assim que eu me sentia. Presa em uma névoa, em algum lugar entre um pesadelo e um sonho.

A pele das minhas costas coçava. O médico disse que estava cicatrizando bem. Não havia infecção. Não deveria haver cicatrizes para o resto da vida.

Mas as duchas doem. Eram dolorosas e calmantes ao mesmo tempo. Exceto pelo fato de que eu não tinha coragem de me empurrar para baixo da água.

Então, fiquei ali sentada, de calcinha e camiseta regata, olhando para a forma como a água espirrava contra a parede de mármore e escorria, criando gotas de chuva. Meu corpo ainda era uma tela de hematomas e cortes.

Meus olhos encontraram meu reflexo no espelho novamente.

Eu parecia a mesma, mas não conseguia me reconhecer. Como se estivesse vendo através dos olhos de um estranho. Anya e eu não éramos nada parecidas. Ela tinha cabelos negros como o ébano e olhos castanhos. Acho que como seu pai. Nunca refleti sobre nossas diferenças físicas, porque éramos muito parecidas por dentro. Mas agora que eu olhava para o meu reflexo, podia ver Anya em meus olhos.

A porta do banheiro se abriu e meu olhar se voltou para cima, encontrando Raphael me observando. Ele estava vestido com seu terno preto de três peças, com o contorno do coldre claramente visível. Um demônio bonito e carismático, exatamente como na primeira noite em que nos conhecemos.

— Você está bem?

Seus olhos percorreram o banheiro, como se ele achasse que encontraria alguém aqui, antes de voltar sua atenção para mim.

Ele deu dois passos e se abaixou sobre um joelho. — Reina, você está sofrendo?

Sim. Não. Suspirei cansada. — Eu não sei.

Seus olhos se voltaram para o chuveiro e depois para mim. — Quer tomar uma ducha?

Baixei o olhar. Meu corpo estava uma bagunça. A vergonha me invadiu e as lágrimas queimaram meus olhos. Engoli com força, desesperada para conter as lágrimas enquanto meu lábio inferior tremia.

A mão de Raphael gentilmente pegou meu queixo entre seus dedos. — Deixe-me ajudá-la, Reina.

Nossos olhares se cruzaram. O amor que ele deu era como escrever em uma janela embaçada, mas o vapor do chuveiro quente o apagou. Ele disse que me amava. Eu não conseguia responder. Eu me sentia suja. *Quebrada*.

— Tudo bem se eu tirar sua roupa? — Suas palavras eram suaves como um sussurro.

Engoli e abri a boca para dar permissão. Não consegui encontrar minha voz, então apenas assenti. Gentilmente, ele me ajudou a levantar e eu fiquei de pé como uma criança, meu olhar não se desviando dele.

Ele me cercou com a mão grande, leve como uma pluma contra minha pele e, o tempo todo, seus olhos permaneceram em meu rosto. Como se estivesse esperando que o pânico começasse. Segurando a bainha da minha camiseta regata, ele a puxou gentilmente sobre minha cabeça e a jogou no chão. Enganchou os dedos em minha calcinha e a deslizou gentilmente pelas minhas pernas.

Ele tirou a gravata e, em seguida, o paletó. O pânico se acendeu em meu peito. Meu peito se apertou. O oxigênio não conseguia entrar em meus pulmões. Tremores percorreram meu corpo.

— Vou deixar minhas roupas, Reina, — ele garantiu rapidamente e meus olhos encontraram os dele, procurando a verdade neles. — Só vou me livrar da jaqueta, do colete, do meu coldre e dos sapatos. Ok?

Engoli com força. Outro aceno de cabeça.

Em seguida, pegou o coldre e tirou os sapatos e as meias.

Ele me empurrou gentilmente para o chuveiro, e nós dois entramos juntos no jato.

— Diga-me se está doendo, — ele disse, pegando um pano e um sabonete líquido. — Você pode me bater também. Com força.

Meus lábios se ergueram. Foi como se eu tivesse lhe dado o maior presente, porque a luz cintilou em seus olhos. Nossos olhares se cruzaram, e foi como se ele tivesse prendido a respiração. Mas as palavras me faltaram.

— Pronta? — ele perguntou suavemente.

— Sim, — respondi suavemente, minha voz mal era um sussurro.

Ele começou a lavar meu corpo, com o aroma de prímula enchendo o luxuoso banheiro. Ele ensaboou cada centímetro do meu corpo, suavemente e com tanta delicadeza que quase me levou às lágrimas.

Ele se ajoelhou, lavando meu pé esquerdo e depois o direito. Em seguida, ergueu-se de pé e lavou meu cabelo. Colocou xampu nas palmas das mãos e esfregou-o lentamente no meu cabelo, com um toque leve como uma pluma.

Em seguida, enxaguou o produto e repetiu o processo com o condicionador.

Quando terminou, ele encostou a boca em minha testa, desligou a água e pegou a toalha grande e macia, enxugou meu corpo e a enrolou em mim. Ele fez o mesmo processo com meu cabelo, secando-o com tapinhas.

— Bom? — perguntou ele, com a voz carregada de emoções. Não tenho certeza de que tipo de emoções e não ousei perguntar.

— Obrigada.

Um aceno conciso de cabeça. Saímos juntos do chuveiro, com a água pingando de suas roupas. — Você vai ficar doente, — murmurei.

Seu olhar percorreu seu corpo e depois voltou para mim. — Você se importa se eu tirar minha roupa?

— Claro que não.

Seus movimentos eram eficientes e rápidos enquanto ele se despia. Por alguns instantes, ele desapareceu no quarto, deixando a porta aberta. Observei-o ir até o armário e tirar uma muda de roupa. Observei seus músculos se mexerem enquanto ele vestia uma cueca boxer seca e colocava uma calça de pijama.

Quando ele se virou, havia uma expressão cautelosa em seu rosto enquanto nossos olhares se fixavam, com o ar denso entre nós. A energia perigosa zumbia no ar. Raphael nunca foi de esconder sua crueldade.

Ele tinha seu título tatuado em sua mão, pelo amor de Deus.

Mas ele a escondia agora. Voltou ao banheiro.

— Obrigada. — *Por me salvar. Por não ter desistido de mim. Por me amar.*

Ele deu cinco passos para trás em minha direção, sua estrutura alta se elevando sobre mim. Seu olhar fez um buraco em mim, vendo meu coração. *Sangrando. Danificado.*

Ele se recostou contra o balcão, meu corpo ficou imóvel enquanto eu observava a tinta familiar que marcava sua parte superior do tronco. Ele estava aparentemente relaxado, com as duas mãos curvadas

sobre a borda da bancada de mármore. Mas os nós de seus dedos estavam brancos. Seus dedos agarravam o mármore, e eu temia que ele o quebrasse.

Mas foi sua aliança de casamento, que brilhava contra a luz, que chamou minha atenção.

— Não me deixe, Reina. — Sua voz escura estava carregada de desespero. — Diga-me o que você quer, o que você precisa. Você pode ter tudo, qualquer coisa. Tudo. Só não me deixe.

Eu não conseguia encontrar minhas palavras. As emoções estavam emaranhadas em minha língua e queimavam minha alma. E doeu tanto que achei que uma mão estava em volta da minha garganta e me sufocava.

— Eu quero morrer. — A confissão vergonhosa escapou por meus lábios.

Uma pausa pesada encheu o ar, sufocando a nós dois.

— Não.

Soltei um suspiro forte e meus olhos se voltaram para os dele. Suas mãos se apertaram brevemente, depois sua mão grande se aproximou da minha e me puxou para ele. — Não, Reina. Você não quer morrer. Sabe por quê?

Ele pressionou meu corpo contra o seu, suas mãos me segurando. Como se estivesse com medo de que eu o deixasse agora.

— Por quê?

— Porque você é forte. — Seus lábios passaram sobre minha testa. — Porque você é minha e eu sou seu. Porque Gabriel ama você.

Porque eu amo você. Você é a minha razão de viver. Esperei por você a vida inteira. Eu a encontrei por um momento e depois a perdi por oito anos. Agora que tenho você, não posso deixá-la ir. — Sua boca estava em meu pescoço agora. — Por favor, não me peça para deixá-la ir.

Inclinei a cabeça, sentindo o antigo desejo reacender-se.

Apesar de tudo isso, eu ainda o desejava.

— Viva para mim. — O desespero estava em cada uma de suas palavras. Sua boca se agarrou à minha pele, mordiscando-a, depois lambendo-a, para depois beijá-la com reverência e delicadeza. Uma lágrima rolou pela minha bochecha. — Reina, viva por mim e pelo Gabriel. Por nossa família.

Balancei a cabeça com tristeza.

— Você precisa me deixar ir, — sussurrei, odiando o fato de estar partindo o coração dele. — Gabriel precisa de você. Vou ficar por perto, mas preciso de tempo.

— Quando fui falar com seus pais, — começou ele, com os braços apertados ao meu redor, — ameacei-os de que, se tentassem alguma coisa, eu os mataria. Depois me ofereci para comprar o contrato dele com a escória de Tijuana, para garantir outra camada de proteção. — Seu raciocínio fazia sentido. Eu não podia usar isso contra ele. Depois de tudo, parecia um detalhe sem importância. — Quando ele se recusou, eu tentei o acordo que ele violou há oito anos. Eu não estava tentando comprar você. Quero que seu amor seja dado livremente. Não comprado.

Meu sangue pulsava em meus ouvidos. Minhas mãos estavam úmidas. O medo me invadiu. A escuridão dançava entre nós - a dele, a minha, a nossa.

A verdade é que eu me sentia segura em sua escuridão. Talvez tenha sido exatamente isso que me assustou ainda mais.

— Você escondeu isso de mim, — eu disse. — Eu lhe contei sobre ter visto seu pai estuprar Anya. Por que não me contou?

— Você se machuca só de falar sobre isso. — Eu podia ver a verdade em seus olhos, mas isso não me fez sentir melhor. — Eu não queria lhe causar mais dor.

Fazia sentido. Deixar os fantasmas descansando no passado. Só que agora eu tinha novos fantasmas, e não podia simplesmente me esconder deles debaixo da cama.

— *Preciso* ir, — sussurrei baixinho, odiando o fato de estar magoando-o. — Preciso de um tempo sozinha. Gabriel pode ficar com você. Ele precisa de estabilidade e de uma boa noite de sono. Isso é algo que não posso lhe dar agora.

Algo conflituoso surgiu em seus olhos. Algo muito próximo de seu próprio pânico. Não gostei de ver isso. Meu olhar se encontrou com o dele e meus pulmões ficaram apertados. Eu sabia que se eu varresse esse medo para debaixo do tapete, ele viria me assombrar. E não seria apenas eu a pagar o preço.

— Minha mãe se matou. — Suas palavras abalaram o ar. Procurei seu rosto diante da mudança abrupta. — Meu pai não era bom para ela. A última vez que ele a forçou, ela não aguentou mais. Um

interruptor foi acionado e não havia como voltar atrás. Eu não estava lá a tempo de salvá-la. Ela pulou da varanda bem na minha frente. — Observei o movimento de seu pomo de Adão enquanto ele engolia com força. — Eu não pude salvá-la.

A pressão em meu peito ficou pesada. Mas não por mim, era por ele. A dor em sua voz trouxe lágrimas aos meus olhos, e eu o envolvi com meus braços e percebi o egoísmo de minha declaração anterior.

— Não me deixe, Sailor. — Algo áspero e indomável vibrou no ar, a emoção em suas palavras chegando perigosamente perto do pânico. — Eu quero salvar você. Salvar-nos.

Engoli, agora entendendo por que minhas palavras anteriores de que eu queria morrer o afetaram tanto. Meu coração estava se partindo pela segunda vez neste mês, mas desta vez era por ele. Se eu ficasse, acabaria em um buraco do qual não haveria volta. Se eu ficasse, eu puxaria ele e Gabriel para um abismo.

Eu havia me apegado a Anya durante toda a minha vida. Até que ela se foi. Depois foi Gabriel. Eu continuei por ele e pela promessa que mantive. E agora Raphael.

E, durante todo esse tempo, deixei que todos sofressem para que eu não sofresse. Se eu me afastasse, meu pai os deixaria em paz. Ele viria atrás de mim. Eu sabia disso tão bem quanto minha próxima respiração.

Ele viria me buscar e, quando isso acontecesse, eu não queria Raphael nem Gabriel perto de mim.

Meu olhar encontrou o do meu marido e eu respirei fundo.

— Sinto muito.

Inclinei-me para a frente, pressionando minha boca contra a dele.

Então me agarrei a ele, com o mesmo desespero que ouvi em sua voz.

Por um pouco mais de tempo.

Capítulo 53

RAPHAEL

Eu deixei-a ir.

Já se passaram vinte e sete dias, seiscentos e quarenta e oito horas e trinta e oito mil, oitocentos e oitenta minutos desde que a deixei em minha cobertura em Miami. Dois dos meus homens mais confiáveis guardavam a porta da frente. Eu tinha uma equipe de cinquenta homens vigiando o prédio e a vigiando sempre que ela ia a algum lugar.

E eu ainda me preocupava com ela. A cada segundo do dia.

Cerrei o maxilar, meus molares rangendo com força enquanto eu me afastava dela e meus malditos olhos ardiam. *Deus!* De repente, eu era um maricas de merda, chorando por uma mulher. Mas ela não era uma mulher qualquer. Ela era minha esposa.

Eu recebia atualizações diariamente. Ela fez aulas de autodefesa. Até mesmo foi a um campo de tiro e praticou tiro. Ela era boa no começo, mas murmurou para seu guarda-costas que queria ser ainda melhor. *Invencível.*

O problema era que nenhum de nós era invencível, e ela teria de aceitar isso.

De qualquer forma, eu sabia o que ela comia, o que vestia, aonde ia e o quanto gritava à noite. Esse último aspecto me atormentava. Eu

queria confortá-la, assegurar-lhe que faria um trabalho melhor e a protegeria.

Eu falhei com ela.

Então, aqui estava eu. Eu a deixei ir e esperei que ela encontrasse o caminho de volta para mim. Infelizmente, a cada dia que passava, essa esperança diminuía. Eu não fazia a barba há dias e a única razão pela qual eu não estava tomando uma garrafa de Aguardiente era por causa de Gabriel.

Combinamos que ele dividiria seu tempo entre a casa dela e a ilha. Ele iria para a cobertura dela depois da escola e eles fariam a lição de casa juntos, brincariam com Bruno e ela prepararia o jantar para ele. *Ou o queimava*, brincou Gabriel. Depois, eles caminhavam pela praia com Bruno a seus pés. O pequeno buldogue francês se tornou sua única companhia constante.

Apesar do fato de Sailor odiar deixar Gabriel ir embora todas as noites quando meu motorista ia buscá-lo, ela se recusava a deixá-lo passar a noite. Ela não precisava dizer o motivo. Seus pesadelos.

Recostei-me em minha cadeira e meus olhos percorreram a mesa. Estalei os nós dos dedos. Depois, estalei-os novamente. A inquietação se espalhava sob minha pele e minha paciência estava se esgotando.

Cada dia que passava sem Sailor ficava cada vez pior. Ela precisava de espaço. Eu precisava *dela*. Em minha cama, em minha casa. Porra, só comigo. Eu não sabia como conseguiria passar mais um dia sem ela, quanto mais um mês.

Aqui eu estava sentado na frente de três homens do cartel mexicano e não conseguia parar de pensar em minha esposa. Se uma bala se alojasse em minha cabeça, eu a mereceria. Você simplesmente não fazia negócios com o cartel enquanto fantasiava com uma mulher.

— Poderíamos começar uma parceria...

— Não estou interessado em nenhuma parceria. — Eu interrompi o homem, minha voz impassível. — Mais alguma coisa? Ou você quer falar mais merda?

A tensão se instalou no ar e o chefe do tráfico mexicano me lançou um sorriso conhecedor. — Parece que o senhor precisa de uma mulher para aquecer sua cama, — ele começou. *Oh, ele não precisava!* — Eu tenho um estoque de mulheres. Você escolhe.

— Sou casado, — retruquei. — E da próxima vez que você oferecer uma mulher ou sequer sugerir que está trazendo uma mulher traficada para o meu território, vou queimar todo o seu negócio. Entendido?

Sua pele bronzeada ficou manchada e ele se levantou de seu lugar, depois saiu da sala, batendo a porta atrás de si.

Seus homens o seguiram e, com a reunião concluída, meus olhos se voltaram para o Oceano Atlântico, as cores claras do mar me lembrando os olhos de Sailor.

Meus homens foram embora com os demais, deixando-me sozinho com Caine. Ele lançou um olhar hesitante em minha direção.

— O quê? — Eu gritei. Sim, meu temperamento tem sido curto ultimamente.

— Escute, Raphael, — disse ele do assento ao meu lado, — talvez você tenha que considerar que ela não vai voltar.

Nunca.

Eu encontraria uma maneira de trazê-la de volta para mim. Eu era o demônio. Eu encontraria uma maneira. Eu encontraria uma maneira de roubar sua alma, seu coração e seu corpo. De alguma forma.

— Você precisa transar, — acrescentou.

— Vou transar quando minha esposa estiver pronta, — gritei.

Mas Caine estava certo. Quando eu me abstinha de sexo, meu temperamento se inflamava mais facilmente e as pessoas morriam mais rápido. Não que elas não merecessem.

Mas eu me recusava a encontrar a liberação com qualquer outra pessoa. Ou seria minha esposa ou ninguém mais.

Balançando a cabeça, ele saiu da sala e o silêncio tomou conta do meu escritório. A abstinência não era meu único problema. Era também o fato de eu ter procurado os pais de Sailor por todos os cantos. Os covardes estavam se escondendo. Mal podia esperar para colocar minhas malditas mãos neles e rasgá-los, membro por membro.

Pelo que fizeram com minha esposa. Por tentarem tirá-la de mim. Por terem ido atrás dela, depois que eu os avisei que ela era minha. Eles receberam seu aviso justo. Não lhe deram atenção. Agora eles aprenderiam o que significa me trair.

Foi o ponto alto da porra do meu mês. Isso me fez continuar - para acabar com eles pelo bem da minha esposa. Para que ela encontrasse

paz. Ela tinha que se curar, e não poderia fazê-lo com aqueles dois bastardos vagando por esta Terra.

Todos os momentos com Sailor se repetiram em minha mente. Desde o momento em que a conheci, há oito anos, até ao momento em que a deixei na cobertura. Ela parecia tão frágil, tão vulnerável, com aquele olhar quebrado em seus olhos, que até doeu ir embora.

Ela precisava de espaço. Tempo para se curar. Ela precisava de algo, mas não era eu.

Mas eu nunca desistiria dela.

Porque por um tempo, por mais curto que fosse, eu tinha uma família e agora ela se foi. Gabriel se esforçava muito para ser forte, mas também se preocupava. Nenhuma criança deveria ter que se preocupar tanto. Eu tentei distraí-lo. Visitamos o zoológico juntos, fomos pescar e até fomos à igreja. Achei que não faria mal.

Então, pela primeira vez desde que eu era criança, fui à igreja para algo diferente de um funeral. Sentamos nos bancos e ouvimos o culto em silêncio. E o tempo todo eu me perguntava o que Sailor diria, já que seu demônio estava na igreja. A antiga Sailor teria dado uma risadinha e me dito que a igreja iria pegar fogo.

Gabriel me pediu que o ajudasse com uma oração, então me lembrei da oração que minha mãe me ensinou. Em espanhol. Então, oramos juntos.

Para que Sailor volte para nós.

Como se Gabriel tivesse ouvido meus pensamentos, ele entrou em meu escritório com uma mochila no ombro.

— Oi, Raphael.

Levantei a cabeça e vi que ele ainda estava parado na porta.

— Ei, *hermano*. — Eu adorava chamá-lo de irmão em espanhol. Levantei-me do meu lugar e caminhei até ele. — Como foi a escola? — *Como está sua mãe?* Não consegui fazer a última pergunta. Não estava certo.

— Ótima. — Sorri com seu entusiasmo. — Mamãe veio para o almoço, então passamos a maior parte do dia juntos.

Não perguntei como ela estava. Eu não podia. Temia que ele dissesse que ela estava feliz. Mais feliz do que nunca e que os frágeis laços que começamos a construir se desfizessem em pedaços.

— O que foi o almoço? — Em vez disso, perguntei a ele, tentando obter mais informações.

Como um perdedor patético. Que maravilha. Quarenta anos de idade e eu finalmente havia me transformado em um tolo apaixonado.

Eu odiava o fato de minha esposa precisar de espaço. Minha cabeça entendia isso, mas meu coração se recusava a permitir. Ele procurava qualquer tipo de desculpa ou motivo para encontrar o caminho de volta ao apartamento onde ela estava. Eu costumava ficar lá quando fazia negócios na cidade, mas disse a ela que lhe daria espaço.

— Pizza, — ele sorriu. — Mamãe comprou pizza para toda a escola. Ela disse que era cortesia de seu marido *‘com a bunda cheia de*

dinheiro'. Os professores a olharam com estranheza. Acho que mamãe estava tentando causar um efeito de choque.

Pela primeira vez desde o sequestro de Sailor, meus lábios se contraíram.

— Ela gosta de chocar as pessoas, não é?

Ele deu de ombros. — Às vezes. A Sra. Rush a repreendeu por usar a palavra 'bunda' na frente das crianças. Então, mamãe o chamava de marido mafioso cheio de dinheiro.

Balancei a cabeça. Pelo menos seu espírito estava voltando. Eu pagaria um bom dinheiro para ver aquela conversa entre ela e os professores da St. Maria Catholic School.

— Ei, Raph. — A hesitação na voz de Gabriel me alertou e eu concentrei minha atenção nele.

— Sim?

— Você acha que ela voltará para nós? — perguntou ele. — Para a ilha?

Caramba! Eu esperava que sim. Caso contrário, seria uma vida triste para mim.

— Não sei, amigo, — disse a ele com sinceridade. — Mas quero que saiba que essa coisa entre mim e sua mãe é culpa minha.

— Isso é engraçado, — ele murmurou. — Porque mamãe diz que a culpa é dela.

Eu me endireitei. — Não é culpa dela, — protestei. — Ela já passou por muita coisa.

A expressão de Gabriel ficou séria. — Eu sei. Mas também não é sua culpa.

Droga, o garoto era muito perspicaz e tinha um bom coração. Como Sailor.

Seguiu-se uma longa pausa.

— Seu pai era um bom homem? — O fato de ele tê-lo chamado de *meu* pai, e não de *nosso* pai, não me escapou. Sua pergunta me surpreendeu um pouco. Ela veio do nada. Mas já era de se esperar, considerando que meu pai era bem conhecido em Miami. No momento em que Gabriel começou a frequentar a escola aqui, era de se esperar que ele ouvisse os rumores sobre nosso pai.

— Não, ele não era um bom homem. — Não havia sentido em adoçar a situação. — Mas vocês são. Nós não somos nosso pai.

Eu não culparia ninguém por manter uma criança longe do meu pai. A mãe de Isabella a manteve escondida e minha meia-irmã foi muito melhor por isso. Embora ela tenha encontrado seu caminho de volta ao submundo, apesar de todas as probabilidades.

O mesmo acontecia com Gabriel.

Ele acenou com a cabeça. — Acho que o pai de mamãe também não era um bom homem. — Fixei o olhar de meu irmão, com as perguntas claras. Ele queria uma explicação, mas eu não podia lhe contar tudo. Isso era algo que Sailor e eu teríamos que fazer juntos. Quando ele fosse bem mais velho. Concordei com ela, pois queríamos preservar a inocência dele pelo maior tempo possível. — Acho que é o motivo pelo qual ela não gosta de dormir no escuro.

Eu gostaria de ter poupado Sailor de toda a sua dor, mas então nós dois nunca teríamos nos cruzado. Éramos tão diferentes, mas foram nossas experiências passadas que nos conectaram e, porra, eu não conseguia imaginar minha vida sem ela.

Duas horas depois, eu estava estacionado em frente ao meu antigo apartamento.

Meus homens me deram uma atualização sobre suas atividades. Essa era a hora em que ela fazia caminhadas pela praia. Gabriel deixou escapar que ela planejava caminhar ainda hoje. Então, aqui estava eu, como um perseguidor, procurando qualquer sinal de minha esposa.

Fiquei olhando para o prédio, com os olhos fixos na única porta que levava do prédio diretamente para a praia.

Sim, eu sabia que havia concordado em dar tempo a ela. Eu só precisava de um vislumbre dela para me manter firme. A obsessão por minha esposa tornava difícil pensar com clareza. Dormir. Viver.

Como diabos eu sobreviveria sem ela se ela decidisse não voltar?

Eu não conseguia nem pensar nisso.

Ao ver o cabelo loiro, da cor da neve fresca, pelo canto dos olhos, fiquei quieto.

É ela.

Usando leggings brancas e uma camiseta preta que mal cobria aquela bunda linda, eu não conseguia desviar o olhar da bela visão. Foi

outra coisa que notei. Ultimamente, ela usava cores simples. Branco, preto, cinza. Eu tinha certeza de que isso tinha algo a ver com seu humor.

Alguns transeuntes a cumprimentaram e ela os cumprimentou com um aceno de cabeça, mas seu olhar nunca se deteve neles enquanto passava correndo por eles.

Ela atravessou o portão, tirando os sapatos, e eu tinha apenas alguns segundos antes que ela desaparecesse de minha vista. E, como um cachorro, eu estava saindo do carro e seguindo atrás dela.

Eu estava na metade da rua, passando pelos homens que designei para vigiá-la. A brisa soprava na praia, levando consigo o cheiro dela.

Apenas mais um vislumbre.

Capítulo 54

SAILOR

Uma onda de consciência percorreu minha nuca e desceu pela minha espinha.

Alguém estava atrás de mim. E não eram os guarda-costas. Os homens de Raphael, de alguma forma, dominavam o fato de se misturarem ao nada, de modo que eu mal os percebia.

Mastiguei o lábio inferior enquanto pensava em como olhar discretamente para trás e um lampejo de ansiedade lentamente se transformou em um ataque de pânico total.

Meus pulmões se contraíram, apertando.

Respirei fundo e depois respirei novamente. O pânico se contorceu em meu peito. Não conseguia levar oxigênio suficiente para os pulmões.

— Reina.

Meus olhos se voltaram para a direção da voz. *Raphael.*

— Meu demônio.

As palavras viajaram com a brisa. Eu não senti minha boca se mover, mas elas devem ter se movido, pois ouvi meu sussurro no vento.

— Sim, seu diablo. — Sua voz era suave. Dois passos e suas mãos me envolveram. Eu estava pressionada contra seu corpo quente, inalando seu cheiro profundamente em meus pulmões.

Vinte e sete dias.

Eu sentia falta dele. Os pesadelos vinham, mas meu demônio também. Ele me salvava todas as vezes. Assim como agora. Achei que seria mais fácil não estar perto dele. Mas não era. Eu sentia falta dele e de Gabriel a cada segundo do dia e da noite. Eu acordava, vagava pela cobertura vazia e acabava encontrando Bruno. Eu adorava nosso cachorro, mas ele não conseguia preencher o vazio que eu sentia sem Gabriel e Raphael.

Os finais de semana, entretanto, eram os piores. A solidão era mais pesada nessa época. Eu tinha feito muitas chamadas FaceTime com Aurora e Willow. Ambas queriam me visitar e foi preciso muita persuasão para impedi-las de vir.

No entanto, era o meu marido que eu desejava todos os dias.

Enterrei meu rosto em seu peito e envolvi minhas mãos em sua cintura. Um ruído áspero soou no fundo de seu peito e ele me puxou ainda mais para perto de si.

— Respire, Rainha.

Ele passou a mão pelo meu cabelo e depois pelas minhas costas. Ele murmurava palavras suaves em espanhol e eu as achava calmantes. Logo, minha frequência cardíaca diminuiu e minha respiração se acalmou, com meus braços em volta de sua cintura.

Lentamente, o som das ondas voltou a entrar em foco. Vozes humanas rindo. O zumbido dos barcos a motor. Pássaros.

Ele tinha um cheiro tão bom. Como um cobertor favorito do qual você se confortava. Ou talvez como o demônio de que você precisava.

Seus dedos se entrelaçaram em meu cabelo e ele o puxou gentilmente, forçando-me a encontrar seus olhos. Seu olhar fixo e sem piscar encontrou o meu, consumindo-me.

Meu Deus, eu adorava sua proximidade. Ele estava quente e seus músculos estavam duros contra mim, e seu cheiro era exatamente como eu me lembrava. Um aroma quente de alcaçuz e totalmente masculino. Meu homem.

Ele estava tenso, embora suas mãos oferecessem conforto. Eu sabia que era errado aceitar o conforto oferecido. Não era justo com ele, mas eu precisava muito dele agora.

— Está tudo bem, — ele sussurrou contra meu cabelo. — Ninguém jamais a machucará novamente.

Meus dedos seguraram a bainha do paletó de seu terno. Como se ele fosse meu bote salva-vidas.

A verdade é que eu temia que, a qualquer momento, meu pai aparecesse e me levasse novamente. Que me entregasse a outra pessoa e que, dessa vez, Raphael não me encontrasse.

Eu odiava o fato de me sentir vulnerável. Odiava ainda mais a fraqueza que isso me fazia sentir. Aurora era forte. Era uma durona e, depois do que viveu, fez de si mesma a mais forte que poderia ser. Eu não.

Eu me apeguei a Anya durante toda a minha vida. Depois, ela se foi e eu me apeguei ao bebê que ela deixou para trás. Sim, eu o criei. Sim, eu cuidei dele. Mas não me tornei forte e invencível para lutar contra pessoas como meu pai.

E agora... eu me agarrava a Raphael, mas não queria ser aquela mulher pegajosa que precisava ser salva. Às custas dos outros.

— Não posso fazer isso, — choraminguei. — A cada segundo do dia, espero que *ele* esteja aqui. Quando Gabriel me visita, eu me preocupo tanto com a vinda de papai que mal consigo respirar.

Ele se aquietou, com algo sombrio cintilando em seu olhar.

— Aquele cabrón está se escondendo, — ele sibilou. — Ele não virá buscá-la, mas eu o encontrarei. Eu prometo a você, Reina. Ele não chegará perto de você. Nunca mais.

O tom de veemência vibrava em cada palavra sua, e eu acreditei nele. Sua escuridão me envolveu em uma bolha protetora. Quem poderia imaginar que o demônio seria meu salvador?

— Olhe para mim, Sailor. — Seus dedos chegaram ao meu queixo e o levantaram para que nossos olhares se encontrassem. — *El amor todo lo puede*. — O amor pode fazer tudo. Suas palavras suaves em espanhol fizeram meu coração vibrar.

— Você e eu acabaremos com seus pais, — ele prometeu. — Prefiro morrer a deixar que alguém machuque você ou Gabriel.

Engoli em seco, uma única lágrima rolou pela minha bochecha. Esse era exatamente o problema. Eu não queria que ele morresse. Ele a

afastou com o polegar e, em seguida, passou-o sobre meu lábio inferior. Minha língua passou sobre ele, lambendo o gosto e passando sobre seu dedo.

Seu olhar se dirigiu aos meus lábios, com aquele desejo sombrio que eu conhecia tão bem, persistindo profundamente naqueles azuis. Havia um calor possessivo em seus olhos, oferecendo-se para me consumir.

E eu o deixaria.

Cheguei à conclusão de que as cores do demônio não eram vermelhas. Eram azuis - a cor de seus olhos.

Capítulo 55

SAILOR

Raphael e eu voltamos da praia, de mãos dadas.

Eu não queria colocar distância entre nós. Sua força e seu calor se impregnaram em meus ossos, e encontrei conforto em seu toque.

Ao entrarmos no elevador que nos levaria à cobertura, permaneci perto dele. Suas mãos chegaram aos meus quadris e me puxaram para mais perto. Não era algo sexual, mas mais possessivo. Como se ele precisasse me sentir perto dele tanto quanto eu precisava senti-lo perto de mim.

Meu coração batia forte. Meu sangue ardia em minhas veias. E minha pele vibrava com a necessidade. Mas eu não estava pronta. Eu sabia disso no fundo do meu coração.

Muitos pesadelos. Muitas perguntas. Muitas coisas não resolvidas.

Tive sorte de Raphael ter chegado quando chegou. Santiago Tijuana pode não ter me estuprado, mas esteve perto de me quebrar. Os danos, mais mentais do que físicos, permaneceram profundos em minha mente e em minha alma.

O elevador tocou, indicando que estávamos no último andar, e Raphael pressionou a palma da mão contra o dispositivo de segurança. Ele

se abriu diretamente para o meu andar, com dois dos homens de Raphael parados no corredor.

Um breve reconhecimento e nós dois entramos na cobertura por outra porta segura que somente a palma da mão do Raphael e a minha abriria.

A fechadura fez um clique e Raphael abriu a porta para mim.

Entrei pela porta e a ampla vista da água azul cristalina de Miami se estendia pelas janelas que cobriam toda a parede sul. A vista sempre me conquistava. Era de tirar o fôlego.

— Você com certeza sabe escolher casas com as vistas mais lindas, — murmurei, quebrando o silêncio.

Senti um tremor nos dedos, uma energia nervosa correndo em minhas veias.

— Humm, quer algo para beber? — Eu ofereci. Essa era a casa dele, então me senti estranha como anfitriã.

— Sailor, não fique nervosa. — A voz de Raphael veio de trás de mim, mas não muito perto, como se ele sentisse que eu precisava de espaço.

Respirando fundo, virei-me lentamente e o encarei. Eu ainda o considerava o demônio mais bonito que já havia conhecido.

— Não estou nervosa, — murmurei. Seus olhos baixaram para minha mão, torcendo e segurando meu pulso com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. — Ok, talvez um pouco, — admiti.

— Estamos apenas conversando, — garantiu ele. — Pense nisso como uma visita.

Era uma estupidez eu precisar de sua segurança. Não é que eu não o quisesse. Eu realmente o queria. Só que aquele medo ainda permanecia em algum lugar lá no fundo e eu não conseguia me livrar dele.

— Água, então? — Ofereci. — Acho que não há álcool.

Apesar do fato de eu estar aqui há quase um mês, não era um lar. Não sem Gabriel e Raphael aqui. Portanto, tornou-se apenas um lugar para ficar até que eu pudesse aceitar tudo o que havia acontecido.

Naquele porão. Com todos os segredos que havia entre nós. E meu medo de que, de alguma forma, Gabriel ou Raphael fossem envolvidos nesse relacionamento odioso com meus pais.

— Água está bom.

— Por favor, sente-se. — Afinal, era o apartamento dele. Ele desabotoou o paletó do terno, mostrando o colete preto que abraçava a barriga lisa e o coldre. Observei sua mão se mover graciosamente, a tinta em sua mão sedutora enquanto ele se sentava no sofá.

Diablo.

Talvez fosse exatamente isso que me fazia sentir segura perto dele. O fato de que ele usava sua crueldade como um distintivo de honra. Ele era forte e corajoso; eu não era. Ele era todo duro; eu não era.

Talvez tenha sido o fato de sermos tão diferentes que puxou minhas cordas invisíveis e me atraiu para ele.

Dirigi-me à cozinha aberta e pude sentir seu olhar em mim o tempo todo enquanto me movia por ela. Peguei a garrafa de água na geladeira e o copo no armário, depois servi um copo para ele.

Ao sair da cozinha, coloquei o copo ao lado dele. Por uma fração de momento, fiquei pensando em onde me sentar. Ao lado dele? Do lado oposto ao dele? Ficar em pé?

Então, optei pelo assento ao lado dele.

— Como você está, Reina? — Toda vez que eu ouvia o som profundo de sua voz, meu coração se acalmava e depois se derretia um pouco. Eu adorava ouvir sua voz. Adorava ouvir seu carinho por mim.

— Você chama mais alguém por esse nome? — perguntei aleatoriamente.

— Que nome?

— Reina.

— Não, só você, — disse ele. Havia algo de cansaço em seus olhos. — Só existe uma de você. Você é a única pessoa para mim.

Encontrei seu olhar e ele tocou meu coração, como todas as vezes. Um mês pode mudar muito ou não mudar o suficiente.

As cicatrizes invisíveis se tornaram uma parte permanente de mim. Os pesadelos persistiam. Eu não sabia como me livrar deles. Eu queria ser salva, mas também não queria. O lembrete de que eu não podia ser fraca.

Eu não era forte como Anya e Aurora. Acontece que eu sempre procurei por um salvador. No entanto, a verdade que Raphael escondeu de mim fez com que fosse difícil confiar nele.

— Você parece cansado, — eu disse o óbvio.

— Não consigo dormir sem você.

Sua admissão fez com que borboletas se agitassem em meu estômago. Eu também não conseguia dormir sem ele. Sim, os pesadelos me mantinham acordada, mas uma cama vazia também. Eu precisava de seu calor, seu cheiro e sua respiração profunda ao meu lado.

— Você quebrou minha confiança. — A acusação não era justa porque, apesar de tudo, ele me salvou. Tanto meu filho quanto eu.

— E sinto muito por isso. Se eu pudesse voltar atrás, teria lhe contado que fui ver seu pai para chantageá-lo. Para garantir que ninguém a tiraria de mim. Eu sabia como funcionava o acordo entre Belas e Mafiosos. Uma vez acertado, não havia como voltar atrás. Ele não cumpriu sua obrigação com meu pai, e essa foi a minha maneira de burlar o acordo que ele fez com Santiago.

— Você não pode me comprar, Raphael. — Ficamos olhando um para o outro em silêncio. — Sua intenção era me comprar, Raphael?

O choque passou pelo rosto de Raphael, seguido de uma emoção fervorosa.

— Nunca foi minha intenção comprá-la. Apenas amá-la, — respondeu ele com aquela voz baixa e calma que sempre alertava para a

violência iminente. — Exigi que seu pai cumprisse o contrato não para comprá-la. Mas para protegê-la. Porque eu amo você.

As palavras que toda mulher desejava ouvir. As palavras com as quais eu sonhava desde que o deixei. Ele me disse que me amava, repetidas vezes, e eu ainda não tinha dito as palavras. Não porque eu não o amasse, mas porque eu estava com medo.

— Por que você acreditaria em seu pai? — Seu maxilar se moveu em pensamento, seus olhos profundos e sérios em mim.

— Quando voltamos para a ilha, você disse que mentiria mil vezes mais, só para me manter com você. — Minha voz estava hesitante enquanto olhávamos um para o outro. — Não sei o que fazer com isso.

A confiança era algo frágil. Era tão fácil de ser quebrada, mas tão difícil de ser construída. Anya nunca havia traído minha confiança. Eu também não queria trair a dela, mas esse segredo dentro de mim estava me matando. Eu precisava que Raphael entendesse por que me machucava o fato de ele me manter no escuro sobre seu conhecimento. Anya e eu crescemos cercadas de segredos e traições. Nossos próprios pais deveriam nos proteger, mas foram eles que nos machucaram. Especialmente Anya. Eu precisava que Raphael entendesse que guardar segredos de mim era como uma traição.

Esse foi o motivo que me levou a me tornar uma repórter. Para ajudar os outros. Para proteger as vítimas inocentes, porque eu não pude ajudar minha própria irmã.

— Desde que me lembro, meu pai e minha mãe me assustavam, — murmurei baixinho. — Sempre foi Anya quem me protegeu. Ela era

tudo para mim. Ela me alimentava. Brincava comigo. Ela me ensinou as letras, como amarrar meus sapatos. Ela me protegia. Mas uma coisa que ela não conseguia quebrar era meu medo do escuro. — Inspirei profundamente e depois expirei lentamente. — Meu pai odiava o fato de eu precisar de uma luz noturna, mesmo quando comecei a estudar. Eu gritava à noite, assustada, porque ele chegava no meio da noite e removia a luz noturna que Anya colocava para mim. Por fim, fiquei mais esperta e ia para o quarto de Anya e dormia com ela.

— Quando eu colocar minhas mãos nele... — ele rosnou. — Em ambos os seus pais.

Se alguém pudesse acabar com eles, seria Raphael. Ele prosperava na escuridão, deixando-a penetrar em sua alma.

— Essa não foi nem a pior parte, — sussurrei, sabendo o que estava por vir, mas ainda assim meu coração batia no ritmo do medo que poderia esmagar minha traqueia e me deixar quebrada. — À noite, ele ia ao quarto de Anya. Quando me encontrava lá, batia nela e em mim por causa de minha fraqueza. Mas quando ouvíamos seus passos pelos corredores de mármore oco, ela me fazia voltar para o meu quarto. Mas às vezes ouvíamos tarde demais, então ela me fazia esconder debaixo da cama.

A tensão o percorreu. Ele pegou minhas mãos com as suas. Eu não tinha percebido que estava torcendo os dedos. Nossos dedos se entrelaçaram, seu polegar roçando a pele entre meu polegar e o indicador. O movimento era suave.

— Diga-me o que ele fez com você, Reina. — Sua voz era suave, mas sublinhada com algo sombrio e veemente.

Essas lembranças assombrosas não eram tão assustadoras quando ele estava comigo.

Respirando fundo, busquei a coragem que Anya sempre disse que eu tinha. Eu a havia perdido no último mês, mas me recusei a me acovardar.

— Não para mim, — sussurrei, respirando fundo e tentando evitar que as lágrimas escorressem pelo meu rosto. — Para Anya. Ele a machucava, a tocava. — Engoli com força. — Eu mordida minha mão para ficar em silêncio e chorava por ela, porque ela não o fazia. E o tempo todo, eu olhava para a mão dele agarrada na beirada da cama com aquele maldito anel de sinete com o brasão da nossa família.

Sua postura permaneceu imóvel, o polegar ainda se movia em movimentos suaves, mas seu olhar escureceu.

— Anya sempre me dizia para ser corajosa, — continuei. — Mas ela era a mais corajosa. Mais corajosa do que eu. Mais forte do que eu também.

Raphael me puxou contra seu peito, depois embalou minha cabeça em seu peito enquanto sua outra mão me acalmava com movimentos para cima e para baixo em minhas costas.

— Você é corajosa, mi amor. — A convicção em sua voz quase me fez acreditar. — Corajosa. Bela. Gentil. Tudo. Você é tudo para mim e para o Gabriel. Precisamos de você.

— Só preciso de um pouco mais de tempo, — respirei.

A decepção cintilou em seus olhos, mas ele assentiu. Foi sua abnegação que fez com que eu me apaixonasse por ele. Sua proteção feroz. Sua bondade. Até mesmo sua crueldade.

— Vou esperar por você, — ele prometeu. — Pelo tempo que você precisar.

— Você pode passar a noite aqui, por favor?

Capítulo 56

RAPHAEL

Quando ela me pediu para passar a noite, pedi a Caine que trouxesse Gabriel.

Nós três jantamos comida chinesa, comemos alguns biscoitos da sorte e depois assistimos ao filme da Disney *Luca*, com Bruno enrolado no colo de Gabriel. Parecia uma noite normal. Só nós.

No entanto, quando se aproximava a hora de ir para a cama, eu podia sentir que Sailor estava ficando inquieta. Preocupada.

Depois de colocar Gabriel para dormir, nós dois fomos para o quarto e nos deitamos na cama. Então, como se estivesse sendo puxada pela mesma necessidade, ela se aproximou mais de mim e enterrou o rosto em meu peito. Sua mão envolveu meu torso e seus seios pressionaram meu peito. Deus, isso era o céu e o inferno. Tê-la tão perto de mim. Seu cheiro estava em toda parte.

De vez em quando, um gemido suave saía de seus lábios. Sua respiração ficou difícil e meu peito se apertou. Foi um soco no meu estômago ver o medo em seu rosto. Eu a puxei para perto de mim e sussurrei promessas para o nosso futuro.

Ela parou em meus braços e seus olhos se abriram.

— Raphael?

— Estou aqui, — murmurei com uma voz suave.

— Você não está indo embora, está?

— Ficarei com você pelo tempo que você quiser, — sussurrei. As palavras pareceram acalmá-la e seu corpo relaxou. Pressionei a palma da mão contra sua bochecha e ela se inclinou contra ela, com os olhos fechados.

— Para sempre.

Acordei com o cheiro de prímula ao meu redor. O perfume da minha esposa.

A esperança em nosso futuro cresceu enquanto eu a via dormir em meus braços.

Qualquer que fosse o tempo que ela precisasse, ela o teria. Porque nós dois sabíamos que, no final, ela seria minha. Todos os meus pecados, todos os meus erros, todos eles me levaram a ela e eu seria condenado se deixasse passar essa chance de ter um final feliz.

Nós dois merecemos isso. Tudo bem, eu não merecia, mas ela e Gabriel merecem, com certeza.

Sailor dormiu de lado, de frente para mim. Os primeiros raios de sol refletiam em seus cabelos como ouro branco cintilante. Como uma auréola na cabeça de um anjo e esparramada sobre meu peito, seu corpo quente pressionado contra o meu.

Pegando uma mecha sedosa de seu cabelo entre os dedos, apreciei sua maciez e, em seguida, afastei-o de seu rosto para poder vê-la. Eu não conseguia parar de tocá-la, então entrelacei meus dedos em seus cabelos e continuei a alisá-los.

Tranquila, com as sobrancelhas ligeiramente franzidas.

Depois das atualizações diárias que recebi sobre seus pesadelos noturnos, tive esperança de que ela melhoraria logo.

Meus olhos percorreram minha esposa. Minha mão repousou na parte superior de sua coxa, sua pele fria sob a minha. Usando um par de shorts de seda marfim e um top combinando, com uma coxa macia enganchada em mim, ela parecia um anjo na cama do diabo. Os lençóis de cetim vermelho e o destaque vermelho no quarto. Ela não havia se preocupado em redecorar nada desde que se hospedou aqui.

Meu pau estava duro, mas eu o ignorei. Pela primeira vez em quase um mês, eu tinha minha esposa ao meu lado e meu coração estava em paz. Era exatamente onde eu deveria estar - com ela.

E, pela primeira vez em um mês, acordei descansado. Em paz. Foda-se, talvez até mesmo feliz, apesar do pau duro matinal e do risco de bolas azuis.

Qualquer coisa por ela, desde que ela estivesse comigo.

Levantei-me lentamente da cama, tomando cuidado para não acordá-la. Ela precisava descansar. As olheiras não estavam tão escuras nesta manhã quanto na noite passada, mas as muitas noites de sono agitado a afetaram.

Meu celular tocou e eu o peguei rapidamente para não acordar Sailor.

Era uma mensagem de Nico. Com um endereço.

Peguei você, filho da puta. Estou indo atrás de você.

Uma viagem de avião e uma de helicóptero depois, e eu estava no México.

Eu segui a área durante o último dia, vigiando.

Para alguém que detestava hispânicos, o pai de Sailor gostava muito de lidar com eles. E quem, em sã consciência, poderia imaginar que o maldito buscaria refúgio sob o teto do mesmo homem que ele contratou com Benito King para ser eliminado.

O pai de Anya.

O carma em sua melhor forma. Ou uma prova da desonestidade de McHale. O desgraçado comprou a casa, sem dúvida como um dedo do meio para o pai de Anya, o homem que ele havia assassinado.

Cheguei à pequena casa de pedra de um andar, com telhado de estuque e terracota, a apenas algumas horas da Cidade do México. Em Cuapiaxtla. A paisagem era impressionante e mortal em sua beleza seca. Vinte ou mais casas coloridas no meio do deserto pareciam fora de lugar.

De acordo com Nico, aquela onde o Pai e a Mãe do Ano estavam escondidos era a casa vermelha. Que apropriado. Quando eu acabasse com eles, ela também seria vermelha por dentro.

— Quer que eu entre com você? — ofereceu Caine.

— Não, não dessa vez, — disse, com a sede de seu sangue derramado correndo em minhas veias. Tudo o que eu precisava fazer era me lembrar do corpo espancado de Sailor e eu estava pronto para uma onda de assassinatos.

Passei pelo pequeno portão de ferro e entrei na varanda da frente. Uma única bala silenciosa abriu a porta. Eu os vi imediatamente, o casal, membro de uma das mais prestigiadas famílias americanas, cercado de pobreza, usando um terno Brioni e um vestido Chanel.

— Bem, bem, o que temos aqui? — Eu zombei.

Dois pares de olhos arregalados, cheios de medo, olharam para mim. Era evidente que eles não esperavam ser encontrados.

— Você não deu atenção ao meu aviso, — eu disse. — Eu lhe disse que voltaria, *maldito cabrón*.

Os dois se levantaram, prontos para correr. Eu reagi por instinto. Peguei a coisa mais próxima de mim. Uma estátua de Santa Muerte. A santa da morte. Que apropriado, já que seria eu a entregar a deles.

Eu a joguei do outro lado da sala e ela atingiu o pai de Sailor na nuca. Ele caiu cambaleando, com as mãos se agitando no ar para se agarrar a alguma coisa, e seus dedos agarraram o Chanel da esposa, levando-a para baixo com ele.

— Ahh, dois em um, — eu disse com frieza. — Adoro quando tenho sorte.

Dei três passos largos e agarrei o ombro do velho, depois o levantei. Com a outra mão, agarrei o cabelo da mulher e comecei a arrastar os dois.

Choramingsos. Súplicas. Subornos.

Eu não liguei para nada.

Eles poderiam me oferecer o mundo e isso não importaria. A única coisa que eu queria era o amor de Sailor, dado livremente. Ninguém poderia comprar isso.

— Poupem seu fôlego, — gritei. — Vocês vão precisar dele. Até eu cortar suas línguas.

A mãe de Sailor começou a gritar a plenos pulmões. Não havia ninguém para salvá-la. Nem ele. Ele grunhiu, ameaçado.

Examinei a casa e vi um cômodo. Parecia uma despensa sem janelas. Perfeito.

Empurrando os dois para dentro, observei quando eles se ajoelharam e fechei a porta atrás de mim.

— Agora, vamos brincar, — eu disse. — Vamos?

Puxei uma corda e os empurrei para que se ajoelhassem de costas um para o outro. Abaixei-me e empurrei seus pulsos para trás, depois os amarrei juntos. Eles lutaram, mas estavam muito fracos, e eu lutei contra a vontade de simplesmente matá-los.

O desejo de fazê-los sofrer primeiro era muito grande. Da mesma forma que fizeram minha esposa sofrer. Da mesma forma que fizeram Anya sofrer.

Eu me endireitei e tirei meu canivete suíço do bolso. Sentiria falta de minhas ferramentas de tortura, mas isso serviria. Isso os faria sofrer por mais tempo.

Observei o pai e a mãe de Sailor lutando contra suas restrições, sem sucesso. Ninguém para travar suas batalhas por eles. Ninguém para subornar.

— Por favor, tenha misericórdia de nós, — implorou sua mãe. — Por favor. Por favor.

Cada vez que eu pensava na dor na voz de minha esposa, a raiva me inundava como veneno. Meus punhos se apertaram, vendo os dois seres humanos desprezíveis gemerem e chorarem, implorando por misericórdia.

— Deixe-me fazer-lhe uma pergunta, — comecei casualmente, minha voz parecendo calma enquanto a fúria fervia dentro de mim. — Diga-me uma única ocasião em que você ofereceu misericórdia a Sailor e sua irmã.

Seguiu-se o silêncio. Olhos cheios de terror.

— Eu não sabia, — ela choramingou.

— Não sabia o quê? — Eu me recusei. — Que seu marido estava estuprando sua filha. Que seu marido a vendia. Que ele torturava sua filha mais nova. Que ele era abusivo. Diga-me, Sra. McHale, o que a senhora não sabia?

Sem resposta.

Dei um passo em direção aos meus dois prisioneiros e disse. — Você nunca demonstrou misericórdia. Para qualquer uma de suas filhas. Vocês dois são monstros.

— Eu só tenho uma filha, — disse o velho.

Meus olhos se voltaram para a mãe de Sailor. — Sra. McHale, a senhora tem algo a dizer sobre isso?

Eu podia ver a luta em seus olhos. Para me mandar à merda, mas ela queria viver. Desesperadamente.

Ela não faria isso.

Normalmente, eu tinha a paciência de um santo e conseguia provocar meu inimigo com calma. Hoje, eu estava ansioso para fazer esses dois chorarem. Para fazê-los gritar de dor.

— Eu nunca as machuquei, — gritou ela. — Toda mãe castiga seus filhos de vez em quando.

— Então, você deixou que seu marido as aterrorizasse? — eu supus, aproximando minha lâmina do velho. — Para estuprá-las. Para vendê-las.

Em uma mudança abrupta de direção, levei a faca em sua direção. Ela fechou os olhos como se isso pudesse salvá-la.

A lâmina apontava para seu globo ocular, a apenas alguns centímetros dele. Mas ela não saberia, porque manteve os olhos fechados, choramingando como a cadela que era.

E seu marido certamente não estava tentando salvá-la.

Patético pra caramba. Os dois.

— Se eu lhe der uma facada no olho, — ponderei em voz alta, provocando-os, — isso acabará cedo demais. Portanto, começaremos pelos ouvidos. Já que se recusaram a ouvir as súplicas de suas filhas.

Em um movimento eficiente, cortei sua orelha direita. Seu grito agudo quase me deixou surdo. Puta de merda. Então, como ela me irritou, cortei sua orelha também. A orelha esquerda, já que ele estava na direção oposta.

— Adequado, não é? — Eu disse, com o sangue deles já respingando em meu traje. — Vamos tirar suas orelhas, depois sua língua e terminar com seus olhos. — Em seguida, fui até ao rosto dele e cerrei os dentes: — Por falhar com Sailor e Anya.

Ambos choravam como os malditos covardes que eram. Ruídos gorgolejantes enchiam o ar e isso me irritava pra caramba.

Não deixei que isso me detivesse e segui em frente. Eles choravam e gritavam como bebês, com o nariz sangrando e o ranho pendurado no rosto. Muito nojento.

— Você não vale a pena, — cuspi. — Nenhum de vocês.

Em um movimento rápido, enfiei minha faca em sua pupila e o vi morrer, enquanto a mãe de Sailor se mijava. Em seguida, puxei minha faca e me dirigi a ela. Ela tremeu como uma maldita folha.

— Você tinha duas filhas lindas e gentis, — eu disse a ela. — E as usou como cordeiros de sacrifício.

— Você é louco, — ela gritou. — Um maldito demônio.

Balancei o braço e enfiei a faca encharcada de sangue em sua pupila. — Correção: o maldito demônio. Vejo você no inferno, vadia.

Observei enquanto a vida desaparecia de seu outro olho, ambos os corpos caídos e cobertos de sangue, escorrendo por seus torsos e braços amarrados. Era uma bagunça danada.

Foi então que notei o anel com o brasão da família McHale no dedo do pai dela.

Capítulo 57

SAILOR

Meu telefone tocou.

Identificador de chamadas - *Meu diablo*.

A surpresa tomou conta de mim. Raphael tinha ido embora antes de eu acordar e eu não o tinha visto ou tido notícias dele desde então. Isso foi há dois dias.

Por um lado, fiquei grata por ele ter oferecido espaço. Por outro lado, fiquei desapontada. Eu realmente precisava me organizar.

— Olá, Raphael, — respondi.

— Reina. — Sua voz grave vibrou através da linha e foi direto ao meu âmago. Isso era normal? Que sua voz pudesse me afetar mesmo pelo telefone.

— Onde você está? — Eu estremeci com a sugestão de acusação em meu tom. — Gabriel disse que não viu você, — esclareci.

Quando soube que Raphael não tinha voltado para casa, insisti para que Gabriel passasse a noite seguinte comigo. Mas o ciúme me consumia. Talvez eu tenha sido estúpida em mantê-lo afastado. A noite que ele passou comigo foi a primeira vez, desde o sequestro, que consegui dormir um pouco. E foi graças a ele. Ele manteve meus pesadelos à distância.

— Tive que cuidar de alguns negócios. Mas já estou de volta.

Eu esperei. Não sabia pelo quê. Ou talvez eu soubesse. Eu queria que ele me pedisse para voltar, o que era estúpido, já que fui eu quem pedi um tempo. Ugh.

Depois que ele passou a noite, percebi que os pesadelos com ele eram melhores do que os pesadelos sozinha. Sim, meus pais ainda estavam vivos, mas, pelo que Aurora me disse, ambos estavam se escondendo. Ela ouviu Alexei conversando com Nico Morrelli e meu marido. Eles estavam caçando-os.

— Ah, tudo bem. — Engoli nervosamente. — Desculpe-me por não tê-lo visto na outra manhã, — disse calmamente.

— Você estava cansada, — disse ele. — Eu não queria acordá-la.

Eu queria que ele estivesse aqui. Para que eu pudesse vê-lo. Inalar seu cheiro em meus pulmões. Conversar com ele mais um pouco.

Balancei a cabeça. Adorável, meu demônio se tornou minha terapia.

— Seus pais estão mortos.

Meu coração se acalmou e um profundo alívio tomou conta de mim. — Estão? — Eu disse, com a voz rouca.

— Sim.

— Tem certeza?

— Sim, Caine está lhe levando um pacote, — declarou ele suavemente. — Ele lhe trará paz.

Um suspiro profundo passou por meus lábios. Meus pais. Mortos.

Eu nunca havia sentido um alívio tão grande. Pelo meu filho. Por mim mesma. E justiça para Anya.

— Obrigada, Raphael. — As palavras não transmitiam o suficiente. Havia tanta coisa que eu queria dizer-lhe.

Que eu o amava. Que sentia sua falta. E, o mais importante, que eu precisava dele.

— Estarei esperando por você, Reina, — ele prometeu.

Diablo estava esperando por mim.

Assim como ele prometeu que faria.

Eu amava sua escuridão, seus pecados, sua possessividade. Tudo. Cada. Coisa.

Ele e Gabriel haviam se tornado minha vida inteira. E com a morte permanente dos meus pais, eu me vi respirando mais aliviada. Como se a pressão em meu peito tivesse sido aliviada e fosse hora de seguir em frente.

Passaram-se vinte e quatro horas desde que Caine entregou a prova da morte de meus pais. Um dedo encolhido com um anel - o brasão da família McHale. Isso deveria ter me deixado doente, mas tudo o que senti foi alívio. Depois, queimei o último pedaço de meu pai até virar cinzas.

Que sua alma nunca encontre paz.

Caine me pegou e me levou para a ilha. Pedi a ele que escondesse isso de Raphael. Deixei meu marido e era apropriado que fosse eu a voltar. Eram quase nove e quinze da noite e, quando passei pelo quarto de Gabriel, o encontrei dormindo profundamente.

Ao entrar silenciosamente em seu quarto, dei um beijo em sua testa. Com a boca ligeiramente aberta e um pé pendurado na cama, ele parecia em paz e eu fiz uma oração silenciosa. Por um filho tão forte. Por amigos incríveis. E pelo diabo de um marido que acabou sendo exatamente o que eu precisava.

Dando outro beijo, deixei meu filho dormir e fui procurar meu marido. Eu o encontrei em nosso quarto.

Fiquei parada na porta ligeiramente entreaberta, observando-o, e como se ele tivesse me percebido, olhou para cima.

Uma névoa perigosa encheu o ar, seu olhar estava repleto de uma possessividade que beirava a obsessão. Eu não entendia isso, mas queria entender. Porque eu o desejava. Muito possivelmente, eu também estava obcecada por ele.

Uma lua prateada entrava pela janela aberta, iluminando seu corpo. O quarto cheirava a ele, e o ar que eu respirava me consumia.

Meu diablo. Meu salvador. Meu tudo.

Ele matou meus pais. Por mim. Por Anya. Pelo Gabriel.

Dei passos em sua direção, diminuindo a distância entre nós. A verdade é que eu precisava dele. Ele era minha vida - respirar seu ar e seu

perfume me consumia tão facilmente que eu não o via chegar nem o sentia entrar em meu coração.

Com o coração batendo na garganta e um arrepio percorrendo minha espinha, minha mão o alcançou. Ele não se moveu, observando-me com aquela chama em seu olhar azul. A hesitação fez meus dedos pararem antes de se enroscarem naquele cabelo escuro como carvão. Eu nunca havia desejado tanto alguém que só a ideia de perdê-lo já me fazia sangrar por dentro.

Eu amava minha irmã. Eu amava meu filho. Mas Raphael - tudo nele - tocava meu coração e minha alma. Cada centímetro do meu corpo ardia por ele. Eu não queria passar mais tempo separada dele.

Eu era dele. Para o bem e para o mal.

Minha respiração saiu curta enquanto eu forçava minha perna entre as dele, ligeiramente separadas. Ele me observava como um lobo faminto, mas ainda se recusava a se mover.

Ele queria que eu tivesse certeza de que era isso. Ele estava me dando uma última opção para escolhê-lo. Eu sempre o escolheria.

Ele. Nosso filho. Nossos filhos.

— Eu quero voltar, — murmurei. — Se você ainda me quiser.

Minhas respirações e o bater do meu coração flutuavam no ar antes que o silêncio os liquefizesse.

Talvez tenha sido o momento mais vulnerável que já senti. Mostrar a ele que eu o queria e correr o risco de ser rejeitada. Mas viver com arrependimento era uma alternativa pior.

— Por quê?

— Porque eu amo você, — murmurei, diminuindo a distância entre nós e passando a mão em seu pescoço e nos cabelos grossos de sua barba. — Porque a vida sem você é vazia. Porque você e Gabriel são minha família. Meu tudo.

Ele abriu as pernas, eu tirei minhas sapatilhas rosa e passei entre elas. Seus olhos se encontraram com os meus, e a chama dentro deles me consumiu.

Meus dedos se entrelaçaram nos fios macios, agarrando um punhado deles. Um calor inebriante emanou dele e foi absorvido por minha corrente sanguínea. Minhas unhas raspavam em seu couro cabeludo e ele soltou um suave estrondo.

Seu olhar encontrou o meu. Profundo e consumidor. — Finalmente, Reina, — ele disse rouco, seu olhar se enchendo de algo sombrio e pecaminoso. — Senti tanto a sua falta.

— Idem.

Senti a intensidade de seu alívio em seu toque suave, semelhante a uma pena, enquanto suas mãos percorriam minhas coxas. Minha pulsação acelerou como uma bateria de um carro velho. Ele me fez sentir viva. Meus seios estavam sensíveis e nus sob o vestido, pesados e apertados, e tão perto de seu rosto que minha pele se retesou quando precisei de sua boca neles. Somente ele poderia aliviar essa pressão dentro de mim.

Seus dedos ficaram mais firmes em minhas coxas, agarrando a carne, acariciando-a. Seu toque era tão bom, suas palmas aqueciam minha pele. Seu calor queimava minha pele, minha boceta latejava com a

necessidade de mais de seu toque. Cada aperto dele provocava um estremecimento entre minhas pernas, transformando-se em uma dor vazia, e eu engolia o gemido que borbulhava em minha garganta.

— Senti muito a sua falta, meu diablo, — sussurrei baixinho. Ele se aquietou, minha admissão dançando no ar. — Eu sonhava com você todas as noites. — Minha respiração saiu irregular e superficial enquanto ele permaneceu em silêncio. — Obrigada por esperar por mim.

Seu aperto em minha pele ficou mais forte. — Não me deixe mais, — disse ele em uma voz rouca.

— Nunca, — murmurei. — Serei sua para sempre. E você é meu.

— Eu sou seu desde o momento em que dançamos, — ele disse.

A névoa no ar começou a se adensar a cada inspiração e a cada toque do meu corpo contra o dele. Suas mãos entraram por baixo do meu short, agarrando a carne da minha bunda e as palmas das mãos apertando-a com firmeza.

— Raphael, — gemi com um suspiro rouco enquanto ele amassava a carne. Seu toque áspero era o único que poderia fazer isso comigo. Suas palmas ásperas pareciam bem contra minha pele macia. A umidade, quente e escorregadia, se acumulou entre minhas pernas e meus dedos se enroscaram em seu cabelo enquanto meu corpo se inclinava para ele, como se ele fosse meu único fio de vida.

— Tem certeza, Reina? — Eu sabia o que ele queria dizer. — Podemos esperar.

Ele estava sendo cuidadoso comigo, mas eu não queria mais ser cuidadosa. Eu precisava que ele soubesse o quanto eu o desejava.

— Sim, — eu disse com uma veemência que surpreendeu a nós dois. — Eu sei que você me tem.

Ele enganchou os dedos em minha calcinha e a puxou para baixo. Meu corpo zumbia de necessidade, suas palmas eram ásperas até meus tornozelos. Levantei uma perna, depois a outra, enquanto seu rosto estava tão perto do meu centro quente que eu podia sentir seu hálito quente contra ele.

— Você não tem ideia de quanto tempo esperei para ouvir essas palavras, — ele grunhiu contra o meu âmago.

Curvei minhas costas, a dor latejante era insuportável. Eu precisava de sua boca em minha boceta.

Ele tirou minha calcinha e sua boca roçou na pele sensível, a centímetros do meu clitóris.

— Por favor, — sussurrei, esfregando-me contra ele. Ele passou a língua no meu clitóris e uma sensação de queimação subiu pela minha espinha e roubou meu fôlego. — Ohhh.

— É isso que você quer? — rosnou ele, com o som baixo no fundo do peito.

Eu o observei através de minhas pálpebras pesadas, nossos olhares se conectando.

— Você, — murmurei. — Eu quero você, — admiti suavemente, deixando-o ver minha vulnerabilidade. Eu queria que ele visse que eu confiava nele com tudo - meu corpo, meu coração e minha alma.

Seus dedos voltaram a subir pelas minhas pernas e deslizaram de volta para a minha bunda, roçando na minha entrada traseira antes de parar. Eu estava tão excitada que me peguei rebolando os quadris para obter fricção. Um gemido saiu de mim quando sua mão deslizou mais para baixo e um dedo entrou em mim sem aviso.

— Ahhh. — Minha cabeça caiu para trás, minhas entranhas em chamas. Minhas palmas desceram até seu pescoço, minhas unhas percorrendo toda a extensão dele.

— Porra, — ele gemeu e a aspereza de sua voz percorreu minha espinha. — Você está tão molhada.

— Por você, — eu respirei. — Somente por você.

Um forte tapa na minha bunda me fez estremecer e minha boceta pulsou, apertando-se com a necessidade.

— Raphael, — gritei suavemente. — Para que é isso?

— Por ficar sem mim por um mês inteiro, — ele resmungou, depois me deu outro tapa. — Por me deixar.

Se ele pretendia fazer isso como uma punição, não conseguiu, porque me causou uma sensação de arrepio nos dedos dos pés.

— Nunca mais vou embora, — prometi, e um arrepio percorreu minhas costas.

— Você tem um gosto tão bom, — ele gemeu, puxando-me para mais perto dele com a mão livre.

Nossos lábios estavam a centímetros de distância e eu me inclinei para mais perto, pressionando minha boca na dele. Eu faria qualquer coisa por esse homem, percebi. Qualquer coisa! Porque eu não conseguia imaginar um dia sem ele, muito menos o resto da minha vida. Sua língua quente deslizou entre meus lábios, roubando meu fôlego e engolindo meu gemido. O calor e a satisfação emanavam de seu corpo.

Eu precisava dele. Mais do que de meus padrões. Mais do que vingança. Mais do que qualquer outra coisa.

Agarrei a barra do meu vestido rosa choque com as duas mãos e o tirei de uma só vez. Sua boca se fixou em meu seio, arrastando os dentes pelo mamilo, e um gemido alto escapou de mim.

Ele gemeu e, antes mesmo que eu pudesse abaixar os braços, sua boca se prendeu ao meu seio, sugando-o lentamente enquanto arrastava os dentes pelo mamilo. O calor branco disparou como um raio entre minhas coxas antes de pulsar em uma dor vazia. Balancei-me contra ele, passando uma das mãos ao redor de seu pescoço e em seus cabelos. Sua mão me tocou com uma aspereza que me deixou nas pontas dos pés. Sua palma inteira esfregou para a frente e para trás, uma pressão firme contra meu clitóris. Minha cabeça caiu para trás com um gemido.

— Tão molhada, — ele rosnou.

Ele chupou um mamilo em sua boca e depois deslizou dois dedos para dentro de mim. Uma pressão quente e doce me preencheu, ameaçando

transbordar enquanto ele me dedilhava. Rápido e depois preguiçoso. Repetidamente.

O fogo ardia na parte inferior do meu estômago, criando uma chama que precisava ser alimentada. Caso contrário, eu viraria fumaça.

— Oh, Deus... — Gemi, cravando minhas unhas em seus ombros. Eu estava tão perto, perto pra caramba. — Raphael, por favor.

Ele percorreu cada centímetro dos meus seios, beijando-os como beijaria minha boca, com os lábios, a língua e os dentes. Seus dedos saíram de dentro de mim, puxando a umidade para o meu clitóris, e quando ele os colocou de volta, a pressão explodiu em formigamentos e chamadas.

O prazer intenso criou luzes que dançavam atrás de meus olhos; meu sangue ardia. Um estremecimento percorreu meu corpo como se três doses de licor tivessem sido despejadas diretamente em minha corrente sanguínea, antes que um calor lânguido se espalhasse. Minhas pernas cederam e eu me sentei em sua coxa. Seus olhos estavam com as pálpebras pesadas, as chamadas azuis eram inebriantes.

Seu polegar roçou meus lábios, espalhando minha umidade no lábio inferior. Passei minha língua por ele e lambi.

Seu olhar brilhava, queimando como safiras azuis.

— Deite-se na cama. — Era uma exigência. Sua voz estava rouca. — Vou foder sua boceta apertada. Para que você se lembre a quem pertence.

Meu coração bateu contra a caixa torácica e eu me afastei dele e me arrastei para sua cama, depois me acomodei de costas. Os lençóis

tinham o cheiro dele, inebriante e viciante - um aroma quente de alcaçuz e de homem. Perigo e crueldade. Tudo dele.

— Eu pertenço a você. Sempre a você, — eu disse, com nossos olhos fixos. Uma chama pulsou entre minhas pernas e um calor se formou no fundo do meu estômago.

Segurando meu olhar, ele tirou a cueca e meus olhos percorreram cada centímetro dele. Ele era lindo, um deus com pele bronzeada e tatuagens. Sua ereção esticou e eu estendi a mão para passar os dedos sobre seu corpo liso e duro. A antecipação voltou à vida entre minhas pernas. A maneira como ele me observava fazia meu pulso pulsar e meu corpo estava pronto para senti-lo dentro de mim. Arrepios se espalharam pela minha pele, apesar do ar quente e úmido. Ele agarrou meu tornozelo e me empurrou para o lado da cama, e deixei escapar um grito suave.

— Vou foder você até que toda a ilha ouça seus gritos, — ele falou asperamente.

— Sim, — eu respirei, necessitada e ansiosa.

Ele segurou minhas coxas, separou-as e soltou um palavrão baixo. — Tão encharcada.

Seu braço envolveu minha cintura e ele me empurrou de volta para os travesseiros. Ele se arrastou até à cama e se ajoelhou entre minhas pernas.

— Eu amo você, Reina, — ele disse, com as emoções em sua voz e em seus olhos. — Tanto que cada segundo longe de você dilacerava minhas entranhas.

Meu corpo reagiu imediatamente e meus olhos ficaram embaçados. Jesus Cristo, eu havia me tornado um bebê chorão.

Pressionei a palma da mão em sua bochecha. — Quantas mulheres você já disse que amava antes? — perguntei hesitante.

— Você acha que eu sou um homem que diz eu te amo para qualquer pessoa? — ele disse, o belo sorriso em seus lábios me aquecendo por todos os lados. — Eu nunca disse isso antes, exceto para minha mãe. Então, Sailor Brooke McHale Santos, ouça com atenção. Eu amo você. Só a você. Eu a amo tanto que nem mesmo bater na bunda de um *maldito cabrón* me dá satisfação. — Ele passou as palmas das mãos calejadas pelas minhas coxas, abrindo-as mais. — Eu amo você. Seu coração. Seu cérebro. Seu corpo. Sua boceta. — Soltei um suspiro quando seus dedos roçaram em minhas dobras molhadas. — Eu simplesmente amo você por inteiro. É um pacote completo. Quero envelhecer com você. Ter bebês com você. Ver cada centímetro do mundo com você. Que se dane, eu até salvarei o mundo com você.

Pisquei e observei como seus olhos ficaram tão escuros que me lembraram oceanos tempestuosos.

— Essa é a coisa mais romântica que já ouvi, — sussurrei, com a voz carregada de emoção.

O beijo dele era violento, possessivo. Obsessivo. Do jeito que eu gostava.

Então, seu sorriso se tornou levemente perverso e ele desceu sua boca cada vez mais pelo meu corpo. Apoiei-me em minhas mãos para

observá-lo e, quando ele pressionou o rosto entre minhas coxas e inalou, minha cabeça caiu para trás.

Quando Raphael se propunha a fazer algo, estava sempre pronto. E Deus, ele estava sempre.

Seus braços envolveram minhas coxas, levantando-as levemente, e então ele me lambeu da bunda ao clitóris. O vapor se espalhou pelo meu sangue, incendiando-me. Eu ofeguei, meus dedos apertando os lençóis. Era tão sujo, tão errado, tão inapropriado, mas, Deus, talvez por isso fosse tão bom.

— Faça isso de novo, — eu disse. Um som profundo de satisfação saiu de sua garganta.

E ele fez isso novamente. De novo e de novo. O toque quente de sua língua causando um arrepio violento em mim. Uma névoa sem sentido afastou meus pensamentos, deixando para trás a luxúria e a insanidade. Eu estava tão quente, queimando como um cometa caindo do espaço. Meus quadris reboavam sob sua boca enquanto ele me lambia em todos os lugares que podia alcançar. Cada onda de fogo se transformou em uma dor vazia entre minhas coxas, até que eu só conseguia sentir minha dor por ele.

Seus braços se apertaram ao redor das minhas coxas e sua boca pressionou com mais força a minha boceta. Meus olhos se fecharam. Puxei seu cabelo com toda a força que pude, e ele finalmente levantou a cabeça. O azul de seus olhos ardia como chamas.

— Quero você dentro de mim, — implorei.

Ele se arrastou sobre mim, lambendo e mordiscando minha barriga e meus seios. Seu corpo cobriu o meu. Ele era tão pesado. Um peso

quente e feliz que fazia minha pele cantar de satisfação. Ele beijou meu pescoço, enquanto apoiava suas mãos em cada lado de minha cabeça. Percebi que ele havia lambido cada parte do meu corpo e eu mal o havia tocado. Eu *precisava* tocá-lo, como se minha vida dependesse disso. A tensão o percorreu enquanto minhas mãos deslizavam por suas costas, pelos lados e, quando se fixaram em seu abdômen, ele fechou os olhos, com o maxilar cerrado.

— Mais baixo, — ele resmungou. — Minha mão tem sido um péssimo substituto para minha esposa.

Meus batimentos cardíacos estavam acelerados e deslizei minha mão para baixo até tocar sua ereção. Sua testa se encostou na minha e um estrondo escapou de seu peito. Ele se pressionou ainda mais em minha palma. Ele parecia quente, grosso, duro e totalmente masculino. Uma onda de desejo me invadiu por dentro e eu envolvi a mão em seu pau.

— Ah, porra, — ele gemeu. Tão quente e suave. Minha barriga se encheu de calor. Uma pulsação surgiu entre minhas pernas. Desci minha mão até à base e depois voltei a subir.

Sua mão segurou a lateral do meu rosto. — Senti tanto a sua falta, — ele rosnou, mordendo meu queixo.

— Também senti sua falta. — Dei um puxão lento e gentil em seu pau duro e sussurrei em seu ouvido, — Vou compensar você.

Soltando seu corpo, montei em seus quadris. Apoiando minhas mãos em cada lado dele, inclinei-me para a frente e beijei sua garganta. Em seguida, lambi sua pele porque adorava seu sabor

— Porra. — Sua mão segurou a parte de trás da minha cabeça, seus dedos se entrelaçando nos fios. Eu não conseguia me cansar dele. Passei minhas mãos sobre seus bíceps, peitorais e depois de volta em seu cabelo. E, o tempo todo, beijei sua garganta e a chupei, depois mordisquei o lóbulo de sua orelha.

Ele apertou o cabelo da minha nuca para me fazer afastar um pouco e eu o observei com os olhos semicerrados. Meus seios roçaram em seu peito, provocando um prazer intenso e fazendo com que eu sentisse desejo de fricção. Eu me concentrei em sua ereção. Isso me incendiou e me fez baixar a cabeça e cravar os dedos nos lençóis.

Rolei meus quadris contra ele, usando seu peito como alavanca e esfregando minha umidade para cima e para baixo em sua extensão. No momento em que seu pau roçou em minha umidade e a cabeça de sua ereção deslizou para dentro de mim, ele gemeu tão profundamente que pude sentir a vibração em seu peito. Ele era tão grande e um tremor me percorreu, minhas expirações eram pesadas e irregulares. Meus dedos se enroscaram em seu abdômen enquanto eu me afundava nele mais um centímetro. Uma deliciosa sensação de plenitude parecia o paraíso e deixei escapar um suspiro rouco.

Seu corpo se esticou sob minhas mãos e meu gemido preencheu o espaço entre nós enquanto ele deslizava mais para baixo e, em seguida, com um impulso forte, seu pau desapareceu dentro de mim.

Nós dois o observamos enquanto ele se afundava dentro do meu corpo, ambos respirando de forma irregular. Raphael olhava para onde estávamos unidos, seu olhar possessivo e sombrio.

— Minha, — ele rosnou, depois nos virou, de modo que eu fiquei de costas. Ele começou a se mover, empurrando tudo dentro de mim, com força e rapidez.

Minhas costas se arquearam na cama. Eu me sentia tão cheia, seu peso era um alívio bem-vindo depois de semanas sem ele. Seu corpo era tão pesado quando ele se deitou em cima de mim, com uma mão apoiada na cama e a outra segurando minha cabeça. Seu peito roçava no meu, suas respirações irregulares soprando em meu pescoço a cada investida forte.

Seus lábios encostaram em minha orelha.

— Eu nunca mais vou deixar você ir embora. — Eu me arrepiei com a voz profunda, cheia de posse sombria. Ele acariciou meu pescoço. Sua voz era quente e suave, mas seus dentes estavam cerrados. — Você será minha para sempre e eu serei seu.

Ele me segurou por um punhado de cabelo em minha nuca e então me fodeu. Pele contra pele. Um arranhar de dentes. O corpo pesado dele. Implacável. Foi tão intenso que lutei para encontrar ar para respirar, para encontrar algo que não fosse duro e ele. Logo, a intensidade diminuiu, meu corpo se aqueceu e se moldou ao dele. Cada investida começou a acender uma faísca dentro de mim que somente a próxima investida poderia saciar. Minhas unhas se cravaram em seus bíceps, e um pequeno estremecimento se fez sentir sob sua pele. Ele falava enquanto transava, bem perto do meu ouvido, em um tom profundo, e isso me deixava louca.

— Sua boceta é meu céu e meu inferno, Reina, — ele elogiou.

As palavras penetravam em minha pele e preenchiam cada espaço do meu corpo com uma satisfação calorosa. Cada vez que sua pélvis

se chocava contra a minha, o calor derretido se espalhava do meu clitóris para fora. Um gemido rouco escapou de meus lábios a cada investida, como se ele tivesse empurrado cada um deles para fora de mim. Eu não era nada além de calor, chamas e prazer.

— Raphael, — gemi, meu corpo à beira do orgasmo. Ele cobriu minha boca com a palma da mão, enquanto a outra mão permanecia presa em meu cabelo. Era duro e restritivo e tão viciante. Eu precisava disso - de sua restrição, de sua dominação, de senti-lo em toda parte.

Desde o momento em que meus olhos se conectaram com Raphael, eu sabia que meu corpo estaria perdido para ele. Mas isso... isso era ainda melhor do que eu imaginava. Melhor do que eu jamais esperei.

O orgasmo me atingiu, violento e poderoso, causando um tremor que fez meus dentes rangerem.

O calor pulsou na parte inferior do meu estômago antes de se ramificar em formigamentos e deslumbramentos da melhor sensação de todos os tempos. Quando desci, era ele que estava imóvel dentro de mim, observando-me com um olhar azul-escuro.

Ele tirou a mão da minha boca e, pelas marcas dos dentes, percebi que eu a havia mordido quando gozei.

— Quem fode você? — ele rosnou.

Eu tremia. — Você. E somente você, — eu sussurrei. — Sempre você.

Um murmúrio de satisfação veio de seu peito, e ele encostou a testa na minha.

— Vou foder com você durante o próximo mês. Engravidar você.
Ver sua barriga inchar com meus bebês.

Por que isso me deixou tão excitada?

— Não há mais controle de natalidade, — murmurei.

— Porra, — ele gemeu, seus olhos brilhando como estrelas azuis.
Nossos lábios estavam a centímetros de distância. — A porra do melhor dia
de todos.

Seus lábios beijaram os meus com força, lambendo e mordendo.
Nosso beijo era molhado, bagunçado e áspero. Porque era assim que
Raphael beijava.

Ele se enfiou dentro de mim, profundo e lentamente, e a
intimidade que senti me fez sentir crua e exposta.

E eu sabia que Raphael me tinha. Ele sempre me teria porque me
amava.

Epilogo

SAILOR

Um ano depois

O diabo havia me encontrado, mas, ao contrário do que todos pensam, ele não roubou minha alma. Eu a havia dado livremente, junto com meu coração e meu corpo.

Diferentemente do dia em que enterramos minha irmã, hoje os raios de sol enchiam minha alma e a montanha ao nosso redor. O aroma dos pinheiros se espalhava pela brisa fresca, os primeiros sinais de que o outono estava chegando.

O vale e a montanha se estendiam ao nosso redor. A vista era tranquila e de tirar o fôlego. Tudo o que Anya merecia em vida, mas só poderia ter na morte. Os fantasmas ainda vinham me visitar, mas eu tinha um demônio do meu lado que sempre os afugentava.

Voltei meu olhar para o túmulo. Os irmãos Ashfords sempre se certificavam de que o túmulo de Anya tivesse flores. Prímulas.

Anya sempre dizia que essas eram suas flores favoritas. Para ela, elas simbolizavam proteção, amor e segurança. Algo que nossa família finalmente havia conseguido. Graças ao demônio com quem eu dançava. Ela teria adorado Raphael; eu sabia disso sem sombra de dúvida. Ele nos

salvou, até mesmo os fantasmas dela, e corrigiu todos os erros que nossos pais haviam cometido.

Meus olhos percorreram a escritura da simples lápide.

Uma declaração simples. Para uma pessoa que significava o mundo para mim.

Para sempre minha irmã. Para Sempre Meu Tudo.

Isso ainda não havia mudado. Só que agora tínhamos mais pessoas em nosso círculo. Gabriel. Meu marido. Minha mão passou sobre minha barriga grande. Mais um mês e daríamos as boas-vindas a um novo membro da família.

Anya Esmeralda Santos.

O braço de Raphael me envolveu, oferecendo conforto e me mantendo aquecida, enquanto Gabriel segurava minha mão, com os olhos grudados na lápide.

Lágrimas me picaram os olhos. Era um efeito colateral da gravidez. Muitas emoções.

— Ela está olhando por nós, Reina. — Meu marido depositou um beijo em minha testa. — Ela está sempre conosco.

Olhei para o meu filho. O filho dela. Nosso filho. Quanto mais Gabriel crescia, mais eu via Anya nele. O traço protetor. A bravura. E a incrível força.

— Ela está, — murmurei, puxando Gabriel para um abraço apertado enquanto Raphael nos envolvia em seus braços.

O demônio nos manteve unidos.

Próximo Livro da Série Belles & Mobsters

Sasha - Livro Seis

